

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ROBSON DA SILVA BRAGA

IDENTIFICAÇÕES E RECEPÇÃO:
O OLHAR DOS MORADORES DO BAIRRO PANTANAL OU PLANALTO
AYRTON SENNA SOBRE O VÍDEO POPULAR DA TV JANELA

FORTALEZA
2010

ROBSON DA SILVA BRAGA

IDENTIFICAÇÕES E RECEPÇÃO:
O OLHAR DOS MORADORES DO BAIRRO PANTANAL OU PLANALTO
AYRTON SENNA SOBRE O VÍDEO POPULAR DA TV JANELA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto de Cultura e Arte da UFC como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Mídia e práticas socioculturais

Orientação: Prof.^a Dra. Márcia Vidal Nunes

FORTALEZA
2010

B795i

Braga, Robson da Silva.

Identificações e recepção: o olhar dos moradores do bairro Pantanal ou Planalto Ayrton Senna sobre o vídeo popular da TV Janela. / Robson da Silva Braga, Fortaleza, 2010.
212f.: il.; 31 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto de Cultura e Arte, Fortaleza (CE), 2010.

Orientação: Prof.^a Dra. Márcia Vidal Nunes.

1- COMUNICAÇÃO POPULAR 2-REPRESENTAÇÃO SOCIAL. 3- IDENTIDADE CULTURAL. 4- MEDIAÇÃO SOCIOCULTURAL 5- ETNOGRAFIA. 6- INTERAÇÃO CULTURAL. 7- ANTROPOLOGIA CULTURAL. I- Nunes, Márcia Vidal (Orient.). II- Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto de Cultura e Arte. III- Título.

CDD: 302.23

ROBSON DA SILVA BRAGA

IDENTIFICAÇÕES E RECEPÇÃO:
O OLHAR DOS MORADORES DO BAIRRO PANTANAL OU PLANALTO
AYRTON SENNA SOBRE O VÍDEO POPULAR DA TV JANELA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto de Cultura e Arte da UFC como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Mídia e práticas socioculturais.

Aprovada em 12/03/2010.

Prof.^a Dra. Márcia Vidal Nunes

Orientadora

Pós-graduação em Comunicação do ICA-UFC

Prof.^a Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira

Membro da banca

Pós-graduação em Comunicação do ICA-UFC

Prof. Dr. Bruno Fuser

Membro da banca

Pós-graduação em Comunicação e Sociedade da UFJF

Ao meu pai, o Braguinha, e à minha mãe, a
Ninilde, por sempre se orgulharem muito
do esforço de seus três filhos.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), pela bolsa de mestrado.

À professora e amiga Márcia Vidal, por apostar (quase) todas as suas fichinhas em mim e por se dedicar com tanto afinco à Universidade.

À professora Catarina Oliveira e ao professor Bruno Fuser, que aceitaram participar da banca de defesa deste trabalho e pela contribuição que, certamente, darão. À professora Raquel Paiva, que deu sua grande colaboração durante o momento de qualificação.

À comunidade do Pantanal, que me acolheu tão bem durante esses quase quatro anos de pesquisa. Aos receptores selecionados, que abriram suas portas para um pesquisador metido. Aos líderes comunitários, que me deixaram tecer críticas sobre seus discursos. Em especial, à dona Bárbara, porque ela é simplesmente fantástica.

Ao IDS, em especial ao Valdenor, ao Márcio, à Geliene e ao Rony, pela amizade e confiança.

À amiga Catarina, a mais sensível do mundo, com quem eu desabafo todas (todas!) as coisas da vida.

À minha família: pai Braguinha, mãe Ninilde, irmã Caroliny, irmão Fábio, cunhado Aloísio, cunhada Jacqueline e sobrinha Luíza, por me amarem. Amo vocês!

Aos meus grandes amigos de Mestrado, que me ajudaram a amadurecer muito academicamente: Ana Cesaltina, Átila, Camila Leite, Camila Vieira, Edilberto, Gustavo, Ives, Jr. Ratts e Valdo.

À Ana Rogéria, Karol Assunção, Sílvia Leite, Tatiana Félix, Natasha Pitts, Lidiane, Jáder, Dona Francisca, Conceição, Lucilene (pelo Abstract) e padre Ermanno. Vocês me ajudaram a crescer profissionalmente e, por tabela, ajudaram-me a compor este texto.

À Regina, pelos conselhos profissionais, acadêmicos e pessoais e por sempre me lembrar de toda a papelada necessária para a conclusão desse mestrado. Te adoro!

Ao Anderson, por sempre me apoiar e me mostrar que a sabedoria também está no silêncio. Ao Zé Bruno, pelos apoios acadêmicos e pela capa deste trabalho. À Cristiane, que, além de coxas, teve cérebro suficiente para revisar grande parte deste texto.

À Cris novamente, porque ela faz parte do meu trio de grandes amigos: Camila, Cris e Ítalo. Estar com os três é uma terapia: um analisa o outro, entre elogios e ofensas. Só a baixaria.

Ao Felipe, melhor amigo. Ele usa seu humor quase negro para me interpretar. E consegue. À Cleygiane, Marcella e Socorro pela grande companhia. Muito obrigado!

“Na tela da TV, no meio desse povo,
a gente vai se ver na Globo”.

versus

“Não assista à novela,
assista à TV Janela”.

RESUMO

Esta pesquisa verificou de que modo cinco receptores dos vídeos da TV Janela, projeto da ONG Instituto de Desenvolvimento Social (IDS), se identificam com as representações positivas acerca do “morador do Pantanal” (comunidade surgida em 1990 na periferia sul de Fortaleza - CE), apresentadas pelas produções audiovisuais. Os vídeos do projeto apresentam, de modo geral, um morador unido, de luta, trabalhador e, por isso, vitorioso e feliz, em contraposição ao imaginário de violência e miséria construído pela mídia convencional acerca do local. O objetivo da TV Janela é melhorar a auto-estima das cerca de trezentas pessoas que assistem mensalmente aos vídeos, em telão montado na rua. A pesquisa buscou compreender uma etapa específica do processo comunicativo (a recepção) através dos conceitos de comunidade, representações sociais e identificações culturais. Ela teve caráter qualitativo, utilizando-se da etnografia e da entrevista em profundidade como procedimento metodológico, da Análise do Discurso como método de análise dos discursos dos receptores selecionados e dos Estudos Culturais como perspectiva teórica. Aspectos como o período no qual o receptor chegou ao bairro, sua história de vida e as relações cotidianas com o bairro e seus moradores interferem na sua construção identitária como morador do Pantanal e, conseqüentemente, no modo como se apropriam das representações de morador apresentadas pelos vídeos. Mesmo os aspectos mais reforçados pelos vídeos, como a luta história, só conseguem adesão dos receptores quando esses vivenciaram o fato específico ou acessaram-no previamente através de moradores mais antigos, do seu convívio comunitário ou familiar.

Palavras-chave: Mediações culturais. Comunidade. Identificações culturais. Representações sociais. Estudo de recepção.

ABSTRACT

This study revealed how five selected recipients (viewers) of the “Window TV” videos identified with the positive representations about the "resident of Pantanal" (a community originated in 1990, in the southern outskirts of Fortaleza - CE), presented in the audiovisual productions created under a project from the NGO Institute for Social Development (IDS). The videos of the project show, in general, a participative, hard-working resident, committed to a cause and therefore, victorious and happy, as opposed to the fictional violence and misery built by the mainstream media about the location. The goal of the “Window TV” is to improve the self-esteem of some three hundred people who watch the videos monthly on a screen set up on the street. The research aimed to understand a particular stage of the communication process (reception) through the concepts of the community, social representations and cultural identification. It has a qualitative dimension, and used the ethnography and in-depth interview as a methodological procedure; the Discourse analysis as a method of discourse analysis of the selected recipients and Cultural Studies as a theoretical perspective. Aspects such as the time in which the viewers arrived at the neighborhood, their life history and daily interactions with the community and its dwellers interfere with their identity building as a resident of the Pantanal and consequently, in the way they appropriate the representations of a resident presented by video. Even the more emphasized aspects brought by the videos, such as the fight history, can only get support from the receivers when they have themselves experienced the specific fact or learned it previously with the older residents, their living together with the community or family.

Key words: Cultural mediation. Community. Cultural identification. Social representations. Reception study.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	
Passeata da Lamparina, em 1991	25
Figura 2	
Estrutura das casas do Pantanal no início da ocupação, na década de 1990	25
Figura 3	
Matéria do Jornal Diário do Nordeste de 21/11/1993	26
Figuras 4	
Feira do Pantanal em 2007	41
Figura 5	
Em panfleto, Acodehs estimula participação da população no plebiscito	48
Figura 6	
Papel pregado sobre as urnas espalhadas pelo bairro	49
Figura 7	
Cédula de votação, contendo oito possibilidades de nomes para o bairro	50
Figura 8	
Matéria da editoria de Cidade do jornal Diário do Nordeste de 15 de abril de 2001	51
Figura 9	
Jornal O Povo noticia o Movimento Viva Pantanal; ao microfone, a líder comunitária Liege Costa protesta contra a mudança de nome do bairro	52
Figura 10	
Aproveitando-se da cassação de um vereador de Fortaleza, Tukano realizou protesto na Câmara Municipal da cidade e foi clicado por jornal local	54
Figura 11	
Em 2004, o líder Tukano (à esquerda) aproveitou-se da visibilidade alcançada pela mudança de nome do bairro para pedir votos para o colega de partido, o então vereador Rogério Pinheiro (à direita)	55
Figura 12	
Adolescentes dançam swingueira nos intervalos das exibições dos vídeos	99
Figura 13	
Adolescentes apresentam número de break	100
Figura 14	
Moradores assistem a vídeo da TV Janela no meio da rua	102

Figura 15	
Capa do Jornal O Povo de 23 de novembro de 1993, um dia após a Chacina do Pantanal	116
Figura 16	
Adolescente capacitada pelo IDS entrevista trabalhador em rua do Pantanal	129
Figura 17	
Moradora dá sua opinião sobre o bairro em entrevista a adolescente da TV Janela	129
Figura 18	
Pastor explica o surgimento do nome da Rua Apocalipse em vídeo da TV Janela	134
Figura 19	
Banda Virtus, grupo de pop rock formado por jovens da comunidade, grava clipe em estúdio da TV Janela	135
Figura 20	
Moradora dá sua opinião sobre a importância da TV Janela para a comunidade, em vídeo de aniversário do projeto de audiovisual	135
Figura 21	
Abertura do quadro História das Ruas, exibido em 7 de novembro de 2009	139

SUMÁRIO

1. Introdução	14
1.1. O contexto social dos vídeos	15
1.2. O projeto de vídeo	16
1.3. Desenvolvimento da pesquisa	17
1.4. Metodologia	19
2. O contexto da comunidade do Pantanal: histórias e etnografias	22
2.1. Aspectos introdutórios	22
2.2. Histórias de um Pantanal ou de um Planalto Ayrton Senna	24
2.3. Mediações culturais e relações de poder	28
2.4. Líderes comunitários: contextos e construção de imaginários	31
2.4.1. Líderes: contar a história da comunidade como forma de se contar	36
2.4.2. Outras formas de se enunciar	43
2.4.3. Tornando-se referência: o líder que mudou o nome da comunidade	46
2.4.4. As associações comunitárias	57
2.4.5. A TV Janela e o Instituto de Desenvolvimento Social	58
2.5. Apropriação, negação e produção cultural	60
2.6. Comunidades em tempos de globalização	67
3. Etnografias: territórios, sujeitos e práticas na comunidade do Pantanal ..	76
3.1. Compartilhando territórios	77
3.2. A exibição dos vídeos da TV Janela	91
3.2.1. Divulgação da exibição	92
3.2.2. Preparativos da exibição	94
3.2.3. O público também quer se exibir	99
3.2.4. “Não assista à novela, assista à TV Janela”	102
4. Identificações culturais, representações e mídias	106
4.1. Representando a si e ao outro	106
4.2. Representações difundidas pelas mídias convencionais	115
4.3. Entidades não governamentais e mídia comunitária	119
4.4. Histórico do Instituto de Desenvolvimento Social	125

	13
4.5. Os vídeos da TV Janela	132
4.6. Representações difundidas pela TV Janela	142
5. Os receptores dos vídeos da TV Janela	147
5.1. O enfoque dos Estudos Culturais na recepção	148
5.2. Aspectos metodológicos	158
5.3. Análise dos discursos dos receptores	164
5.3.1. A porta-voz do bairro	166
5.3.2. Consciência acerca do lugar de fala	177
5.3.3. A memória dos mais velhos interferindo na percepção dos mais novos	182
5.3.4. Quando a função social do receptor é semelhante à do emissor	188
5.3.5. O silêncio que indicia a cultura	195
6. Considerações finais	200
Referências bibliográficas	204
Anexos	209

I. INTRODUÇÃO

“Não assista à novela, assista à TV Janela”. No meio da rua, à frente de um telão no qual são exibidos vídeos populares, o apelo proferido ao microfone pelo apresentador do projeto de audiovisual TV Janela – da entidade não governamental Instituto de Desenvolvimento Social (IDS) – ecoa pela comunidade do Pantanal – na periferia sul de Fortaleza, Ceará – e dissipa pelo ar, atingindo os “telespectadores” ora atentos às imagens do telão, ora distraídos por uma ou outra interferência do ambiente comunitário.

O apresentador da TV Janela traz em seu apelo a relação antiga, ora conflituosa, ora dialogal que as mídias populares estabelecem com as mídias convencionais. Esse diálogo tem por base não só uma compreensão dos propósitos, das representações sociais, ideologias e vieses político de cada meio de comunicação, mas as demandas trazidas pelo olhar audiovisual daquele grupo comunitário. Nem sempre os formatos mais alternativos conseguem expressiva adesão das audiências, obrigando até mesmo os vídeos mais populares a adotarem técnicas, estéticas e formas de abordagem de temas de acordo com as matrizes culturais já esquematizadas mentalmente por suas audiências.

É nesse sentido que, apesar de negada pelo apelo do locutor, a telenovela ajuda, sobremaneira, a compreender a forma como os receptores da TV Janela assistem aos vídeos, ali mesmo, no meio da rua, cercados por um ambiente nada propício à sua concentração. Afinal, a televisão ainda é o meio de comunicação de massa mais popular em todo o Brasil, o que nos permite considerar que o olhar das audiências sobre todas as demais mídias é influenciado pelo modo de se ver TV.

Os elementos colocados até aqui – formato televisivo, estética e técnicas comunicativas – não possuem relação imediata com o propósito desta pesquisa, que seria de perceber uma possível identificação dos receptores da TV Janela com as representações de morador unido, de luta, batalhador e, por isso, vitorioso e feliz, apresentadas pelos vídeos.

Entretanto, os elementos mais subjetivos, ligados aos conceitos de identificações culturais e de representações sociais, estão, de algum modo, ligados ao que Martín-Barbero (2004) denomina como “formatos” técnicos e “gêneros” comunicativos. Desse

modo, os aspectos técnicos e o espaço das audiências interferem – de um modo bem mais subjetivo, claro – na adesão ou não das audiências aos ideais e percepções dos produtores audiovisuais populares.

Claro que outros elementos socioeconômicos, históricos e da vida cotidiana desses receptores vão contribuir, talvez com mais força, para compor o olhar que essas audiências lançam sobre os vídeos, ajudando a construir novas identificações culturais e a apreender outras representações sociais para o imaginário daquela comunidade. É por isso que encontraremos, no decorrer da leitura desta pesquisa, inúmeras informações e análises que vão ajudar a compor histórica e socialmente a comunidade do Pantanal, ou Planalto Ayrton Senna, como atualmente é denominada.

1.1. O contexto social dos vídeos

O objetivo geral desta pesquisa é de tentar compreender como a vida cotidiana de cinco moradores do bairro Pantanal se relaciona com a concepção que eles possuem acerca da comunidade e como as consequentes identidades culturais e representações sociais podem, em certa medida, ajudar a explicar a forma como eles assistem e se apropriam dos conteúdos e das ideologias presentes nos vídeos da TV Janela.

Esse projeto audiovisual é desenvolvido pela Organização Não-Governamental (ONG) Instituto de Desenvolvimento Social (IDS) no bairro Pantanal ou Planalto Ayrton Senna, nomes diferentes para o mesmo bairro, situado ao sul de Fortaleza, capital do Ceará, na divisa com o município de Maracanaú.

Desde 2004, a TV Janela capacita, por turma, cerca de vinte adolescentes, entre quinze e dezessete anos. Eles, então, produzem vídeos sobre a comunidade que, posteriormente, são exibidos em telão montado pela ONG no meio da rua, na comunidade, aglomerando, por exibição, cerca de 300 a 400 moradores.

O objetivo do IDS é “melhorar a auto-estima dos moradores” que assistem aos vídeos, como forma de eles próprios desassociarem os estigmas de violência e pobreza que foi construído historicamente sobre o local perante a cidade de Fortaleza.

Na década de 1990, os moradores do local enfrentaram diversos conflitos com os supostos donos da terra e com o poder público, que deixou o local, durante anos, desprovido de saneamento básico, água, pavimentação e energia pública.

Em novembro de 1993, dois homens sobre uma moto assassinaram três adolescentes na região próxima à comunidade. O episódio ficou conhecido nos meios de comunicação de massa de Fortaleza como Chacina do Pantanal e maculou o bairro com os estigmas da violência e miséria. Alguns programas policiais, principalmente os televisivos, exploraram exaustivamente as tão alegadas criminalidade e pobreza do bairro, contribuindo, assim, para a construção de uma imagem negativa do Pantanal.

Após sete anos da Chacina do Pantanal, em março de 2001, um grupo comunitário se reuniu para organizar um “plebiscito popular” no bairro. O objetivo era eleger um novo nome para o local, a fim de desvincular a comunidade do episódio da Chacina e dos estigmas da violência e pobreza. Após uma consulta popular (2001) e a oficialização do bairro Planalto Ayrton Senna (lei municipal 8.699/03), acirraram-se as disputas entre as lideranças comunitárias, umas favoráveis, outra contrárias à mudança de nome. Por um lado, dizia-se que seria o fim do estigma; por outro, achava-se que a comunidade estava perdendo sua “identidade” e esquecendo sua história.

1.2. O projeto de vídeo

É nesse contexto de preocupação com a imagem da comunidade que surge no local, em 1999, o Instituto de Desenvolvimento Social (IDS). A entidade é uma Organização Não-Governamental (ONG) que desenvolve projetos sociais dentro da comunidade do Pantanal. Dentre as missões dos projetos da ONG, está a de trabalhar a “auto-estima para uma melhor qualidade de vida”.

O atual e mais importante projeto desenvolvido pela ONG é a TV Janela. Ele surgiu em 2004 e capacita, por turma, vinte adolescentes do bairro, entre quinze e dezessete anos, para a produção de material audiovisual que “retrate” aspectos positivos da comunidade. Cada turma produz seis vídeos, que são exibidos mensalmente, num sábado à noite, em telão montado na rua e aglutinam cerca de trezentas pessoas por apresentação. Entre um vídeo e outro, grupos artísticos juvenis encenam, dançam ou cantam, no meio da rua, para um público atento, o que torna o evento mais atrativo.

A produção audiovisual da TV Janela é descrita pelo IDS como: “[...] reportagem de rua sobre o cotidiano da comunidade (temas de interesse público),

mostrando sempre as experiências exitosas para elevação da auto-estima das pessoas, produzindo temas de interesse da comunidade” (trecho do projeto da TV Janela).

Diferentemente da televisão, o veículo de maior alcance e prestígio no Brasil, um vídeo exibido no meio da rua demanda uma outra interação emissor-interlocutor, bem como entre os receptores. No momento em que o aparelho de televisão perde, temporariamente, espaço para a TV Janela, surgem novas formas de recepção: a sala de estar é substituída pelo espaço da rua e a família, pela comunidade.

Dessa forma, a comunidade é exibida para a própria comunidade, no espaço comunitário. Além de um novo espaço de recepção, estamos tratando de uma nova perspectiva, a dos comunicadores populares. Eles creem retratar fielmente o potencial social e político das comunidades, diferentemente da visão “deturpada e classista” das mídias convencionais.

Um questionamento que colocamos a respeito do projeto TV Janela é se, ao tentar atingir seus objetivos (melhorar a auto-estima de seus espectadores), suas produções não enfatizam e impõem um perfil de morador ativo, trabalhador, organizado e, por isso, vitorioso e feliz.

Considerando-se que, de fato, é essa a imagem apresentada pelo projeto acerca dos moradores, os interlocutores reconhecem a si e à sua comunidade ao assistirem à TV Janela? É possível construir um novo imaginário sobre a comunidade mesmo diante da força ideológica dos meios convencionais de comunicação, que ressaltam os estigmas de criminoso e miserável a todo instante e de modo muito sorrateiro, que sequer nos faz, de modo geral, reconhecer posturas ideológicas nos produtos de comunicação?

1.3. Desenvolvimento da pesquisa

Embora tenha iniciado o curso de mestrado em 2008.1, o início da pesquisa acerca do Pantanal e da TV Janela data de 2006.2, quando comecei a realizar entrevistas e a percorrer o bairro, a fim de coletar informações para o pré-projeto de monografia¹.

¹ Monografia defendida em 2007.2 no curso de Comunicação Social da universidade Federal do Ceará (UFC).

Nessa pesquisa anterior, comparei o conteúdo dos vídeos do projeto com a fala de dois grupos de moradores – um de jovens e outro de adultos –, reunidos em dois grupos focais.

Se a monografia não conseguiu atingir o nível de profundidade que se espera de uma pesquisa acadêmica, ao menos ofereceu elementos mínimos para a construção de um projeto de pesquisa mais arrojado e conhecimento mínimo do campo pesquisado.

Durante o período de produção da monografia, foram realizadas entrevistas com moradores e lideranças comunitárias (para compreender aspectos históricos e as relações de força travadas entre os indivíduos); percorridos espaços comunitários em vários dias e horários (para a mínima compreensão da dinâmica do bairro) e acompanhadas algumas das aulas de uma das turmas de adolescentes do projeto (para conhecer a forma como essa produção ocorria).

O objetivo foi de compreender os discursos dos moradores e dos vídeos da TV Janela a partir das percepções e informações coletadas na pesquisa preliminar, à luz dos conceitos de representações sociais e identidade cultural. Em seguida, essas informações nos ajudaram a compreender os discursos dos vídeos e os dos moradores entrevistados em grupo focal; como e por que ora eles se complementavam, ora se opunham.

Agora, além da nova perspectiva de estudo que se apresenta – a recepção dos vídeos ao invés da comparação entre os discursos das produções audiovisuais e dos moradores –, foi preciso aprofundar os conceitos utilizados – identidade cultural e representações sociais –, e a história e a etnografia do bairro: conhecer melhor o espaço, suas ruas, seus moradores, as interações morador-território e morador-morador. Algumas das entrevistas em profundidade já realizadas com moradores e lideranças foram novamente utilizadas.

A nova abordagem me exigiu, entretanto, adentrar no universo das audiências da TV Janela para tentemos relacionar sua vida cotidiana com as percepções que elas possuem dos vídeos. Partimos da hipótese de que, dentro do universo bastante heterogêneo da comunidade, é possível identificar, a partir do nosso questionamento inicial, alguns perfis mais evidentes de morador, mesmo considerando que, dentro de cada um deles, há muitas outras segmentações.

Como será descrito mais adiante, a pesquisa anterior nos revelou perfis bem distintos: os moradores mais ligados à história da ocupação do espaço (ocorrida em

1990), das lutas e reivindicações a favor do grupo; aqueles mais jovens, que ouviram falar desse passado através dos pais, familiares, vizinhos; outros que participaram da ocupação do espaço, mas que veem essa etapa como concluída e, por isso, querem associar o bairro, agora, a algo moderno, desenvolvido; e aqueles que possuem poucos vínculos com o espaço, principalmente por terem chegado muito tempo após a ocupação e os primeiros entraves com o poder público e com os antigos donos das terras.

No processo de apropriação das representações sociais por parte das audiências, além das mídias convencionais e dos vídeos da TV Janela, outras mediações e outros elementos cotidianos vão contribuir para a construção das identidades culturais desses moradores. Que mediações são essas? Com que força as relações de poder que perpassam as mediações culturais contribuem para que esse grupo construa narrativas sobre a comunidade? As vivências situadas em outros espaços da cidade (para além do bairro) interferem claramente no processo de construção narrativa sobre o bairro? A pesquisa de recepção tentará responder a esses questionamentos através de entrevistas em profundidade com cinco moradores selecionados.

1.4. Metodologia

Como o interesse aqui é de interpretar a fala dos moradores inseridos dentro de um contexto cultural, consideramos dois aspectos durante a escolha dos entrevistados: a relação histórica e cotidiana deles com a comunidade; e a relação cotidiana deles com a cidade. A cidade entra na pesquisa como forma de acessar informações sobre “o outro” (de outros bairros) e como forma de estabelecer comparações consigo.

Para tanto, foram realizadas entrevistas em profundidade com moradores dos grupos que seguem: 1) moradores ligados à formação da comunidade (às lutas pela permanência no espaço ocupado) e que optam pelo nome original, Pantanal; 2) moradores mais recentes, que não estiveram ligados à formação da comunidade e que preferem a nova nomenclatura, Planalto Ayrton Senna; 3) e moradores jovens, sem o contato direto com a formação do bairro, mas que vivem o presente e acessam o passado através das memórias dos mais antigos.

Além das entrevistas em profundidade com os cinco receptores, em 2008 e 2009, período de realização desta pesquisa, foram acompanhadas quatro das oito exposições

realizadas pelo IDS, duas em cada ano. Durante esses dois anos, foram utilizados dois principais procedimentos metodológicos: 1) entrevistas em profundidade com líderes comunitários e com integrantes do IDS; 2) e observação etnográfica simples (não participante) da comunidade em dias normais (dias úteis e finais de semana) e em dias de exibição da TV Janela, descrevendo e analisando os sujeitos e ambientes. Além desses dois procedimentos mais formais e esquematizados, as conversas informais com moradores foram fundamentais para compreender alguns elementos que só são identificáveis através das práticas e discursos mais espontâneos.

O texto que segue está dividido em quatro capítulos. No primeiro, apresento os aspectos históricos da comunidade, focando, principalmente, os conflitos surgidos entre as lideranças comunitárias devido à mudança de nome do bairro, de Pantanal para Planalto Ayrton Senna. Compreender o processo político de mudança do nome da comunidade é fundamental para percebermos o quanto a construção identitária é enfatizada pelo grupo comunitário de modo geral, sempre imersa em contextos de conflitos políticos. Neste capítulo, ainda abordo os conceitos de comunidade, identificações culturais e representações culturais, tentando mostrar como eles se relacionam com a questão central desta pesquisa.

No segundo capítulo, descrevo e analiso os espaços comunitários do bairro, em dias da semana, em fins de semana e durante o momento de exibição dos vídeos da TV Janela, quando a dinâmica dos ambientes é bastante alterada. O objetivo é de interpretar as relações comunitárias pela perspectiva dos estudos etnográficos.

No terceiro capítulo, apresento a história do IDS, os vídeos da TV Janela e as representações de morador apresentadas por essas produções audiovisuais. Em contraposição, mostro como o bairro foi e é apresentado pelas mídias convencionais do bairro, em especial, pelos programas policiais televisivos.

Já no quarto capítulo, interpreto os discursos dos cinco receptores selecionados. Tento relacionar suas histórias de vida, o período histórico em que chegaram à comunidade e suas vivências comunitárias com o modo como constroem suas identificações comunitárias, percebendo, enfim, de que modo eles se sentem representados pelos vídeos da TV Janela. Antes, justifico a seleção de poucos entrevistados, o foco sobre uma etapa específica do processo comunicativo (a recepção);

o uso da entrevista em profundidade como procedimento metodológico, a Análise do Discurso como método de análise e os Estudos Culturais como perspectiva teórica.

Ainda são poucas as pesquisas que concentram seus esforços na tentativa de compreender os receptores das mídias comunitárias, dentro de seus contextos sócio-culturais (JACKS: 2008). Dessa forma, espero que este trabalho se una aos outros (ainda) poucos que se propuseram a focar o olhar sobre os receptores das mídias comunitárias, retirando-se um pouco da perspectiva político-cidadã – não menos importante, mas já hegemônica quando se fala de mídia comunitária – e se voltando para uma abordagem dos Estudos Culturais.

CAPÍTULO II

O contexto da comunidade do Pantanal: histórias e etnografias

2.1. Aspectos introdutórios

Além de conceituar cultura, comunidade e mediações culturais, este primeiro capítulo se propõe a descrever ambientes e sujeitos e analisar algumas das histórias narradas pelos moradores do Pantanal ou do Planalto Ayrton Senna. Embora bem distintas, as duas nomenclaturas designam a mesma comunidade (ou bairro), localizada na periferia sul de Fortaleza, capital do Ceará.

O letreiro do ônibus que pego no Centro da cidade indica meu destino. Quem o toma como condução talvez resida lá e saiba que a comunidade nem sempre teve o nome atual. Alguns até hoje discordam que esse seja, de fato, o nome legítimo – embora oficial – do local. Já outros falam com orgulho: eu moro no Planalto Ayrton Senna.

O que me leva ao tal Planalto nem mesmo compactua com a nova nomenclatura do bairro, oficializada apenas em 2004. O projeto de vídeo popular TV Janela², sobre o qual desenvolvo pesquisa, existe no local há cerca de cinco anos, sem nunca ter feito qualquer referência a esse “plano alto”. A fala dos entrevistadores e dos entrevistados dos vídeos faz alusão ao histórico, às conquistas e ao cotidiano de uma comunidade chamada Pantanal³.

A referência que os vídeos geralmente fazem a essas memórias está, principalmente, relacionada ao fato de os quatro diretores do IDS terem chegado ao local à época da ocupação do espaço, em 1990.

²A TV Janela, surgida em 2004, é um projeto de vídeo-popular do Instituto de Desenvolvimento Social (IDS). O Instituto foi fundado em 1999 por quatro moradores do Pantanal, ligados à história do local. O grupo é contrário à mudança de nome de Pantanal para Planalto Ayrton Senna, por considerar que as lutas e conquistas históricas alcançadas pela comunidade estão associadas à antiga nomenclatura. Em 2001, uma liderança comunitária realizou um plebiscito para a escolha de um novo nome para o bairro. O motivo seria o estigma de violência e miséria que a comunidade sofria desde a ocupação do espaço, em 1990. Em contrapartida, grupos e associações comunitárias do bairro, contrários à mudança de nome, organizaram o movimento Viva Pantanal, que tentou impedir, sem sucesso, a oficialização do Planalto Ayrton Senna em votação na Câmara dos Vereadores de Fortaleza, em 21 de fevereiro de 2003.

³ O nome Pantanal era alusivo à novela, homônima e contemporânea, da extinta TV Manchete, devido à semelhança vegetal do bairro com o espaço em que a trama foi ambientada, o Pantanal Mato-grossense. Atualmente, muito dessa vegetação foi alterada pela urbanização crescente do bairro.

O grupo se identifica, por isso, com as histórias de mobilizações e resistências travadas pelos moradores do Pantanal⁴ durante os primeiros anos. A comunidade surgiu da ocupação de terras devolutas na região limítrofe entre a capital e o município de Maracanaú, na Região Metropolitana de Fortaleza, e já possuía 30.106 habitantes na contagem demográfica do Censo 2000⁵.

Quando, em 2001, uma das lideranças comunitárias decidiu organizar um plebiscito para a mudança de nome do bairro, a direção do IDS se demonstrou contrária, alegando que uma nova denominação representaria o esquecimento e desapego ao histórico de lutas e conquistas alcançadas pela comunidade.

Já em 2004, quando o bairro Planalto Ayrton Senna foi oficializado pela Câmara de Vereadores de Fortaleza, várias lideranças comunitárias do local tentaram impedir, em vão, através do Movimento Viva Pantanal.

É nesse contexto de disputas, de reivindicação por um lugar de referência na comunidade, que trazemos para a discussão aquelas que considero serem três⁶ das principais mediações culturais existentes, hoje, na comunidade do Pantanal. Ou, se preferirem, Planalto Ayrton Senna. Afinal, (1) os líderes, (2) as associações comunitárias e (3) o IDS são referências no bairro quando os moradores são estimulados a pensar em temas como memória, identidade e comunidade.

O objetivo aqui não é de enaltecê-los como bem-feitores ou sujeitos únicos da história. Pelo contrário. As histórias dos líderes são enfocadas nesta pesquisa como forma de desconstruir discursos heroicos, que consideram os moradores como passivos, apáticos.

Ao apresentar algumas das lideranças, contaremos parte das histórias do bairro e tentaremos demonstrar o quanto os discursos considerados oficiais – como é o caso da

⁴ Durante toda a dissertação, denominarei o local de “Pantanal” por duas razões: remeter-me-ei não ao bairro, que engloba oito comunidades, mas a uma comunidade específica, o Pantanal; e por respeito ao grupo com o qual trabalhei, da ONG Instituto de Desenvolvimento Social (IDS), que se refere assim ao local e é contrário à mudança de nome para “Planalto Ayrton Senna”.

⁵ O censo mais recente, organizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É bom ressaltar: não se pode dizer que o Pantanal possui 30.106 moradores, porque esses dados referem-se ao bairro Planalto Ayrton Senna, que engloba a comunidade do Pantanal e mais sete comunidades circunvizinhas. Infelizmente, este trabalho foi finalizado em janeiro de 2010 e, por isso, não pudemos trabalhar com base nos dados do Censo 2010, não realizado até o presente momento.

⁶ Mais adiante, também citaremos outras instituições influentes politicamente no bairro, como o movimento hip hop e a ONG Conselho de Integração Social, o Integrassol. A entidade é ligada à ONG internacional Visão Mundial (World Vision) e trabalha a economia solidária, além de trabalhos com música, ballet e oficinas sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's).

fala dos líderes – contribuem para a formação de um imaginário sobre o bairro e de identificações culturais por parte dos moradores.

Veremos as contribuições dos líderes para a formação desse imaginário na medida em que analisarmos os discursos dos cinco moradores selecionados como audiências da TV Janela, no quarto capítulo.

Esses moradores também mostrarão as suas concepções acerca do Pantanal, as quais serão analisadas aqui como forma de compreender como esse imaginário a respeito do bairro contribui para a formação deles como receptores dos vídeos da TV Janela.

As histórias que vamos analisar aqui são contadas por vários sujeitos e instituições muito ou pouco legítimas na comunidade – como líderes comunitários, moradores mais antigos, associações comunitárias mais ou menos democráticas – e por documentos e instituições ditos “oficiais”, como livros, artigos de historiadores, a Prefeitura de Fortaleza e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De certo, o que sabemos é que há muitas disputas pela legitimidade de suas próprias histórias. Os embates de poder são fortes entre as lideranças, que interferem nas opiniões e imaginários construídos pelos moradores acerca do bairro.

De incerto, temos quase todos os aspectos históricos relatados, por não possuímos documentos comprobatórios e por, em muitos casos, se enaltecer os narradores como protagonistas da história que contam e se transferir para sua própria representação a representação de um bairro forte, unido e vitorioso.

No entanto, como o objetivo aqui é de analisar representações, o que menos importa é se as histórias contadas são ou não verídicas, mas sim, o que, como e por que essas histórias falam dos próprios sujeitos que as contam.

2.2. Histórias de um Pantanal ou de um Planalto Ayrton Senna

Quando um grupo de cerca de quatro mil pessoas ocupou um pedaço de terra devoluta na região sul de Fortaleza, limite com o município de Maracanaú, muitos supostos donos da terra apareceram e tentaram impedir a ocupação.

Apenas dois anos depois, quando o grupo já demonstrava que dali não saía, o poder público resolveu acatar as exigências feitas pela comunidade através de

manifestações e caminhadas organizadas por líderes e associações comunitárias. Os moradores exigiam água encanada, energia e transporte público.



Figura 1
Passeata da Lamparina, em 1991



Figura 2
Estrutura das casas do Pantanal no início da ocupação, na década de 1990

De modo geral, as comunidades periféricas das grandes metrópoles do país sofrem com dois principais estigmas: o da miséria e o da violência, estando diretamente ligados entre si. No caso do Pantanal, esses estigmas foram amplificados em novembro de 1993, quando as mídias locais – jornais impresso e programas policiais de rádio e

televisão – noticiaram exaustivamente o episódio que ficou nacionalmente conhecido como Chacina do Pantanal.

Nas proximidades da comunidade, três policiais teriam assassinado brutalmente três adolescentes que moravam na região. A partir de então, o bairro passaria a ser associado tanto pelas mídias, quanto pelos fortalezenses, de modo geral, à “chacina” ocorrida ali.



Figura 3
Matéria do Jornal Diário do Nordeste de 21/11/1993

Citamos aqui dois projetos que foram criados alegando que a comunidade precisava ser dissociada dos estigmas de violência e miséria: a TV Janela e o plebiscito popular de mudança de nome do bairro.

Há entre os dois, no entanto, uma forte diferença de concepção e ação política: a ONG IDS (Instituto de Desenvolvimento Social, responsável pela TV Janela), pretendeu desprender do nome “Pantanal” apenas o que havia de negativo, mantendo as lutas históricas da comunidade associadas à “logomarca” pioneira; já o plebiscito organizado pela Acodehs (Associação Comunitária para o Desenvolvimento Humano e Social) pretendia mudar o nome do bairro, porque era nele que os estigmas residiam.

De 1990 (ano da ocupação da terra) até 2001 (ano do plebiscito que elegeu um novo nome para o local), Pantanal era a única nomenclatura da comunidade, que fazia parte do bairro Mondubim. Em 2004, uma lei municipal oficializou a comunidade como bairro e acatou o plebiscito realizado no local, que elegeu Planalto Ayrton Senna como

nome oficial dali. O novo bairro foi, então, composto pelo Pantanal e mais outras sete comunidades que antes também pertenciam ao Mondubim.

Em termos geográficos, o bairro Planalto Ayrton Senna está muito distante dos centros econômicos da cidade⁷. Talvez por isso – e também pela alternativa de renda mensal – a comunidade desenvolveu forte comércio nas ruas do bairro. São lojas, bares, lanchonetes e uma feira livre que modifica a dinâmica local todos os sábados e domingos.

É importante dizer que estamos tratando de um bairro localizado na periferia sul da capital do segundo estado brasileiro em concentração de renda. Aparentemente desnecessário, o dado sobre a concentração de renda cearense aparece nesta pesquisa de modo quase central, uma vez que ele nos faz compreender a estrutura desigual de Fortaleza, cujas periferias estão muito distantes dos principais equipamentos públicos e privados da cidade.

As desigualdades sociais que gritam aos nossos olhos vão forjando, gradativamente, representações sociais sobre “ricos” e “pobres” através das várias mediações presentes no cotidiano da cidade. Nesse sentido, os meios de comunicação massivos contribuem com seu expressivo capital simbólico para a construção dos estigmas de “miséria” e “violência”, associados com frequência às periferias das grandes metrópoles.

Em contrapartida, o projeto de vídeo popular TV Janela capacita, por semestre, vinte adolescentes do bairro do Pantanal para a produção e exibição de audiovisuais que apresentem a comunidade a partir de outras representações sociais, bem mais positivas: os vídeos mostram moradores unidos, lutadores e, por isso, vitoriosos e felizes. E, desse modo, já podemos partir de uma premissa: a TV Janela propõe uma identificação cultural bastante afirmativa para seus receptores, fundamental para compreendermos a auto-imagem que cada receptor apresenta em seus discursos⁸.

⁷ O bairro está, no entanto, próximo da Centrais de Abastecimento do Ceará S/A (Ceasa/CE), uma sociedade de economia mista de 36 anos, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural do Estado do Ceará. Possui sede e domicílio no município de Maracanaú, na Rodovia Dr. Mendel Steinbruch, s/nº.

⁸ Obviamente, a TV Janela não é a única mediação – nem mesmo a principal – que colabora para a construção imagética do bairro por parte dos moradores. Entretanto, assim como as lideranças comunitárias, a TV Janela exerce forte influência dentro da comunidade quando o assunto é “identidade do morador do Pantanal”, constituindo uma das principais mediações comunitárias daquele local. Poderemos fazer essa constatação mais adiante, através da pesquisa etnográfica e das entrevistas em profundidade.

Segundo o próprio IDS, o objetivo da TV Janela é de melhorar a auto-estima da comunidade, que desde a ocupação do espaço, em 1990, sofre preconceito perante os demais moradores da cidade. Sua missão é “promover o desenvolvimento social e cultural, integrando o ser humano em harmonia com o meio em que vive, trabalhando a cidadania e auto-estima para uma melhor qualidade de vida”⁹.

Em 05 de maio de 1999 foi oficializado o IDS - Instituto de Desenvolvimento Social com a finalidade: Artigo 3º - Promover ações que visam combater o desemprego, incentivando a formação de grupos de produção, contribuindo assim para o desenvolvimento social educacional e cultural da comunidade (Trecho do projeto do IDS, extraído do sítio eletrônico da entidade).

Dessa forma, as várias relações de poder – estabelecidas a partir das mediações cotidianas – contribuem para a construção de identidades sociais muitas vezes conflituosas. A TV Janela aparece como uma dessas mediações que colaboram – muito provavelmente com bem menos força do que a mídia convencional – para a construção de uma narrativa acerca do Pantanal. No caso, uma narrativa positiva.

2.3. Mediações culturais e relações de poder

Hoje, o território do bairro é reconhecido como sendo o espaço onde as principais trocas sociais acontecem e transformam as relações cotidianas, dando dinamicidade à cultura das cidades. Mantin-Barbero (2006), na obra *Dos Meios às Mediações*, aponta alguns dos potenciais transformadores da vida social, presentes no espaço do bairro. Barbero (2006: 276) critica a concepção que percebe o bairro “como ‘dormitório’ ou universo do familiar e do doméstico, como simples espaço da *reprodução* da força de trabalho”.

O bairro surge, então, como o grande mediador entre o universo privado da casa e o mundo público da cidade, um espaço que se estrutura com base em certos tipos específicos de sociabilidade e, em última análise, de *comunicação*: entre *parentes* e entre *vizinhos*. O bairro proporciona às pessoas algumas referências básicas para a construção de um *a gente*, ou seja, de uma “sociabilidade mais ampla do que aquela que se baseia nos laços familiares, e ao mesmo tempo mais densa e estável do que as relações

⁹ Trecho extraído do sítio eletrônico <http://www.tvjanela.org.br/historia> em 18/10/2009.

formais e individualizadas impostas pela sociedade”¹⁰ (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 276-277).

Devido às instabilidades do mercado de trabalho, o bairro se configura como o espaço em que as identidades culturais são constituídas com mais força, dentre as classes mais subalternas das cidades.

E se é nesse espaço que a cultura se transforma mais intensamente e as identidades são construídas com mais potência, o reconhecimento da influência das mediações comunitárias para as construções identitárias torna-se fundamental para este trabalho.

Claro que essas mediações e os sujeitos que ocupam o espaço do bairro sofrem influências de outras mediações culturais mais fortes e, inclusive, mais potencialmente transformadoras, como é o caso das mídias convencionais.

Nas relações comunitárias estabelecidas nas periferias das grandes metrópoles, um dos agentes mais engajados politicamente e, por isso, mais potencialmente transformadores da vida cotidiana é a figura do líder comunitário.

No Pantanal, não é diferente. Embora o grupo comunitário tenha unido forças, minimamente, para conquistar políticas públicas para o espaço e para se manterem no local ocupado, a comunidade desde cedo apresentou conflitos entre os vários líderes comunitários e entre suas associações.

No discurso sobre as histórias do bairro e acerca do que hoje ele seria, percebe-se, entre os moradores, uma referência constante às lideranças comunitárias, o que nos faz pensar que elas mediam, positiva ou negativamente, as relações que os moradores estabelecem com essa memória acerca do bairro. Como se fossem detentoras de um conhecimento só possível de ser acessado caso elas permitissem.

Percebendo o papel fundamental estabelecido pelos líderes dentro da comunidade, alguns atores sociais se identificam como tal e tentam angariar adeptos na sua empreitada. No entanto, devido às disputas políticas e pessoais, a figura do líder torna-se uma pessoa não só estimada, mas também odiada, o que faz dele um alvo de críticas, de divergências, as mais variadas possíveis.

Se quisermos usar os termos de Elias (2000), poderemos definir como “estabelecidos” e “outsiders” vários grupos e pessoas presentes na comunidade do

¹⁰ Aspas de J.G. Cantor Magnani, *in* Festa no pedaço – Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 138.

Pantanal. O autor usa os dois termos para designar, respectivamente, grupos de maiorias e de minorias. Entre eles, há uma disputa de poder constante, ora consciente, ora inconsciente.

Dessa relação, podemos exemplificar com o fato de os “donos” / diretores das associações do Pantanal morar na comunidade desde o início da década de 1990. Os moradores mais recentes que moram de aluguel ou não estão dispostos a interferir nessas formas de mediação cultural, ou sequer se sentem convidados para tal. “O Pantanal tem uma história curiosa. Muitos sabem, mas quem chegou depois do ano 2000 tem muito o que saber ainda”, diz Vicente¹¹, um dos primeiros moradores em vídeo da TV Janela, dividindo a comunidade em dois grupos, o dos moradores originários, assim como ele, e o dos mais recentes, que desconhece a história de luta do local.

Muitas vezes, esses moradores mais recentes sequer se sentem moradores do Pantanal ou do Planalto Ayrton Senna, porque não fixam moradia e, por isso, possuem uma relação de instabilidade com o espaço e com as pessoas.

Outra relação entre estabelecidos e outsiders que podemos identificar no Pantanal é a disputa pela manutenção e mudança do nome do bairro. Essa, sem dúvidas, é uma demonstração muito nítida de disputa de poder, de tentativa de desestabilização dos estabelecidos e de pouca preocupação desses, porque “quando o diferencial de poder é suficientemente grande, um membro de um grupo estabelecido pode ser indiferente ao que os outsiders pensam dele” (ELIAS: 2000, 40).

Uma mesma pessoa ou grupo pode ser estabelecido em uma determinada categoria, mas outsider em outra (ELIAS: 2000). Também encontramos esse caso na comunidade do Pantanal. A líder comunitária Liege Costa, por exemplo, é uma das líderes mais citadas quando o assunto é “história do Pantanal”, como veremos a seguir. No entanto, sua atuação no Movimento Viva Pantanal não impediu que o bairro mudasse de nome.

¹¹ Seu Vicente, sapateiro e um dos primeiros moradores do Pantanal, faleceu em novembro de 2010. Meses antes, procurei-o para entrevista, mas ele já estava doente, internado em um hospital da cidade.

2.4. Líderes comunitários: contextos e construção de imaginários

Ora reconhecendo o bairro em si, ora se reconhecendo no bairro, os líderes comunitários estabelecem uma relação com a comunidade que desperta a admiração, respeito, ódio ou indiferença. Os sentimentos, geralmente, variam a partir da relação que o morador possui com o local, sua história, os residentes e com questões pessoais e políticas que o atrai ou repele daqueles que são, talvez, as maiores referências locais.

Embora reconheçamos aqui que a atuação dos líderes possui um caráter reivindicatório e bastante positivo para a melhoria das condições de vida das comunidades periféricas, trataremos aqui de como elas se tornam sujeitos centrais de boa parte dos discursos produzidos sobre a formação do bairro. E, dessa forma, acabamos por acentuar a postura muitas vezes personalista desse sujeitos.

A importância alcançada pelas lideranças comunitárias historicamente se deu em um contexto em que o poder público e a classe média e já estabelecida de Fortaleza negava a população que começava a migrar do interior do Estado para a capital, necessitando de assistência pública, exigindo melhores condições de vida e dependendo de trabalhos avulsos para sobreviver. Por sua parte, os moradores dessas recém-instaladas comunidades periféricas negavam os líderes oficiais e anunciavam os seus próprios representantes. Em alguns vários casos, os representantes se auto-intitularam.

Pesquisadores e a própria realidade aponta um perfil comum a quase todas as atuais lideranças comunitárias com as quais nos deparamos. São filhos do Sertão cearense, anteriormente envolvidos com os trabalhos das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e com partidos políticos mais à esquerda.

Elza Franco Braga (2002: 264)¹² considera que, “para muitas lideranças, as experiências vividas na cidade não apagam do imaginário popular o campo, enquanto espaço de sociabilidade, e essas lembranças mantêm viva a esperança do retorno”.

Assim como tantas outras metrópoles brasileiras, Fortaleza possui uma estrutura desigual, que comprime as classes mais pobres para a margem geográfica, política, econômica e cultural da cidade. Na capital cearense, esse quadro foi agravado a partir da década de 1960 – após migrações Sertão-Capital ocasionadas pelos grandes períodos de

¹² In: PERIFERIA, Cearah (org.). **Vivências, lutas e memórias: histórias de vida de lideranças comunitárias em Fortaleza**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

secas que a região enfrentou – e após a década de 1980 – quando o Brasil assistiu a uma explosão da moradia popular, concentrada na periferia de suas capitais.

A ocupação, em 1990, do local atualmente denominado como Planalto Ayrton Senna não se deu de forma isolada. A década de 1980 e o início dos anos 1990 foram marcados por um crescimento exacerbado dos limites da cidade e pelo inchaço da população de Fortaleza. Basta observar os dados demográficos dos Censos divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): em 1970, a população de Fortaleza era de 857.980 sujeitos; já em 1980, a população fortalezense chegava à marca de 1.307.611 habitantes; e em 1990, a marca era de 1.768.637 habitantes.

O movimento popular da cidade fervia e o conseqüente aparecimento de dezenas de ocupações assustava muita gente da Zona Leste, área nobre da capital cearense. A cidade que, até então, era dividida basicamente entre o Leste rico e o Oeste pobre, passou a se estender rumo à região sul. Muitos fatores políticos e econômicos contribuíram para a expansão no sentido de interiorização e uma conseqüente favelização da população.

Sobre o inchaço populacional de Fortaleza desse período, Araújo (2001) considera que alguns “estudiosos reconheciam a existência de uma aglomeração urbana, sobre a forma de «macrocefalia», determinada essencialmente pelo intenso processo de migração do interior para a capital, muitas vezes diretamente proveniente das áreas rurais” (ARAÚJO: 2001).

Após um período de constantes secas nas cidades situadas no sertão cearense, iniciado na década de 1960, pôde-se observar um êxodo-rural crescente para a capital. Com o deslocamento desse contingente para Fortaleza, a situação imobiliária da cidade ficou ainda mais precária. A região Oeste da Cidade (representada, principalmente, pelo Grande Pirambu, que congrega vários bairros periféricos) não comportava mais os novos moradores. Além disso, muitas famílias do Pirambu foram desabrigadas para a construção da Avenida Leste Oeste, que objetivava facilitar o escoamento da produção das fábricas do Oeste ao Porto do Mucuripe (na Zona Leste).

O surgimento, na década de 1980, do Polo Industrial de Maracanaú (município ao sul da capital) também contribuiu para a mobilização na região sul de Fortaleza de grande parte desse contingente, necessitado de novas oportunidades de emprego numa Fortaleza quase desconhecida (pelos imigrantes) e sem oportunidades profissionais.

Somado aos imigrantes, havia os moradores da Zona Oeste, que, após o declínio das fábricas dessa região¹³, foram obrigados a se deslocarem para o sul de Fortaleza, nas proximidades das novas oportunidades de emprego, em Maracanaú. A crescente industrialização da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF)¹⁴ contribuiu enormemente para o deslocamento de famílias de origem rural para os espaços urbano-industriais.

Apesar de referir-se às cidades dos “países desenvolvidos” europeus, a descrição de Lefebvre, citada por Araújo (2001), pode retratar, de modo geral, o processo de metropolização pelo qual as cidades industrializadas passam:

"Atualmente [1991], portanto, aprofunda-se um processo induzido que se pode chamar de a ‘implosão-explosão’ da cidade o fenômeno urbano se estende sobre uma grande parte do território, nos grandes países industriais[...]Esse território está encerrado num tecido urbano cada vez mais cerrado, não sem diferenciações locais e sem ampliação da divisão (técnica e social) do trabalho para as regiões, aglomerações e cidades[...]as concentrações urbanas tornam-se gigantescas; as populações se amontoam atingindo densidades inquietantes [...]as pessoas se deslocam para as periferias distantes, residenciais ou produtivas[...]O tecido urbano[...]é suporte de um ‘modo de viver’ mais ou menos intenso ou degradado: a sociedade urbana[...]trazidos pelo tecido urbano, a sociedade e a vida urbana penetram nos campos[...]”(LEFEBVRE, 1991: 10-11 *apud* ARAÚJO, 2001).

O conceito de periferia só pode ser traçado quando comparado ao centro de algo. Neste caso, periferia não corresponde a uma demarcação geográfica, e sim, a uma definição urbanístico-sociológica. O termo “refere-se àquelas áreas ou espaços urbanos que, por contarem com infra-estrutura social deficiente, convertem-se em locais de residências das camadas mais pobres da estrutura social urbana” (ABRAMOVAY: 2004, p. 24).

No âmbito da política local, Maria Luiza Fontenelle (à época, do PT) era eleita prefeita de Fortaleza em 1986, com amplo apoio dos segmentos populares. Em sua gestão, os segmentos sociais excluídos dos processos políticos e econômicos da cidade ganhavam força e passavam a se organizar para reivindicar por condições dignas de sobrevivência. A questão fundiária encabeçou essas lutas populares urbanas.

O contexto político inédito na cidade somado ao apoio dado por várias Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s), ligadas aos segmentos mais progressistas da

¹³Os industriais cearenses do início do século XX construíram suas casas nas proximidades de suas fábricas, principalmente no bairro Jacarecanga, Zona Oeste da cidade. Com a proliferação de vilas de operários ao redor dessas fábricas, a elite da época deslocou-se para a Zona Leste, mudando o perfil econômico do Oeste.

¹⁴ A RMF foi instituída pela Lei Complementar n.º14/73, compreendendo os municípios de Fortaleza, Caucaia, Maranguape, Pacatuba e Aquiraz.

Igreja Católica, impulsionaram o crescimento e surgimento de várias entidades ligadas à questão da moradia em Fortaleza.

Além desses fatores, o fato de os sindicatos ainda estarem bastante atrelados ao Estado, heranças do regime militar (1964-1984), motivou o deslocamento de muitos militantes para o interior das entidades populares que ganhavam corpo. Esse é o caso da Central dos Movimentos Populares; Jornada de Luta Contra a Fome; União das Comunidades de Fortaleza; e Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza. Com o apoio de vários setores e docentes das universidades do Estado, essas entidades conseguiram articular várias ocupações na cidade, principalmente na região Oeste (Quintino Cunha, por exemplo), Sudeste (Messejana) e Sul (nas proximidades do Mondubim).

Mesmo com a criação da Jornada de Luta Contra a Fome, na década de 1970, havia um desejo de formar a União das Comunidades de Fortaleza,

[...] um movimento mais institucionalizado, legalizado, com sede própria... E aí surgiu a idéia de fazer essa luta da moradia para todos, educação, frentes de serviços, a questão a ecologia, da defesa do [rio] Cocó, dos coqueiros, das dunas. E surgiu ocupação do bairro Quintino Cunha e aí, em 87, 88 e 89, foi uma grande movimentação na cidade pelas ocupações e nunca mais parou. Foram três anos ferrenhos de ocupação. Ao mesmo tempo que foram surgindo ocupações, foram surgindo parcerias com algumas ONG's, que fizeram um estudo mais teórico com o pessoal dos bairros. Foi uma troca entre a teoria e a prática (José Carlos Rodrigues, o Carlão, presidente da União das Comunidades de Fortaleza de 1988 a 1990, entrevistado em 19/09/07).

Devido à expansão dos limites urbanos de Fortaleza, a administração da grande metrópole tornou-se praticamente inviável. Dessa forma, a cidade foi dividida em seis Secretarias Executivas Regionais (SER)¹⁵, criadas em 29/01/1997 pela Lei municipal nº 8.000. O objetivo foi de descentralizar a administração municipal e facilitar a execução das funções municipais. O bairro Planalto Ayrton Senna está sob a administração da SER V, denominada de Grande Mondubim.

Esse contexto de dificuldades fez com que tanto as lideranças comunitárias, quantos os moradores de modo mais amplo buscassem alternativas para solucionar os problemas mais urgentes enfrentados pelo bairro.

¹⁵Além das seis já existentes, em 2009, a prefeita Luizianne Lins criou uma secretaria responsável pelo Centro da cidade, denominada de Secretaria Executiva Regional do Centro (Sercefór). As demais são: SER I – Grande Barra do Ceará; SER II – Grande Mucuripe; SER III – Grande Antônio Bezerra; SER IV – Grande Parangaba; SER V – Grande Mondubim; SER VI – Grande Messejana.

O enfrentamento dos obstáculos políticos, econômicos e culturais ocasionou nos primeiros ocupantes uma sensação de vitórias, conquistas, motivo pelo qual se orgulham de algumas artimanhas adotadas para adquirir benefícios como água e energia elétrica. Após diversos conflitos com o poder público, a comunidade recebeu energia, em 1993; quatro telefones públicos, em 1996; e água encanada, em 1997. Antes os moradores dependiam de lamparinas e de apenas duas cacimbas de água.

Antes de 1993, a energia era “roubada” de postes das comunidades vizinhas, através de fios feitos com palha de carnaúba. Antônio Carlos e Giseuda são moradores do bairro. Eles contam em documentário da TV Janela, cada qual em sua casa, como ocorreu a Passeata da Lamparina, em 1991. A passeata teve como objetivo pressionar o poder público para a instalação de energia elétrica no bairro.

- Antônio Carlos: O pessoal do Pantanal sentiu uma grande necessidade de progresso. Tudo que a gente pedia, o pessoal corria.
- Giseuda: Todo mundo dava um bocado de fio, né? E a gente ia fazendo umas gambiarras, cada um puxava o fio pra sua casa. [...]
- Giseuda: Trazia lá do colégio, de postes, [fios feitos] de carnaúba.
- Antônio Carlos: Toda sexta, a Coelce [Companhia Energética do Ceará] vinha e arrancava os fios e levava as carnaúbas.
- Giseuda: Tinha um espião na [rua] Central [nome oficial “Joaquim dos Anjos”], né? E quando ela [Coelce] vinha, a gente aqui, em baixo, já sabia que ela tava em cima, tirando [as carnaúbas]. Aí a gente tirava os nossos. Aí juntava todo mundo que tinha seus fios da gambiarra e tirava. [...]
- Giseuda: Nós convidamos e fizemos uma reunião aonde hoje é a União dos Moradores do Pantanal. Aí todo mundo chegou junto. [...]
- Giseuda: Então nós bolamos, juntou todo mundo, nós fizemos à noite, né? Dali de cima até o campo, onde hoje é o CIES, todo mundo com a sua lamparina, sua vela, foi bom.
- Antônio Carlos: Conseguimos juntar uma média de 2.000 pessoas, com lamparina, pau, corda, vela, isqueiro... O que tinha que fizesse fogo, fumaça, que o povo pudesse ver, nós juntamos.
- Giseuda: Então as autoridades se juntaram e colocaram a nossa luz rapidinho.
- Antônio Carlos: Logo, logo, a Coelce deixou de vir cortar as nossas gambiarras. O resultado foi essa passeata, que essa maravilha. Nós estamos hoje tranquilos.
- Giseuda: Tou há 15 anos aqui e a gente se realizou-se bastante.

O “jeitinho brasileiro” é geralmente mais recorrente em situações adversas. A partir das pesquisas realizadas com diversos sujeitos de várias cidades brasileiras, Barbosa (1992) aponta que o “jeitinho” é, de modo geral, considerado pelo brasileiro como uma instituição ora positiva, ora negativa. Durante a pesquisa da autora, os

entrevistados apontaram que o jeitinho aparece entre o favor (instituição considerada positiva) e a corrupção (considerada negativa). Eles consideraram que

Esse valores positivos e negativos relacionam-se, na verdade, a contextos e domínios que estão sendo tomados como paradigmáticos na definição do país. Quando se privilegia as esferas políticas e econômicas, o *jeitinho* emerge como um produto direto das distorções institucionais brasileiras. Quando, por outro lado, se considera como significativo o domínio das relações sociais, ele surge como um mecanismo salutar, humano e positivo que promove ajustes face às imponderabilidades da vida e humaniza as regras a partir da igualdade moral entre os homens e das desigualdades sociais (BARBOSA, 1992, p. 49).

Os líderes comunitários geralmente são associados pelos demais membros da comunidade como esses agentes que promovem, acentuam ou sugerem a adoção dos vários “jeitinhos” cotidianos, responsável pela solução de muitos problemas estruturais e simbólicos do local.

2.4.1. Líderes: contar a história da comunidade como forma de se contar

“Quem sabe contar isso bem direitinho é a Liege”. “A Liege foi quem organizou a invasão”. “A Liege já foi presa três vezes”. Boa parte dos moradores por que passo nas ruas e que questiono sobre a biografia da comunidade indica Liege Costa, de 60 anos de idade, como a sabedora da história, aparentemente, reconhecida como “confiável”. A atuação política dela dentro da comunidade parece respaldá-la como fonte histórica oficial.

De fato, se hoje Liege não tem muita credibilidade e respeito de grande parte dos moradores do Pantanal, ao menos já os possuiu um dia, pois foi ela quem organizou a lista de famílias e as reuniões mensais para a ocupação das terras em 1990, ainda morando no bairro vizinho – o José Walter – e exercendo a função de cabeleireira em seu próprio salão de beleza.

“Ela deve tá jogando baralho e bebendo na calçada do CIES” (Centro Integrado de Educação e Saúde), diz-me um grupo de moradores, indicando-me o possível paradeiro de Liege. E eles acertam. Sentada em banco pequeno e baixo de madeira e rodeada por três homens de sua mesma faixa etária, ela fuma um cigarro muito

tranquilamente e lança as cartas sobre um pedaço de madeira fino, estreito e improvisado como mesa.

Ela é baixa, morena, tem traços faciais indígenas e tingem os cabelos curtos e volumosos de loiro. Conversa baixo, sorri de modo muito contido e me leva até sua casa, onde também funciona a associação que preside, a Associação Comunitária São Francisco.

A fala dela nos leva a um cenário de resistências e conquistas possibilitadas pela sua própria atuação política durante e após a ocupação.

A minha intenção era fazer a maior invasão da América Latina dentro de uma capital, porque eles [as demais ocupações de Fortaleza] invadem terras pequenas e em locais proibidos, onde não pode haver uma invasão, como existe aqui, dentro de Fortaleza: ali, na Aldeota, na Beira-Mar, essas coisas todas. Então eu resolvi, estudei a terra e disse: “É aqui mesmo”. Aqui não alaga, aqui não tem lama e é aqui onde o povo vai ficar (Liege Costa, liderança comunitária e presidente da Associação Comunitária São Francisco).

Há quem diga que Liege não “preparou a invasão por bondade”, e sim, porque recebia mensalmente das famílias inscritas um valor que ninguém sabe, ao certo, para que servia. No entanto, os depoimentos contrários à Liege só partiram de outras lideranças comunitárias e, por isso, os consideramos como relatos motivados por dissidências políticas e pessoais.

“Eu sou juíza, sou advogada, sou tudo aqui dentro”, afirma Liege, que diz ser amiga de Ciro Gomes (à época, governador do Estado, de 1991 a 1994) e inimiga de Tasso Jereissati (então ex-governador, de 1987 a 1991). “Quando eu cheguei no gabinete do Ciro, ele disse: ‘Por que você não disse que era você, Liege?’”, conta Liege referindo-se ao dia em que procurou Ciro, então governador, para resolver questões ligadas à ocupação.

Já da porta de sua casa, Liege aponta o prédio do Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider, um centro feito pelo Governo do Estado, durante a gestão de Tasso Jereissati, para reabilitação de adolescentes em conflito com a lei, o que causa certa tensão entre os moradores da comunidade, pela possibilidade de rebeliões e fugas. “Isso aí foi o Tasso que fez pra me provocar”, Liege fala em tom de rancor.

Em nenhum momento, a comunidade é descrita como agente das lutas de inserção e permanência na terra. Assim como ela mesma, quem também é descrito

como sujeito – passível de agência – são os políticos cearenses Ciro Gomes e Tasso Jereissati, assim como delegados de polícia e outros representantes da lei ou da força. Dessa forma, Liege se coloca na condição de sujeito tradicional da história: destaca-se dos “demais” da comunidade ao se colocar como referência, numa postura também característica da sociedade patriarcal, em que os “ícones heroicos” prevalecem.

É perceptível no discurso de algumas lideranças o interesse em personificar a história da comunidade através de suas próprias ações. A ação comunitária parece não existir na fala de muitos, mesmo quando questionados sobre a existência dela. “Ninguém move uma palha aqui. O pessoal não vai nem pra reunião”, opina uma das lideranças. Os moradores “comuns” seriam átomos, movidos de um lado para o outro pela luta específica de um ou de outro líder.

Percebemos, dessa forma, que as lideranças do bairro consideram como “atuação” aquela feita dentro e através das instituições políticas formais e já tradicionais na sociedade. Esse seria o caso das associações comunitárias, que são respaldadas, inclusive, pelos poderes Legislativo e Executivo da cidade e do Estado.

Liege, por exemplo, afirma ter sido recebida por Ciro Gomes, e isso não seria possível se ela não fosse uma representante formal dos moradores do Pantanal. A atuação cotidiana, o poder simbólico dos discursos e as formas de burlar, mesmo que inconscientemente, as normas estabelecidas por leis não são consideradas, neste caso, como atuações políticas.

As relações políticas estabelecidas entre lideranças comunitárias e moradores das periferias das grandes cidades tem por base a política mandonista construída historicamente pelos governos brasileiro, principalmente, na região Nordeste. Carvalho (1997) classifica mandonismo como o resultado de estruturas oligárquicas e personalizadas de poder.

Segundo o autor, mandonismo caracteriza a política tradicional, existindo desde o início da colonização brasileira (1530) e sobrevivendo hoje “em regiões isoladas”, sem força nacional, como em outrora. Na avaliação de Carvalho (1997, p. 3), a tendência é que o mandonismo “desapareça completamente à medida que os direitos civis e políticos alcancem todos os cidadãos”. E, dessa forma, talvez se mantenha vivo apenas no imaginário do “mandões”.

“O mandão, o potentado, o chefe, ou mesmo o coronel como indivíduo, é aquele que, em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política” (CARVALHO, 1997, p. 3).

Como exemplo desse personalismo, remontemo-nos ao dia 28 de abril de 2007, em uma noite de sábado, quando Liege organizou, no bairro, uma apresentação do Maracatu Nação Fortaleza, do qual faz parte. O maracatu saiu em cortejo, às 19h, da escola Adalberto Studart Filho, na rua São Francisco de Assis, até a creche do CIES, na rua Antônio Pereira. Liege faz parte do maracatu e desfila como baiana, misturando-se entre os demais, sem se destacar, nem demonstrar interesse por visibilidade.

No entanto, durante todo o percurso, o motorista de um mini-trio elétrico parava o automóvel, descia e falava ao microfone: “Esse é o Maracatu Nação Fortaleza no seu bairro, mostrando o que há de melhor na cultura pra você, aqui, do Pantanal. Com o apoio dessa liderança comunitária forte, Liege Costa. Essa, sim, se preocupa com o bem estar da comunidade. E com o apoio cultural da vereadora Nelba Fortaleza” (PTB).

As palavras do motorista marcavam a propriedade do evento e conferiam visibilidade à organizadora. Na pintura amarela do carro, o slogan da vereadora: “Nelba Fortaleza. Vereadora por você”. Muitos moradores se aglomeravam nas calçadas e nos cruzamentos de ruas para ver o maracatu. Outros acompanhavam o cortejo. Ao entrar na rua Joaquim dos Anjos (conhecida como “Rua Central”), o maracatu atrapalha o trânsito dos carros consideravelmente. Parado no congestionamento, um motorista da linha “Planalto Ayrton Senna / Parangaba” reclama: “Bando de desocupados!”.

Em conversas informais com os moradores, é possível identificar as consequências desse discurso personalista de parte das lideranças e do sistema patriarcal como um todo: eles próprios, principalmente entre os mais antigos, de modo geral, não atribuem a si ou à coletividade as conquistas alcançadas; e sim, a algum líder. Liege é a liderança mais citada; e a União do Moradores do Pantanal (UMP)¹⁶, a associação mais lembrada.

Não podemos perder de vista a influência que as lideranças comunitárias e, conseqüentemente, seus discursos possuem nas comunidades periféricas das cidades. É possível que o discurso comum, compartilhado pelos moradores, identificado durante a

¹⁶ Essa e outras entidades serão descritas mais adiante.

pesquisa, sofra influência dos formadores de opinião, os líderes. Claro que, na rede comunicativa que se estabelece entre os vários sujeitos, todos eles constroem, ou reconstróem, novos discursos. No entanto, algumas mediações culturais vão influenciar de modo mais intenso as formações de opinião e os imaginários coletivos.

Outro aspecto importante é que várias ruas possuem nome de parentes de Liege. A homenagem, no entanto, não leva em consideração o vínculo dessas pessoas com a comunidade. Algumas nem mesmo moraram lá. Representam no imaginário da comunidade, portanto, “o nome do pai da fundadora” ou “o nome do avô de Liege”, talvez uma forma, aparentemente, menos autoritária e menos personalista de contar sua própria história através da história e dos símbolos da comunidade.

Quem esteve ligado à Liege Costa durante os primeiros anos após a ocupação foi o ex-líder comunitário Aluizio Moura. Aluizio guarda muitas mágoas do Pantanal, aparentemente por não ter sido reconhecido pelos moradores da forma como achava que deveria. Hoje, mora em uma pequena casa na comunidade da Praia de Iracema (região norte da cidade, extremo oposto do Pantanal) e trabalha como vigia noturno por uma empresa terceirizada de segurança, embora mantenha uma pequena escola de ensino infantil na comunidade vizinha ao Pantanal, o Arvoredo.

Nesse tempo [período da ocupação], a manda-chuva, quem mandava em tudo mesmo, era a Liege Costa. [Quando Liege foi presa], apareceu muita gente pra dizer que “fui eu, fui eu, fui eu”. Mas no fundo, no fundo, eu vivia por trás disso aí [das realizações], porque eu tinha o apoio do prefeito, eu tinha o apoio do governador, que se chamava Ciro Gomes, ele me deu todo apoio, como me deu apoio Valdenor e Chico, que hoje são dessa associação, União dos Moradores do Pantanal (Aluizio Moura, ex-liderança comunitária).

Aluizio já era comerciário antes de morar no Pantanal: possuía um depósito de construção. Vivia numa “casa muito boa”, em outro bairro de Fortaleza, mas a perdeu para a ex-mulher porque se separou. Foi “mandado” por Liege a fazer a planta do Pantanal. Aluizio não tem perfil de liderança e não é lembrado como tal. A escola que carrega seu próprio nome demonstra um pouco do personalismo e do interesse por tornar-se referência no bairro.

Depois que já tava todo mundo nas suas casinhas, já tava passando ônibus; não era asfalto, eu consegui o asfalto pra passar o ônibus... A linha de ônibus quem conseguiu foi a Liege Costa, não fui eu... Aí eu pensei: “Bom, um movimento danado nesse Pantanal... Vou fazer uma feira, vou convidar o

peçoal pra fazer uma feira”. Aí eu fui atrás do Chico Careca, um camarada que, até hoje, tá na feira. “Chico, vamos inventar uma feira naquela rua da farmácia!”. “Bora!”. “Pois vamos juntar 50 pessoas e vamos marcar uma reunião”. Aí convidamos os comerciantes e mais e mais pessoas. Conseguimos chamar o Chico, o Mão Branca, o Afonso, Antônio Belém, o Tico... E mais e mais pessoas. “Vamos começar sábado”. Quando foi sábado, não tinham 50, tinham mais de 100 pessoas. Era no chão, banquinha com café, era churrasco, era cachaça. A Ceasa é bem pertinho, né? Não deixava do peçoal querer fazer uma feira (Aluizio Moura, ex-liderança comunitária).



Figuras 4
Feira do Pantanal em 2007

Aluizio considera-se, em seu discurso, o fundador da Feira do Pantanal (surgida em 1993), um dos equipamentos econômicos mais importantes da comunidade. A Feira do Pantanal representou para a comunidade uma forma alternativa de sustentação financeira. A proximidade da Ceasa (Central de Abastecimento S/A), na entrada do município de Maracanaú, facilitou a revenda dos produtos alimentícios, dos quais a comunidade necessitava, mas não acessava com facilidade devido à dificuldade de deslocamento até outras regiões de Fortaleza, como o Centro.

A estimativa de muitos moradores é de que cerca de setenta por cento deles (principalmente os homens) trabalham no comércio, principalmente na Ceasa, pela proximidade de sua localização. A pesquisa censitária¹⁷ realizada de fevereiro a junho de 2005 apenas na comunidade do Pantanal, e não no Planalto como um todo, revelou que, em um total de 3.508 residências e comércios visitados, há 1.148 pessoas trabalhando em atividades formais, 1.659 trabalhando informalmente e 2.971 pessoas desempregadas. A pesquisa percorreu 82 ruas e visitou 3.404 residências e 104 comércios. No entanto, apesar de ter sido chamada de censo, essa pesquisa não deu conta do todo da comunidade. Somente na Rua Joaquim dos Anjos, considerada a “Rua Central”, com apenas sete quarteirões, há cerca de cem pontos comerciais.

O Censo realizado pelo IDS contabilizou 3.456 casas de tijolo e três ainda de taipa. Dentre o total, 2.424 possuem fossa séptica, enquanto que 1.084 ainda não possuem fossa. Com relação ao acesso à água, 2.287 residências contam com água encanada; 180, com cacimbas; e 602, com caixas d'água, alimentadas por água de poço, através de motor.

Segundo os dados da pesquisa do IDS, há, na comunidade, 10.167 moradores, sendo 1.840 crianças de zero a sete anos de idade, 1.917 pré-adolescentes de oito a 15 anos, 1.766 adolescentes e jovens de 16 a 24 anos, 3.795 adultos de 25 a 50 anos e 849 adultos acima de 50 anos de idade.

São 1.148 trabalhadores em atividades formais, estando 762 ligados ao comércio; 208, a fábricas; e 178, a indústrias. Já na atividade informal, estariam vinculadas 1.659 pessoas, sendo 36 ligadas ao artesanato; sete, ao reforço escolar; 39, à facção; 131, à costura; e 1446, a outros. Ainda se tem um expressiva quantidade de desempregados: 2.971 pessoas. A renda per capita seria de 82,41 reais, ainda de acordo com a pesquisa.

¹⁷ A pesquisa foi realizada pelo IDS em parceria com o Consórcio Social da Juventude, através do Programa Primeiro Emprego do Governo Federal, e contou com apoio da União dos Moradores do Pantanal (UMP), da Associação Rainha da Paz, do Conselho de Integração Social (Intregassol) e da Capela Nossa Senhora do Rosário.

2.4.2. Outras formas de se enunciar

Aparentemente menos personalistas, as falas de Bárbara Severino (atual presidente da principal associação do bairro – União dos Moradores do Pantanal, a UMP) e de Davi Favela (integrante da Central Única das Favelas) apresentam o que considero aqui como um olhar diferenciado sobre o local. O olhar dos dois parece estar diretamente relacionado ao contato que estabelecem com a comunidade.

“Filha natural de Quixadá”, cidade no sertão cearense, Bárbara, de 61 anos de idade, está ligada a um grupo político dentro da comunidade que, historicamente, se opôs às práticas de Liege, compreendidas como autoritárias. Esse grupo esteve quase sempre à frente da direção da UMP, desde 1991 (data de fundação da associação). Essa é a única associação que faz eleições e possui estrutura própria, independentemente da casa de seus fundadores.

O pai de Bárbara Severino, já falecido, foi líder comunitário da comunidade e o fundador da UMP. É por esse histórico que Bárbara sempre preza em seu discurso. Embora tenha participado ativamente da ocupação da terra e das primeiras manifestações, o discurso de Bárbara não a coloca como realizadora das conquistas. Possui um armarinho, vizinho à bodega do seu marido, e uma cantina no Liceu do Pantanal¹⁸. Talvez por isso também, Bárbara relaciona-se bem com a comunidade e evita desavenças. Seu discurso é quase sempre marcado por um “nós”.

[Em 1991], a gente começou a associação [União dos Moradores do Pantanal], aí fomos trabalhar, fomos lutar pela energia, fomos lutar pela linha de ônibus, por água, aí daí por diante. E hoje tem tudo, né? [...] As grandes necessidades: era escuro, não tinha ônibus, a gente ia pegar ônibus no José Walter, maior perigo do mundo quando o pessoal ia trabalhar que vinha de lá pra cá... Tinham muitos assaltantes. E pra gente se ver livre disso aí, a gente pegou, botou três ônibus piratas aqui dentro, pra poder se manifestar contra as empresas [de ônibus], pras empresas poderem dar [uma linha]. Quando esses ônibus [piratas] passaram 15 dias aqui, aí a empresa Fortaleza se manifestou, aí que ficou a linha [legalizada]. (Bárbara Severino, atual presidente da União dos Moradores do Pantanal, UMP).

Um movimento também importante e bem mais informal dentro da comunidade é o hip hop¹⁹. Há dez anos, jovens da comunidade conheceram os elementos do hip hop

¹⁸ O nome oficial da escola é Liceu Professor Domingos Brasileiro

¹⁹ O hip hop surgiu em Nova Iorque, nos Estados Unidos, na década de 60, como um movimento cultural que discute questões sociais e reivindica o direito à livre expressão. É composto por quatro elementos: break (dança de rua), grafite, dj (disc-jockey) e mc (master of ceremonies).

(MC, DJ, break e grafite) através de moradores de bairros vizinhos e transpuseram as letras de confronto político – próprias desse estilo musical – para a realidade do Pantanal. Há uma utilização do discurso oral, informal e juvenil, como forma de atingir seu público-alvo: os jovens da periferia das grandes metrópoles. Hoje, são em média 150 adolescentes e jovens ligados direta e indiretamente ao movimento do bairro.

Parte dos integrantes do hip hop, de modo geral, já fizeram parte de gangues e/ou galeras das grandes cidades brasileiras (DIÓGENES: 1998). O movimento aposta na “violência direcionada”, que “é um modo de re-edição da força da palavra, e até mesmo na visão do hip hop, de uma recomposição da dinâmica da violência, em contraposição ao uso da força física” (DIÓGENES: 1998, 134).

O grafiteiro Davi Favela (sobrenome adotado por ele após a inserção no hip hop do bairro) fez parte de galeras do bairro e, por isso, já era bastante conhecido dentre os jovens do bairro mesmo antes de ajudar a criar o movimento no local. O jovem Davi considera que o objetivo do hip hop é de “conscientizar os jovens de periferia sobre as questões sociais e ajudar na auto-valorização através dos quatro elementos do hip hop”.

Entre pichações de integrantes de gangues e galeras do Pantanal, em muros de equipamentos públicos, os grafiteiros do hip hop assinam mensagens de paz e “consciência social”: “Dispensa o oitão contra os irmão q o inimigo da favela é outro” (sic); “Viva o amor e a flora / Sem isso favela chora”; “Sistema é a causa e nós a consequência” (sic); “Deixe o bazeado pra depois / legalize já o feijão com arroz” (sic); “O melhor amigo do povo é o próprio povo organizado”; “Crack só de bola” (sic).

A primeira, por exemplo, reforça um sentimento de comunidade, de convívio harmonioso entre os moradores do local e a busca por segurança. Ela tenta “conscientizar” os moradores de que todos ali são “consequências” de um mesmo sistema excludente e, por isso, devem se unir e lutar contra o sistema juntos.

Quando a gente era pequeno que tinha, na época, a GP, que era a Galera do Pantanal, contra os Primatas, que eram os caras lá, do José Walter. Então morreu muita gente. Na época do finado Peteca, que foi um dos caras que mais matou gente aqui, que era o cabeça das paradas. Ele era da GP, que depois foi CP, comando do Pantanal, e hoje é a PDP, Playboy"s do Pantanal. É uma das mais ativas daqui, do bairro. Eu participei da GP e da CP. Eu pichei mesmo dos meus 12 aos 19 anos, foi nessa que eu adquiri a técnica da grafitegem (integrante do movimento hip hop).

Davi Favela nasceu em outro bairro da periferia e muito cedo foi morar no Pantanal. Já participou de várias galeras do Pantanal, dentre elas algumas gangues. A maioria delas se definem pelo time que torcem. É hoje integrante da Central Única das Favelas (Cufa), movimento nacional de hip-hop. Desenvolve escolinha de break na comunidade, o que fez surgir um movimento forte de hip-hop entre os jovens do bairro. Faz grafites que aludem aos problemas sociais do Pantanal, muito semelhantes aos de qualquer periferia das grandes cidades.

A gente enfrentou um preconceito do caralho aqui dentro [no Pantanal], por [o hip hop] ser uma coisa nova, uma coisa de jovem, uma coisa dos “maluco de calça larga”, de chapéu atolado na cabeça. Então gerava um certo preconceito na comunidade. E o hip hop também foi uma das formas do pessoal se organizar, de organizar a juventude na hora de lutar pelas suas casas, atrás das coisas, da luz, da água. Por isso que eu vejo a necessidade mesmo de se organizar (Davi Favela, grafiteiro do movimento hip hop e integrante da Central Única das Favelas – Cufa).

Considerando-se que muitos moradores, principalmente mulheres, se queixam frequentemente de roubos realizados dentro da comunidade, levantamos a pista de pesquisa – não será aprofundada aqui – de que o discurso de Davi trata-se mais de um desejo de harmonia do que, de fato, de uma realidade da comunidade. Assim, consideramos que, dentre as lideranças, a compreensão de que a comunidade é unida não é construída de modo tão espontâneo, e sim, de modo militante, um “dever ser”.

Também queremos destacar aqui o caso do “finado Gavião”, ex-morador considerado liderança comunitária, morto na comunidade, em 2004. Ainda (ou principalmente) hoje, a comunidade o tem como um grande justiceiro. O fato é que Gavião chegou já na década de 2000 na comunidade, estabeleceu comércio (uma casa de shows e uma loja de confecção) e, principalmente por isso, sentia-se muito incomodado com os índices de violência da região.

Segundo muitos testemunhos informais, Gavião era conhecido por “andar armado” e “matar marginal”. É perceptível no discurso dos moradores uma aprovação dos atos de violência praticados pelo “finado” e uma sensação de conforto e segurança diante dessas práticas. Afinal, os homicídios eram cometidos “por um bom motivo”: assegurar a comunidade dos “bandidos”. E talvez por despreteger uns em detrimento da proteção das “pessoas de bem”, Gavião foi morto. “Os marginais odiavam Gavião”, opina um morador.

Em nossa análise, tanto as “causas” de Davi, quanto as de Gavião conseguiram um grande apelo popular dentro do bairro por possuírem grande público-alvo: respectivamente, os jovens com poucas opções culturais e os moradores amedrontados pela política de medo adotada em todas as metrópoles do país.

Há (ou houve, no caso do já falecido Gavião) entre os dois, no entanto, posturas bastante diferenciadas, se não na prática, ao menos de modo simbólico. Percebe-se que os jovens do hip hop receberam um impulso inicial dos “cabeças” do movimento, mas hoje já possuem certa autonomia na hora de compor, de ensaiar apresentações de break ou mesmo na hora de cuidar do espaço físico onde ocorrem os encontros semanais: a sede da UMP. Já na “luta contra os marginais”, os moradores amedrontados continuam sem atuar e não mais possuem o “herói” de antes.

2.4.3. Tornando-se referência: o líder que mudou o nome da comunidade

As várias relações de poder – que são estabelecidas a partir das inúmeras mediações cotidianas – contribuem para a construção de identidades sociais muitas vezes conflituosas. Em um espaço já ocupado por todos os lados e reivindicado por inúmeras lideranças comunitárias, sempre são necessárias formas novas e criativas de se inserir e ganhar respaldo. Sem dúvidas, quem ganhou destaque nessa empreitada foi o líder comunitário Adalberto Ribeiro, mais conhecido como Tukano²⁰, devido ao formato de seu nariz.

Formado em Teologia pela UCSAL (Universidade Católica do Salvador), Adalberto tem 37 anos de idade e é uma liderança comunitária que não vivenciou os primeiros momentos de formação da comunidade, tendo chegado ao local em 1994. Cheio de muita energia, as mãos falam junto com a boca, que tem cuidado de expressar um sorriso largo e constante. Muito magro, branco, de estatura mediana, Tukano anda apressado, fumando um cigarro comum, vestindo calça jeans básica e camisa básica larga, em direção à parada de ônibus. Lá pegará um transporte coletivo que o conduzirá a seu emprego, na Secretaria Executiva Regional (SER) IV de Fortaleza, uma espécie de subprefeitura da cidade. É chefe de fiscalização da secretaria, mas antes fora funcionário

²⁰ É importante ressaltar que o apelido “Tukano” não possui nenhuma relação com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), cujo símbolo é o pássaro tucano. Trata-se, na verdade, de uma alusão ao formato do nariz de Adalberto, que é filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB).

da Câmara Municipal de Fortaleza. No Ceará, representa o jornal comunista *Inverta*, com sede no Rio de Janeiro.

Ele mora com a esposa na rua mais extrema do bairro, já no limite com a cidade de Maracanaú. Em frente à sua casa, há uma escola que, por coincidência, carrega seu mesmo primeiro nome: Escola Municipal Adalberto Studart Filho. A associação que preside funciona como um anexo de sua casa, no compartimento de entrada.

Após ter criado cinco associações que não alcançaram prestígio na comunidade, Adalberto criou, em 2001, a Acodehs (Associação Comunitária para o Desenvolvimento Humano e Social) com o objetivo nada modesto de mudar o nome do bairro. A justificativa era de que a nomenclatura Pantanal representava “coisa pantanosa” e que estava estigmatizada como lugar “miserável” e “violento”.

Mesmo não tendo chegado ao Pantanal no início da ocupação, em 1990, Tukano conta com desenvoltura a história que não vivenciou, como se dela tivesse participado. Como não esteve no local durante esse período, sua atuação nesses primeiros momentos vividos pela comunidade parece que apenas foi omitida em seu discurso. Mas o interlocutor pode até ter a sensação de que Tukano esteve ali, pois ele descreve, com precisão, cenários e personagens da história do local.

Aqui era uma diversidade muito grande, de muita gente, né, de vários cantos, parecia mais uma Babilônia, ninguém se entendia muito, porque era muita cultura num canto só. Eu me lembro que, na época, nós participamos de vários eventos pela conquista da terra. Porque a gente sempre ouvia comentários: “Vai derrubar ali! Lá vem os tratores!”, havia essas ameaças que, de fato, não tinham consistência. Porque, pra se derrubar uma ocupação, é sabido que você precisa ter um mandado de reintegração de posse, né? E você só obtém esse mandado de reintegração de posse se você tiver documentalmente comprovado que é sua e que você paga os impostos, essa coisa toda. E essa gente não tinha. Eram terras, que a gente sabe, eram terras também ocupadas, só que por outro mecanismo, naturalmente. Provinha da época dos coronéis: os caras cercavam aqui, colocavam uma cerca aqui, tiravam 100, 200 metros e “estamos conversados” (Adalberto Ribeiro, o Tukano, liderança comunitária e presidente da Acodehs).

Historicamente, a comunidade do Pantanal tornou-se sinônimo de miséria e violência em Fortaleza, devido, principalmente, à Chacina do Pantanal. Apesar de esses estigmas serem comuns a quase todas as periferias das grandes cidades, alguns moradores, dizendo-se cansados do preconceito, decidiram “dar uma nova cara” ao bairro. Para eles, a mudança de nome mudaria a imagem do local. Essa decisão, no

entanto, foi “inventada” pelo Tukano, que, em 2001, mobilizou a população do bairro para participar de um plebiscito popular que definiria um novo nome para o bairro ou a manutenção da nomenclatura Pantanal, que, de antemão, foi depreciada por ele mesmo, em conversas informais com os moradores e em panfletos distribuídos pela comunidade.

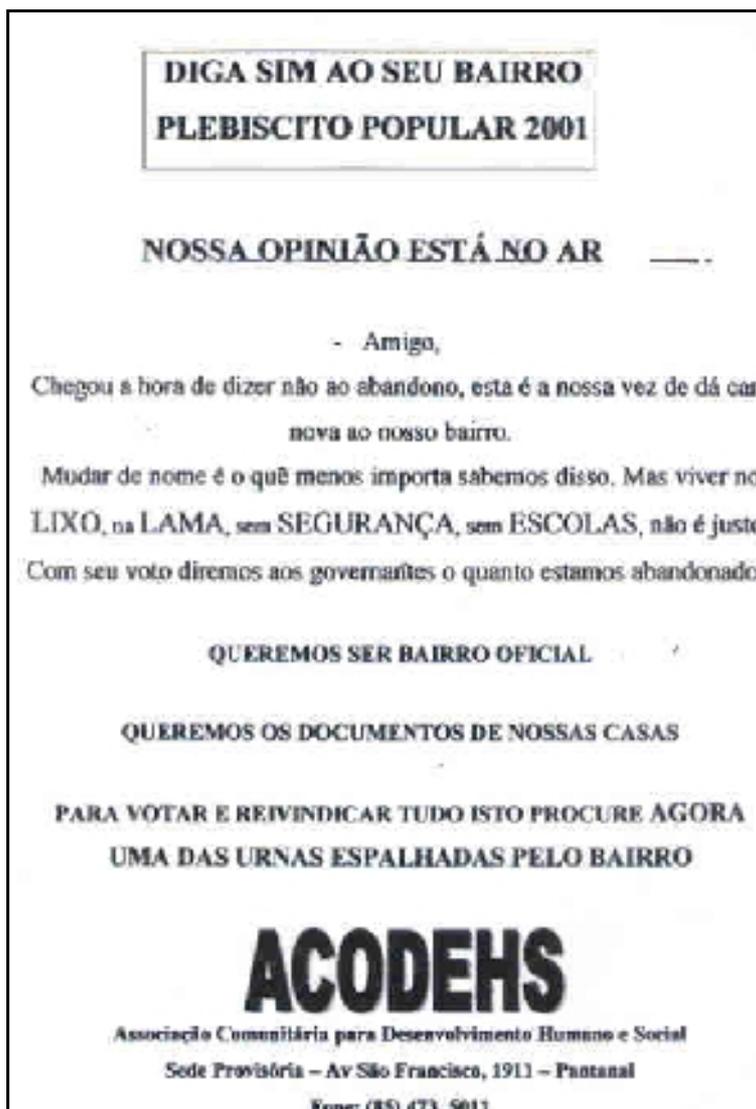


Figura 5
Em panfleto, Acodehs estimula participação da população no plebiscito

Em uma nota à comunidade, a Acodehs propagava suas idéias: “Amigo, chegou a hora de dizer não ao abandono, esta é a nossa vez de dá cara nova ao nosso bairro [alusão indireta à mudança de nome]. Mudar de nome é o que menos

importa sabemos disso [contraditoriamente, há uma referência direta à indiferença com relação ao nome]. Mas viver no LIXO, na LAMA, sem SEGURANÇA, sem ESCOLAS, não é justo. Com o seu voto diremos aos governantes o quanto estamos abandonados” [sic]. Se mudar de nome pouco importava, porque, então fazer um plebiscito, para escolher o nome? Afinal, estigmatizado ou não, a comunidade (ou o bairro) já possuía um nome.

Ao todo, 32 urnas foram espalhadas por todo o bairro durante os meses de maio e junho de 2001. Não havia nenhum controle sobre as votações, e os moradores podiam votar quantas vezes quisessem. Outro aspecto questionado por algumas lideranças comunitárias contrárias ao plebiscito foi o fato de muitos dos votantes sequer morarem no bairro, já que algumas urnas foram instaladas na feira do Pantanal, onde há muitos comerciantes de outros bairros da cidade.

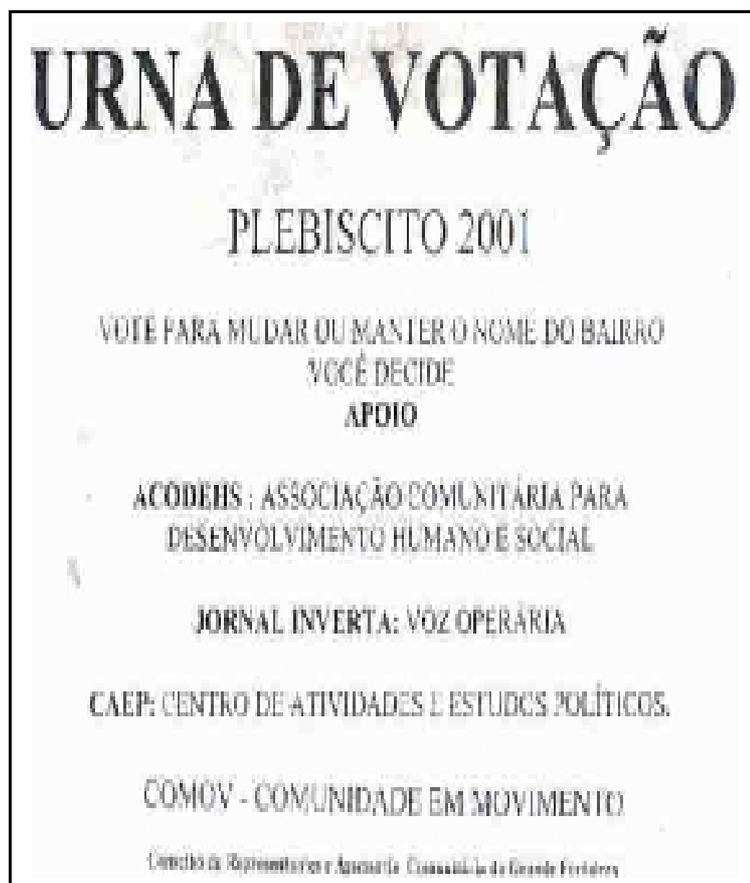


Figura 6
Papel pregado sobre as urnas espalhadas pelo bairro

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA PARA O DESENVOLVIMENTO URBANO E SOCIAL

ACODEHS

QUAL O NOME QUE VOCÊ DÁ PARA O SEU BARRIO?

Conjunto Habitacional Trindades

Conjunto Habitacional Ayrton Senna

Planalto Dragão do Mar

Planalto Cristo Rei

Conjunto Jardim Ouro Verde

Conjunto Atacaba do Sul

Planalto Nova Itália

Piedade não morde

Comunidade em Movimento

Unidade de Organização e Administração Comunitária da Grande Paraty

Figura 7
Cédula de votação, contendo oito possibilidades de nomes para o bairro

A falta de um órgão responsável pela fiscalização das urnas e apuração dos votos também foi questionada, assim como o fato de “Planalto Ayrton Senna” não ser uma das oito opções presentes na cédula, e sim, “Conjunto Habitacional Ayrton Senna”.

“Planalto” é o seguinte: pra podermos dar essa conotação de bairro, tinha que ser uma coisa bonita, né? Tinha que ser um negócio bonito. Tinha a sugestão do povo, mas tinha que ter a simplificação. Então planalto era a questão geográfica do local: um planalto, muito simples. Poderia ter ficado “Planície Ayrton Senna”. Mas como era um plano alto, que não alagava, nem nada, era exatamente pra dizer o contrário de pantanal, porque pantanal dava aquela impressão de alagamento, de num sei o que, de bicho, e não era nada disso, né? Mas quando a gente mexeu nessa questão da mudança, de batizar a comunidade, nós estávamos preocupados era com o preconceito que existia. Não era nem com o nome, não. Poderia continuar Pantanal, sem problema, mas que fosse um nome oficial, que tivesse registro, pra gente reivindicar, dizer: “Ó, nós existimos, queremos ser bairro oficial” (Adalberto Ribeiro, o Tukano, liderança comunitária e presidente da Acodehs).

Com os devidos cuidados para que o “espetáculo político” ganhasse o interesse da mídia local, a contagem dos votos foi feito em frente à Câmara Municipal da cidade,

onde mais tarde Tukano conseguiria a oficialização do novo nome do bairro. Segundo os dados apresentados pela Acodehs, foram 11.247 votos ao todo, sendo 3.363 (29,9%) para “Conjunto Habitacional Ayrton Senna”. Houve 833 votos para a opção “prefere não mudar” (7,4%)²¹. A apuração foi realizada no pátio da Câmara Municipal, no dia 26 de junho de 2001. Através do plebiscito, a associação ficou conhecida pela mídia como a associação que, de fato, representava a comunidade do Pantanal.



Figura 8

Matéria da editoria de Cidade do jornal Diário do Nordeste de 15 de abril de 2001

Quando o espetáculo ganhou ares midiáticos, os demais líderes comunitários, apoiados pelos moradores mais antigos, foram às ruas da comunidade e aos jornais da cidade para dizer que discordavam da mudança de nome. Eles alegaram que a medida poderia ocasionar a “perda de identidade” do bairro, um esquecimento da história da comunidade e do processo de construção do espaço. Obrigados a deixar de lado, momentaneamente, suas diferenças político-pessoais, os líderes contrários à medida de

²¹ Os demais votos foram para Tiradentes (1.008 votos, 9% do total), Dragão do Mar (1.213 votos, 10,8%), Jardim Ouro Verde (1.793 votos, 15,9%), Novo Brasil (768 votos, 6,8%), Cristo Rei (1.539 votos, 13,7%), Alameda do Sul (664 votos, 5,9%), brancos (18 votos, 0,2%) e nulos (48 votos, 0,4%).

Tukano organizaram o movimento Viva o Pantanal, realizando diversas manifestações pelo bairro, exigindo a manutenção do nome antigo do local.



Figura 9
Jornal O Povo noticia o Movimento Viva Pantanal; ao microfone,
a líder comunitária Liege Costa protesta contra a mudança de nome do bairro

Tukano justifica sua decisão de tocar o plebiscito sem consultar as demais lideranças comunitárias do bairro: ele alega que sua proposta não foi aceita pelas demais associações do bairro.

Fui aos antigos diretores da UMP. Na época, me negaram um apoio, negaram. “Não, porque a população tava muito bem, obrigado, não precisava disso”. Aí eu disse: “Rapaz, vamo fazer uma consulta...”, né? “Tem que fazer uma consulta, o povo tem que ser consultado pra saber se ele quer continuar nisso”, porque, além de você não existir oficialmente, você estava tachado como mais uma favela, sabe? Mais um eixo de favela da periferia. Isso não era verdade. Nós tínhamos aqui milhares de famílias. Nós já tínhamos condições de ter infra-estrutura, como escola e tal, essa coisa toda (Adalberto Ribeiro, o Tukano).

Bárbara é uma das lideranças comunitárias que, mesmo divergentes em outras questões, uniram forças no Movimento Viva Pantanal e tentaram impedir a oficialização do novo nome na Câmara de Vereadores de Fortaleza. Quando o assunto é Planalto Ayrton Senna, as feições e os discursos dos que participaram do movimento são de impotência, de luta (quase) perdida.

Isso aqui foi muito grande a expansão. Vamos dizer: se eu for lutar por um bairro, eu vou lutar pelo Pantanal. Quem sou eu pra lutar por outro bairro? E aqui tem sete, oito bairros encostados do Pantanal. Da avenida N à (avenida) Godofredo Maciel. Ó, você veja: tem algo a ver Marcos Freire (conjunto habitacional da comunidade Arvoredo) com Pantanal? Tem nada a ver! O que é que o pessoal do Marcos Freire quer se comparar com o povo do Pantanal?! Nem o povo do Pantanal! Sítio Córrego?! Sítio Córrego é outra coisa diferente de nós aqui, né? Aí ficou uma coisa muito grande. Quando o pessoal tá procurando rua, vem do Sítio Córrego procurar rua aqui. Vem do Mondubim procurar rua aqui. Vem de tudo quanto é lugar pro Pantanal (Bárbara Severino, atual presidente da União dos Moradores do Pantanal, UMP).

Pantanal e Planalto Ayrton Senna, em termos de delimitação espacial, não denominam um mesmo espaço, uma mesma vivência, nem um mesmo grupo social. Oficialmente, Pantanal é hoje apenas uma das oito comunidades que compõem esse espaço que, desde 2003, é chamado de Planalto Ayrton Senna. Antes, as oito faziam parte do bairro vizinho, o Mondubim.

Dentre os moradores, alguns não admitem ser chamados de “morador do Pantanal”, reivindicando o título Planalto Ayrton Senna. Já outros continuam falando com muita espontaneidade que moram no Pantanal. Dentre os jovens, a alusão ao Planalto Ayrton Senna e a recusa ao “pântano” é mais recorrente, o que demonstra que a adesão às ideias da Acodhes – uma associação bastante recente, cuja proposta desvinculou o nome do bairro não só os estigmas, mas a própria história e a memória – estão relacionadas à pequena interferência das mediações mais antigas da comunidade e à ínfima relação afetiva e temporal com o espaço.

Usando-se da proximidade com o correligionário e então vereador Rogério Pinheiro (PSB), Tukano conseguiu que a Câmara Municipal da cidade oficializasse o nome Planalto Ayrton Senna em 21 de fevereiro de 2003, através da lei nº 8699/03. No projeto de lei, enviado à Câmara em abril de 2002, Pinheiro justificava: “A iniciativa teve grande adesão, contando com a participação de 11.247 moradores, já que os mesmos há muito sentiam discriminados e até humilhados por estarem residindo em

uma área marcada pela fama de periculosa, especialmente após a chacina realizada em novembro de 93 que teve grande repercussão na imprensa”. O projeto ainda enfatizava o fato de a comunidade já ter condições estruturais para atingir sua autonomia como bairro: cerca de 105 ruas, 10 mil moradores, escolas, igrejas e supermercados.

Em meio às disputas políticas e aos vários líderes comunitários, a ânsia de Tukano por visibilidade marcou suas ações antes, durante e depois da aprovação do novo nome do bairro. Um ano após a aprovação do nome Planalto Ayrton Senna pelos vereadores de Fortaleza, por exemplo, o líder comunitário ainda buscava visibilidade ante os políticos da cidade e os jornais locais. Em 4 de julho de 2003, a Câmara Municipal realizava sessão da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) que apurava denúncias contra o ex-vereador da cidade e então deputado estadual Sérgio Benevides²², acusado de desviar recursos da merenda escolar das escolas públicas da capital cearense. Segurando prato e copinho de plástico vazios, Tukano foi à plenária da Casa legislativa e concentrou as atenções em si ao recitar uma poesia escrito por ele próprio sobre “tirar comida da boca das crianças”. Sua performance foi exibida pelo jornal O Povo de 5 de julho de 2003, cinco meses após a aprovação da mudança de nome do bairro na mesma Casa.



Figura 10

Aproveitando-se da cassação de um vereador de Fortaleza, Tukano realizou protesto na Câmara Municipal da cidade e foi clicado por jornal local

²² A Assembleia Legislativa do Ceará cassou o deputado estadual Sérgio Benevides (PMDB) em 27 de outubro de 2004 por quebra do decoro parlamentar. O deputado foi acusado de se beneficiar de um desvio de R\$ 1,8 milhão em recursos destinados à compra de merenda para escolas públicas de Fortaleza, quando ainda era vereador da cidade. O caso foi apurado por uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) na Câmara Municipal, ocasião em que Tukano realizou performance e se exibiu para os jornais locais.

Após a aprovação do nome Planalto Ayrton Senna pela Câmara Municipal de Fortaleza, considerando-se referência política dentro da comunidade, o líder comunitário colou sua imagem ao candidato a vereador Rogério Pinheiro²³ (PSB) durante a campanha eleitoral municipal de 2004. Com o objetivo de re-eleger o colega de partido, “sensível a nossa causa”, Tukano distribuiu panfletos pelo bairro, enfatizando que fora Pinheiro o responsável pelo projeto de lei de mudança do nome do bairro (lei municipal 8.699/03).



Figura 11
Em 2004, o líder Tukano (à esquerda) aproveitou-se da visibilidade alcançada pela mudança de nome do bairro para pedir votos para o colega de partido, o então vereador Rogério Pinheiro (à direita)

²³ Nas eleições de 2004, o candidato Rogério Pinheiro obteve apenas 4.268 votos (0,38% dos votos válidos) em toda a cidade de Fortaleza, não conseguindo se re-eleger como vereador.

Em abril de 2003, Rogério Pinheiro encaminhou à presidência da Câmara dos Vereadores um pedido para que a Cagece (Companhia de Água e Esgoto do Ceará), Coelce (Companhia Energética do Ceará) e a Telemar²⁴ realizassem a “atualização dos endereços das residências consumidoras do Pantanal, conforme a nova denominação daquela localidade, a qual foi oficializada como bairro 'Planalto Ayrton Senna', através da Lei n.º 8699/03”, diz um ofício assinado pelo parlamentar. Pinheiro ainda solicitou que a Câmara pedisse à Ettusa (Empresa de Trânsito e Transporte Urbano S.A.) a mudança de nome das duas linhas de ônibus que chegam ao bairro: a “Planalto Ayrton Senna / Centro” e a “Planalto Ayrton Senna / Parangaba”.

Aos poucos, os moradores foram se acostumando a receber contas de água, luz e telefone destinadas ao “Planalto Ayrton Senna” e a dar sinal para ônibus em cujos letreiros se lia o novo nome do bairro. Dessa forma, percebe-se o cuidado que Tukano teve de deixar sua “marca” em cada um desses pequenos “detalhes”, símbolos de poder que, incutidos diariamente na mente das pessoas, tentava minar o espaço político das demais lideranças comunitárias a partir da negação daquilo por que tanto prezavam: o nome de origem.

O personalismo de Tukano está constantemente presente em sua fala. Assim como Liege, o líder comunitário afirma ter se encontrado com Ciro Gomes: “Em 1994, nós fomos conversar com o Ciro: eu, Agamenon, Marlene, Cleiton e dois camaradas nossos. Quando eu cheguei, o Ciro perguntou: 'Você é o tucano?' 'Sou eu mesmo'. 'Ouvi falar de você'. 'É, todo mundo escuta”.

Tukano chegou a convidar o Instituto Ayrton Senna²⁵, localizado na cidade de São Paulo, para participar, em 19 de junho de 2003, de “uma festa de fundação do mais novo bairro de Fortal”, como dizia o email enviado ao organismo. Em resposta, o instituto se disse agradecido e se desculpou por não poder enviar representante, “por contarmos com uma equipe diminuta e muito envolvida com as atividades já planejadas para 2003”.

²⁴ Empresa telefônica vendida para a Oi em 2007.

²⁵ O Instituto Ayrton Senna é uma Organização Não Governamental criada pela família do piloto brasileiro de Fórmula 1 Ayrton Senna, falecido em 1994. O organismo desenvolve programas na área da educação, através da arrecadação dos direitos de imagem de Senna e das marcas Senna, Senninha e Senninha Baby.

2.4.4. As associações comunitárias

A existência de muitas associações comunitárias dentro do Pantanal demonstra as dissidências políticas e pessoais que há no bairro desde seu surgimento até hoje. Dentre elas, a única que possui sede própria, independentemente da residência de seus fundadores, é a União dos Moradores do Pantanal (UMP). Surgida em 1991, um ano após a ocupação da terra, a UMP se configurou como a associação mais democrática por realizar eleições periódicas. A diretoria não é fixa, mas pelos menos as últimas três gestões dialogam politicamente. Talvez devido a essa postura um pouco mais democrática, a UMP é tida pelos moradores como “a” associação comunitária dali.

Embora Liege Costa seja a primeira liderança comunitária do Pantanal, a associação da qual é fundadora (Associação Comunitária São Francisco) não parece ter força política nem simbólica dentro da comunidade. Funciona nos primeiros cômodos de sua própria casa, o que infere que sua vida pessoal e política dentro da comunidade estão extremamente imbricadas. Quando a figura de Liege é citada por algum morador, não há nenhuma referência à sua associação. É discutível até se é de conhecimento da comunidade a existência dessa entidade.

Além da UMP e da Associação São Francisco, há, pelo menos, cinco outras associações dentro da comunidade, algumas delas existindo apenas oficialmente: Associação Comunitária Cristã (ACC); Associação Beneficente do Pantanal (Abenp) - Doutor Wilson Gomes; Associação Comunidade Rainha da Paz (Acorpaz); Associação União Beneficente dos Moradores do Pantanal; Associação Comunitária do Pantanal (criada em 16 de junho de 1999 por Aluizio Moura); e Associação Comunitária para o Desenvolvimento Humano e Social (Acodehs, presidida por Tukano).

É importante lembrar também que, embora nenhuma dessas lideranças apresentadas aqui concorra a cargo político, muitas estão ligadas politicamente a algum partido ou candidato. Alguns se orgulham de conhecer deputados, governadores ou fazem campanha abertamente para candidatos. Pelo menos quatro desses políticos tentam angariar votos na comunidade: Portela; Wilson Gomes (que fundou “sua” própria associação, a Abenp, onde atende a comunidade gratuitamente); Nelba Fortaleza, do PMDB²⁶ (ligada à Liege); e Rogério Pinheiro, do PSB²⁷ (apoiado por

²⁶ Partido do Movimento Democrático Brasileiro, de centro.

²⁷ Partido Socialista Brasileiro, de centro-esquerda.

Tukano). Na fachada da UMP, por exemplo, cartazes, de 2006, do candidato a senador Moroni Torgan (ex-PFL, atual Democrata) e do candidato a governador Lúcio Alcântara (à época, PSDB) dividem espaço com a logomarca da gestão “Fortaleza Bela”, cuja prefeita é Luizianne Lins (PT²⁸). Isso se deve ao fato de o movimento hip hop do bairro, que se utiliza do espaço físico da associação, possuir afinidades com a atual gestão municipal, enquanto que a presidente da UMP, Bárbara Severino, discorda das políticas da atual prefeitura e é favorável aos candidatos citados.

Se ampliarmos aqui o entendimento acerca das “associações comunitárias”, podemos chegar a um dos movimentos mais fortes hoje entre os jovens da comunidade do Pantanal: o hip hop. O grafite (uma das expressões culturais do hip hop) e a pichação são compreendidos por Martin-Barbero (2006) como um exemplo “da criatividade estética popular na cidade”. Para o autor, “talvez seja o grafite a [expressão] que mais apresenta uma transformação mais sintomática das mudanças em curso no modo de existência do popular urbano”.

Nas letras do rapers da comunidade, são identificáveis inúmeras críticas à sociedade de consumo, uma consciência de classe e da sua condição subalterna dentro da cidade. Por ser um movimento que atinge muitos jovens da comunidade, o hip hop torna-se, na prática, uma das mediações comunitárias que mais radicaliza na crítica social e que, conseqüentemente, contribuem mais ativamente para a transformação das representações e das identidades culturais dos jovens do bairro.

2.4.5. A TV Janela e o Instituto de Desenvolvimento Social

Em sua análise das representações sociais, Serge Moscovici (2003) considera que as nossas reações e formas de interpretação de um fenômeno social qualquer estão relacionadas à forma como os membros da comunidade à qual pertencemos também o percebem. Para o autor, as representações sociais

[...] nos orientam em direção ao que é visível, como aquilo a que nós temos de responder; ou que relacionam a aparência à realidade; ou de novo aquilo que define essa realidade. Eu não quero dizer que tais representações não correspondem a algo que nós chamamos o mundo externo. Eu simplesmente percebo eu, no que se refere à realidade, essas representações são tudo o que

²⁸ Partido dos Trabalhadores, que está na administração municipal desde 2005, através da figura da prefeita Luizianne Lins.

nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos, como cognitivos, estão ajustados (MOSCOVICI, 2003, p. 31-32).

Dessa forma, podemos considerar que as representações apresentadas pelas mídias (em particular, pelos vídeos da TV Janela), partem de uma concepção cultural, atrelada a interesses econômicos, sociais, políticos; às vivências cotidianas de quem os produz; do momento histórico em que elas estão inseridas; das necessidades de seus públicos; e de vários outros aspectos culturais que, por serem dinâmicos, transformam cotidianamente essas representações sociais.

E é nessa possibilidade de transformação das representações sociais a partir da transformação da própria cultura que os idealizadores e produtores da TV Janela, conscientemente ou não, se apoiam para alcançar essa mudança de representação acerca do espaço comunitário.

O Instituto de Desenvolvimento Social surge na comunidade em 1999 e, em 2004, cria seu principal projeto: a TV Janela. Pensada como projeto de capacitação de jovens da comunidade na área do audiovisual, a TV Janela produz vídeos populares, gravados na própria comunidade, que são exibidos mensalmente nas ruas do bairro para cerca de 300 moradores.

Ainda não sabemos (se é que isso um dia será possível) quais são as efetivas contribuições dos vídeos para a reconstrução dos imaginários dos moradores acerca do próprio bairro. No entanto, a movimentação que esses vídeos causam dentre os moradores (tanto produtores, quanto receptores) já transforma a dinâmica cotidiana e, por isso, deve ser considerada como um equipamento que, pelo menos, altera a lógica comunitária.

Os adolescentes envolvidos no projeto, além de mais à frente se inserirem no mercado de audiovisual da cidade, passam a compreender o bairro por outra perspectiva, bem mais positiva. Se antes parte dos adolescentes não tinham contato efetivo com o espaço em que moravam – conhecendo as entranhas dessa vida comunitária, hoje eles circulam pelo território do Pantanal com mais desenvoltura e acessam as memórias dos moradores mais antigos através de entrevistas.

Esse é, inclusive, um ponto fundamental que faz da TV Janela um equipamento comunitário. Ao entrevistar moradores mais antigos da comunidade, os vídeos da TV Janela transpõem para o documental aquilo que era “apenas” fala de velhos. Numa

sociedade marcada pelos aparatos técnicos, a oralidade e, conseqüentemente, o conteúdo das falas ganham ênfase e são celebrados ao serem mediados pelas técnicas audiovisuais.

Os receptores, ao menos, podem identificar nos vídeos a sua própria comunidade, produzidos não por câmeras e estúdios de empresas de comunicação situadas não se sabe em que local da cidade, mas por produtores da comunidade e por câmeras e estúdios de um equipamento situado a poucas quadras dali. A relação com o audiovisual, dessa forma, pode ser minimamente modificada, desmitificando processos e, na familiarização desses, aproximando a vida cotidiana das mediações culturais.

2.5. Apropriação, negação e produção cultural

Raymond Williams (1992) pondera que há na cultura algo de muito abrangente, traços perceptíveis na sociedade como um todo, mas também há algo de muito específico e complexo, que será estabelecido no cotidiano de um grupo social.

Dessa forma, Williams avalia que muitas teorias sociológicas não conseguem interpretar os pequenos grupos comunitários, locais. A antropologia surge com essa preocupação localizada, objetivando compreender as peculiaridades de cada grupo.

Consideramos que as representações sociais, as identidades culturais, as relações de poder, as concepções de comunidade e as estruturas sociais muitas vezes hierarquizadas são traços culturais que não se resumem àquele grupo apenas. Eles compõem, de modo geral, a teia mais ampla de relações sociais que são estabelecidas nas sociedades capitalistas atuais.

Em *Ideologia e Cultura Moderna* (1995), John B. Thompson aponta duas concepções antropológicas de cultura e sugere uma terceira. A primeira seria a concepção descritiva, que se proporia a analisar, classificar e comparar os elementos que compõem as várias culturas existentes. Segundo o autor, os teóricos dessa concepção compreendiam que “a cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade” (Thompson, 1995, p. 173).

Já a concepção simbólica – utilizada, ainda segundo Thompson, pelo antropólogo Clifford Geertz em suas interpretações da cultura – considera que “cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças” (Thompson, 1995, p. 176).

Considerada por Geertz (1989: 8) como “documento de atuação”, a cultura é apontada pelo autor como pública. “Embora uma ideiação, não existe na cabeça de alguém; embora não-física, não é uma identidade oculta”. O caráter público da cultura está relacionado, segundo ao autor, ao fato de o significado também ser público. “Você não pode piscar (ou caricaturar a piscadela) sem saber o que é considerado uma piscadela ou como contrair, fisicamente, suas pálpebras”, exemplifica o autor (idem: 9).

Embora faça alguns elogios à formulação de Geertz, Thompson (1995: 179) pondera sobre três “dificuldades e fraquezas” desse antropólogo. Como as duas primeiras não estão diretamente ligadas à discussão que levantamos no momento – como uma concepção superou ou ampliou outra –, focaremos na terceira dificuldade, que seria a “atenção insuficiente aos problemas de conflito social de poder”.

Os fenômenos culturais são vistos, acima de tudo, como constructos significativos, como formas simbólicas, e a análise da cultura é entendida como a interpretação dos padrões de significado incorporados a essas formas. Mas os fenômenos culturais também estão implicados em relações de poder e conflito. As ações e manifestações verbais do dia-a-dia, assim como fenômenos mais elaborados, tais como rituais, festivais e obras de arte, são sempre produzidos ou realizados em circunstâncias sócio-históricas particulares, por indivíduos específicos providos de certos recursos e possuidores de diferentes graus de poder e autoridade [...] (Thompson, 1995, p. 180).

É por apontar essas dificuldades acerca da concepção proposta por Geertz que Thompson propõe a concepção de cultura denominada de “estrutural”. Essa concepção define “análise cultural” como:

“estudo das formas simbólicas – isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro do quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas” (Thompson, 1995, p. 181).

Thompson ressalta cinco características das formas simbólicas de cultura: elas são “intencionais” porque “são expressões de um sujeito e para um sujeito” (p. 183); são “convencionais” porque “a produção, construção ou emprego das formas simbólicas [...] são processos que [...] envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções de vários tipos” (p. 185); são “estruturais” porque “são construções que exibem uma estrutura articulada” (p. 187); são “referenciais” porque “são construções que tipicamente representam algo, referem-se a algo, dizem algo sobre alguma coisa” (p. 190); e são “contextuais” porque “estão sempre inseridas em processos e contextos sócio-históricos específicos dentro dos quais e por meio dos quais elas são produzidas, transmitidas e recebidas” (p. 192). As quatro primeiras teriam relação com o que é comumente chamado de significado; enquanto que a quinta nos faria atentar para as características das formas simbólicas que são socialmente estruturadas.

Neste trabalho, iremos nos utilizar da concepção estrutural de cultura, por considerá-la mais ampla, capaz de nos fornecer uma análise mais complexa sobre a comunidade do Pantanal, em seus traços tanto simbólicos, como estruturais. Principalmente as relações de poder serão focadas nesta pesquisa por compreendermos que elas vão contribuir sobremaneira para a formação de imaginários acerca do local. Portanto, as formas simbólicas não deverão ser analisadas desconectadas de seus contextos sócio-históricos e das relações institucionais e interpessoais, que os vários sujeitos sociais vão estabelecer.

Voltando a tratar da obra de Raymond Williams (1992) – mas agora acerca de questões mais específicas relacionadas ao conceito de cultura –, queremos destacar a concepção que o autor possui sobre “reprodução cultural”. Essa discussão nos ajudará a compreender como e por que a comunidade aqui apresentada se apropria de representações e identidades culturais no seu dia-a-dia.

Embora utilize a expressão “reprodução cultural”, Williams aponta um “evidente problema” nela. Como explica o autor, a palavra “reprodução” foi inicialmente utilizada para referir-se à reprodução / cópia de pinturas e, em seguida, também utilizada pela biologia para denominar a reprodução humana.

É, pois, de grande importância, quando se aplica a palavra para descrever processos culturais, não só que se esteja cômico dessas diferenças radicais de significado, como também que se evite qualquer decisão prematura sobre qual dos dois sentidos é adequado para usos culturais. Na verdade, uma vez

que os usos, em todas as etapas iniciais, são metafóricos [...], em caso algum pode haver simples transferência (WILLIAMS, 1992, p. 183).

O autor compreende que nenhum aspecto da cultura é suficientemente certo para ser fidedigno. Isso significa que nenhum produto, símbolo ou estrutura social será “absorvido” pelos sujeitos tal qual eles foram concebidos. Sempre há, no processo de transmissão cultural, algo que é perdido no meio do caminho, algo que é adicionado ou algo que simplesmente não chega a seu destino: o interlocutor. Mesmo assim, os elementos culturais são implicitamente reproduzíveis. (Williams, 1992).

Williams pede atenção para algo que parece óbvio, mas que – por se tratar de algo que possui longa vida pretérita, a cultura – deixamos de considerá-lo com frequência: a produção. O autor (1992, p. 198) considera que “as ordens sociais e as ordens culturais devem ser encaradas como se fazendo ativa e continuamente, ou podem muito rapidamente desmoronar”. As produções, além de compatíveis com uma ordem social e cultural, propiciam artifícios para a sua reprodução.

Outros sociólogos e antropólogos ampliam o conceito de “reprodução” de Williams e dão a ele outras denominações, como é o caso do conceito de “apropriação cultural”.

Em *Ideologia e Cultura Moderna* (1995: 403), John Thompson defende que a “apropriação cotidiana das mensagens [...] pode ser estudada através da combinação da análise sócio-histórica e a pesquisa etnográfica”. Partindo dessa concepção, consideramos a combinação de fatores históricos e etnográficos como uma forma compreender a apropriação de produtos culturais pelos sujeitos a partir de uma compreensão ampla, que englobe aspectos históricos, cotidianos e psicológicos. É nesse sentido que traçamos a nossa metodologia de pesquisa.

Tratando especificamente da “apropriação cotidiana dos produtos da comunicação de massa”, Thompson (1995, p. 403) avalia que grande parte das pesquisas que se referem a esse tema “não dão suficiente atenção aos contextos sócio-históricos particulares, em que as pessoas, e grupos de pessoas, recebem as mensagens, que significado dão a essas mensagens, o quanto as apreciam e o quanto as interagem em outros aspectos de suas vidas”.

Se ampliarmos a ideia de reprodução ou apropriação, poderemos chegar à discussão das formas de consumos utilizadas cotidianamente. Em *A Invenção do*

Cotidiano (2007), Michel de Certeau investiga as “operações dos usuários”, que, interligadas, compõem esse todo chamado cultura. Certeau enfatiza, em sua obra, o “ato enunciativo” como uma das maneiras que os sujeitos se utilizam para criar.

Criar, inventar, produzir arte. A hipótese central do autor gira em torno dessa questão: mesmo que os sujeitos não demonstrem posicionamentos perante sua cultura através de atos, falar ou, simplesmente, ficar em silêncio já é por si só uma postura – consciente ou inconsciente – adotada pelo sujeito com relação aos símbolos e às estruturas que compõem sua cultura.

Certeau foca em sua pesquisa o ato de falar, mas algumas das características apontadas por ele podem se estender a várias outras ações relacionadas à cultura, como caminhar, cozinhar etc. O ato de falar:

[...] opera no campo de um sistema lingüístico; coloca em jogo uma apropriação, ou uma reapropriação, da língua por locutores; instaura um presente relativo a um momento e a um lugar; e estabelece um contato com o outro (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações (Certeau, 2007, p. 40).

Os usuários de cultura criam suas “maneiras de fazer”, que “constituem as mil práticas pelas quais [...] se re-apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (Certeau, 2007, p. 41). Certeau utiliza a expressão “bricolagem” para definir as táticas usadas diariamente pelos sujeitos para recompor os produtos culturais a partir de seus próprios interesses e de suas próprias regras. São essas apropriações cotidianas que fazem da cultura algo dinâmico, incapaz de ser “reproduzido” unilateralmente e sem rupturas.

A forma como a cultura de um povo o perpassa não segue uma prescrição e sequer os sujeitos se imaginam, a todo instante e conscientemente, consumindo algo que pertence a todos que os rodeiam cotidianamente. Do mesmo modo, a negação aos produtos culturais se dá, geralmente, como uma posição inconsciente.

Os sujeitos assumem determinados comportamentos de modo muito naturalizado, muitas vezes se pretendendo “original” e, no fim das contas, ele está mais compilando várias atitudes e opiniões consideradas por ele como socialmente positivas.

Em *Modernidade e Identidade* (2002), Anthony Giddens considera que uma apresentação da auto-identidade deve ser desenvolvida dentro do quadro geral da

constituição psicológica do indivíduo. Desse modo, o autor acredita que todo indivíduo monitora suas próprias ações e esse monitoramento possui características discursivas.

“As convenções sociais produzidas e reproduzidas em nossas atividades diárias são reflexivamente monitoradas pelo agente como parte do ‘seguir em frente’ nas diversas situações de nossas vidas” (GIDDENS, 2002, p. 39).

Além de uma consciência discursiva, há uma consciência prática, que faz os sujeitos agirem de uma forma e não de outra a partir da prática cotidiana (conhecimento prático / “consciência prática” / tácita), ao invés de se utilizarem dos conhecimentos discursivos (“consciência discursiva”) que possuem acerca de determinados temas.

“A consciência prática é a âncora cognitiva e emocional da sensação de segurança ontológica característica de amplos segmentos da atividade humana em todas as culturas. A noção de segurança ontológica liga-se intimamente ao caráter tácito da consciência prática – ou, em termos fenomenológicos, ao ‘pôr entre parênteses’ suposto pela ‘atitude natural’ na vida cotidiana” (GIDDENS, 2002, p 40).

Giddens fala de uma “segurança ontológico” que adquirimos nas práticas cotidianas desde o nascimento. O autor exemplifica com o caso dos bebês, que vão se familiarizando com o mundo à sua volta, reproduzindo as práticas dos adultos por confiar que elas vão obter êxito socialmente. Esse aspecto estaria relacionado à consciência prática, segundo Giddens.

“Desde os primeiros dias de vida, o hábito e a rotina desempenham um papel fundamental na construção de relações no espaço potencial entre a criança e os que cuidam dela. Conexões centrais são estabelecidas entre a rotina, a reprodução de convenções coordenadoras e os sentimentos de segurança ontológica nas atividades posteriores do indivíduo” (GIDDENS, 2002, p. 42).

Nem mesmo a “criatividade” – “que significa a capacidade de agir ou pensar de maneira inovadora em relação aos modos de atividade preestabelecidos” (p. 44) – estaria livre dos aspectos culturais já existentes. Para Giddens (2002: 44), ela está inserida no contexto da apropriação daquilo que já está posto e que é reproduzido devido a uma segurança ontológica. “A criatividade [...] está ligada de perto à confiança básica. A própria confiança, por sua natureza, é em certo sentido criativa, porque envolve um compromisso que é um ‘salto no escuro’, um oferecer-se como refém para o acaso [...]”.

Clifford Geertz (1998) aponta que o senso comum nega o que foi dito anteriormente como forma de se impor como “opiniões resgatadas diretamente da experiência”.

A religião baseia seus argumentos na revelação, a ciência na metodologia, a ideologia na paixão moral; os argumentos do senso comum, porém, não se baseiam em coisa alguma, a não ser na vida como um todo. O mundo é sua autoridade. A análise do senso comum, e não necessariamente seu exercício, deve, portanto, iniciar-se por um processo em que se reformule esta distinção esquecida, entre uma mera apreensão da realidade feita casualmente – ou seja lá o que for que meramente e casualmente apreendemos – e uma sabedoria coloquial, com pés no chão, que julga ou avalia esta realidade (GUEERTZ, 1998, p. 114).

Derivado do senso comum, o bom senso é, segundo Geertz (idem: 115-116), “uma interpretação da realidade imediata, uma espécie de polimento desta realidade”. Trata-se de uma construção histórica passível de questionamentos, discussões, afirmações, formulações, observação, ensinamentos.

A provisão de certos dados não significa que todo o demais é uma mera consequência. O bom senso não é aquilo que uma mente livre de artificialismo apreende espontaneamente; é aquilo que uma mente repleta de presunções – o sexo é uma força que desorganiza, ou um dom que regenera, ou um prazer prático – conclui. Deus pode ter feito os intersexuais, mas o homem fez o resto (GUEERTZ, 1998, 127).

Nesta passagem, o autor refere-se ao que cada sociedade pensa sobre os transexuais e como elas os acolhem, o que varia de acordo com as suas percepções, com o seu “bons senso”. No caso do bairro pesquisado aqui, consideramos que há conflitos quanto ao “bom senso”.

Alguns se espantam com a naturalidade com que as pessoas conseguem se desvencilhar do próprio nome do local, que leva consigo o imaginário sobre a história da comunidade.

Outros não conseguem compreender por quê há quem defenda a “permanência” se o mundo atual exige sempre processos dinâmicos, e a mudança de nome, além de se inserir nesse processo de modernização, destrói não só o nome, mas os estigmas arraigados a ele.

Dessa forma, consideramos que os “bons sentidos” são alterados dentro um mesmo grupo que, aparentemente, compartilha de um mesmo processo histórico, de

uma mesma formação. Quando aprofundamos os entendimentos, percebemos o quanto esse grupo é apenas supostamente homogêneo.

2.6. Comunidades em tempos de globalização

As sociedades humanas, cada vez mais complexas, exigem de nós uma compreensão global do sistema que as envolve, mesmo que as pesquisas se voltem a um recorte e questionamento pequenos e precisos. Dessa forma, consideramos que as partes a que recorremos (uma comunidade local) e que pretendemos compreender através das ciências humanas são, ao mesmo tempo, autônomas e dependentes do todo social (MORIN, 2000).

Para exemplificar a forte ligação entre autonomia e dependência presente no pensamento complexo, Edgar Morin (2000, p. 23) cita a relação entre indivíduo e sociedade, defendendo que:

[...] somos produtores da sociedade porque sem indivíduos humanos não existiria a sociedade mas, uma vez que a sociedade existe, com a sua cultura, com os seus interditos, com as suas normas, com as suas leis, com as suas regras, produz-nos como indivíduos e, uma vez mais, somos produtos produtores.

Morin (idem, p. 30) ainda considera que “a especialização abstrai, extrai um objeto de seu contexto e de seu conjunto, rejeita os laços e a intercomunicação do objeto com o seu meio [...]”. Daí a compreensão de que é impossível pensar a comunidade do Pantanal sem considerarmos o contexto no qual ela se insere: a cidade, o Estado, o país e o mundo. São aspectos geográficos, históricos, sociológicos e, inclusive, psicológicos que interferem na formação do pensamento de um indivíduo e o fazem se apropriar de determinadas representações sociais e construir algumas identificações culturais.

Antes de discorrermos acerca dos dois principais conceitos deste capítulo – comunidade e mediações culturais –, precisamos tratar, mesmo que de modo tangencial, do conceito de cultura, que, embora amplo e complexo, consideramos ser a base das duas categorias citadas acima.

John Thompson (1995), ao definir o conceito de cultura, considera não só os símbolos que compõem a cultura, mas toda a estrutura social, econômica e política que

os envolve. A “concepção estrutural” de cultura defendida por Thompson (idem: 193) considera que:

A inserção destas [formas simbólicas] em contextos sociais implica que, além de serem expressões de um sujeito, essas formas são, geralmente, produzidas por agentes situados dentro de um contexto sócio-histórico específico e dotados de recursos e capacidades de vários tipos; as formas simbólicas podem carregar os traços, de diferentes maneiras, das condições sociais de sua produção.

Essa concepção de cultura dialoga com a dos Estudos Culturais britânicos, que aparecem como norteadores das discussões aqui presentes, por considerarmos que os discursos comunitários e as mediações culturais estão inseridos em um contexto de relações de poder, estabelecidas entre grupos e indivíduos que se confrontam para angariar adeptos às suas ideias e posturas políticas a todo instante.

A partir das relações de poder, são construídas representações sociais que vão contribuir para as construções identitárias²⁹. Segundo Isabel Ferin (2002), Stuart Hall vai propor a distinção entre a concepção estruturalista da cultura e a concepção estrutural da cultura.

[Stuart Hall] observa [...] que, enquanto a concepção estruturalista dá ênfase aos traços estruturais internos das formas simbólicas – “esquecendo-se” dos contextos e processos socialmente estruturados dentro dos quais as formas simbólicas estão inseridas – a concepção estrutural da cultura procura evitar as limitações da abordagem estruturalista ao considerar a cultura como o estudo das formas simbólicas, isto é, como o estudo de acções [português de Portugal], objectos [idem] e expressões significativas em contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados.

Sem querer adentrar na polêmica discussão sobre “pós-modernidade”, falaremos aqui de modo tangencial sobre esse tema, para compreendermos o quanto esta pesquisa se faz atual no campo das ciências humanas. Trata-se de um questionamento relacionado às representações sociais e às responsáveis – segundo autores como Maffesoli – pelo re-encantamento do “mundo pós-moderno”: as imagens.

São as imagens que dão suporte técnico a uma construção e re-apropriação das identidades e representações. Na análise de Michel Maffesoli (2000: 53), “durante a modernidade, o desenvolvimento tecnológico tinha, duravelmente, desencantado o

²⁹ A discussão sobre os conceitos de identidades culturais e representações sociais será feita no segundo capítulo, em que analisaremos as representações acerca do Pantanal apresentadas pelas mídias convencionais da cidade, em contraposição às apresentadas pelos vídeos da TV Janela.

mundo. Já na pós-modernidade nascente, a tecnologia favorece um real encantamento do mundo”.

As imagens produzidas pela TV Janela, por exemplo, além de sugerir umas e não outras representações acerca da comunidade, conseguem, em parte, causar um “encantamento” em seu público através de um trabalho cuidadoso de edição dos vídeos. E nesse mesmo pacote que poderíamos chamar de “encantamento”, que chega ao consumidor, estão ideologias, representações, posturas políticas.

Outra característica também bastante próxima a esse pensamento pós-moderno é o apelo ao local, em detrimento dos aspectos mais amplos, atribuídos à sociedade como um todo durante a modernidade. Maffesoli (2000: 49) considera o “local” como o “primeiro indício da heterogeneização galopante que percorre as nossas sociedades”.

Para Maffesoli, os termos “país”, “território” e “espaço”, amplamente proferidos atualmente, aludem ao sentimento de filiação e à partilha emocional. O lugar de origem vai servir a seu (ex) morador como vínculos, que se baseiam “organicamente na posse comum de valores enraizados: língua, costumes, culinária, posturas corporais”.

É importante ressaltar que esse viés local é mais do que uma necessidade dos pesquisadores, e sim, uma constatação feita ao se observar o social. Esse é o caso desta pesquisa, que percebe nos vídeos do projeto TV Janela um apelo muito forte aos aspectos locais, como forma de propor mudanças imagéticas à comunidade do Pantanal.

Embora adote uma estética própria do vídeo e, mais especificamente, do vídeo popular, a TV Janela não pode ser descontextualizada do contexto tecnológico que deu origem, na década de 1950, às transmissões massivas de televisão no Brasil. São elas que vão servir ora de inspiração – como modelo que alcançou êxito nacionalmente –, ora de mau exemplo que não deve ser seguido, por estigmatizar e vender um Pantanal “criminoso” e “favelado”.

Os responsáveis por colocar no ar notícias e entretenimentos – dentre outros gêneros arraigados à informação, ideologia e aos posicionamentos políticos – transpuseram e refinaram as representações sociais que já ajudavam a construir antes e, agora, mais ainda, com o surgimento dos *mass media*.

O título de uma das principais obras de Gianni Vattimo (A sociedade transparente, de 1992) é uma grande ironia àquilo em que as mídias atuais pensam ter transformado o mundo pós-moderno. Na verdade, o autor considera que não há, de fato,

uma sociedade transparente. Os *mass media*, pelo contrário, não “transmitem” a realidade, no singular, como se pretendem ao vender o mito da “imparcialidade” e da “objetividade”, e sim, apresenta algumas representações – de modo geral, convencionais – acerca da sociedade.

Ao mesmo tempo, a existência de uma quase infinidade de mídias – impressas, radiofônicas, televisivas, online – comprova que essa “realidade” não é única. Vattimo (1992, p. 13) considera que:

[...] na sociedade dos *media*, em vez de um ideal de emancipação modelado pela autoconsciência completamente definida, conforme o perfeito conhecimento de quem sabe como estão as coisas [...], abre caminho a um ideal de emancipação que tem antes na sua base a oscilação, a pluralidade, e por fim o desgaste do próprio “princípio de realidade”.

Em *O tempo das tribos* (2006), Michel Maffesoli segue um pensamento semelhante aos autores citados acima, ao considerar que a sociedade pós-moderna possibilitou uma “neotribalização” dos indivíduos, que, na modernidade, apostavam na própria “razão” como forma de estar no mundo. Dessa forma, Maffesoli aposta no declínio do individualismo por acreditar que a sociedade atual tem temido o “estar só” e, por isso, apelado às identificações locais. Essa característica aparentemente contraria aquilo que, de modo geral, imaginamos ser característico do crescente processo de globalização pelo qual o mundo passa.

Mesmo considerando-o insuperável, Maffesoli (idem: 90) compreende que o “político”, entendido como “ajustamento dos indivíduos e dos grupos” sofre modulações que variam de acordo com o contexto histórico. “Pode-se emitir a hipótese de que, em certos períodos, quando a massa não mais apresenta interação com os governantes, ou ainda, quando a *potência* [grifo do autor] se dissocia completamente do poder, assistimos à morte do universo político e à entrada na ordem da socialidade” (idem: 91).

No caso do Pantanal, podemos considerar que essa socialidade está presente ali desde o início da ocupação do espaço. Durante os primeiros anos, iniciados em novembro de 1990, a comunidade esteve à margem das decisões políticas, das políticas públicas municipais e estaduais. Com uma baixa modulação do “político”, uma forte socialidade surgiu no local, se não espontaneamente, ao menos como forma de sobrevivência dos indivíduos e do agrupamento que, então, começavam a firmar ali.

Mais adiante veremos que esse Pantanal não se trata de um grupo comunitário homogêneo, mas sim, repleto de conflitos surgidos e estabelecidos na década de 1990 e presentes até hoje. Para Maffesoli (idem: 93), é justamente esse pluralismo que será um dos responsáveis pela “‘não domesticação’ das massas, sua muralha mais sólida diante das diversas dominações”.

Esse traço – a pluralidade –, no entanto, não exclui a nossa hipótese inicial de que o Pantanal se trata de um grupo identitário. Pelo contrário, as contradições internas apenas nos fazem crer que as ideias de sociólogos como Stuart Hall (2003) – que fala cada vez mais de “identificações” em substituição ao termo “identidades culturais” – condizem com a realidade conflituosa desses grupos identitários.

Quando dizemos que a comunidade já não é mais a mesma, não fazemos alusão apenas à comunidade do Pantanal, que, de fato, sofreu diversas alterações estruturais, econômicas, sociais e de perfil dos seus moradores ao longo de sua história, iniciada em 1990. As mudanças apresentadas aqui falam também de uma nova percepção conceitual, que, de algum modo, está ligada à nova configuração pela qual não só o Pantanal tem passado, mas todas as comunidades de um modo geral.

São mudanças epistemológicas que, de alguma forma, estão relacionadas ao momento histórico em que elas vêm sendo elaboradas. Dizem respeito às alterações econômicas, às políticas adotadas nacionalmente, à globalização cada vez mais crescente, às variadas formas de dominação que vêm sendo estabelecidas entre os povos e os sujeitos e às mudanças no acesso e divulgação das informações mundialmente.

A priori, a percepção dos moradores do Pantanal era de que o grupo era coeso – quanto às ações e pensamentos – e compartilhava dos mesmos imaginários a respeito deles mesmos. Essa concepção está presente nas primeiras teorias sobre comunidade e, talvez por isso, angariaram muitos adeptos pelo mundo, dentro e fora dos ambientes acadêmicos.

Citado por autores como Max Weber (1999) e Raquel Paiva (1998), Ferdinand Tönnies estabelece, em “Gemeinschaft und Gesellschaft” (“Comunidade e Sociedade” em alemão), de 1887, as bases da distinção entre comunidade e sociedade. A primeira seria mais coesa e ligada por laços afetivos espontâneos; enquanto que a segunda precisaria estabelecer convenções e regras para a manutenção de uma harmonia entre os sujeitos.

Weber (1999: 25) considera que “a relação comunitária pode apoiar-se em todas as espécies de fundamentos afetivos, emocionais ou tradicionais: uma confraria inspirada, uma relação erótica, uma relação de piedade, uma comunidade 'nacional', uma tropa unida por sentimentos de camaradagem”. Já uma “relação associativa” “repousa especialmente (mas não unicamente) num acordo racional, por declaração recíproca”.

O autor, no entanto, aponta a perspectiva de uma definição ambígua tanto das “relações comunitárias”, como das “relações associativas”. Essas duas formas de relação social possuem, segundo o autor, aspectos emocionais e racionais, que se complementam e se sobrepõem uma a outra variando a partir das finalidades dos vínculos estabelecidos dentro do grupo social.

A grande maioria das relações das relações sociais, porém, tem caráter, em parte, comunitário, e, em parte, associativo. Toda relação social, por mais que se limite, de maneira racional, a determinado fim e por mais prosaica que seja (por exemplo, a freguesia), pode criar valores emocionais que ultrapassam o fim primitivamente intencionado. Toda relação associativa, que ultrapassa a simples ação momentânea executada por uma união que se propõe determinado fim, isto é, que seja de mais longa duração, estabelecendo relações sociais entre determinadas pessoas e não se limitando, desde o princípio, a certas tarefas objetivas – como, por exemplo, a relação associativa numa unidade do exército, numa classe da escola, num escritório, numa oficina –, mostra, porém em grau muito diverso, essa tendência (WEBER, 1999, p. 25-26).

Bauman (2003) considera que o período moderno trouxe consigo um desapego forçado aos laços comunitários. Os sujeitos tiveram que abandonar suas rotinas comunitárias, já que as comunidades se dissolviam em meio ao global e se transformavam em “massa”. O processo de industrialização e os preceitos iluministas foram de encontro às relações comunitárias, lutando pela “libertação dos indivíduos”.

As “massas” tiradas da velha e rígida rotina (a rede da interação comunitária governada pelo hábito) para serem espremidas na nova e rígida rotina (o chão da fábrica governado pelo desempenho de tarefas), quando sua supressão serviria melhor à causa da emancipação dos supressores. As velhas rotinas não serviam para esse objetivo – eram autônomas demais, governadas por sua própria lógica tácita e não negociável, e por demais resistentes à manipulação e à mudança, dados que excessivos laços de interação humana se entreteciam em toda ação de tal modo que para puxar um deles seria preciso mudar ou romper muitos outros (BAUMAN, 2003, p. 30).

De acordo com Paiva (1998: 65), o conceito de “comunidade” não está atrelado apenas “a sentimentos, afetos e à ordem tradicional”. Para a autora, falar de comunidade pode significar também “aportar na temática da sociedade presente”. Para a autora, as comunidades não desapareceram, e sim, adotaram novas características. Caso mantidas, as comunidades devem necessariamente “reformular a noção de territorialidade que, com o encurtamento das distâncias, e a grande rapidez e eficiência na transmissão de informação, suscita compreensão diversa da de quando Tönnies formulou a conceituação de comunidade” (idem: *ibidem*, 110). Paiva acrescenta que

“[...] a sociedade, tida por alguns como tardo-moderna, pode não ter cores tão apocalípticas. Isso porque talvez persista aí, onde tudo é espraiamento e crise, a vivência segundo propostas comunitárias que têm por princípio a comunhão e a partilha entre os indivíduos. Altera-se o conceito tradicional de comunidade, especialmente no que se refere ao vínculo com o território, mas há outros tópicos de definição aplicáveis porque ainda norteiam as comunidades atuais. Por outro lado, não se pretendem juízos de valor, da mesma que não se quer corroborar nenhuma perspectiva maniqueísta, que busque imprimir uma marca positiva ou negativa quanto à comunidade e sociedade. A idéia é de que a sociedade e comunidade podem coexistir, definindo de forma decisória a vida do homem atual. E, não sendo possível valorá-las, deve-se apenas admiti-las e aceitá-las em suas distintas configurações, e, claro, se a proposta é a busca de saídas e soluções futuras, torna-se oportuno saber do que se fala, para privilegiar aspectos pertinentes a uma ou outra” (p. 65-66).

A autora aponta fundamentos responsáveis pela manutenção da concepção de vida comunitária até hoje, considerada um “ideal sempre perseguido”, que supõe um indivíduo muito diferente do real, “muito melhor, mais digno e puro” (Paiva: 1998, 105-106). Para ela, a necessidade de estabelecimento de vínculos comunitários podem ser inscritos como “invenção destinada a responder à experiência da dura realidade”.

Uma das perspectivas seria a de unidade, de confraternização, “quer seja entre homens ou com Deus”. Outra, mais distante ainda da realidade, trataria do amor entre os sujeitos, concepção a partir da qual são estabelecidas oposições entre “filhos do mundo”, preocupados com a linguagem, e “filhos do espírito”, preocupados com a verdade, que, segundo esse grupo, a linguagem inibe.

Aportando a discussão nos dias atuais, Raquel Paiva considera que as condições cada vez mais críticas por que passam certos grupos excluídos do sistema financeiro corrobora para uma necessidade de solidariedade. Na minha avaliação, essa seria uma

espécie de estratégia utilizada como forma de não sucumbir, fazendo-se visíveis e reivindicando condições mínimas de sobrevivência.

A autora (idem: 117) afirma que “o desemprego, somado ao sentimento de abandono, produzido pelo papel cada vez mais diminuto do Estado no que se refere à qualidade de vida, pode ser apontado como gerador de sentimento de solidariedade emergente em diversos lugares do mundo”.

Algo muito semelhante ocorreu na comunidade do Pantanal. Migrantes e excluídos do mercado de trabalho, os primeiros moradores se apegaram ao imaginário comunitário como forma de se manterem ali. Hoje, quando grande parte dos moradores já possuem condições estáveis, casa e comércio próprios, a “luta” foi arrefecida.

Em “Sobre o nomadismo – Vagabundagens Pós-modernas”(1997), Michel Maffesoli mostra que os fatores de fixação do indivíduo em sua sociedade, o estabelecimento das estruturas comunitárias e suas instituições estão diretamente ligadas e são estabelecidas pela sua relação com aquilo que ele chama de “nômade”.

No entanto, enquanto que Maffesoli concebe, através de exemplos, o “nômade” como sujeitos que entram e saem de uma dada comunidade, realizando, assim, trocas culturais, vamos ampliar essa concepção. O nômade será considerado, aqui, tudo aquilo que acessa a comunidade, de algum modo modifica símbolos, estruturas e imaginários e vai embora ou, ao menos, mantém-se de forma instável.

Desse modo, são nômades, por exemplo, os produtos culturais apreendidos pelas meios de comunicação; a feira do Pantanal, que é realizada todos os sábados e domingos em uma rua do bairro e traz consigo uma forte relação com muitos comerciantes advindos de outros bairros; os sujeitos que moram de aluguel e, assim, possuem pouca estabilidade ali, e, claro, consideramos o próprio nomadismo que os moradores do Pantanal estabelece em suas práticas diárias – como lazer, trabalho, dentre outros – dentro do território da metrópole. Afinal, de algum modo, todos acabam sendo um pouco nômades.

Os migrantes sertão-capital, em algum momento, foram nômades e trouxeram consigo traços culturais de outros espaços sociais. Juntos ali, no Pantanal, esses vários sujeitos, advindos de inúmeras cidades interioranas, montaram estruturas e símbolos baseados no cotidiano prévio e nas exigências que o novo espaço lhe impunha. Embora

estabilizados atualmente, a necessidade migratória permanece viva no imaginário e na miscelânea de ações diárias.

Hoje, os imaginários daqueles sujeitos são bem mais diversos e conflituosos – como se pode ver nos depoimentos dos moradores –, o que demonstra que, nem sempre, o compartilhamento de territórios significa necessariamente a existência de vínculos comunitários entre as pessoas. Na realidade, é como se as contradições entre as pessoas sempre tivessem existido, mas antes as interpretações sobre elas fossem, de modo geral, idealizadas.

Partimos do pressuposto, aqui, de que a concepção que alguns moradores possuíram (ou possuem) sobre o Pantanal – grupo coeso e solidário – foi respaldada por teóricos que, por muito tempo, dominaram os estudos internacionais a respeito do conceito de “comunidade”. Consideramos ainda, como veremos no segundo capítulo, que a TV Janela é uma entidade que compartilha dessa visão.

O trabalho do Instituto de Desenvolvimento Social (IDS), de reformulação identitária, segue uma perspectiva em voga em todo o mundo globalizado. À medida que os quatro cantos se conectam, buscam formas de diferenciação e identidade.

No contexto local, temos as conexões estabelecidas entre os moradores do Pantanal e a cidade como um todo. São conflitos, adequações, inserções, exclusão e apropriação que ajudam a reconstruir identidades, a estabelecer diferenças e semelhanças na medida em que o morador do Pantanal se compara com sujeitos que vivem em outros espaços urbanos.

Embora a relação entre “semelhante” e “diferente” exista para além da cidade – as mídias nacionais e internacionais, por exemplo, deram grande contribuição para o olhar comparativo sobre o estrangeiro –, é no espaço da cidade que grande parte dos sujeitos vai estabelecer elos e encontrar parâmetros do “agir em sociedade”.

Embora a novela, por exemplo, de caráter nacional, influencie diariamente as ações e posturas dos sujeitos, o espaço da cidade ou do bairro vai interferir, a toda hora, sobre seu modo de ser e de pensar.

CAPÍTULO III

Etnografias: territórios, sujeitos e práticas na comunidade do Pantanal

Neste capítulo, iremos descrever e interpretar alguns dos cenários, personagens e práticas presentes no cotidiano do bairro Planalto Ayrton Senna. Apesar de denominarmos o espaço desse modo, iremos delimitar a análise ao espaço que antes da oficialização do bairro (2003) era chamado de “comunidade do Pantanal”; não incluindo, portanto, as outras sete comunidades que, juntas, compõem oficialmente o “Planalto”. Nossa justificativa: o Pantanal é o espaço geográfico ao qual a TV Janela se refere.

O objetivo desta descrição / interpretação é de compreender melhor as referências que os nossos receptores farão – no último capítulo – às práticas, aos espaços e aos sujeitos com os quais convivem.

É importante ressaltar que as descrições e interpretações feitas aqui não dão conta do todo comunitário, obviamente. Entretanto, não podemos desconsiderar que alguns espaços, práticas e perfis de morador são bem mais corriqueiros, constantes no cotidiano, do que outros e, por isso, interferem sobremaneira na organização e na dinâmica do bairro. Esses, sim, foram privilegiados no decorrer deste texto.

Em alguns momentos, nos demoramos na descrição de algum sujeito ou cena especificamente. Com isso, não os consideramos elementos centrais do espaço comunitário, mas sim representantes de parte significativa dos perfis e das práticas que compõem a comunidade.

Ponderamos, também, o fato de não termos adentrado os espaços domésticos, com exceção dos lares de alguns líderes comunitários por nós entrevistados e das residências dos receptores selecionados, acessadas algumas vezes durante as entrevistas em profundidade.

Como há, segundo lideranças, 56 templos evangélicos espalhados por todo o bairro, é fácil deduzir a grande quantidade de seguidores dessas religiões que ali moram. Sua discrição e pouca vivência nos espaços da comunidade dificultaram a interpretação de suas práticas cotidianas. Podemos notar, no máximo, a forma como circulam pelas

ruas: com olhar fixo e com andar decidido, sem atentar para muitos elementos da comunidade.

A observação simples ocorreu durante vários dias da semana, em horários variados, mas principalmente durante os fins de semana, nos três turnos. Os espaços foram percorridos a pé ou de ônibus, ora andando de modo despreocupado, confundido-se com os demais transeuntes; ora parado, atentando fixamente para algumas práticas, fazendo anotações em uma folha de ofício e tirando dúvidas com moradores, comerciantes e fregueses.

Sempre de bermuda jeans, sandálias havaianas e camisetas básicas, sem dizeres ou logotipos, busquei percorrer os espaços da comunidade sem chamar muita atenção. Algumas fotografias foram tiradas, mas apenas em dias em que ninguém seria entrevistado, para não interferir na forma dos entrevistados se comportar e se vestir. As fotos de transeuntes eram tiradas rapidamente, de modo que os comportamentos sofressem poucas interferências.

O gravador só foi utilizado para as entrevistas em profundidade com os líderes comunitários – cujas falas foram expostas no primeiro capítulo – e com os receptores da TV Janela selecionados – cujos discursos serão analisados no último capítulo.

Em alguns momentos, a exploração de campo ganhou algumas características de observação participante, indo a bares e lanchonetes – para consumir lanches e bebidas – ou entrando em armazéns e em outros comércios para fazer pequenas compras e observar como os clientes eram tratados ou se tratavam entre si.

3.1. Compartilhando territórios

O ônibus Planalto Ayrton Senna / Centro parte do Centro de Fortaleza em direção ao bairro situado ao sul da cidade. Na década de 1990, tratava-se de um espaço de 118 hectares, ocupado inicialmente por 4.081 famílias. Devido ao processo de mudança de nome e à consequente extensão dos limites do bairro, o espaço mais que duplicou de tamanho e abrigava em 2000, segundo o Censo, 30.106 pessoas.

O percurso do ônibus é feito em cerca de uma hora. Por volta das 14 horas do sábado, o transporte ora segue lotado, com muita gente em pé; ora com os passageiros bem acomodados, comendo pipoca, milho em espiga ou algum outro alimento

comprado ainda no Centro. No ônibus, algumas pessoas se conhecem. Elas se cumprimentam e, em seguida, acomodam-se. Alguns seguem calados do começo ao fim da viagem.

Se o passageiro desce do transporte coletivo na Rua Gerardo Mendes (uma das primeiras ruas da comunidade), esquina com Oscar Romero (a “Rua Central”, onde há cerca de cem comércios), avista, ao longe, a serra de Maranguape, cidade na Região Metropolitana de Fortaleza.

Maranguape faz divisa com a capital nas proximidades do Planalto Ayrton Senna, na extremidade sul de Fortaleza. O verde que se vê na serra próxima é apenas um dos indícios de que o Pantanal era, há bem pouco tempo, um território provido de vegetação, isolada da urbanidade. Isso até 1990, quando a ocupação do espaço foi realizada. Hoje, os vestígios da área original do “pantanal” estão apenas no nome, que – por ironia ou não – até mesmo ele foi alterado. Na correria do dia a dia, a serra torna-se uma paisagem distante e indiferente.

Na Gerardo Mendes, vê-se aquela que, juntamente com o IDS, é uma das entidades mais reconhecidas no bairro: O Integrassol (Conselho de Integração Social). Ligado à ONG internacional Visão Mundial (World Vision), a organização trabalha questões ligadas a emprego, família, juventude, artes e saúde. A entidade desenvolve projetos em áreas como música, balé e oficinas sobre prevenção às DST (doenças sexualmente transmissíveis). Não é difícil encontrar pela comunidade relatos de mães que se dizem ajudadas pela entidade, que “tirou” seu filho “da desocupação”, “dos perigos das ruas”.

Uma das mães atendidas pelo Integrassol me mostra uma cartinha escrita em inglês pelos “padrinhos” financeiros de sua filha. O casal estadunidense passou cerca de dois anos se correspondendo e enviando ajuda em dinheiro para a menina, que tinha as cartas traduzidas pela equipe de funcionários do Integrassol. A outra filha, cinco anos mais velha, participou de um dos primeiros cursos de audiovisual ofertados pelo IDS. A mãe alega que suas filhas precisam fazer curso, porque “é importante pra conseguir um emprego decente”.

Na esquina da Gerardo Mendes com Oscar Romero, de onde se pode avistar a serra de Maranguape, vê-se um comércio em cujo letreiro se lê “Bar Central – Organização O Gordo”. Na calçada, o dono do estabelecimento escuta um rock

estadunidense em volume estridente. Chama a atenção de um conhecido, que passa numa bicicleta: “Ei, vagabundo!” O sentido é conotativo, uma forma aparentemente afetiva de cumprimentar alguém. Prova disso é o sorriso largo e o polegar estendido do interlocutor, que segue viagem em sua bicicleta.

A expressão “vagabundo”, entretanto, fala um pouco do tipo de chacota comum não só naquele bairro, mas nos espaços populares de expressiva parte do Ceará: são alusões à desocupação, à vadiagem, muito mal visto na realidade socioeconômica e cultural não só do Estado, mas do Brasil como um todo.

As apologias à traição por parte da mulher, como “corno” e “chifrudo”, também são comuns e aludem à cultura patriarcal. O espírito de constante chacota se utiliza do fato de a traição ser considerada, para o homem, uma desonra à sua macheza. Na cultura patriarcal, o homem deve ser respeitado e fidelizado pela mulher, mantida em submissão.

“O Gordo” está sobre a calçada curta de seu comércio, cujo comprimento foi transformado em alpendre, onde ele coloca cadeiras e mesas para receber a freguesia. Nesse momento, o espaço serve ao preparo dos vários espetinhos de carne de gado e de frango, que serão vendidos um pouco mais tarde.

Enquanto ouve o rock pesado, o comerciante se entretém enfiando pedacinhos de carne em espetos de pau. Ele é gordo de fato, tem cerca de 50 anos, uma barriga avantajada, usa um short e um boné desbotados, sem blusa. Muda o repertório e, agora, acompanha a música do Ultraje a Rigor em tom de voz muito alto: “Eu quero é sexo!”. E gargalha. Outro conhecido passa pela rua e o comerciante dispara: “Ei, baitola³⁰!”. E ri alto. Ao lado, duas crianças brincam de motoca, uma de cerca de seis anos, outra com cerca de quatro. A primeira delas tem cabelos e traços indígenas. Vem pedalando a motoca em minha direção, para mordendo um canudo, sorri para mim e segue “viagem”. Em seguida volta correndo e dispara para o homem gordo: “Minha mãe perguntou se tem cerveja gelada”. “Tem”. “Ela quer uma de garrafa”. Recebe a garrafa e a leva para sua mãe, que mora nas proximidades.

³⁰O dicionário Aurélio define como expressão chula da cultura brasileira que significa “pederasta passivo”. Dita em tom jocoso, a expressão é utilizada para ofender o interlocutor, partindo do pressuposto de que ser homossexual é uma ofensa.

Em seguida, um jovem passa pedalando lentamente. Tem um sorriso cerrado no rosto e uma bíblia escura em uma das mãos, que também segura o guidom da bicicleta. Ele morde os lábios sem muita firmeza e não demonstra interesse pelo seu redor.

Há muitos evangélicos no bairro, prova disso são as dezenas de templos espalhadas por todo ele. É também por isso que não podemos considerar que os moradores do bairro são bem representados por aquilo que vemos nas ruas, já que muitos evangélicos só saem de suas casas para fazer compras ou para fazer o percurso em direção à igreja ou ao trabalho. As amizades pelas ruas são restritas a cumprimentos discretos, de modo geral.

O homem gordo se distrai de seus afazeres com um transeunte e grita: “Ei!”. A voz é muito grave; e o tom, grosseiro. Mas o diálogo de camaradagem desfaz a sensação grosseira trazida pelo tom de voz. O chamado é uma função fática equivalente a um “oi, tudo bom?”. Muitos elementos da cultura cearense, como a rudeza, são perceptíveis no cenário, quase sempre atrelados à figura exaltada do “macho”.

Em seguida, o homem gordo cumprimenta um outro transeunte. Seu interlocutor é um homossexual de cerca de 30 anos, moreno, de cabelos longos, ondulados e tingidos de amarelo. Cabeleireiro, ele entra num salão de beleza vizinho, sem muitos requintes, com pintura e móveis gastos. No interior do imóvel, duas clientes o aguarda. Na entrada, há duas plantas Comigo-ninguém-pode, uma em cada lado do portal de entrada. Na cultura popular, essas plantas asseguram o lar dos males externos. E elas são elementos não muito difíceis de se encontrar na entrada das casas dali.

Um carro de som passa e ecoa pelas ruas do bairro um spot de rádio. O locutor faz propaganda do Cantinho da Mangueira, onde Clementino Moura, “o rei da gafeira”, tocará “neste domingo”. Em seguida, um buggy amarelo passa pela rua, transportando dezenas de cadeiras de plástico, empilhadas em sua traseira, indicando que algum espaço da comunidade se prepara para receber convidados ou consumidores.

O homem gordo continua ouvindo rock nacional. Agora acompanha o refrão de uma música: “Filho da puta!”. E gargalha alto, em seguida. Dois jovens que passam se divertem com os trechos da música, pulam e acompanham o homem gordo no refrão.

Já no salão ao lado, aquele do homem de cabelos tingidos, tocam letras românticas, chamadas de “dor de cotovelo”. “A mulher em mim vai então pedir / Me fala de amor, me faz ser feliz / Porque é assim que eu sou / Ah! Eu preciso dizer que a

mulher em mim precisa de um homem / Que é você...”, diz a música da paraibana Roberta Miranda. A cantora sertaneja é muito ouvida, pelas ruas do bairro, entre os moradores de cerca de 50 anos de idade.

Outro cantor muito ouvido por essa mesma faixa etária é Amado Batista, ícone da música tida como “brega” (romântico-popular). Já entre os mais jovens, e mesmo entre os mais velhos, o forró eletrônico é o estilo musical mais difundido, no som dos bares e dos automóveis e nos chamados “paredões de som”: caixas de som de cerca de um metro e meio de altura, presas a reboques de carros.

Um varal de roupas se estende do comércio d'O Gordo ao salão de beleza, amontoando toalha de mesa, shorts jeans e camisetas estampadas. Entre os estabelecimentos, um portal estreito dá acesso ao andar superior, em cuja vista externa se percebe janelas de quartos, que se lançam para uma varanda estreitíssima, mas que se estende sobre os dois comércios.

Um homem sentado entre os dois estabelecimentos, mas acompanhando o trabalho do homem gordo, balança a cabeça no ritmo do rock do amigo. Na mão direita, um copo de cerveja. Ele também é gordo, calça sandálias, veste uma bermuda já bem estragada e não usa blusa. O olhar está perdido, às vezes ri do amigo que trabalha e canta, às vezes atenta para o movimento da rua.

O homem gordo desliga seu rock e interage com o ouvinte de Roberta Miranda: “Meu irmão, bota esse som mais alto aí!”. Não tarda muito para também desistir da sertaneja e voltar a competir com ela. Agora toca em seu som o “Lamento Sertanejo” de Zezo, cantor local que usa basicamente um teclado como instrumento musical. “Meu Deus, se eu não sei rezar lhe peço o meu perdão / Só queria que chovesse aqui no meu sertão / Pra que o homem possa cultivar”, cantam em coro os dois homens.

“Eu vinha pra Fortaleza / E o povo é bom demais / Tuas praias são tão belas / Fortaleza, que saudade de você / Fortaleza, nunca vou te esquecer”, acompanha a música de Zezo o homem gordo, enquanto, distraidamente, joga água sobre uma mesa de madeira e a inclina para que a sujeira escorra pelo asfalto.

Das carnes que são preparadas para assar, também escorre um caldo vermelho, que é despejado por um cano que vem de dentro do comércio e desemboca na sarjeta e no meio da rua.

A companheira do homem gordo aparece à calçada, segurando um balde de água com sabão. Muito séria, ela joga a mistura no chão cimentado, e o homem o esfrega com uma vassoura de piaçava, ainda cantando distraidamente. O importante é limpar a calçada, onde mais tarde os clientes se amontoarão, sentados em cadeiras de plástico, nas quais se estampam propaganda de cerveja de marca nacional, em mesas de mesmo material e publicidade.

A lama expelida da calçada segue para o asfalto, local aparentemente natural para se estocar lixo e lama. É justamente para lá que também seguem pedaços de frango desfiado, que se juntam aos muitos papéis, às sacolas plásticas, às latinhas de cerveja e à lama que não escoar e fica estocada ali, no canto do asfalto estragado.

Diante da sujeira, alguns homens e mulheres esperam o ônibus na calçada que serve aos dois estabelecimentos. Ao todo, são dois ônibus que passam ali e em todo o bairro: um vai para Centro da cidade, outro segue ao terminal de ônibus mais próximo, no bairro Parangaba, de onde se pode pegar ônibus para os outros cinco terminais da cidade ou para quase todos os pontos de Fortaleza.

Os passageiros que esperam sua condução estão vestidos de modo simples, com bermudas e calças jeans. No caso das mulheres, com bolsas femininas e com cabelos úmidos e presos. A maioria tem pele morena e cabelos escuros, traços dos povos oriundos do Sertão cearense. Muitos dos mais velhos são migrantes dessa região do Estado.

Entre aqueles que esperam o ônibus chegar, há um jovem casal de mãos dadas. Ele usa blusa preta com alusões ao surf, palavras em inglês, short surfista e sandálias havaianas. Um cordão prateado ultrapassa a altura do peito. Já a jovem usa blusa e calça cotton colados ao corpo. Os dois falam pouco, mas sorriem um para o outro ao perceberem algo engraçado ao redor, como o homem gordo cantando alto: “É como o ditado diz, é como diz o ditado / É melhor viver sozinho do que mal acompanhado”.

Quem espera o transporte coletivo no ponto de ônibus não atenta para os personagens, os cenários e as práticas cotidianas, como o homem de cerca de sessenta anos que passa empurrando um carro de mão, sobre o qual se vê duas bicicletas desmontadas. Ele segue até sua oficina de bicicletas, onde há tantas outras desmontadas, algumas delas servindo de sucata para os clientes que chegam a fim de consertar seus veículos de condução diária.

Há um fluxo de muitos carros populares, como Pálio, Fiat Uno e Gol; carros mais antigos, como Fusca e Chevette; e carros menos populares, como CrossFox, EcoSport e Saveiro, esses geralmente utilizados por comerciantes. Há ainda muitas motocicletas e mobiletes, que fazem muito barulho pelas ruas da comunidade. Transitam desordenadamente pelas ruas muito estreitas, de asfalto gasto, com muitos buracos abertos pelas chuvas e pelo próprio peso dos carros e ônibus que circulam diariamente.

As bicicletas, entretanto, são o meio de transporte mais comum pelas ruas. Elas se amontoam próximo às calçadas e, até mesmo, em cima delas. São deixadas sem segurança e de modo despreocupado pelos donos, que vão aos comércios fazer compras, param em bares para beber ou entram em casas para conversar com alguém e, em seguida, voltam. No retorno, elas permanecem por lá. Essa tranquilidade com relação a assaltos é mais perceptível aos sábados, quando as ruas do bairro são muito movimentadas. Já de segunda a sexta-feira, os depoimentos são de constantes assaltos, principalmente a mulheres.

Em 2000, o IBGE contabilizava 7.223 residências em todo o Planalto, sendo que 78,13% delas tinham o homem como responsável financeiro. Ainda de acordo com os dados, o rendimento nominal mensal do responsável pelo domicílio é de 774,33 reais. O diretor do IDS comenta, com ironia, o perfil socioeconômico do bairro, apresentado pelo IBGE. “Márcio [funcionário da entidade], na sua casa seu pai ganha tudo isso?”. “Nem perigo”, responde o jovem enfaticamente. Talvez os dois estejam certo, considerando-se as atividades profissionais e diárias dos moradores, a estrutura das casas. Talvez, entretanto, eles não levem em consideração o número expressivo de comerciantes que há espalhados pelo bairro, o que aumenta sobremaneira a renda média da população local. Além disso, esse valor engloba as oito comunidades do Planalto Ayrton Senna, e não apenas o Pantanal.

Durante a semana, o clima de comércio reina no bairro, à exceção de um ou outro jovem em seu carro com som alto; de um ou outro grupo de alcoólatras; ou de um ou outro grupo de crianças que correm atrás de uma bola de futebol. Já aos sábados e domingos, o lazer e o comércio dividem espaço pelas ruas do bairro e, em muitos momentos, confundem-se. Os próprios comerciantes, principalmente os donos de bares, interagem, conversam e gargalham junto com seus clientes.

A dona de uma loja de móveis, localizada na “rua central”, recebe sua manicure na entrada de seu comércio, em cujos fundos se avista o início de sua casa. Sentada em uma cadeira de ferro à venda, a comerciante põe um dos pés sobre a pedicure, que, sentada em um banquinho de madeira mais baixo, pinta as unhas da cliente com esmalte vermelho. As duas conversam e riem alto, sem qualquer formalidade. A posição das duas mulheres, entretanto, dão margem a algumas simbologias de relação de poder: sobre as coxas da pedicure, sentada em um nível mais baixo, acomoda-se um dos pés da cliente, que fala e ri alto, recebendo cuidados estéticos exposta aos transeuntes, à frente de seu comércio.

À frente de vários comércios, muitas cadeiras de plástico, bancos de madeira e até cadeiras de balanço invadem as calçadas, competindo espaço com produtos à venda, placas de propaganda dos estabelecimentos ou material de trabalho, principalmente, das ferrarias, oficinas de eletrodomésticos e de bicicletas.

Enquanto isso, os pedestres caminham pelo asfalto muito natural e tranquilamente. E os carros desviam dos obstáculos humanos com muita desenvoltura. Quando um motorista de ônibus avista outro vindo na direção oposta, na pista estreitíssima, para o transporte largo e comprido até ser ultrapassado pelo outro. Às vezes, engatar a marcha-à-ré é preciso e o percurso dentro do bairro torna-se ainda mais desgastante.

Pelo bairro, as casas são muito plurais, adaptadas às necessidades de cada família: apenas morar; adaptadas ao comércio ou ampliadas para receber agregados à família, como noras e genros. Através de conversas informais, percebe-se que muitos casais jovens permanecem no terreno onde os pais de um deles moram, geralmente os pais da moça. A maioria constrói uma segunda casa no quintal da primeira.

E assim parte das casas ganham o visual novo a cada ano. Em quase todas as ruas, são frequentes os pequenos morros de cimento, areia grossa, telhas e um amontoado de coisas estragadas pelo tempo, jogadas ali mesmo, no meio da rua. As reformas das casas são feitas na medida do possível, geralmente quando aparece “um dinheiro extra”, dizem alguns moradores. As reformas e construções são evidências das contantes transformações, inclusive, estruturais do bairro.

No estreito alpendre de uma casa de esquina, um casal celebra o aniversário da filha de um ano de idade, que, por ser o primeiro, precisa ser pomposo. De fato, a festa

está recheada de convidados e comidas. O espaço, no entanto, não comporta muito bem a decoração branco e róseo, que invade o espaço da rua e obriga os carros a reduzirem a velocidade para desviar dos balões e das cadeiras instaladas em parte do asfalto. A música infantil, que dá mais vida à correria das crianças, disputa em sonoridade com o forró eletrônica difundido pelas potentes caixas de som do carro de um homem de cerca de quarenta anos de idade. Além do som estridente, o automóvel chama atenção por ser rebaixado e cheio de adereços, como luz neon sob sua base e aros bem vistosos.

Muitos comércios foram construídos de modo improvisado, no compartimento de entrada das casas, e em algumas delas há mais de um estabelecimento comercial. Em uma, um bar divide espaço com uma oficina de bicicletas. Na casa vizinha, outro bar dá espaço a outras atividades lucrativas, como uma venda de Totolec³¹ e outra de roupas, expostas em cabides e cruzetas, penduradas em varal de modo improvisado. Para dar mais espaço ao estabelecimento, os responsáveis pelo imóvel ampliaram o muro, invadindo a calçada e repelindo eternamente os pedestres para a pista.

Em outro bar de esquina, os fregueses, acomodados em cadeiras de plástico, bebem ao som da banda Solteirões do Forró. “Eu tô pagando, deixa a vida me levar / Eu tô pagando, quero é me divertir”, diz um trecho da letra. Há também mesas e cadeiras dispostas no asfalto da rua secundária. O som do forró eletrônico compete com o ruído estridente da serraria vizinha, já às 18 horas do sábado. Descalço, de camiseta e short curto, um menino de cerca de três anos observa o trabalho do serralheiro, que lhe sorri e lhe entrega uma máscara de proteção. O menino observa atentamente as faíscas que saem da máquina barulhenta.

Em outro bar em frente, um homem corre de dentro para fora, inclina o corpo em direção à sarjeta e vomita desesperadamente. Os outros homens e mulheres vão atrás do homem bêbado, alguns cruzam os braços, outros, sérios e silenciosos, tentam ajudar o homem.

A um quarteirão dali, o maior salão de beleza do bairro está lotado. Trata-se do comércio da filha de uma líder comunitária do bairro. Se hoje em dia não é a maior liderança, ao menos fora no período da ocupação do espaço, em 1990. Hoje, a líder Liege possui uma pequena casa, discreta e sem requintes, por trás do comércio da filha,

³¹O Totolec é transmitido, ao vivo, nas manhãs de domingo, pela TV Jangadeiro (emissora cearense filiada ao SBT). O sorteio semanal – antes de carros, casas e motos; atualmente em dinheiro, cerca de R\$ 180 mil – é regulamentado pela Loteria Estadual do Ceará. Uma cartela custa R\$ 5,00, sendo que R\$ 1,00 é repassado ao revendedor.

esse sim, muito bem pintado, iluminado e decorado. Na fachada, lê-se “Salão Adriana – Despertando a beleza que há em você”. Além da própria Adriana, filha de Liege, o salão conta com algumas funcionárias, para atender a clientela sempre numerosa.

Na rua principal da comunidade, está o Salão de beleza da filha da líder comunitária mais lembrada pelos moradores: Liege Costa. Estabelecer-se naquela rua é algo privilegiado na comunidade se o morador possui interesse em montar comércio, o que é quase lugar comum para grande maioria dos moradores. A rua possui centenas de comércios e integra o percurso dos ônibus que circulam no bairro. A casa da Liege fica por trás e é muito discreta. É lá onde funciona sua associação.

A “mãe do Pantanal” também é mãe, ou dona, da Associação Comunitária São Francisco (da Liege), uma associação discreta, sem sede própria, sem corpo diretor (Liege é a própria gestão, vitalícia) e desconhecida pela maioria dos moradores. Por fora, nenhuma alusão a instituição coletiva: uma casa como qualquer outra, pequena, portão de ferro, muro sem acabamento. Por dentro, um espaço estreito, com cadeiras na área, modesto sofá na sala e centenas de referências à “líder” pelas paredes: fotos, recortes de jornal, pastas com documentos. Esses são os únicos indícios explícitos de associação, apesar de bastante personalizada na figura de sua fundadora.

O bairro é sempre muito movimentado, com exceção dos domingos à tarde, quando a maioria se recolhe após o fim da Feira do Pantanal, por volta das 13 horas. Já nas manhãs de todos os sábados e domingos do mês, a feira concentra um incontável número de moradores, que vendem e compram produtos diversos, de CDs e DVDs piratas a carne de gado. Nesse período, o trânsito de automóveis dos seis quarteirões da Rua Quixadá é interrompido para que o espaço receba as cerca de 400 barracas da feira. As estruturas de ferro, cobertas com lona, são organizadas em três fileiras, entre as quais circulam centenas de fregueses e transeuntes todos os dias. A grande maioria das barracas possuem estrutura semelhante. Mas já no último quarteirão da Rua Quixadá, as barracas são bastante improvisadas. Em uma delas, um homem de cerca de 50 anos mantém-se acororado sobre uma lona preta. Com uma das mãos, segura um guarda-sol em que se protege do sol. Com a outra, aponta para a freguesa os produtos espalhados ao seu redor, sobre o tecido escuro.

Já no sábado à noite, a “rua da feira” é tomada por um fluxo intenso de jovens. As meninas circulam com cabelos molhados, roupas curtas, algumas delas com short

jeans curtos e blusas coladas ao corpo. Os homens optam por bermudas estilo surfista e camisas com estampas bem coloridas e expressões em inglês. Eles andam em grupos, conversam, paqueram, merendam, entretêm-se com o som dos carros que passam ou se aglomeram próximo às barracas de vitaminas e de venda de CDs e DVDs piratas, duas das poucas barracas da feira que se mantêm montadas do sábado para o domingo, justamente para atender a clientela do sábado à noite.

Na rua da feira, há muitas lojas, apesar de um pouco segmentadas. Apesar de haver um frigorífico, um pet shop, um bar e uma lan house que desemboca na rua de trás, a Rua Quixadá é repleta de armarinhos, especializados em roupas e presentes. Muitas ferragens e madeiras da estrutura das barracas são mantidas empilhadas por cerca de quinze metros de calçada, esperando o dia de domingo amanhecer para que os comerciantes montem suas vendas e concluam seu “expediente” de fim de semana.

Alguns comércios se destacam pelas suas fachadas bem pintadas, com logomarcas, espaço amplo, iluminado e arejado e ambientes adequados ao tipo de produto que vendem. É o caso de alguns bares, que disponibilizam TV a cabo, sintonizada em canais esportivos; de alguns mercantis, padarias, frigoríficos e salões de beleza, como o da Adriana.

Para além das ruas principais (de modo geral, as únicas asfaltadas), as ruas adjacentes são bem mais desorganizadas. O calçamento é bastante irregular: alguns trechos foram cimentados pela população, outros estão parcialmente na areia. As casas também são bem mais simples, embora alguns se destaquem por serem duplex, por terem muro alto (rebocado ou pintado) e portão de alumínio.

Estocada por dias no calçamento irregular, a lama é um dos grandes problemas nas ruas secundárias. Até hoje, o Pantanal não foi contemplado pelo Sistema de Esgotamento Sanitário de Fortaleza (Sanear), da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Cagece). O Sanear substituiu, apenas em alguns bairros da cidade, as fossas individuais, instaladas nos quintais das casas, por um sistema único de esgoto, que expelle dejetos das casas para os esgotos da cidade através de encanamentos subsolos. As residências dos bairros contemplados pelo Sanear pagam pelo sistema de esgoto o mesmo valor pago pela água consumida mensalmente. A duplicação do valor das contas de água é o motivo que faz muitos moradores do Pantanal não reivindicar a

implementação do Sanear e muitos líderes comunitários não tratarem do tema “saneamento básico”.

O comércio é árduo durante todos os dias da semana. Já o lazer é mais intenso nas tardes e noites de sábado, quando muitos moradores lotam bares e pizzarias do bairro para comer e beber, obviamente, mas, principalmente, para se socializar. A Hilux do Ronda do Quarteirão³² transita muito devagar pelas ruas da comunidade. Em seu interior, há três policiais militares, que ora param e conversam amistosamente com alguns moradores, ora transitam, protegidos pelo ar condicionado do automóvel, sob óculos escuros e empinados em direção ao nada.

Muitos estabelecimentos possuem sinucas, e os homens se concentram ao redor da mesa entapetada, com tacos em mãos e fichas no bolso, uma para cada partida jogada. Outros se concentram em calçadas, conversando, jogando baralho ou dominó e consumindo bebidas alcoólicas, principalmente a cachaça, uma das bebidas mais baratas e populares no Ceará.

Com pés descalços e pouca roupa, uns meninos correm pelas ruas. Alguns deles brincam de bola, peão, bicicleta e bila. Já a maioria das meninas que circulam pela comunidade pulam elástico, outros bem mais novos pedalam motocas de plástico. Um carro de som ecoa uma música em estilo swingueira³³, e, sobre uma calçada, três adolescentes fazem a coreografia, rebolando e “descendo até o chão”.

Há dois campos de futebol, um em cada extremidade da comunidade do Pantanal. Ambos recebem, todos os sábados e domingos, times de futebol da comunidade, de bairro vizinhos ou organizados dentro de empresas. Os times se confrontam devidamente uniformizados, sempre com a presença de um árbitro. Alguns moradores, em sua maioria homens, assistem às partidas sobre pneus de caminhão que circundam o campo, sobre bicicletas ou mesmo sentados no calçamento ao redor da grama.

Em uma ponta de um dos campos, no limite com a comunidade vizinha, cerca de 15 adolescentes e jovens se dispõem em círculo, alguns segurando latinhas de cerveja e

³²O Ronda do Quarteirão é um programa de segurança pública do governo do Estado do Ceará. Maior promessa da campanha eleitoral do governador Cid Gomes (PSB), o programa foi implementado em áreas de Fortaleza tidas como muito violentas, em 2007, expandido à toda a capital em 2008 e a parte do Estado em 2009.

³³A swingueira ou o samba-reggae é uma mistura de samba com reggae surgida na Bahia, Estado do Nordeste brasileiro. Mistura tambor, pandeiro, atabaque e guitarra ou viola eletrônica. A maioria das letras fazem alusão ao sexo. As danças têm um forte apelo ao gingado e à sensualidade.

cigarros. Eles conversam, riem alto e acompanham, com remexidas discretas, o ritmo da swingueira que ecoa do porta-mala de um Opala, estacionado sobre a calçada de um bar.

Dobrando a esquina, um trio elétrico com a logomarca do Totolec informa que os apostadores têm pouco tempo para comprar suas cartelas, para o sorteio da manhã de domingo. “Oi, oi, oi, quem quer dinheiro? Amanhã o Totolec vai sortear 180 mil reais em prêmios. Então corra e compre já sua cartela, a sua sorte vem com ela!”, diz o locutor do trio.

Por todo o bairro – principalmente nas ruas onde há um maior número de comércios concentrados – há dezenas de “revendedores autorizados” das cartelas, sentados à frente de mesinhas de madeira, com guarda-sóis amarelos, com o símbolo do Totolec. Os apostadores têm toda a semana para comprar sua cartela, mas “todo mundo deixa pra última hora”, fala-me uma das revendedoras, achando graça.

Ainda no sábado à noite, muitos evangélicos circulam rapidamente pelas ruas do bairro, de suas casas para as dezenas de templos, das dezenas de templos para suas casas. Acenam para algumas poucas pessoas, andam decididos, sem expressar muita empatia para com o ambiente.

Espantado com a rapidez com que circulam pelas ruas, tento abordar uma senhora de cerca de 35 anos de idade, com longos cabelos pretos e lisos. Ela veste uma blusa que encobre todo o braço até o cotovelo e uma saia que ultrapassa a altura dos joelhos. Carrega numa mão uma bíblia escura e, na outra, um menino de cerca de seis anos, que, diferentemente da mãe, atenta minuciosamente ao ambiente e se esforça para escapar da presa materna.

“Com licença, a senhora sabe onde fica a Igreja Católica?”, pergunto. “Não sei, acho que é pra lá”, responde apontando, sem me olhar. “A senhora é de que igreja?” “Da Assembleia de Deus”. “A Marina Silva [senadora pelo Acre] também é de lá, né?”, tento interagir, sorrindo. “É, mas ela é de outra congregação”, encerra o assunto.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário, o único templo católico da comunidade, celebra missas todos os domingos, às 17 horas; toda primeira sexta-feira do mês, todo dia 13 e em datas religiosas. Durante a semana, alguns fieis mais próximos às atividades da Igreja participam de grupos de debate sobre Igreja e questões sociais. Para alcançar mais adeptos, a Igreja aposta na maior participação de jovens, de homens adultos e de

casais, grupos tidos como os mais vulneráveis aos problemas sociais da contemporaneidade. Obviamente, essa estratégia religiosa não se restringe apenas à realidade daquele bairro, e sim a todo o universo abarcado pela Igreja Católica, já que muitos problemas são comuns a grande parte do mundo ocidental ou, ao menos, aos grandes centros urbanos.

As igrejas evangélicas possuem estratégias semelhantes, apesar de bem mais apelativas. Pelo bairro, vê-se dezenas delas, uma a poucos quarteirões da outra. Elas estão abertas durante todo o dia, sempre com um “fiel-funcionário” à porta, vestindo terno e gravata, mantendo expressões faciais singelas e acolhedoras e gestos comedidos, cooptando novo adeptos ou fortalecendo os vínculos com os frequentadores assíduos.

Três jovens skatistas varrem um trecho de uma rua recém-asfaltada e montam alguns obstáculos de madeira. Deslizando sobre as quatro rodas, saltam, rodopiam, e a zozada do atrito entre o skate e o asfalto chama a atenção de alguns meninos, mulheres e homens que esperam, em uma esquina, por churrasquinhos em espetos, assados sobre brasas por uma senhora muito lenta.

Nessa mesma rua, localiza-se o colégio Liceu do Pantanal, uma escola muito grande e quase que integralmente branca, se não fossem as várias pichações, grafites e recados amontoados em seus muros laterais. “É proibido colocar lixo”, enfatizaram em letras vermelhas e grossas os moradores de um conjunto de casas situadas na lateral do colégio. Amontoados de lixo não há ali, de fato. O que há são muitos “pequenos lixos” espaçados, como é habitual não só no Pantanal, mas em grande parte das capitais brasileiras.

O nomes das ruas do bairro são homenagens a religiosos (Frei Teodoro, São Jorge, São Francisco), referências bíblicas (Apocalipse, Paraíso), alusões a locais de origem de parte dos moradores originários (Quixadá, Acre, Ipaumirim), mas principalmente referência a pessoas do grupo comunitário, como entes de líderes comunitários.

Em vídeo produzido pela TV Janela, o pastor Evandro, fundador da Igreja Assembleia de Deus Apocalipse, explica o nome da rua onde seu templo religioso está localizado:

Quando foi pra botar os nomes das ruas, chegou um moço chamado Caetano, que ajudava aqui a Liege e aos demais que são os fundadores... Eu estava

lendo a Bíblia ali, na lateral da casa, quando ele chegou e disse que tava colocando o nome nas ruas e [perguntou] qual seria o nome que a gente colocaria nessa rua, se Juraci Magalhães [ex-prefeito de Fortaleza, que é o nome de outra rua do bairro] ou se eu tinha outra sugestão. Aí eu disse: “Rapaz, não pensei nisso ainda”. Eu ele disse: “Qual o capítulo da Bíblia que você tá lendo?” Aí eu disse: “Apocalipse, capítulo 3”. Aí ele disse: “Pronto, vamos colocar Rua Apocalipse, em homenagem à igreja que tá fundando aqui, nessa rua” (Pastor Evandro, em entrevista à TV Janela).

Liege cita, com orgulho, o nome de três parentes seus (avô, tio e mãe) que se tornaram nomes de ruas da comunidade. Por outro lado, ela critica alguns outros nomes de ruas. “Como dão o nome de um índio estuprador pra uma rua?”, questionou Liege, referindo-se à Rua Paulinho Paiakan, cuja acusação de estupro está envolta a muitos mistérios até hoje³⁴.

3.2. A exibição dos vídeos da TV Janela

A recepção de qualquer produto cultural não deve ser resumida ao momento da audiência, ao tempo de exposição de um produto ao seu público. Há sempre um receptor-antes, um receptor-durante e um receptor-depois, além de todas as mediações que incidem sobre ele e sua subjetividade. No entanto, é desse instante que podemos partir para identificar as raízes socioculturais e as repercussões cotidianas que surgem das diversas formas de os sujeitos se apropriarem dos conteúdos midiáticos.

As identificações das audiências com os conteúdos exibidos dependem das representações sociais – um conhecimento prévio arraigado às subjetividades – acerca do produto midiático e dos possíveis usos que farão desse conhecimento.

É baseada nessa compreensão que a análise sobre as audiências da TV Janela – projeto de audiovisual da Organização Não-Governamental (ONG) Instituto de Desenvolvimento Social (IDS) – parte do momento da exibição do produto midiático para alcançar as possíveis implicações dela.

O IDS foi fundado por moradores da comunidade do Pantanal – na periferia sul de Fortaleza, capital do Ceará – e capacita, por semestre, 20 adolescentes de lá para a

³⁴ O cacique caiapó Paulinho Paiakan – figura tida pelo movimento indígena como fundamental na defesa de direitos indígenas e do meio ambiente no Estado do Pará – foi acusado de estuprar uma jovem em 1992. Em defesa, Paiakan afirma tratar-se de perseguição por parte dos políticos locais, contrários à defesa dos índios e do meio ambiente.

produção de vídeos populares sobre a própria comunidade, exibidos mensalmente em telão, no meio da rua, para cerca de 300 moradores que se aglomeram por apresentação.

Em princípio, o projeto pode ser reconhecido como fechado em si, por se restringir ao espaço da comunidade (local onde se capacita adolescentes, se filma e se exhibe os vídeos) e aos seus moradores (produtores, fontes de informação e audiências).

Ao mesmo tempo, é improvável concebermos um projeto cultural, uma comunidade e seus sujeitos desconectados de sua cidade, de seu país e do mundo. Principalmente as grandes metrópoles – como é o caso de Fortaleza – não conseguem, atualmente, “proteger-se” de influências sociais externas e se fechar contra a intensa e desigual hibridação cultural por que passa o planeta.

3.2.1. Divulgação da exibição

Agora estou no Pantanal, em outubro de 2008. É sábado e, no fim da tarde, os raios de sol já não castigam tanto Fortaleza. Quem mora “do lado da sombra” já consegue sentar à calçada, em bancos de madeira, cadeiras de plástico e de balanço, para apenas observar o movimento de carros e pessoas ou para conversar. Dobrando a esquina, aproxima-se uma bicicleta, em cuja frente se vê uma caixa de som. Ela divulga a exibição de vídeos e as apresentações artísticas que acontecerão ali próximo, logo mais à noite.

Você é nosso convidado especial! Venha assistir a mais uma exibição da TV Janela, com vídeos produzidos por realizadores do Instituto de Desenvolvimento Social. Exibição de documentários, vídeos-clipe e reportagens sobre a comunidade. Venha e traga sua família. É neste sábado, às 19 horas, na Rua Quixadá, esquina com rua Oscar Romero. Contamos também com apresentações culturais. Você não pode ficar fora dessa! Venha, participe com a gente! É nesse sábado, às 19 horas, na Rua Quixadá, esquina com Rua Oscar Romero (divulgação da exibição da TV Janela, em caixa de som em bicicleta, pelas ruas do Pantanal).

Quem pedala a bicicleta é um homem de cerca de 60 anos de idade, pago pelo IDS para divulgar o evento. Ele caminha muito devagar, sem pressa de chegar a lugar algum. Para em toda esquina e anda em labirinto pelas ruas da comunidade. Olha sereno, mas desconfiado para mim, que o sigo ora disfarçando o interesse pelo som que vem da sua bicicleta, ora anotando um detalhe ou outro num pedaço de papel.

Às cinco horas da tarde, os transeuntes estão mais lentos, em clima de pôr-do-sol. Eles observam, sem grandes reações, a bicicleta e o som que vem dela, nas vozes de dois adolescentes da TV Janela, um homem e uma mulher. As duas se intercalam e repetem o meu texto durante todo o trajeto percorrido pelo homem idoso.

Os adultos permanecem em suas atividades, ouvindo a propaganda sem demonstrar quase nenhuma reação, além da de atentarem. Já algumas crianças correm de dentro de casa para a calçada, ouvindo o spot e observando a bicicleta passar. Elas, no entanto, também permanecem mudas. Durante muitas ruas, a reação ao áudio é muito semelhante: uma audição silenciosa.

O som da bicicleta disputa em sonoridade com os alto-falantes das televisões dos vários bares espalhados pelo bairro, onde muitos homens e algumas mulheres assistem à partida decisiva para o Corinthians, que joga contra o Ceará. Se o time paulista ganha (como acabou por acontecer), sobe da segunda para a primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Os moradores estão atentos à partida, gritam a favor do time cearense e comentam muito o jogo comigo e entre si. Sem papel e caneta na mão, eu sou mais um morador do Pantanal.

Além dos bares, ainda estão abertos quase todos os comércios do bairro. Ganhar dinheiro é sempre muito importante, mesmo que para isso seja necessário abrir mão do lazer ou de qualquer outra atividade “menos importante”. Ou ainda, a atividade profissional passa a ser também a do lazer e a do lar (no caso dos comércios construídos na garagem das casas): o momento do riso, da conversa descompromissada com os amigos, que também são os colegas de trabalho ou mesmo os clientes. Somente na rua principal, são mais de 100 comércios, dentre salões de beleza, mercadinhos, armarinhos, bodegas e bares. Os moradores especulam que “uns 80%” deles vivem de comércio.

A proximidade entre o Pantanal (último bairro ao sul de Fortaleza, no limite entre a capital e a cidade de Maracanaú) e a Ceasa (Central de Abastecimento S/A), localizada na entrada dessa outra cidade (na Região Metropolitana de Fortaleza), facilita a revenda de frutas e verduras dentro da comunidade, feita pelos próprios moradores principalmente na Feira do Pantanal, aos sábados e domingos pela manhã, na mesma rua movimentada em que, daqui a pouco, o telão da TV Janela será montado.

Nas ruas, parece haver uma indistinção entre o que seria lazer, trabalho, moradia e trânsito. Todos esses espaços e todas as atividades exercidas pelos moradores

aparecem misturados. Nas calçadas e pistas, as crianças brincam enquanto carros, motos, bicicletas e transeuntes circulam, alguns apressados, outros muito calmamente.

Nos comércios, as pessoas compram, conversam, divertem-se. A relação entre comerciante e cliente é também a relação entre vizinhos ou, em alguns casos, a relação entre o morador do Pantanal e o comerciante que já há alguns anos fixou comércio aqui e mantém uma relação muito intensa e familiar com seu pequeno empreendimento.

Enquanto a dona de casa compra mantimentos para sua casa, seu marido assiste ao futebol, à televisão do bar de esquina, e seus filhos correm pelas ruas. Quando sai do mercadinho, a mulher grita, manda os filhos saírem do meio da rua. O pai não atenta, porque o Corinthians está prestes a subir para a primeira divisão; e o Ceará, prestes a cair mais ainda na tabela do campeonato.

O som mais frequente nas ruas é o do forró eletrônico. Além de marcar o estereótipo musical cearense, o ritmo é de fato muito difundido entre todas as classes sociais fortalezenses. Na periferia, porém, o interesse por esse estilo parece mais acentuado. Muito frequentemente, carros transitam com sons potentes tocando o ritmo. Andando pelas calçadas, ouve-se também o som alto que parte do rádio de algumas casas e dos botecos movimentados. Neles, alguns casais rodopiam, ao som das duas bandas mais em voga atualmente: Aviões do Forró e Forró do Muído.

3.2.2. Preparativos da exibição

Às seis horas da noite, a movimentação de pessoas na sede da TV Janela é intensa. Muitos dos adolescentes capacitados pela ONG – mais homens do que mulheres – estão na frente do IDS, esperando chegar a caminhonete que levará os equipamentos para o local da exibição, a seis pequenos quarteirões daqui.

Durante algumas exposições, em 2005, o telão percorreu vários espaços da comunidade. Em 2006 e 2007, a exposição se fixou à frente do IDS, na Rua Planaltina. Este ano, o telão voltou a percorrer as ruas e hoje será a segunda exposição um pouco mais distante dos limites espaciais da ONG³⁵. Esse novo local de exposição trata-se da rua de maior fluxo de moradores nas noites de sexta-feira e sábado.

³⁵ Embora possa ser considerado um deslocamento pequeno, os limites geográficos da comunidade também são pequenos, o que me faz pensar que seis quarteirões é um deslocamento considerável.

A rua de calçamento em que se situa o IDS é também a mesma rua em que foi construído, em 2006, o colégio Liceu do Pantanal. Está distante três quarteirões da rua perpendicular Joaquim dos Anjos – onde se localiza o maior número de comércios da comunidade –, quatro quarteirões da paralela Chico Mendes – onde se localiza a sede da União dos Moradores do Pantanal (UMP) – e seis (dois adiante) da também paralela Rua Quixadá – onde é montada a Feira do Pantanal de dia e por onde circulam muitos jovens à noite.

Hoje, os vídeos da TV Janela serão exibidos nessa última rua, esquina com Oscar Romero. Além deles, crianças e adolescentes do bairro também se exibirão, apresentando números artísticos bastante variados: forró eletrônico, swingueira, pop internacional, hip hop, funk. A grande maioria dos grupos de adolescentes apresentam números de swingueira, já que este é o “ritmo do momento”, muito difundido pelas rádios comerciais da cidade e pelos programas de televisão. Isso demonstra a forte influência exercida pelos meios de comunicação sobre o cotidiano das pessoas, não só naquela comunidade específica, mas em todo o país – guardadas as devidas proporções em termos de diversidade cultural –, já que o propósito é massificar.

Assim como qualquer outro sábado à noite do ano, crianças, adolescentes e adultos produzem um fluxo intenso de pedestres e ciclistas – a bicicleta é um meio de transporte bem mais barato, prático e acessível do que moto ou carro – na Rua Quixadá. Há muitos comércios nessa rua, dentre eles algumas vendas de lanches.

Sandálias, bermudas jeans, blusas e camisetas básicas são as principais vestimentas desta noite. Um vestuário simples para um passeio cotidiano. Alguns jovens encenam – em sua espontaneidade – serem interessantes uns aos outros. A paquera é inerente ao ser humano, sobretudo aos adolescentes.

No cruzamento da Quixadá com Oscar Romero, onde daqui a pouco será montado o telão da TV Janela, um pouco de lama se acumula no encontro das camadas de asfalto das duas ruas. Quem reside em um dos quatro cantos desse cruzamento é uma das lideranças comunitárias do bairro, a atual presidente da União dos Moradores do Pantanal (UMP), Bárbara Severino. Sua gentileza, amizade com os diretores do IDS e simpatia pelo projeto da TV Janela abrigam no interior de seu lar, neste momento, meninas, meninos e adolescentes que se produzem para as apresentações artísticas que serão exibidas entre um vídeo e outro.

As crianças e os adolescentes já demonstram bastante empolgação e já iniciam a exposição pública através de gritos, dados entre si, de ensaios na rua ou de simples trânsito, quase todos já travestidos de dançarinos de forró ou de artistas como Britney Spears (cantora pop estadunidense). A grande quantidade de adolescentes no cruzamento já dá uma expressiva impressão de aglomeração. Aos poucos, outras crianças e alguns adultos vão se somando aos que já observam em pé e atentos. Alguns ciclistas param sentados sobre o selim e observam o movimento silenciosamente.

Algumas crianças brincam e fazem muito barulho, enquanto outras atentam a chegada da caminhonete que traz em sua caçamba os instrumentos de som e áudio que serão montados no meio da rua. O bloqueio do cruzamento é realizado de modo espontâneo, não há um pedido formal à Prefeitura, nem à comunidade. O que há é uma autorização social tácita.

No Brasil, é comum burlar-se as leis e negociar com os atores sociais que, na prática, proíbem ou permitem determinadas ações. Como se trata de uma ação de cunho social, bem vista pela comunidade do Pantanal, não há muito que proibir. Afinal, a ideia é de que os carros podem “dar um jeitinho” e passar pelas ruas adjacentes.

Nos bairros da periferia de Fortaleza, essa prática é ainda mais comum. Muitas vezes, as leis sequer são conhecidas e as calçadas, por exemplos, são compreendidas como de propriedade dos donos das casas, e não como espaço público de trânsito de pedestres. Mesmo em eventos comerciais, como festas organizadas por donos de bar, são comuns os bloqueios de ruas. E são poucas – ou mesmo nenhuma – as pessoas que reclamam ou denunciam à Prefeitura o uso do espaço público para fins privados. Claro, esse não é o caso da TV Janela, que é uma ONG.

Moradores se escoram nos muros e observam silenciosamente – nem alegres, nem tristes – a montagem do telão. Outros se apoiam sobre o próprio corpo: mãos na cintura, apoiadas sobre uma perna, enquanto a outra descansa. As meninas vestem short jeans e blusas coladas ao corpo, sem alça. Os cabelos ainda molhados do banho. Os meninos usam blusa básica, bermuda jeans ou de surfista.

Na Rua Quixadá, há muitos comércios e a maioria deles ainda está aberta. Já são sete e quatorze e a lógica do atraso brasileiro vai se confirmando. Mas há por trás do atraso uma lógica que é mais arraigada à cultura: a espontaneidade, informalidade.

Embora se perceba um forte compromisso com o evento e o desenvolvimento de estratégias de produção e comunicação por parte da direção do IDS e dos próprios adolescentes, há quase sempre uma flexibilização e uma negociação temporal. A caminhonete pode atrasar, o som pode dar alguma falha mecânica, a estrutura do telão pode dar mais trabalho para ser montada do que o previsto. Não só a recepção é, de modo geral, descompromissada.

Há também, no processo de produção, um pouco de espontaneidade, muito embora as decisões tenham como base um conhecimento – técnico e crítico – prévio sobre o processo comunicativo. Esse é um momento lúdico também para o IDS. É chegada a hora de receber um retorno pelo trabalho físico e intelectual e uma gratificação simbólica: a reação dos moradores.

O momento da montagem do telão deve ser bem menos sério do que o momento da reunião que definiu e dividiu as funções que cada adolescente teria durante a exibição. Digo “deve” porque não presenciei a reunião, mas numa reunião desse tipo geralmente se traça metas e se divide tarefas. É o momento em que se estabelecem regras, basicamente.

Mas a reunião talvez perca de vista o que é perceptível – e às vezes, apenas sentido – apenas na hora. O contato com aqueles que farão a crítica, que estão ali a observar cada detalhe, cada erro, cada acerto. Isso só o momento possibilita. É a relação com a família, com os vizinhos, com os amigos, com a/o namorada/o. Não é um público completamente desconhecido, muito embora uma parte dos vídeo-espectadores seja apenas “mais um residente do Pantanal”, quase sem vínculos de qualquer natureza com o IDS ou com a própria comunidade.

Enquanto Geliene, tesoureira e diretora do IDS, organiza – um pouco agoniada – os grupos artísticos na casa de Bárbara, Valdenor (diretor-presidente da ONG) observa com sorriso terno o trabalho dos adolescentes. Eles são autônomos nas decisões. Às vezes, o diretor se aproxima e sugere que o telão fique mais inclinado para a direita ou que a caixa de som deve ficar no canto esquerdo. Dá algum palpite, aponta alguma falha, mas só quando parece que a coisa toda não vai deslanchar. Os adolescentes montam os equipamentos sem muito alvoroço, mas por vezes os rostos demonstram um pouco de apreensão.

A montagem já parece ser um momento importante de todo o evento. Os moradores assistem atentamente à instalação, sem muito falarem. Mas também há muito barulho das crianças. Algumas compram a pipoca do pipoqueiro que aproveitou a aglomeração para vender seu produto. Tem de um e de dois reais. Eu comprei a de um e por alguns instantes me distraí. Devo ter perdido muita coisa.

O pipoqueiro também atenta para a instalação do telão. Trata-se de um tecido branco quadrado de, aproximadamente, dois metros de altura, sobre uma estrutura de ferro que faz a altitude do telão quase duplicar. Enquanto isso, o grupo de capoeira toca, ensaiando sua apresentação e, claro, divertindo-se. Se fosse possível definir com uma palavra a audiência desta noite, eu diria que, de modo geral, ela é silenciosa. É um evento com muitas informações e qualquer distração é passível de grandes perdas. No entanto, cada morador demonstra uma reação diferente, isso se nós restringimos às reações visíveis, que se expressam no corpo e instantaneamente.

A caminhonete em que veio o material audiovisual também trouxe cadeiras de plástico. Nelas, crianças e idosos já esperam caladas, ora atentando ao grupo de capoeira que se exhibe por trás, ora à montagem do telão ao lado, ora ao movimento de pessoas e de automóveis que ainda não foram totalmente impedidos de circularem por uma das ruas mais movimentadas do Pantanal.

Não sei se os moradores se aglomeram naturalmente, ao perceberem uma movimentação atípica na rua, ou se vieram com o intuito de assistirem à exibição. Muito menos sei se eles são motivados a virem e a permanecerem pelas apresentações artísticas ou pelos vídeos. Mais difícil ainda é saber se os vídeos são, na prática, mais interessantes aos moradores do que as apresentações culturais. Há, dentre os receptores, familiares de “artistas” da comunidade, audiências do acaso, audiências-fins, audiências-emissoras, dentre outras ainda não identificadas.

Já são dezenove horas e trinta e sete minutos e a apresentação marcada para as dezenove ainda não começou.

3.2.3. O público também quer se exibir

Após a montagem de toda a parafernália e antes da exibição dos vídeos, ao microfone, o apresentador do evento (um ex-aluno do IDS, hoje adulto) chama o primeiro grupo daquela que parece ser a principal atração da noite: a apresentação artística. Alguns dos pais das crianças e dos adolescentes estão no círculo formado pelo público, compondo uma espécie de arena. Alguns deles parecem mais empolgados do que os próprios filhos, que ora entram tímidos, ora maravilhados, ora posando como os artistas que se vê na televisão, nos programas de plateia.

De modo geral, as crianças e os adolescentes dublam cantores e ritmos massivos. São dois grupos de forró eletrônico, um de axé, outro de swingueira, mais um de capoeira e um de pop rock internacional, em que a cantora estadunidense Britney Spears é dublada por uma menina de cerca de cinco anos de idade, rodeada de dançarinos.

Em outra apresentação, crianças e adolescentes dançam música com forte apelo sexual, apesar de esse perfil musical ser rejeitado pela direção do IDS. “Ela sai de saia e bicicletinha / Uma mão vai no guidom / A outra tapando a calcinha”, diz a letra de uma música de forró eletrônico.



Figura 12
Adolescentes dançam swingueira nos intervalos das exibições dos vídeos



Figura 13
Adolescentes apresentam número de break

O grupo Styllus, cuja produtora e duas de suas dançarinas adolescentes são nossas receptoras entrevistadas, apresenta danças com menos apelos sensuais e gêneros musicais que, apesar de massivos, dificilmente são explorados pelos demais grupos artísticos. Esse fora o caso do número de dança que contou com música dos Anos 60. Com vestido de bolinha, longo e rodado, as meninas dançaram aos sons de sucessos da Jovem Guarda. Em outra apresentação, o grupo imitou o clipe musical de Thriller, sucesso do recém-falecido Michael Jackson, explorado pela mídia devido à morte do astro pop, em junho de 2009.

Convidado para apresentar-se na exibição de dezembro, o grupo de jovens Kadosh, ligado à Igreja Católica do conjunto Marco Freire, próximo dali, levou ao público um auto de Natal, mostrando, através da dança e interpretação, o nascimento do menino Jesus. Na plateia, alguns adolescentes satirizam o cunho religioso e os passos de balé clássico da dançarina principal, que rodopiava sobre uma sapatilha de ponta. Ninguém reclama da algazarra, que também não chega a distrair a concentração do

grupo de jovens religiosos. O espaço da rua impede que regras de comportamento sejam impostas ao público, que age de modo muito espontâneo e descontraído, mas, apenas em alguns momentos muito específicos, com “má educação”.

Durante as várias apresentações artísticas, as hibridações culturais gritam aos olhos de um observador mais atento, se pensarmos que os vídeos de caráter popular possuem uma intenção de se contraporem justamente às representações de classe apresentadas pelas mesmas mídias convencionais que massificam os estilos musicais exaltados hoje, no Pantanal.

Segundo a direção do IDS, a produção das apresentações tem tido como meta estimular a diversidade dos estilos musicais apresentados, indo além dos gêneros musicais, como a swingueira, difundidos pelas mídias massivas convencionais e muito bem aceitos pela maioria dos jovens locais. A justificativa é de “democratização” do espaço, sem privilegiar grupos, e de estimular o “repeito entre os grupos”.

Procuramos trabalhar nos grupos a ideia de não denegrir através das músicas ou trajes. Esse é um processo difícil que tem que ser trabalhado a cada exibição. Em 2009, conseguimos algo maravilhoso que foi trazer artistas de fora da comunidade para se apresentarem com temas relacionados à cultura de outros estados e países. Isso incentivou os grupos locais a apresentarem números novos. As apresentações artísticas ficaram mais dinâmicas, saindo um pouco do estilo único da swingueira (Entrevista com Valdenor Moura, diretor-fundador do IDS, em novembro de 2009).

Uma parte do público infantil não se contenta apenas em assistir e tenta chamar mais atenção do que os artistas infantis que se apresentam no momento. Alguns invadem a “arena” do espetáculo, impedindo a dança dos dançarinos ou os imitando de forma jocosa. Outros fazem graça para a câmera que filma o público e lança as imagens no telão, ao vivo. Os gestos manuais (chifres – alusão à traição; “L” formado pelo indicador na vertical e polegar na horizontal – referência aos “Leões da TUF”, torcida do time Fortaleza; pássaro formado pelo cruzamento dos dois polegares – alusão ao time carioca Corinthians, cuja torcida é conhecida como “Gaviões da Fiel”) são semelhantes aos comportamentos das crianças que exibem para as câmeras dos programas policiais. Talvez seja esse o modo como eles acham que devem se comportar diante dos vídeos e, dessa forma, um modo de se identificarem com as “crianças da periferia” que aparecem fazendo graça nas reportagens de rua dos programas policiais.

Quem se exhibe por fora da arena, sentado nas cadeiras de plástico ou por trás delas, grita, “manga”, desdenha, vaia ou ofende os artistas homens gritando “pei, pei, pei”, alusão a tiros disparados em caça a veados, animal ao qual os homossexuais são associados. A sociedade cearense ainda é muito homofóbica e, por isso, relaciona qualquer tipo de delicadeza à homossexualidade.

3.2.4. “Não assista à novela, assista à TV Janela”

Antes do anúncio do primeiro vídeo da noite, o apresentador incita o público a falar o slogan criado por ele mesmo e já reproduzido há várias exhibições: “Não assista à novela, assista à TV Janela”. E, de fato, quem está aqui neste momento está perdendo a novela das oito da Rede Globo, a de maior audiência em todo o Brasil.

Durante o primeiro vídeo, muitas pessoas se distraem e até se dispersam. Umas vão embora, outras conversam bastante e reclamam porque “deu um intervalo” nas apresentações artísticas. Não é generalizada, mas a percepção de que os vídeos são secundários às apresentações atinge boa parte do público. A minha análise é de que é uma junção de fatores: são as apresentações culturais que empolgam o público e o primeiro vídeo desta noite, que traz uma abordagem possivelmente sacal e uma estética já muito explorada.



Figura 14
Moradores assistem a vídeo da TV Janela no meio da rua

O vídeo é um documentário sobre a lagoa do bairro e traz depoimentos dos moradores, que denunciam o descaso da prefeitura e dos próprios moradores. A música lenta desperta compaixão para com a lagoa, que sofre com a poluição. O vídeo explora, repetitivamente, as imagens do lixo que polui as águas. Visivelmente, quem atenta ao vídeo, em meio ao som ensurdecedor das crianças que brincam na arena, são as mulheres adultas. Agoniada, uma adolescente chama a amiga: “Vamo-se-bora. Tá mostrando isso aí, isso dá é sono”. E a amiga retruca: “Ta mostrando a natureza, abestada”.

Hoje, na arena, os adolescentes do projeto de desenho animado do IDS recebem certificado pela conclusão do curso. Em seguida, um vídeo que cria animações com as imagens deles próprios é exibido no telão e desperta quase que 100% de atenção do público. Até pensei em concordar, nesse momento, com a Teoria Hipodérmica, porque as reações eram, visualmente, muito semelhantes: olhares muito atentos, sorrisos estampados no rosto e gargalhadas sincronizadas. Esse vídeo, especificamente, utiliza-se de uma estética bastante diferente da que se vê nas mídias audiovisuais que já circulam cotidianamente entre nós, principalmente pela televisão.

Valdenor, o diretor-fundador do IDS, pede para que eu perceba o quanto é interessante ver “todo mundo prestando atenção”. Os olhos do diretor-presidente brilham de empolgação. Mas eu, de modo muito espontâneo e pouco simpático, faço uma ressalva: “Mas depende do vídeo, porque no primeiro as pessoas não prestaram muita atenção”. E ele responde, talvez desapontado, talvez contrariado: “É”.

Na comemoração dos seis anos da TV Janela e dos dez anos do IDS, em 12 de dezembro de 2009, a exibição foi realizada em frente à sede da entidade, no meio da rua. Curiosos ao ver a montagem dos equipamentos, um senhor de cerca de 50 anos de idade aborda um dos adolescentes da TV Janela e pergunta: “Qual é a programação de hoje? Vai ter matéria sobre a comunidade?”. “São os dez anos do IDS”, responde um dos adolescentes. “Dez anos? E vai ter tipo uma recapitulação dos vídeos? Vou chamar as meninas, porque é um evento importante, né?”.

“Daqui a pouco vamos começar a exibição da nossa querida TV Janela, em comemoração aos seis anos da TV Janela e os dez anos do IDS”, informa um dos adolescentes ao microfone. Durante aquela noite, dois deles se revezam ao microfone, muito descontraídos e desenvoltos, para explicar o que é a TV Janela, apresentar os

vídeos e chamar os grupos artísticos, que se produziam nos cômodos da entidade. Eles aproveitam para explicar que a próxima exibição só ocorrerá em abril, após o período de chuvas, dentro do Liceu do Pantanal. Apenas em dois momentos, a figura do adulto pede o microfone. Em um deles, o diretor-fundador do IDS agradece aos moradores por “permitir que nós trabalhemos com as crianças, adolescentes e jovens” do bairro.

Em seguida, ouve-se, das duas caixas de som, uma disposta em cada lateral do telão, o slogan do projeto de audiovisual, falado por uma voz gravíssima e empostada: “TV Janela, na nossa rua”. Uma das adolescentes do projeto distribui panfletos da Fundação Banco do Brasil, que apresentava a TV Janela³⁶. O panfleto explica o projeto, descrito como “uma janela para a cidadania e o protagonismo juvenil”. A TV Janela seria um “investimento nas potencialidades dos jovens”, propiciando-lhes “novos horizontes” através das experiências de “TV de rua”.

Viver no Conjunto Pantanal, bairro da periferia de Fortaleza (CE), não é fácil, principalmente para os jovens. Além da desigualdade social, eles têm de enfrentar também o preconceito. É comum os adolescentes serem vistos como marginais, mergulhados no mundo das drogas e da violência. A própria mídia, ao tentar retratar a história desses jovens, muitas vezes, não contextualiza os fatos, deformando aquela realidade social. A solução encontrada pelo Instituto de Desenvolvimento Social para combater a padronização de enfoque geralmente adotado pela mídia foi abrir uma nova janela na vida dos jovens da comunidade com a criação do projeto TV Janela. Tendo a imagem como subsídio principal, como possibilidade de redimensionar linguagens e significações dentro do espaço urbano, a criação de uma TV de Rua começou a trazer de volta a auto-estima da comunidade, que pôde começar a construir uma nova imagem de si mesma (trecho de panfleto da Fundação Banco do Brasil).

O “protagonismo juvenil” do qual fala a Fundação Banco do Brasil e tantas outras entidades de cunho social, como é o IDS, é visível na desenvoltura com que os jovens produtores transitam em meio a uma plateia bastante heterogênea e na autonomia ao manusear equipamentos tecnológicos caros, como as câmeras de MiniDV³⁷ que utilizam para registrar os momentos.

Um dos adolescentes faz intervenções ao microfone durante as apresentações artísticas: “TV Janela, interação a toda hora, 24 horas no pensamento das pessoas”. A

³⁶ Foi devido a essa premiação que o IDS recebeu, em 2006, a visita ilustre da cantora Luciana Melo, que era, à época, garota-propaganda dos programas sociais da Fundação Banco do Brasil.

³⁷ O MiniDV é um formato semi-profissional de vídeo digital (DV, em inglês), padrão esse que permite a gravação em fitas magnéticas. Possui tamanho reduzido e qualidade superior ao formato VHS. O vídeo é gravado por meio de um codec e transferido diretamente para ilhas de edição ou computadores pessoais.

interação do público com os grupos de dança se dá através de vaias, risadas, imitação dos passos de dança ou através das palmas, sempre estimulada pelo locutor da programação. Durante a apresentação de Street Dance³⁸ feita por três adolescentes, o público acompanha nas palmas. Um dos dançarinos dá uma pirueta no ar e alguns espectadores gritam. “Ele deu um mortal!”, aponta espantado para a mãe um menino de cerca de seis anos de idade.

Uma outra criança, de mesma idade, entra em cena, vestido como os três adolescentes: capa preta, preso a capuz que esconde os olhos. Em seguida, o som para, o menino cai ao chão, os três adolescentes erguem-no segurando-o pelos braços e pernas, enquanto a sonoplastia imita a pulsação cardíaca. “Ressuscita, menino!”, brinca uma adolescente que assiste. O menino, que é reanimado, sai de cena e os três adolescentes se despedem do público, que os aplaude sem muito alvoroço. Com receio de o público dispersar, o apresentador anuncia o próximo vídeo já pré-anunciando a apresentação artística seguinte. “Agora teremos outro vídeos. Permaneçam, pois teremos mais apresentações”. A rua, provida de uma iluminação pública fraca, fica ainda mais escura quando o canhão de luz é apagado.

Durante a exibição do vídeo, o público é muito imperativo: muda de lugar, sai e volta em seguida ou sai e não volta mais. Muitos jovens, principalmente homens, param sobre bicicletas e motos e, sobre elas, assistem silenciosamente parte das apresentações ou dos vídeos. Poucas são as pessoas que disputam uma cadeira de plástico e permanecem sobre elas até o fim das apresentações. De modo geral, são senhoras mais velhas que se mantêm sentadas, sem mudar de local, do começo ao fim da apresentação.

Ao final de cada quadro exibido, o aviso “Estamos apresentando TV Janela”, formato clássico dos programas de entretenimento de televisão. Na televisão, o aviso funciona como modo de manter o telespectador fiel ao canal, não aderindo ao *zapping*, mesmo entrando em cena os comerciais, que, em via de regra, não são a principal razão de o público manter-se à frente do aparelho de televisão. No caso da TV Janela, o aviso funciona como forma de o público não dispersar durante as apresentações artísticas, que, diferentemente dos comerciais de televisão, são o principal motivo de se estar ali.

³⁸ O Street Dance (Dança de Rua) surgiu nos Estados Unidos, na década de 1930, após a crise econômica que obrigou músicos e dançarinos para apresentações de rua. O estilo tem por raiz o funk estadunidense e, na década de 1980, deu vida ao breaking, elemento de dança do hip hop.

CAPÍTULO IV

Identificações culturais, representações e mídias

Discutiremos, neste capítulo, o conceito de representações sociais e identidade cultural, como forma de, mais adiante, verificar de que modo essas representações são difundidas pelas mídias convencionais e comunitárias e como elas contribuem para a construção de identificações culturais entre os diversos sujeitos que compõem o grupo comunitário estudado.

Os grandes centros urbanos possuem um cenário de exclusão social muito nítido. Percorrendo-os, é possível deflagrar discrepâncias econômicas, sociais e culturais no interior dos bairros e, principalmente, entre eles. Se um morador do Pantanal percorre a cidade de ônibus, num simples trajeto de sua casa para o trabalho, é possível que salte a seus olhos a sua condição de cidadão subalterno.

A partir dessas disparidades econômicas e sociais que os sujeitos, inseridos em múltiplos contextos culturais e de classe, constroem ou se apropriam de representações sobre objetos, espaços e sujeitos. A necessidade de definição do desconhecido nos faz construir representações que expliquem e deem significado ao universo “estranho”.

O foco aqui recai sobre o modo como as identidades culturais são representadas socialmente. Os dois conceitos, portanto, vão aparecer intrinsecamente associados. Silva (2007: 91) considera que “é por meio da representação [compreendida pelo autor como um sistema linguístico e cultural] que a identidade e a diferença adquirem sentido”.

4.1. Representando a si e ao outro

Nas representações sociais, as características que acabamos por atribuir aos objetos não são, de fato, deles; e sim, são características dos símbolos que criamos para representá-los. Os símbolos “criam o objeto representado, construindo uma nova realidade para a realidade que já está lá” (JOVCHELOVITH: 1995, 71).

Para toda figura, há um sentido socialmente construído, o que fornece uma configuração estrutural às representações sociais. O processo de doar um sentido a uma figura ou construir materialidade para elementos abstratos foi chamado de “objetivação”

por Serge Moscovici (*apud* SÁ, 2004)³⁹. Ao duplicar a figura, inserindo-lhe em um contexto inteligível, seria denominada de “ancoragem”.

Independentemente das representações escolhidas por nós para definir algo ou alguém em um momento específico, elas vão ter um objetivo inicial central: tornar familiar “as coisas” – como usa Foucault (1999) –, trazer para a nossa realidade elemento que, até então, nos é estranho.

Ao nos depararmos com uma pessoa, objeto ou contexto social, o primeiro passo que damos é encaixá-lo em uma determinada “identidade social”, construídas sobre aspectos generalizantes. Essas características podem falar sobre o cotidiano, os ambientes e as funções sociais do sujeito. Elas, entretanto, podem ser apenas deturpações de uma realidade.

As representações estão associadas a esse mundo material que nos precisa fazer algum sentido, através dos símbolos. Sandra Jovchelovith aponta que esse mundo simbólico é construído dentro da esfera pública, através das relações de alteridade, que seria a relação entre o eu e o outro.

Apesar da crítica que se faz às representações preponderantes – difundidas, principalmente, pelas mídias convenções –, não se deve afirmar que as representações sociais difundidas pelas mídias convencionais são falsas, por estigmatizarem certos grupos sociais.

A partir das afirmações antes feitas Durkheim, outros teóricos consideraram que, embora possam agir com má fé, os meios de comunicação hegemônicos apontam e reforçam características que os objetos sociais muitas vezes possuem de fato. A questão central, portanto, é o recorte feito e as intenções contidas nesse olhar fragmentado sobre a realidade.

Durkheim considera que todas as formas de representar respondem de diferentes formas a condições dadas da existência humana. São símbolos através dos quais “é preciso saber atingir a realidade que eles figuram e que lhes dá sua verdadeira significação. Constituem objeto de estudo tanto quanto as estruturas e as instituições: são todas elas maneiras de agir, pensar e sentir, exteriores ao

³⁹SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. *In*: SPINK, Mary Jane P. **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

indivíduo e dotadas de um poder coercitivo em virtude do qual se lhes impõe” (DURKHEIM, 1978, p. 88, *apud* JOVCHELOVITH, 1995, p. 91).

A televisão, por exemplo, é um dos espaços mais representativos da esfera pública contemporânea brasileira. Trata-se de um local pouco democrático, de estrutura piramidal, já que poucos se expressam e muitos recebem a expressão, os valores, as crenças.

Serge Moscovici (2003, p. 34) afirma que as representações sociais “intervêm em nossa atividade cognitiva” e “convencionam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto ou partilhado por um grupo de pessoas” (MOSCOVICI, 2003, p. 34).

Autores como Moscovici apontam que a coerência dos discursos pode ser compreendida através da análise das “representações sociais pressupostas”. Elas vão dando uma formatação coletivizada à dinâmica cultural.

“Nas nossas conversações cotidianas menos reprimidas encontramos confrontados com imagens linguísticas ou influências que vêm à mente sem que sejamos nós sua origem e com deduções cuja formação não pode ser atribuída a nenhum de nossos interlocutores” (MOSCOVICI, 2003, p. 181).

Os estudos referentes às representações sociais se fundamentam nos princípios da psicologia social. Dessa forma, o autor reconhece a “supremacia do social” nos estudos mais recentemente realizados na área da Psicologia. Os fatores sociais provocariam, para essa tendência teórica, distorções das faculdades individuais de percepção e de observação do mundo. As pessoas se comportariam de modo “correto e racional” quando sozinhas, mas em grupo elas se tornariam “ímorais e inconscientes”.

Moscovici vai além do dilema “supremacia do indivíduo *versus* supremacia do social” e destaca a importância das representações sociais para a imposição da coesão social. Para ele, a sociedade não pode ser analisada apenas sob a ótica das relações de poder e dos interesses que a movem. E a conceituação das representações se coloca como uma teoria geral, que tenta compreender esse todo de modo macro.

As relações de poder e os interesses do grupo estão fundamentados por representações coletivas, que tentam dar uma unidade ao pensamento social. É uma tentativa constante de fazer os indivíduos convergirem a um pensamento consolidado

como “verdadeiro”, independentemente de ele estar fundado em conhecimentos racionais, crenças religiosas, questões afetivas.

Isso tudo é guiado por opiniões, símbolos e rituais, isto é, por crenças e não simplesmente pelo conhecimento ou técnica. As opiniões pertencem a uma ordem diferente: crenças sobre a vida em comum, sobre como as coisas devem ser, sobre o que se deve fazer, crenças sobre o que é justo, o que é verdadeiro, o que é belo; e ainda outras coisas, todas produzindo um impacto nos modos de se comportar, de sentir ou de transmitir e permutar bens (MOSCOVICI, 2003, p. 173).

Em outra análise, Moscovici aponta que o pensamento cartesiano é burlado pelos sujeitos caso eles não conseguem explicar suas motivações através do raciocínio, da lógica, das regras. Baseando-se no princípio da não-contradição, própria do pensamento racional moderno, o indivíduo considera mais correto buscar novas explicações para embasar suas convicções, já que não pode voltar atrás e se desfazer delas.

Desse modo, o sujeito se apega a explicações não lógicas para defender aquilo que não conseguiu amparar na lógica. Segundo o autor, a primeira explicação não lógica a que se recorre é os problemas afetivos.

A partir de seus estudos empíricos, Moscovici (idem, 168) considera que “as pessoas aceitam acima de tudo aqueles fatos ou percebem aqueles comportamentos que confirmam suas crenças habituais. E as pessoas procedem assim mesmo quando sua experiência lhes diz 'está errado' e a razão lhe diz 'é um absurdo'”.

As representações aparecem não só nas opiniões que omitimos. Elas estão entranhadas até mesmo nas “meras” descrições e informações, tidas por muitos como isentas de opiniões, valores, crenças. Mesmo quando apenas informamos estamos recortando, modulando, angulando a realidade.

São direcionamentos que damos aos conhecimentos para defendermos as crenças que temos e que vêm sendo construídas desde o primeiro contato com o social. É essa integração que sempre tivemos com o mundo social que nunca nos permitiu acessar o mundo natural através de uma percepção individualizada, sem interferências das concepções já construídas socialmente.

Não temos razão para excluir totalmente a experiência e as percepções individuais. Mas, com toda a justiça, devemos recordar que quase tudo o que uma pessoa sabe, ela o aprendeu de outra, seja através de suas narrativas, ou através da linguagem que é adquirida, ou dos objetos que são empregados. Tais coisas constituem, em geral, o conhecimento ligado ao tipo mais antigo, cujas raízes estão submersas no modo de vida e nas práticas coletivas das quais todos participam e que necessitam ser renovadas a cada instante (MOSCOVICI, 2003, p. 176).

Mediações culturais como igrejas, movimentos sociais e família vão exercer uma forte influência – ou até coação – sobre seus membros, emitindo-lhes sentidos e impondo-lhes obrigações que são incorporadas, espontaneamente ou não, às suas atividades cotidianas.

As experiências vividas por cada sujeito, no entanto, vão interferir nas representações construídas por cada um deles. “As representações não apenas variam dentro das diferentes épocas e culturas, mas também espelham vivências específicas dentro de determinadas sociedade” (FRANÇA, 2004, p.16)⁴⁰.

Ao imaginário sobre a comunidade do Pantanal, foram atribuídos, historicamente, os estigmas de “violência” e “miséria”, desde que os programas policiais das televisões locais divulgaram a Chacina do Pantanal: o assassinato brutal de três adolescentes da comunidade por policiais, em 1993. No entanto, o incidente significou para a história da comunidade apenas um ponto de partida. Desde então, as relações dos moradores com a cidade foram prejudicadas.

A ideia central seria a de que o processo de representar socialmente um sujeito depende não exclusivamente dele próprio, do que ele pensa, fala e projeta de si, mas também daquilo que as demais pessoas projetam socialmente sobre ela em si, como indivíduo, e sobre seu lugar de falar, o contexto em que ela se insere.

Goffman (1975) analisa, em sua obra, as “representações teatrais” que os sujeitos apresentam sobre si e suas funções sociais para os sujeitos que o rodeiam na vida cotidiana. Partindo de princípios da dramaturgia, o autor considera que, no ato de representar, o “ator” se traveste de um personagem, encena “coisas”, “reais” ou “ensaiadas”, e essas “coisas” se destinam tanto para os demais personagens, como para a plateia.

⁴⁰ FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas *in* Comunicação, representação e práticas sociais. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Aparecida: Ideias e Letras, 2004.

Às vezes, o ator se convence de que seu personagem é real. Nesse sentido, os sujeitos agiriam ou falariam sobre suas atividades sociais convencido de que sua prática é legítima, e esses seriam denominados como “sinceros”. Nesse caso, provavelmente o indivíduo não terá como finalidade discursiva construir uma ideia para outros sobre ele mesmo ou sobre suas práticas. Os sinceros “acreditam na impressão criada por sua representação”, considera Goffman (1975, p. 26).

Em contraposição aos “atores sinceros”, o autor (idem, 25) apresenta o “cínico”, sujeito “que não crê em sua própria atuação e não se interessa em última análise pelo que seu público acredita”. Goffman (1975) ressalta, entretanto, que os cínicos “enganam seu público” não só movidos por interesses pessoais. Por vezes, eles acreditam que sua ação ou discurso, embora pouco ou nada sincero, seja a melhor para sua plateia. É naquilo que ela deve acreditar para seu próprio bem, pensariam alguns cínicos.

Existirão “fachadas” para cada representação, apesar de que algumas delas são fixas para qualquer tipo de situação ou fala. Dentre as fachadas, estariam, nas definições de Goffman (1975), os cenários, que seriam as situações momentâneas em que está inserido o sujeito: um velório, uma conferência, uma reunião de trabalho, confraternização de amigos.

Outro elemento das fachadas seriam as “fachadas pessoais”, algumas delas fixas (raça, altura, sexo), outras adaptáveis às várias situações (expressões faciais, vestuário, gestos corporais).

O autor ainda divide as fachadas pessoais em “aparências” e “maneiras”. As primeiras revelariam o status social do ator: ele é médico, operário, culto. As segundas seriam o tipo de interação que o ator pretende estabelecer com o interlocutor: de humildade, simpatia, arrogância, hierarquia.

De modo geral, o que o público espera é uma certa congruência entre ambientes, aparências e maneiras, mas nem sempre elas se complementam de modo tão homogêneo. É o caso de um renomado palestrante que questiona seu próprio conhecimento diante do público.

Para que as representações apresentadas por uma pessoa sobre si e seu contexto tenham valor para seu público, ela precisa ter alguma influência sobre ele. Se o sujeito não possui o reconhecimento das pessoas que lhe cercam, suas representações também não terão (GOFFMAN, 1975).

Na relação com o outro (alteridade), com o diferente, é possível sentir-se marginalizado; sentir que os espaços públicos não o pertencem de fato. Porque na construção de sua identidade – que também é imposta – uns setores das classes subalternas, muitas vezes, colocam-se “no seu devido lugar”, enquanto outros “batem o pé” e exigem outras identidades, ora diferentes das negativas impostas, ora distintas das atribuídas às classes dominantes, ora bem semelhantes/adequadas a essas.

O estabelecimento de diferenças e identificações constituem processos linguísticos inseparáveis, considera Silva (2007: 75). “As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade”.

Partindo da conceituação e exemplificação do autor, consideramos o seguinte: quando se diz “sou morador do Pantanal”, está se dizendo, na verdade, “não moro na Parangaba”, “não moro na Parquelândia”, “não moro no Meireles”, todos bairros de Fortaleza. Só é possível se sentir morador de um bairro devido ao conhecimento que se tem da existência de vários outros. A diferenciação e identificação estão, portanto, imbricados.

As finalidades desse processo podem ser de incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”), demarcar fronteiras (“nós” e “eles”), classificar (“bons e maus”, “ricos e pobres”) e normalizar (“nós somos normais, eles são anormais”). É importante enfatizarmos aqui a ideia de classificação, como uma marca fundamental do objeto deste trabalho. Silva (2007, P. 82) considera que o processo de classificação pode ser entendido como “um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes”.

Na análise desse processo, é preciso considerar as relações de forças que o perpassam, afinal, “dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar”. E, em uma sociedade tão hierarquizada, nem todos os sujeitos detêm o “privilegio de classificar”. Silva (2007, 81) afirma que “a identidade e a diferença estão [...] em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”.

Erving Goffman (1988, 116) aponta diferenças entre a “identidade social”, “identidade pessoal” e a “identidade do eu”. Segundo o autor, as duas primeiras categorias não dependem do sujeito cuja identidade está em questão. O indivíduo estará sujeito aos interesses e definições que, no caso da identidade pessoal, “podem surgir antes mesmo de o indivíduo nascer e continuam depois de ele haver sido enterrado”. Depende, portanto, de uma compreensão que parte dos demais sujeitos, e não exclusiva ou prioritariamente do sujeito em questão. Já a identidade do eu é subjetiva e reflexiva, “experimentada pelo indivíduo cuja identidade está em jogo”.

A identidade social acarreta os estigmas; a pessoal, o controle de informações para a manipulação dos estigmas; e a do eu, aquilo que o sujeito pode experimentar a partir das manipulações que outros fazem dos estigmas que sofre.

Esses três âmbitos da identidade partem do mesmo material, explica Goffman, mas o indivíduo possui “considerável liberdade” sobre aquilo que produz sobre si – a identidade do eu –, variando, claro, a partir das informações que acessa.

A atenção de Goffman se volta, justamente, sobre as informações acessadas pelos sujeitos acerca dos próprios estigmas que sofrem cotidianamente.

E é também sobre esse volume de informações que vamos nos debruçar nesta pesquisa para compreender o modo como os receptores da TV Janela apreendem os conteúdos dos vídeos e trazem para si uma compreensão do todo comunitário e sobre si próprio.

As mediações culturais às quais esses sujeitos estão imersos são, portanto, fontes de informação ou informações em si, que colaboram para essa construção da identidade social, pessoal e do eu (subjetiva). Os vídeos da TV Janela serão um desses elementos informativos, dialogando com tantas outras mediações, mais ou menos fortes, abrangentes, visíveis, cotidianas.

Em sua obra, Hall (2007) reforça a tendência teórico-conceitual atual, que ensaia, ainda que timidamente, a substituição das “identidades” pelas “identificações”. A primeira denominação indica as análises referentes às práticas discursivas. Já a segunda, estaria associada aos processos de subjetivação e a uma política de exclusão. De acordo com o autor, a abordagem discursiva considera “identificação” como um processo sempre incompleto, algo eternamente em construção.

Zygmunt Bauman (2005) traça o conceito de identidade cultural a partir de sua própria experiência diaspórica. Afastado da Universidade de Varsóvia, em 1968, saiu da Polônia, seu país de origem, e se estabeleceu na Inglaterra, onde, em 1971, tornou-se professor da Universidade de Leeds. Seu deslocamento espacial lhe permitiu entrar em contato com outras comunidades, com às quais ora se identificava, ora não.

A ideia de comunidade está intrinsecamente associada ao conceito de identidade cultural, já que o sentimento de pertencimento a um grupo vai depender, dentre outras variantes, de uma identificação que o sujeito estabelece com os demais. As comunidades, segundo Bauman, seriam de dois tipos: territoriais ou fundidas por ideias. Naquele momento, Bauman não poderia se identificar com os ingleses a partir do primeiro tipo de comunidade. Já através do segundo, sim.

É de importante valia ressaltar, aqui, a expressão “naquele momento”, já que “o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis” (idem, *ibidem*, 17). As identidades são fluidas, e essa é uma das definições primeiras apontada pelos teóricos dos Estudos Culturais.

Na Modernidade, a identidade – mais especificamente, a identidade nacional – teria sido gestada não por uma vontade dos vários sujeitos que compõem uma nação, mas pelo esforço e, em certos casos, uma exigência dos Estados-Nações. Eles exigiram dos indivíduos uma identidade nacional.

A posterior era “líquido-moderna”, como denomina Bauman, diluiu as fronteiras culturais e políticas dos Estados, através da globalização, e criou nos sujeitos, antes “nacionais”, uma “crise de pertencimento”. “A ideia de 'identidade' nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o 'deve' e o 'é' e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia” (idem, *ibidem*, 26).

A identificação é, ainda, uma forma de estratificar grupos, segundo Bauman. O autor aponta dois grupos bem distintos quanto ao poder cultural que exercem na sociedade. O primeiro constituiria e desarticulária suas identidades mais ou menos a seu modo. O segundo seria composto pelos sujeitos que tiveram negado o direito de compor sua própria identidade e passaram a ser oprimidos por uma identidade estereotipada. “Identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar

nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam...” (idem, ibidem, 44).

Bauman faz ressalvas quanto às comparações que alguns estabelecem entre a montagem de um quebra-cabeça e a “montagem” da(s) identidade(s). Para ele, um quebra-cabeça possui peças pré-estabelecidas e sua montagem leva a um único resultado. Se não, você pode devolvê-lo à loja e receber seu dinheiro de volta. Na composição de uma (ou várias) identidade, o sujeito vai trabalhando com as pecinhas que, ocasionalmente ou não, vão lhe aparecendo e o resultado final vai variar a partir de fatores subjetivos, contextuais e assim por diante. O teórico cita Lévi-Strauss, que define o construtor de identidades como um *bricoleur*, “que constrói todo tipo de coisa com o material que tem à mão” (idem, ibidem, 55).

4.2. Representações difundidas pelas mídias convencionais

Analisaremos neste tópico a forma como as mídias convencionais – principalmente os programas policiais televisivos e as páginas policiais dos jornais impressos da cidade – abordaram fatos como a Chacina do Pantanal (1993), o plebiscito para mudança de nome do bairro e como, ainda hoje, apresentam a comunidade.

Claro que essa concepção se estende a um amplo segmento da cidade, concentrado nas periferias e áreas de risco. No caso específico do Pantanal, o diferencial foi a associação de um crime ao nome da comunidade, difundido, durante meses, pelos programas policiais de televisão e pelos jornais impressos da cidade. A Chacina do Pantanal, de algum modo, ajudou a homogeneizar o imaginário de violência e miséria dos moradores daquele local.



Figura 15
Capa do Jornal O Povo de 23 de novembro de 1993,
um dia após a Chacina do Pantanal

As mídias convencionais de Fortaleza, de modo geral, adotaram – e ainda hoje adotam – duas principais posturas ao apresentar a comunidade do Pantanal. A primeira enfatiza moradores envolvidos em situação de crime, miséria, de vulnerabilidade social.

Já na segunda postura, os meios de comunicação tentam mostrar o quanto os estigmas sobre o Pantanal prejudicaram o desenvolvimento da comunidade e a relação de seus moradores com os demais fortalezenses. Os veículos, obviamente, não se culpam pela contribuição que, historicamente, deram à produção do imaginário negativo que a população acabou por construir sobre aquele bairro.

A primeira perspectiva, exemplificada abaixo, ganhou força já em 1993, durante a Chacina do Pantanal. Nesse período, surgiam, em Fortaleza, os primeiros programas policiais televisivos. O Barra Pesada (da TV Jangadeiro, à época, filiada à Rede Bandeirantes) e o Aqui Agora (da TV Cidade, à época, filiada ao SBT) são exemplos de programas que exploraram exaustivamente a criminalidade e a pobreza do bairro. O trecho abaixo refere-se à primeira perspectiva:

A violência pode surgir cedo na natureza humana de um determinado indivíduo. Ela aparece muitas vezes de forma inata, numa inocente brincadeira de bang-bang entre crianças. Porém se, no decorrer da vida, não forem inculcados no homem sentimentos de civilidade e de cidadania, essa violência irá aumentar, num crescente que, fatalmente, irá culminar com um assassinato, pura e simplesmente. Foi essa violência que se fez presente aqui, no Conjunto Prefeito José Walter, no dia 21 de novembro, num crime que ficou conhecido nacionalmente como a Chacina do Pantanal (Trecho de reportagem de novembro de 1993 do programa policial Barra Pesada).

Essa primeira perspectiva sobre o local é identificável desde 1990, quando os primeiros moradores ocuparam o espaço, até os dias atuais. De fato, crimes de várias motivações ocorrem no bairro ainda hoje, mas o tom preconceituoso aparece na forma como a violência é enfatizada, através dos juízos de valores agregados à “mera informação” dada pelo apresentador e pelos repórteres dos programas televisivos e jornais impresso.

A favela do Pantanal, no Conjunto José Walter, onde a insegurança é constante, viveu ontem, logo aos primeiros minutos da madrugada, um clima de medo e pavor, com a execução sumária de três menores, acusados de pertencerem a gangues que aterrorizam as famílias ali residentes (trecho de matéria do Jornal Diário do Nordeste de 21 de novembro de 1993, caderno de Polícia, p.28).

Oriundo de famílias pobres, que sobrevivem na “corda bamba”, com salários irrisórios e enfrentando muitas dificuldades, Carlos Antônio da Silva, o “Bite”, 16; Veridiano Duarte da Silva, o „Verinho”, 15 e André Gomes de Sousa, o “Duda”, 14 – os mortos da Chacina do Pantanal – são também vítimas das enormes desigualdades sociais existentes no País. Desde cedo, os garotos aprenderam a conviver com os limites e privações de uma vida humilde (trecho de matéria do Jornal O Povo de 23 de novembro de 1993, p. 17A do caderno de Cidade).

Uma “determinação do governador Ciro Gomes para que a Chacina fosse apurada com o maior rigor possível” e o “apelo para a verdade” de Dom Aloísio Lorscheider demonstram a proporção que o caso atingiu ou que se queria atingir através dele.

A segunda perspectiva de retratação do espaço foi estimulada pela campanha do “plebiscito popular”, em 2001, e pela oficialização do bairro Planalto Ayrton Senna, em 2003.

O desejo de mudança surgiu depois que três adolescentes foram brutalmente assassinados no episódio que ficou conhecido como a Chacina do Pantanal, em 1993. Livrar-se do estigma da violência e dar uma nova

identidade para o bairro. Para isso, a troca de nome foi o primeiro passo, apoiado por lei aprovada na Câmara Municipal. O nome Pantanal agora faz parte do passado. O bairro agora é Planalto Ayrton Senna (trecho de matéria de 19/06/2003, cedida pela TV Jangadeiro sem especificação do programa em que foi veiculada).

A partir de 2001, foi possível perceber em programas da mídia convencional uma “preocupação” que antes não se tinha: desconstruir a imagem “negativa” da comunidade, mostrando aspectos “positivos” acerca dos moradores e do espaço físico; às vezes, até reivindicando por políticas públicas para o “lugar esquecido pelo governo”.

A estudante Liliane Francisca de Aguiar mora na favela do Pantanal. Liliane estuda numa escola de Maracanã⁴¹ e relata o preconceito que sofre por fazer parte da comunidade. “Geralmente quando digo que vivo no Pantanal os colegas da escola logo falam que venho da terra dos marginais. Eu não digo nada, mas por dentro eu fico revoltada. Não sou vagabunda nem marginal. Estou estudando e é cruel ouvir isso, pois sei que aqui tem muita gente séria e trabalhadora”. Foi procurando trabalho que a irmã de Liliane também sofreu com a discriminação. “Quando ela foi procurar emprego no Distrito Industrial, o pessoal da fila disse que nem adiantava insistir porque a fábrica não contratava ninguém que morasse na favela do Pantanal”, diz Liliane. Segundo ela, a mãe quer ir embora, mas Liliane é uma das moradoras da favela que acredita no renascimento da comunidade. “Sei que podemos mudar essa imagem. Aqui existe violência, mas é como qualquer bairro de Fortaleza”, afirma (Matéria-coordenada “O cidadão – Preconceito e revolta”, do Jornal O Povo de 29/04/01, caderno Cotidiano).

Essa preocupação, no entanto, não partiu dos próprios meios de comunicação. Além de a notícia sobre o “desejo por uma nova identidade” ter um forte apelo jornalístico, o que em si já justificava sua veiculação, a pauta foi proposta/estimulada pela liderança comunitária responsável pelo plebiscito popular.

Outro fator importante de se ressaltar nesses trechos é o de que a reconstrução de uma nova representação para o bairro passa, obviamente, pelo reconhecimento da existência de uma anterior, associada à pobreza e à criminalidade. Precisou-se tocar na ferida para, a partir dela, tentar construir uma nova concepção de “Pantanal”, agora “Planalto Ayrton Senna”.

Uma matéria em especial da mídia convencional acerca do bairro foi citada por quase todos os receptores da TV Janela entrevistados. Trata-se da reportagem especial sobre o Planalto Ayrton Senna, exibida no quadro “Meu bairro na TV”⁴², do CETV,

⁴¹Maracanã é o município vizinho à Fortaleza, sendo o Planalto Ayrton Senna um dos bairros da capital que fazem limite com essa cidade vizinha.

⁴² Com a maior popularização das TVs por assinatura nas classes A e B, os programas de entretenimento e os jornais locais da TV aberta adotaram quadros mais voltados para as “comunidades” periféricas, onde,

jornal local da TV Verdes Mares, afiliada cearense da Rede Globo. A reportagem contou a história do bairro pela perspectiva dos próprios moradores, falou da proposta social do Integrassol e da TV Janela e fez enquetes para publicizar os principais problemas do bairro em termos de políticas públicas. Em síntese: adotou estratégias muito semelhantes às utilizadas pela TV Janela para apresentar o bairro, entretanto com um fator amplificador: seu alcance é estadual.

4.3. Entidades não governamentais e mídia comunitária

Mostraremos, agora, o contexto das mídias comunitárias como um todo no Brasil, desde a década de 1970, quando começaram a se proliferar juntas aos movimentos sociais de bairro, até chegar aos dias atuais. Em Fortaleza, há muitos projetos de vídeo popular, que possuem produtores e públicos-alvo bastante heterogêneos, mas que possuem características bastante semelhantes. De modo geral, esses trabalhos são desenvolvidos por Organizações Não Governamentais (ONGs).

Dentre os vários significados para a expressão “Organização Não Governamental”, o mais abrangente é auto-explicativo: organizações sem caráter governamental. Essa ideia, entretanto, desconsidera as peculiaridades entre as várias ONGs, que vão de propostas assistencialistas a educacionais.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) idealiza as ONGs como entidades supranacionais internacionais, criadas sem acordos governamentais. As características que vão unir todas elas sob uma mesma sigla são o caráter não lucrativo e o apoio a algum grupo social ou a alguma causa política, social, econômica, ambiental.

No Brasil, elas surgem entre 1970 e 1980 para assistir, principalmente, os movimentos sociais que ganhavam corpo e visibilidade. Os grupos eram beneficiados pelos instrumentos oferecidos pelas ONGs e pelos profissionais e acadêmicos envolvidos nos vários projetos que lhes eram oferecidos.

Na cidade de Fortaleza, uma das entidades que mais se destacou nesse trabalho social foi o Instituto de Assessoria e Comunicação Popular Nosso Chão⁴³. O Nosso

de modo geral, estão as classes C e D. O quadro “Meu bairro na TV” é exemplo dessa tendência de mercado.

⁴³ Foi no Nosso Chão que Valdenor, diretor-fundador da TV Janela, teve seu primeiro contato com o audiovisual, logo que chegou a Fortaleza, na década de 1980. Nesse sentido, podemos perceber a forte

Chão, como ficou conhecido, colaborava com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da cidade nas áreas de educação e comunicação.

O Instituto Nosso Chão foi fundado 1989, um ano após a criação do Jornal Nosso Chão, que trazia em suas páginas as demandas populares de Fortaleza, no período. A principal função do Nosso Chão era produzir vídeos que abordassem as principais dificuldades enfrentadas pelas comunidades da cidade e reivindicar por políticas públicas.

A atenção às áreas de educação, comunicação e cultura foi enfatizada após a década de 1990, quando os movimentos sociais brasileiros já tinham se estabilizado, após um momento de grande efervescência social, a redemocratização da política nacional, ocorrida em 1985.

As entidades destinavam sua atenção, agora, aos grupos comunitários, em sua maioria, sem caráter reivindicatório. Grande parte dos projetos são destinados a grupos adolescentes ou jovens, mais vulneráveis às situações de conflito com a lei e às limitações do mercado de trabalho. Os adolescentes e jovens compoem um segmento em fase de formação biológica e psicológica, mais abertos às novas tecnologias e às possibilidades apresentadas pelos discursos de contra-hegemonia.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial da Saúde (OPS / OMS), “a adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico, durante o qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade” (ABRAMOVAY: 2004, p. 24). A adolescência divide-se em pré-adolescência (de 10 a 14 anos) e adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). Já juventude é uma definição sociológica, referindo-se à transição da adolescência para a vida adulta (de 15 a 24 anos).

O audiovisual e as necessidades de se trabalhar a auto-imagem dos grupos atendidos vão se casar como instrumento e objetivo, respectivamente, dessa nova função social das ONGs.

Ainda na década de 1990, os produtores audiovisuais do Estado do Ceará estabeleceram certo nível de organização com o objetivo de descentralizar as tecnologias e as produções, concentradas no eixo Rio-São Paulo, em sua maioria.

influência da estética e dos discursos socialmente engajados do Nosso Chão sobre as produções da TV Janela.

O governo do Estado do Ceará estimulou essa descentralização através de políticas públicas. Em 1994, a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará criou o Programa de Promoção e Difusão das Ações Culturais, que possuía um eixo voltado para a área do cinema. Já em 1996, é fundado, em Fortaleza, o Instituto Dragão do Mar de Arte e Indústria do Audiovisual. Dentre os três centros do instituto, estava o Centro de Estudos de Dramaturgia, que capacitou profissionais na área do audiovisual até 2002.

Um diagnóstico do Núcleo de Produção Digital (NPD) de Fortaleza, ligado ao executivo municipal, as ONGs da cidade que se utilizam da linguagem audiovisual, em grande parte, focam suas preocupações na inserção de jovens no mercado de trabalho.

Munidas de pequenas câmeras digitais, estas instituições foram responsáveis por iniciar a formação, qualificar e acompanhar mais de 600 jovens nos últimos cinco anos. Reunindo debates sobre cidadania e juventude, técnicas básicas de audiovisual e linguagem audiovisual, estas instituições vêm sendo responsáveis pela formação básica de alguns técnicos hoje em atuação no mercado [...] A deficiência destas atividades se mostra na dificuldade estrutural das realizações devido à baixa qualidade dos equipamentos e de sua escassa disponibilidade. Observa-se também a necessidade de uma formação mais crítica e aprofundada nas técnicas de realização (trecho do relatório sobre a realidade do audiovisual em Fortaleza, do Núcleo de Produção Digital de Fortaleza).

Hoje, há, ao menos, oito entidades sem fins lucrativos trabalhando, em Fortaleza, com a linguagem do audiovisual para atingirem seus objetivos específicos. Dentre os mais expressivos, estão: 1) Projeto Quatro Varas (no Pirambu); 2) Projeto Vídeo de Rua (da Fundação CEPEMA); 3) projeto de cineclubes desenvolvido pela Central Única das Favelas (Cufa) na Comunidade da Quadra, no bairro Dionísio Torres; 4) projetos da ONG Alpendre, Casa de Arte, Pesquisa e Produção; 5) da ONG Aldeia; 6) da Fábrica de Imagens; 7) da ONG Encine; 8) e o projeto TV Janela, do IDS.

O surgimento de veículos de comunicação alternativa e popular no Brasil está diretamente ligado ao período de repressão política da ditadura militar (1964-1984). Na década de 1970, muitos jornais surgiram como alternativa à voz oficial, que se estabelecia, com maior ou menor poder, em quase todos os grandes veículos de comunicação do país.

Essa (1) voz alternativa pertencia a um grupo, de modo geral, advindo da pequena burguesia do país, intelectuais descontentes com o regime militar. Eles propunham uma comunicação libertadora, revolucionária, de conteúdo crítico e de combate aos grandes veículos e à elite econômica e política nacional.

Já a (2) comunicação popular

Apareceu no início dos anos noventa, em função das reelaborações ocorridas no âmbito da sociedade civil, tem uma postura mais dialética e mais flexível; considera que a comunicação popular pode inferir modificações em nível de cultura e contribuir para a democratização dos meios comunicacionais e da sociedade, a cuja transformação imediata ela não pode levar, por suas limitações e contradições e sua inserção numa grande diversidade cultural; e, por concretizar-se em espaço próprio, ela não se contrapõe à comunicação massiva (PERUZZO, 1998a, p.119).

Muitos são os veículos alternativos e populares surgidos a partir da década de 1970 em todo o Brasil. Dentre as várias motivações para o seu surgimento, está a efervescência política da época, a crise econômica do início dos anos 1980, o consequente acirramento das desigualdades sociais e o afrouxamento da censura prévia do regime militar.

Dentre os vários veículos surgidos nesse período, um dos que acabou por ganhar força e destaque foi o vídeo popular. O desenvolvimento tecnológico internacional facilitou um mercado competitivo entre as tecnologias estadunidense e japonesa e um consequente barateamento dos equipamentos. Em 1975, o mundo “assistia” ao surgimento do vídeo-cassete, criado no Japão pela empresa JVC; e em 1983, da primeira câmera filmadora (compact-VHS), também da JVC.

O crescimento do mercado internacional de vídeo está vinculado ao processo de transnacionalização do capital, especialmente na área eletrônica, e às estratégias desenvolvidas pela indústria videográfica em distintos países, nos vários setores da comunicação e da economia (SANTORO, 1989, p. 37).

Já no Brasil, a tecnologia do vídeo-cassete foi disseminada a partir de 1982, ainda como aparelho eletrônico que representava status às classes mais favorecidas. Outro motivo para a disseminação do vídeo popular em vários países da América Latina foi o declínio do Cinema Novo. Este cinema surgiu a partir de um movimento de cineastas e artistas latino-americanos em 1967, através do movimento Novo Cine Latino-

Americano. O Cinema Novo teve Glauber Rocha como um de seus mais importantes representantes brasileiros.

Esse cinema chegou à década de 70 enfraquecido em sua ação e penetração, submerso nas dificuldades de financiamento das produções, na intensa repressão política das ditaduras latino-americanas, em um isolamento pela ausência de cooperação quase que absoluta, confundindo sua sobrevivência enquanto movimento com a sobrevivência pessoal dos realizadores. [...] Em meio a essa crise, que é exacerbada em meados dessa década, explode o vídeo na América Latina, com um compromisso direto com as lutas populares, retomando espaços, discussões e propostas que estavam presentes no início do movimento do Novo Cine Latino-Americano (SANTORO, 1989, p. 84).

A década de 1980 foi marcada por um desejo de democratização dos meios de comunicação, presente tanto nos movimentos populares, como nos cursos de Comunicação Social de universidades de todo o país. Somados a esses fatores, surgem na década de 1980 vários financiamentos de entidades estrangeiras a projetos que visassem à educação e comunicação popular.

Nesse contexto, surgem, no início dos anos 1980, várias entidades e movimentos interessados pela produção de vídeo popular em diversos estados brasileiros. O desejo de troca de experiências ocasionou vários encontros nacionais e, em novembro de 1984, o nascimento da Associação Brasileira de Vídeo no Movimento Popular (ABVMP).

O objetivo da ABVP (sigla pela qual a associação ficou conhecida) era “dar seqüência à esperada ação de organização, de representação política dos grupos, de busca de financiamentos para a compra de equipamentos de pós-produção para uso coletivo, de facilitar a organização de mostras, o contato entre diferentes grupos para co-produção, e de oferecer cursos e seminários” (SANTORO: 1989, 68). Após construir um acervo de mais de 500 vídeos, a ABVP foi encerrada devido a crises políticas e financeiras.

Peruzzo (2004) divide em quatro tipos as experiências com TV⁴⁴s comunitárias⁴⁴. Dentre elas, a autora define como “TV livre” ou “TV de rua” as primeiras experiências de TV comunitária no Brasil. Ela se caracteriza por produções educativo-culturais, exibidas em espaço público e de caráter coletivo.

⁴⁴ (1) TV^s “Comunitárias” em UHF; (2) Televisão de Baixa Potência – VHF; (3) TV de Rua; (4) e Canal Comunitário da TV a Cabo. No caso deste trabalho, interessa-nos a TV de Rua, em cuja experiência o projeto TV Janela se encaixa.

No conjunto das experiências de TV de Rua, através da participação popular no processo de produção dos audiovisuais, almeja-se desmistificar a televisão, discutir assuntos de interesse público candentes aos grupos locais e motivar o envolvimento das pessoas na democratização dos meios de comunicação de massa através da apropriação pública das tecnologias da informação (PERUZZO, 2004, p. 2).

As principais características dessa TV de rua seriam:

Não são canais de televisão, mas produções em vídeo que utilizam o suporte televisivo (monitor, videocassete e telão) para transmissão e recepção; programas transmitidos em espaços públicos, e eventualmente, em canais educativos tradicionais de TV Educativa; exibição é itinerante; momento de recepção é coletivo; participação popular nas várias fases do processo de produção do audiovisual; ligado e dependente de entidades de cunho social, sendo autônomas quanto ao direcionamento a seguir; sustentabilidade vinculada a financiamento de projetos ou parcerias institucionalizadas; inovação de linguagem em relação a televisão tradicional, com bastante uso do humor, música e expressões populares; não precisa de concessão/permissão de canal; objetiva democratizar / desmistificar a televisão e suas técnicas de produção; voltada a segmentos excluídos da população; tem finalidades essencialmente educativas, culturais e de desenvolvimento comunitário local; não tem fins comerciais; trabalha a partir e com as temáticas, preocupações, realidades e valores de cada lugar; incentiva a criatividade popular; contribui para o resgate de identidades culturais (PERUZZO, 2000, p. 11-12).

Embora o vídeo popular seja feito pelo “povo” e para o “povo” e possa ter formato e linguagem diferenciada do que se vê na mídia convencional, ele não obrigatoriamente é reivindicatório. Esse é o caso do projeto TV Janela, como será visto mais adiante.

Historicamente, as experiências de vídeo popular estiveram ligadas a um movimento de questionamento dos valores sociais, políticos e econômicos vigentes. Atualmente, são bastante perceptíveis experiências com propósitos bem diversificados, como a capacitação de jovens produtores para a sua inserção no mercado de trabalho.

Essa mudança de perspectiva também pode estar associada a um abandono das causas políticas de muitos movimentos sociais. Essas causas estiveram presentes em maior intensidade quando se tinha um acirramento maior entre forças político-partidárias no Brasil, antes das mudanças de alinhamento político do bloco liderado pelo Partido dos Trabalhadores (PT), no início dos anos 2000.

Citado por Peruzzo (1998b), Carlos Eduardo Zanatta (1996) diz que a comunicação popular surge e desaparece junto às reivindicações específicas do grupo a que atende. Essa característica vai enfraquecer essa comunicação popular e contribuir para a transformação dela em comunicação comunitária.

Peruzzo afirma que “algumas das características da mídia comunitária nesse final de século [20] são o pluralismo, a sintonia com as especificidades de cada realidade onde está inserida e a participação ativa de entidades não governamentais e sem fins lucrativos” (PERUZZO: 1998b). Dessa forma, pode-se afirmar que essas mídias comunitárias não estão ligadas a movimentos sociais específicos, como estavam as mídias populares. As comunitárias vão atender a alguma demanda específica das comunidades, como a comunicação entre seus membros, a qual é quase inviável através dos veículos massivos de comunicação.

Se antes o objetivo era reivindicatório, hoje é mais educativo, cultural e artístico. Consideramos, neste trabalho, que o projeto TV Janela enquadra-se nessa nova perspectiva, na linha de produção comunitária. Por considerarmos a comunicação popular como produções ligadas aos movimentos sociais e de caráter reivindicatório, poderemos dizer que a TV Janela não é um veículo de comunicação popular. Ela não possui objetivos reivindicatórios, nem está diretamente ligada a um movimento social, embora suas bases estejam fundadas em movimentos populares, ligadas à questão da moradia: a associação comunitária UMP e o Instituto Nosso Chão. Esses aspectos serão explicitados mais adiante.

4.4. Histórico do Instituto de Desenvolvimento Social

O reconhecimento da condição marginal e a revolta que os estigmas causam são pontos de partida dos vídeos da TV Janela, na tentativa de exposição de uma outra representação acerca do morador da comunidade do Pantanal. A TV Janela é o principal projeto da ONG Instituto de Desenvolvimento Social (IDS), fundada em 1999.

Os vídeos, exibidos mensalmente na rua para um público de cerca de 300 moradores, são produzidos por adolescentes da comunidade do Pantanal,

capacitados pelos coordenadores do projeto, realizadores audiovisuais que sempre residiram na comunidade.

Surgida em 1990, através de uma ocupação de terras realizada, principalmente, por imigrantes do sertão cearense, a comunidade se estabeleceu pela resistência dos ocupantes. Sua união – ora estratégica, ora espontânea – impediu as tentativas do poder público e dos supostos donos da terra de destituírem a comunidade daquele espaço.

Uma pista de pesquisa aqui levantada é que esse primeiro embate explícito entre interesses econômicos divergentes possibilitou aos moradores mais engajados uma relação mais consciente das desigualdades presentes nos centros urbanos. Isso pode ter-lhes proporcionado uma visão mais crítica sobre a imagem que as mídias convencionais construíram sobre a comunidade “miserável” e “violenta”.

No entanto, é preciso reconhecer que, mesmo nos discursos mais politizados e emancipatórios, há muito dos discursos hegemônicos e das experiências comunicativas convencionais, nas quais esbarramos cotidianamente. E esse conflito discursivo é o foco deste trabalho: perceber como esses vídeos, mesmo essencialmente contra-hegemônicos, negociam sentidos e cedem espaço para o hegemônico através de linguagens, técnicas e representações convencionais.

O Instituto de Desenvolvimento Social (IDS), fundado em 1999, é uma das referências desse processo de difusão do vídeo popular na cidade, já que um de seus membros – morador histórico do Pantanal – é fruto do projeto de vídeo popular pioneiro no Estado, o Instituto Nosso Chão.

Aluno do Nosso Chão, Valdenor Xavier de Moura chegou à Fortaleza no final dos anos 1980, vindo de Mombaça, no Sertão Central cearense. Morou em bairros próximos à região que, mais adiante, seria denominada como Pantanal. Participou da ocupação do local, em 1990, e desde então trazia para a comunidade as propostas de audiovisual apreendidas no Nosso Chão. Através de seu estímulo e de outras pessoas do local envolvidas com as técnicas de fotografia e do vídeo, ajudou a compor um pequeno arquivo sobre as histórias das pessoas e dos espaços do bairro.

Valdenor nasceu em Piquet Carneiro e, quando adolescente, foi morar em Mombaça. Foi da Pastoral da Juventude, de CEBs no interior do estado, liderança do bairro São José, em Mombaça, de 1982 a 1987. Em 1989, veio para Fortaleza e morou

na casa de uma tia por seis meses, no bairro Maraponga, região sul da cidade. Em seguida, alugou uma casa no bairro Aracapé, mais afastado do Centro de Fortaleza. Já em 1990, realizou Curso Básico de Cinema e Vídeo da Casa Amarela, instituição vinculada à Universidade Federal do Ceará (UFC).

Valdenor ficou sabendo da ocupação das terras que hoje compõem o Pantanal e se juntou ao grupo originário da comunidade, em 1990. Desde o início da ocupação, estimulou práticas de audiovisual, devido à sua formação na área e à sua atuação política nos setores populares e dentro da Igreja Católica.

Foi um dos que mais se preocupou em registrar os momentos históricos do grupo comunitário através de fotos e vídeos. Também estimulou a audiência coletiva de vídeos sobre os movimentos populares, arquivo do Instituto Nosso Chão, do qual fez parte. De modo geral, os vídeos eram exibidos utilizando aparelho de televisão e de vídeo cassete, na sede da União dos Moradores do Pantanal (UMP), a associação comunitária do bairro mais referenciada pelos moradores.

Eu ingressei [em 1989] no Nosso Chão e não entendia nada de vídeo, só tinha a carga de experiência que eu vinha trazendo do interior, dos movimentos sociais. [Eu não entendia] nada de câmera, nada de técnica, só algumas coisas que a gente vê na televisão [...] Aí eu comecei a fazer cursos: fiz o curso da Casa Amarela [Curso Básico de Cinema e Vídeo], com o Euzélio Oliveira [fundador da Casa Amarela, instituição atualmente vinculada a projetos de extensão da UFC], em 1990 (Valdenor Moura, diretor-presidente do IDS).

Através da compra de uma máquina fotográfica e do empréstimo de uma câmera de vídeo de colegas, um grupo comunitário liderado por Valdenor conseguiu arquivar alguns eventos históricos da comunidade por meio de fotografias e vídeos. Também durante o período de maior instabilidade vivido pela comunidade, esse mesmo grupo organizou transmissão de vídeos populares na sede da União dos Moradores do Pantanal (UMP), utilizando um pequeno aparelho de televisão, um vídeo-cassete e energia “roubada” de postes das comunidades vizinhas, através de fios feitos com palha de carnaúba.

Em 1999, o IDS é fundado por moradores da própria comunidade, mas com o apoio de profissionais cearenses ligados às áreas do audiovisual, da comunicação comunitária e de áreas afins, como filosofia e antropologia. No início de seus

trabalhos, entretanto, esteve atrelada a outros projetos sociais, sem relações com o audiovisual.

Assim como muitos imigrantes sertanejos acolhidos pela capital cearense nos anos 1970 e 1980, as famílias de Valdenor Xavier de Moura, Geliene Queiroz, Célio Ferreira e Noely Barros (sócio-fundadores do IDS) participaram da ocupação do Pantanal e sofreram, desde o início, os estigmas enfrentados pela comunidade perante Fortaleza. Esse aspecto nos ajuda a compreender o “desejo de mudar” a imagem do Pantanal perante os próprios moradores da comunidade e da cidade.

A gente tinha capacitações aqui, na instituição. Nós tínhamos um projeto muito ligado a capacitação, inicialmente, que serviu de experiência pra nós, como gestores comunitários, porque a instituição atende a comunidade. Então nós começamos com um projeto pra capacitação solidária. Isso foi no ano... Próximo do ano 2000, logo quando começou a instituição. Então nós fizemos um projeto na área de panificação, pra atender o público da comunidade. E foi interessante porque a instituição pôde, digamos assim, criar experiência, ter experiência com a gestão de projetos sociais (Valdenor Moura, diretor-presidente do IDS).

Após o projeto de panificação (o Cidadão 2000), implantado com o apoio financeiro da Associação do Programa Capacitação Solidária, todos os demais projetos estiveram ligados à linguagem visual e audiovisual. Ao todo, o IDS já soma dez projetos: um projeto de panificação; sete da área visual e audiovisual (sendo um de fotografia, cinco de audiovisual e um de desenho animado); e dois projetos desenvolvidos em parceria com pessoas físicas.

O projeto TV Janela corresponde à soma de todos os projetos de vídeo já desenvolvidos pelo IDS. O que todos esses projetos possuem em comum é o fato de capacitarem adolescentes, com o suporte do IDS, para a produção de vídeos sobre o Pantanal, os quais são exibidos mensalmente em telão, na rua onde se localiza o Instituto.

A TV Janela surgiu em 2004 e capacita, por turma, 20 adolescentes do bairro, entre 15 e 17 anos, para a produção de material audiovisual sobre a própria comunidade.



Figura 16
Adolescente capacitada pelo IDS entrevista
trabalhador em rua do Pantanal



Figura 17
Moradora dá sua opinião sobre o bairro
em entrevista a adolescente da TV Janela

Cada turma produz, teoricamente, seis vídeos, que são exibidos em telão montado na rua e conseguem aglutinar cerca de 300 pessoas por exibição. As exibições ocorriam, geralmente, uma vez por mês, no sábado à noite, mas essas exibições têm se tornado mais irregulares.

A proposta da TV Janela é de mostrar aspectos positivos do bairro. Dessa forma, propõe um contraponto ao discurso hegemônico da mídia convencional.

Um diferencial [em relação à mídia convencional] que a gente tem pautado no momento é o fato de a dona Maria, da rua Oscar Romero, estar aparecendo na própria rua dela e está aparecendo com uma imagem positiva. Infelizmente, o Pantanal tem entrado na mídia como lugar de bandido, como bairro perigoso da periferia. Os meninos aqui chamam do “bairro do vixe!” [interjeição que denota espanto] e a TV Janela se propõe a desconstruir essa imagem e mostrar que não, que no bairro tem seus problemas, mas também tem coisas boas (Ivo Sousa, instrutor do IDS).

As parcerias firmadas com o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (Comdica), através do Fundo Municipal de Defesa da Criança e do Adolescente, possibilitaram a execução de três projetos: Jovens em Foco (projeto de fotografia dividido em duas etapas, cada uma atendendo 25 adolescentes em 2003); Multiplicadores da Imagem (primeira turma de vídeo, de 2004); e Luz, Câmera, Adolescentes em Ação (terceira e atual turma de vídeo, iniciada em 2006).

Através de um apoio financeiro do Fundo Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente, o IDS conseguiu comprar seus primeiros equipamentos de vídeo e edição em 2004. Outra parceria firmada foi com a Coordenadoria Ecumênica de Serviços (Cese) para o desenvolvimento do projeto Multiplicadores da Paz.

Pode-se perceber uma preocupação do IDS com o primeiro emprego dos jovens da comunidade, principalmente, pelo desenvolvimento de dois projetos através do apoio financeiro do Consórcio Social da Juventude (um projeto de desenho animado, em 2004; e outro de produção de vídeo). Em 2007, o IDS foi contemplado com edital da Secretaria Municipal de Educação e Assistência Social (Sedas) para desenvolver o projeto TV Janela nas Escolas (correspondente à quarta turma de vídeo do IDS).

Em 2008 e 2009, período de realização desta pesquisa, o IDS possibilitou quatro projetos de audiovisual para crianças e adolescentes do bairro, três no primeiro ano e apenas um no segundo. Em 2008, o Projeto de Animação na TV Janela formou, em seis meses, 25 crianças na área de animação, uma parceria entre o IDS e o diretor de cinema de animação André Dias, que foi contemplado com o VII Prêmio de Cinema e Vídeo, na categoria Formação em Animação, da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Secult). As crianças elaboraram um vídeo de animação que foi exibido pela TV Janela no segundo semestre de 2008.

Ainda em 2008, foram realizadas duas capacitação da TV Janela com adolescentes. Uma delas resultou de um projeto de Valdenor⁴⁵, aprovado no VII Edital de Cinema e Vídeo, na categoria Formação em Audiovisual, também da Secult. Uma turma de 25 adolescentes foi capacitada durante seis meses, produzindo vários pequenos quadros (documentários, entrevistas), que ajudaram a compor os vídeos de 30 minutos exibidos pela TV Janela. Dos 25 adolescentes, dez se mantiveram em formação, unindo-se a dez novos selecionados para o terceiro projeto de 2008, que também durou seis meses. Esse terceiro projeto foi denominado de Projeto Luz, Câmera, Adolescentes em Ação, sendo contemplado por edital do Comdica. Nessa nova etapa, algumas aulas práticas foram realizadas fora da instituição, com visita aos estúdios da TV Diário, TV Verdes Mares, Rádio Verdes Mares AM, FM 93, ao Teatro José de Alencar e ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, todos em Fortaleza. Segundo o IDS, os recursos recebidos durante os três projetos foram gastos com recursos humanos, material, lanches e transporte.

A capacitação é feita através de oficinas de técnicas de iluminação, câmera de vídeo e edição. Esse processo demanda um tempo, pois varia de acordo com a velocidade do aprendizado dos adolescentes. Quando alguns adolescentes estão mais aptos aí é que entra na parte de produção, que consiste em escolher temas e quadros para se roteirizar, gravar e editar. A projeção é o momento em que todos os adolescentes fazem parte de equipes para uma melhor organização e, claro, para que eles possam se sentir mais autônomos e seguros. Há de se destacar que os ex-alunos podem participar das equipes de exibição, como uma forma de estar repassando para os outros adolescentes os seus conhecimentos (Entrevista com Valdenor Moura, diretor-fundador do IDS, em novembro de 2009).

Já em 2009, uma nova capacitação da TV Janela foi realizada, a partir de junho, com 15 participantes novatos e oito adolescentes do ano anterior, que permaneceram produzindo vídeos para as exposições. Esse projeto foi possibilitado pelo apoio material concedido pelo Ministério da Cultura, do Governo Federal. Através de edital, o IDS tornou-se Ponto de Cultura, recebendo nove ilhas de edição para a produção de seus vídeos.

A partir da finalidade dos vídeos da TV Janela, percebe-se um interesse do IDS de “mudar a imagem” estigmatizada que se construiu sobre o bairro, mas partindo

⁴⁵ André Dias e Valdenor Moura foram contemplados por editais de cultura como pessoas físicas. O IDS cedeu sua estrutura e seus equipamentos, e os dois produtores ministraram aulas, em suas respectivas áreas, para adolescentes do Pantanal.

de uma percepção diferente da concepção da Acodehs e mais próxima da concepção da UMP, como foi visto no capítulo anterior.

É importante ressaltar que coordenador geral da TV Janela, Valdenor Moura Xavier, já foi presidente da UMP de 1996 a 1998 e ainda hoje simpatiza com suas ideias, além de ser contra a mudança de nome. Ele afirma ter votado na opção “Prefere não mudar” (o nome do bairro) durante o “plebiscito popular” de 2001 e de ter participado do Movimento Viva Pantanal, protestando contra o novo nome Planalto Ayrton Senna no dia em que se comemorou a oficialização do bairro, em 2003.

Durante os anos de 2008 e 2009, a dinâmica de trabalho do IDS sofreu algumas mudanças significativas, que modificaram, inclusive, as relações entre os participantes. A idade mínima, antes de 15 anos, caiu para dez anos, e desse modo as relações entre educandos e educadores foi alterada. O trabalho de “repasse” do conhecimento e de coordenação das atividades, antes basicamente centralizada na figura dos coordenadores do IDS e dos facilitadores convidados pela entidade, tem migrado para os adolescentes um pouco mais velhos.

Baixamos a faixa etária e observamos que a meninada se empenhou para organizar muito bem as exposições. O trabalho em equipes foi fundamental para o sucesso do trabalho. Acho que os adolescentes perceberam a força da organização. Utilizamos o método de um jovem formado pela TV janela monitorar uma equipe [nova] de adolescentes (Entrevista com Valdenor Moura, diretor-fundador do IDS, em novembro de 2009).

Devido à sua incipiente experiência com os vídeos, os adolescentes veteranos que se mantiveram nos projetos seguintes passaram a repassar o modo de fazer e a coordenar grupos de trabalho. Durante as cinco exposições de 2008 e as três de 2009, as crianças e os adolescentes se dividiram em cinco equipes de trabalho: câmera, apresentadores, switcher⁴⁶, montagem de tela e produção do local e produção de grupos artísticos.

4.5. Os vídeos da TV Janela

Os vídeos da TV Janela se utilizam do formato clássico de telejornal (créditos, caracteres, vídeo-repórter, enquadramento de busto, microfone de mão, com a

⁴⁶ O trabalho do switcher consiste em fazer o corte de imagem, dar o sinal da câmera e de DVD.

logomarca da TV Janela), dando pouca vazão à experimentação, restrita a alguns quadros de desenho animado ou a quadros como o “Minha sombra existe!”⁴⁷. Algumas imagens pouco dinâmicas são expostas por um período relativamente longo se comparado à maioria das produções audiovisuais mais convencionais, em que as imagens são exportadas, em média, por apenas dois segundos. Algumas imagens não se relacionam bem com a sonoplastia selecionada, dando sentidos controversos ao quadro.

O elemento humano é enfatizado, em detrimento dos espaços físicos que compõem a comunidade. Quando as imagens são feitas no espaço da rua, todos os elementos materiais são exibidos como coadjuvantes, por trás das figuras centrais: os moradores em movimento pelo bairro. Em certa medida, o foco sobre os moradores, e não sobre os espaços físicos do bairro, mostram a ideia da TV Janela sobre “comunidade”: comunidade seria a relação harmoniosa entre vizinhos. Outra evidência é acerca do objetivo central da TV Janela, que pretende falar dos moradores e suas representações, não concentrando esforços, portanto, em mostrar a comunidade em sua estrutura física.

Apesar de se utilizar de alguns planos gerais (ampliando o campo de visão de modo a mostrar os sujeitos dentro do espaço comunitário amplo), de modo geral, os entrevistados são mostrados em plano médio (da cintura à cabeça), denunciando a aproximação com o formato clássico dos telejornais.

Há um elemento que deve ser enfatizado aqui: os documentários não aprofundam nem a história de vida dos entrevistados, resumindo-se a alguns fatos históricos pontuais; nem as representações apresentadas sobre os moradores do Pantanal. Eles acabam por serem reduzidos a alguns adjetivos e a algumas imagens em que aparecem sorrindo, trabalhando ou transitando tranquilamente pela comunidade.

Esse traço, presente nos vídeos da TV Janela, tem por base a cultura audiovisual latino-americana, que – descrita por Martín-Barbero (2004) e apresentada no próximo capítulo – tem enfatizado os formatos industriais em detrimento dos gêneros. A profundidade dos relatos e a subjetividade dos sujeitos tem se perdido em meio às técnicas de imagem e som, utilizadas, principalmente, para dar mais dinamismo às imagens e seduzir melhor as audiências.

⁴⁷ No quadro, duas adolescentes vestidas com quimono lutam karatê. Elas não aparecem no campo de visão da câmera, que filmava suas sombras, projetadas em um pano branco através de um meia luz, ao som de uma música agitada, que transmite ação.

Embora não tenha sido o primeiro, a TV Janela é o principal projeto do IDS, tendo sido criada em 2004. O projeto de vídeo popular está adequado ao propósito mais amplo da entidade, de promover a qualidade de vida dos moradores do Pantanal. Para tanto, estão envolvidos tanto medidas concretas – que é o caso da inserção dos jovens comunicadores populares no mercado de audiovisual da cidade –, como medidas simbólicas, relacionadas à mudança de imaginário dos produtores e das audiências dos vídeos acerca da comunidade.

Na gama de produções da TV Janela, aparecem desde curtas ficções, vídeo-clipes de bandas do bairro até documentários sobre a história de moradores e da comunidade como um todo. Cada um desses quadros dura, em média, de um a quatro minutos. Vários quadros desses compõem um vídeo de meia hora, que é exibido mensalmente numa noite de sábado.

“Acho que nas reuniões de pauta procuramos vê a comunidade com o terceiro olho, resgatando a história para que os moradores possam ter uma noção das lutas que foram feitas”, define Valdenor⁴⁸. Embasado por essa perspectiva de “resgate” da história do bairro, aparecem nas produções os quadros como o “Histórias das ruas”, em que moradores antigos relatam as dificuldades iniciais e a origem do nome e, em seguida, os moradores mais recentes dão depoimentos sobre os avanços e as necessidades enfrentadas na rua onde mora.



Figura 18
Pastor explica o surgimento do nome da
Rua Apocalipse em vídeo da TV Janela⁴⁹

⁴⁸ Entrevistado em novembro de 2009.

⁴⁹ A sequência de frames que seguem a partir deste foram copiados dos próprios vídeos da TV Janela.

Há também quadros como o “Toca aí”, nos quais músicos da comunidade ou grupos musicais locais apresentam-se no estúdio da TV Janela, cantando músicas autorais ou paródias com temáticas sociais.



Figura 19
Banda Virtus, grupo de pop rock formado por jovens da comunidade, grava clipe em estúdio da TV Janela

Ainda há documentários, em que um entrevistado conta um fato específico da história do Pantanal, como a luta pela água encanada. Em seguida, o quadro Observatório da Comunidade capta as opiniões de vários moradores sobre aquele tema abordado pelo documentário.



Figura 20
Moradora dá sua opinião sobre a importância da TV Janela para a comunidade, em vídeo de aniversário do projeto de audiovisual

A opção do IDS por uma mídia comunitária audiovisual está relacionada a duas questões principais: o vínculo de seu diretor-presidente com as técnicas de audiovisual e a utilização delas em movimentos populares da cidade; e o interesse dos interlocutores por essa mídia (entre 300 e 400 pessoas assistem às exposições).

Esse último aspecto reflete a cultura televisiva instaurada no Brasil desde a proliferação dos aparelhos de televisão, em meados dos anos de 1970. Estamos considerando que, assim como qualquer mídia, a TV Janela possui suas ideologias e, por isso, não alcança o ideal positivista da imparcialidade. O fato de não haver a figura do informador oficial da TV Janela nos vídeos pode causar uma interpretação ingênua, de que se trata da mais pura opinião comunitária. Assim, os únicos informadores parecem ser a própria comunidade, já que é sempre ela que nos fala em documentários, quadros opinativos, clipes musicais.

A TV Janela, nessa perspectiva, parece funcionar como um mero espelho social, que reflete a comunidade tal qual ela é. No entanto, esse espelho é tão (de)formador quanto os demais (cada um pela sua ótica ideológica). Exerce uma função mímica, como qualquer outro ator social que tenta transpor, utilizando aqui os termos de Charaudeau (2006), o “mundo a significar” (a descrever, a comentar) para o “mundo significado” (descrito, comentado) através da linguagem. Nessa transposição, vão-se valores, vão-se ideologias.

Em grande parte dos casos, por exemplo, os moradores entrevistados para documentários são os mais antigos (possuem raízes mais firmes e laços afetivos com a comunidade) ou os que possuem relações amistosas com a entidade. Mas essas informações não aparecem explicitamente nos vídeos e, portanto, os moradores parecem ser, realmente, entrevistados ao acaso. Claro que há moradores realmente anônimos, aqueles de quem os entrevistadores desconhecem até o nome. Não podemos esquecer, também, do processo de edição, que seria o principal modelador da realidade.

O nome dos documentários faz alusão à profissão e não ao profissional (“Corte e costura”, sobre uma costureira; “Bate e esquenta”, sobre um ferreiro; e “Arte em palha”, sobre uma artesã da palha). Dessa forma, mostra-se aos espectadores dos vídeos que eles poderiam muito bem estar ali, do outro lado da telinha, contando sua história no lugar daquele que foi entrevistado.

O personagem selecionado não é mais importante do que os demais moradores. Dessa forma, fontes de informação e audiências possuem o mesmo potencial tanto de aparecer nos vídeos, como de assisti-los. Nos vídeos, percebe-se o interesse do IDS de mostrar que o êxito alcançado pelo personagem representa a vitória, ou a possibilidade de vitória, de qualquer morador.

Embora não apresentem uma postura radical, de confronto direto com os discursos hegemônicos sobre a comunidade, os vídeos da TV Janela apresentam uma proposta bem distinta. As sonoplastias alusivas ao progresso, serenidade e alegria conotam uma vivência harmoniosa entre os moradores do Pantanal, o que possibilita um novo imaginário sobre aos sujeitos que, talvez, esperem adentrar o bairro e ser assaltados ou levar um tiro.

Em alguns casos, os discursos de contra-hegemonia são sutis ou vagos, atingindo um vilão sem sombra, generalizando a crítica. É um “dizem que a comunidade é pobre, violenta”, sem aprofundar o debate sobre os estereótipos, especificando atores sociais.

Nos quadros selecionados, de modo geral, ou as pessoas não são identificadas, ou seu nome e profissão só aparecem no final da narrativa, após ela ter contado sua história profissional, que pode ser a história profissional de qualquer outro morador que trabalhe na mesma área profissional. No caso do quadro sobre as profissões, a ênfase audiovisual é nos equipamentos utilizados pelos personagens no processo de produção, no produto final do seu trabalho e na sua voz.

Há uns cinco anos atrás, eu comprei a minha primeira maquininha e comecei costurando fazendo cuecas. Depois tava fraco e eu comecei a fazer outro tipo de peça. Na segunda-feira, eu acordo às duas da manhã pra fazer uma feira pertinho do mercado, Mercado Central. É um local muito disputado, acredito que uns 200 vendedores, né, dividem a praça. Aí se você não chegar cedo pra arranjar um cantinho pra você trabalhar, você não encontra. Tem dia que eu tô muito cansada. Tenho que sair daqui meio-dia, dormir um pouco e tá voltando três, quatro horas da tarde, porque não aguenta. Eu também não posso ter um quadro de funcionários grande, né, porque aí uma coisinha pequena com tanta gente, eu vou fazer o quê? Hoje eu corto, mando pras facções e faço poucas peças aqui. (Marta, no documentário “Corte e costura”, do vídeo Especial Mulheres, da TV Janela).

O nome dos documentários faz alusão à profissão e não ao profissional (“Corte e costura”, sobre uma costureira; “Bate e esquenta”, sobre um ferreiro; e “Arte em palha”, sobre uma artesã da palha). Dessa forma, mostra-se aos espectadores dos vídeos que eles poderiam muito bem estar ali, do outro lado da telinha, contando sua

história no lugar daquele que foi entrevistado. O personagem selecionado não é mais importante do que os demais moradores. Dessa forma, fontes de informação e audiências possuem o mesmo potencial tanto de aparecer nos vídeos, como de assisti-los.

Ao mesmo tempo em que os discursos dos produtores da TV Janela conotam uma preocupação com a coletividade, ele está incutido de individualidade; afinal, esse êxito é individual, dá-se através do trabalho pessoal, das conquistas da casa própria, do emprego, do estudo etc. Não estamos, através dessa análise, desconhecendo o aspecto humano dos documentários: eles tratam o morador na sua subjetividade, em suas peculiaridades, e não como apenas mais um indivíduo de uma massa amorfa e estereotipada. O morador tem seus valores, suas opiniões, suas habilidades; cada qual possui seus predicados, reconhecidos pela TV Janela.

O discurso “ao contrário do que muitos falam, eu acho assim, no meu ponto de vista, um bairro bom” existe devido à existência e força de um outro discurso, divergente, anterior e hegemônico: “A favela do Pantanal, no Conjunto José Walter, onde a insegurança é constante [...]”(trecho de matéria do Jornal Diário do Nordeste de 21 de novembro de 1993, caderno de Polícia, p.28, referente à Chacina do Pantanal).

É um discurso “ao contrário” de outro. Dessa forma, percebe-se que não são apenas referências a um Pantanal “positivo” o que se vê nos vídeos da TV Janela. Reconhecer os contrastes sociais e as injustiças ou, ao menos, a existência de discursos “negativos” parece necessário ou inevitável.

Os discursos hegemonicamente construídos pelas mídias convencionais parecem perseguir os discursos que se reconhecem como emancipadores até mesmo dentro do vídeo popular. Percebe-se uma proposta de auto-afirmação, cujos alicerces são as desejadas cinzas de uma finada imagem depreciativa. Na verdade, essa imagem negativa do bairro está longe de morrer e perturba a idéia de um discurso contra-hegemônico até mesmo dentro de uma mídia comunitária.



Figura 21

Abertura do quadro História das Ruas, exibido em 7 de novembro de 2009

No trecho que se segue (Observatório da Comunidade do vídeo Aniversário do Pantanal), podemos identificar esse aspecto:

- Mulher: O nosso Pantanal tá indo pra frente.
- Homem: Um Pantanal que vem melhorando, um Pantanal que não é só violência, um Pantanal que é alegria, que é festa... Os moradores esperamos que, daqui a quinze anos, talvez atingisse... Talvez não tão logo, mas que possa melhorar mais o Pantanal e a imagem do Pantanal.
- Mulher: Um lugar muito bom, né, pra nós... Eu sei que eu gosto muito e tenho uma casa muito boa.
- Mulher: E o meu parabéns ao Pantanal porque ele tá crescendo. Cada dia, nós tamos vendo movendo aqui dentro as pessoas com seu negócio próprio, lutando, trabalhando pra ter uma moradia melhor, né?
- Homem: Eu sinto, assim, que é um bairro, né? Ao contrário do que muitos falam, eu acho assim, no meu ponto de vista, um bairro bom.
- Mulher: E hoje estou aqui vivendo e quero continuar lutando pra conseguir mais e mais ainda.
- Mulher: Eu me sinto bem, graças a Deus. Hoje eu tenho minha casa própria, antes eu pagava aluguel...
- Mulher: Eu parabênizo, porque, apesar de ser uma favela, como muita gente fala, ele tá se desenvolvendo. Você vê que, cada dia, ele tá crescendo. Aqui a avenida mesmo... Quando eu cheguei aqui, tinham poucos comércios, agora os comércios estão bem desenvolvidos, tipo comércio de bairro mesmo mais desenvolvido.
- Homem: Eu moro aqui há doze anos. Eu quero parabenizar o Pantanal pelos seus dezesseis anos.

Ao invés de, apenas, percebermos a felicidade dos moradores em um sorriso sutil ou numa conversa descontraída, a felicidade precisa ser estampada em frases auto-afirmativas: aqui se vive bem, sim! Essa nada mais é a lógica identificável em muitos dos discursos auto-afirmativos, que nossa sociedade contemporânea utiliza para lutar por igualdade de gênero (“sou mulher, sim!”), de etnia (“sou negro, sim!”), de orientação sexual (“sou homossexual, sim!”), de opção religiosa (“sou católico, sim!”).

Essas auto-afirmações estão inseridas no contexto das mídias populares, alternativas e da expansão crescente de espaços potencialmente mais democráticos de comunicação, como a Internet.

Os grupos historicamente excluídos da vida política, econômica e cultural das cidades passam a se expressar e essa expressão representa, num primeiro momento, um grito de liberdade, uma luta por direitos iguais e respeito às diferenças. Dessa forma, não seria suficiente à auto-afirmação apresentar um contra-discurso sutilmente, nas entrelinhas, como os discursos hegemônicos, de modo geral, apresentam-se nas mídias convencionais. Esse grito é necessário devido à consciência de que as mídias comunitárias não possuem o mesmo poder que as mídias convencionais têm de influenciar os públicos.

Outro aspecto que podemos destacar nesse quadro Observatório da Comunidade é a individualidade presente no discurso dos moradores. Uma individualidade bastante distinta da ideia de união afirmada por muitos entrevistados e pela própria direção do IDS. Afinal, o Pantanal cresce, segundo os discursos identificados, porque “tamos vendo movendo aqui dentro as pessoas com seu negócio próprio, lutando, trabalhando pra ter uma moradia melhor”. Essa parece ser uma luta solitária (ao invés de solidária), cada um por si, Deus por todos.

A ideia de união, assim, parece mais um desejo do que uma realidade. Em verdade, não queremos generalizar o individualismo na comunidade. É bastante perceptível um sentimento de comunidade no local, como nas amizades e na solidariedade que os vizinhos estabelecem entre si; no entanto, essa comunidade está inserida num contexto capitalista, de sobrevivência individual. Muitos desses mesmos moradores aparentemente unidos, por exemplo, possuem

comércios concorrentes nos estabelecimentos e na feira do bairro. Nessa hora, onde guardar a solidariedade? No discurso, provavelmente.

O documentário sobre o transporte coletivo do bairro se faz importante a essa pesquisa por ter sido um dos poucos quadros (em alguns casos, o único) lembrados durante as entrevistas com os receptores. Nele, Vicente, sapateiro lembrado como “um dos moradores mais antigos do local”, contava como havia sido a mobilização da comunidade para conseguir linhas de ônibus que atendessem à comunidade.

Era exatamente meados de 1992, quando não tínhamos acesso a transporte coletivo e a outros benefícios na comunidade. Tive a felicidade de um dia estar na parada de ônibus e, de repente, parou um ônibus à minha frente. Então me veio a ideia de seguir em frente. Subi no ônibus, tudo bem... Daí então me encostei no motorista e perguntei: “Vocês vão até que ponto do José Walter?” “Nós vamos até a Terceira Etapa”. E eu perguntei: “Não daria pra vocês darem uma esticadinha até o Pantanal?” “E onde é o Pantanal?” “É logo ali, ao lado do José Walter”. E combinamos e ele disse: “Eu vou quando terminarmos a rota, nós iremos lhe deixar até o Pantanal”. Então eu vim conversando com ele se não haveria condições de ele fazer uma rota aqui, no Pantanal. E acertamos que ele viria buscar os nossos passageiros, passageiros da comunidade, e realmente, no dia seguinte, muito cedo, ele já estava aqui, com o ônibus apanhando o povo. Qual foi a nossa surpresa que um ônibus não foi suficiente pra multidão que o esperava. Daí então foram se desenvolvendo, foram arranjando adeptos e passageiros e etc [...] (fala do sapateiro Vicente Veloso, no documentário História do Transporte Coletivo do Pantanal, do vídeo Aniversário do Pantanal).

No discurso de Vicente e no processo de edição do documentário, que é seguido de uma enquete em que os moradores dão a opinião sobre o atual transporte público do bairro, percebe-se o objetivo do IDS de mostrar que a comunidade tem avançado em vários aspectos devido à antiga mobilização das pessoas. Portanto, os pontos centrais desse documentário são a antiga mobilização e a consequente “mudança para melhor”. É como numa ficção: durante toda a narrativa, o mocinho tenta vencer os conflitos que lhe são colocados e, no fim, suspira aliviado, quase dizendo “agora posso viver em paz”. Os problemas denunciados pela fala dos entrevistados estão associados ao descaso do poder público. Por parte dos moradores, o que há é harmonia.

4.6. Representações difundidas pela TV Janela

Essas “novas formas” de representar a comunidade, propostas pelo IDS, possuem vários aspectos conflituosos, já que a comunidade e os adolescentes produtores estão inseridos dentro de um contexto de desigualdades. As cores, o tom de voz, a sonoplastia, os depoimentos e os cenários acentuados nos vídeos nem sempre correspondem à realidade dos produtores e dos receptores. Talvez por isso, entrevistadores e entrevistados partam das construções imagéticas “negativas” para reconstruir uma outra comunidade, enfatizando os aspectos “positivos”. Talvez a força das representações depreciativas force mesmo os produtores mais engajados por negá-las a reconhecer, ao menos, a existência delas. São ambivalências discursivas presentes a todo instante não só nos vídeos da TV Janela, mas na comunidade como um todo.

Parece não nos restar dúvidas sobre o caminho inverso que, de modo geral, as mídias comunitárias seguem, contrárias ao mar de representações hegemônicas apresentadas pela mídia convencional. As rádios comunitárias, os jornaizinhos de bairro e os vídeos populares acabam-se tornando ferramentas essenciais às comunidades, aos movimentos sociais e a acadêmicos que veem nesses veículos uma alternativa aos grandes jornais e revistas e, principalmente, às grandes empresas de televisão e rádio, pois, embora concessões públicas, ambas atendem a demandas de classes dominantes.

Nessa linha de defesa dos meios populares de comunicação, muitas vezes acabamos por não reconhecer dentro deles uma negociação de sentido entre popular e massivo, hegemônico e contra-hegemônico, relacionada às vivências dos produtores (que, assim como qualquer outro cidadão, estão imersos em um contexto de injustiça social) e às suas experiências midiáticas.

Afinal, nossos esquemas mentais já são, desde muito cedo, moldados pelas rádios massivas que escutamos diariamente, pelos programas de televisão que nos fazem rir e chorar, pelos noticiários matinais que nos conduzem à avenida descongestionada, a caminho do trabalho. E mesmo quando sentimos necessidade de (re) elaborar um novo discurso, incorporamos muito do que já apreendemos dessas mídias que, cotidianamente, consumimos.

Os produtores culturais da TV Janela também são – e já o eram antes – receptores, tanto de mídias comunitárias, por cujas concepções alternativas foram

influenciados, como das mídias convencionais, cujas técnicas, linguagens e representações puderam aprovar ou reprovar.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que recusam uma imagem negativa e constroem uma outra identidade comunitária, os vídeos da TV Janela negociam sentidos e cedem espaço para o hegemônico através de linguagens, técnicas e representações convencionais. Ao passo que avançam, recuam, num processo intenso de diálogo, resistência, adequação e apropriação de sentidos.

Analisando o discurso colonial britânico construído em território indiano, Homi Bhabha (1998: 130) afirma que “o discurso da mímica é construído em torno de uma ambivalência; para ser eficaz, a mímica deve produzir continuamente seu deslizamento, seu excesso, sua diferença”. No caso que analisamos aqui, é preciso reconhecer que, mesmo nos discursos mais politizados e emancipatórios, há muito dos discursos hegemônicos e das experiências comunicativas convencionais, nas quais esbarramos cotidianamente.

Dentre as várias possibilidades de interpretação dos “bens culturais”, Michel de Certeau (2007: 93) reconhece neles “o repertório com o qual os usuários procedem a operações próprias”. Dessa forma, as práticas e vivências dos consumidores vão influenciar no seu comportamento diante dos bens culturais, não de forma determinista, mas no sentido de que o mundo ao redor disponibiliza e enfatiza uns e não outros ângulos para o olhar, possibilitados por condições sócio-culturais.

A partir do consumo, realizado pelas comunidades, surgem novas produções de sentido, consideradas por Certeau (idem: 94) “inversões discretas e no entanto fundamentais provocadas pelo consumo”. Esse processo “se encontra no uso que os meios ‘populares’ fazem das culturas difundidas pelas ‘elites’ produtoras de linguagem.

Os conhecimentos e as simbólicas impostos são o objeto de manipulações pelos praticantes que não seus fabricantes”. Certeau denomina essa intervenção popular de “atividade cultural dos não-produtores de cultura”. O pensamento de Certeau pressupõe:

que as classes populares desenvolvem suas trajetórias e conseqüentemente suas atividades culturais dentro de estruturas legitimadas e de uma rede de produção e difusão de produtos culturais estabelecida e hegemônica. Para Certeau as expressões da cultura popular são mesclas deste quadro

hegemônico, mas recriam práticas culturais questionadoras das situações instituídas (CERTEAU *apud* OLIVEIRA, 2007; p. 27).

Nos centros urbanos, parece-nos mais difícil ainda reconhecer o que é massivo e o que é popular em meio a tantos hibridismos culturais. Há quem comprove a inexistência de uma cultura popular dentro das grandes cidades. Esse posicionamento, no entanto, está relacionado a uma idéia “pura” de popular, proveniente dos meios rurais, pouco ou nada afetados pela serialização e estandardização, fenômenos ocasionados pelo processo produtivo próprio do capitalismo.

Mas se consideramos cultura popular como sendo aquilo que é produzido ou re-apropriado pelas comunidades, mesmo as urbanas, através de seus próprios aparelhos e de sua própria criatividade, reconhecemos no vídeo popular uma forma de resistência às mídias hegemônicas, dentro de seus limites de público, de instrumental, de ação e expansão.

É bom deixar claro: essas ambivalências discursivas, internas às mídias comunitárias, não estão sendo apontadas aqui com o objetivo de desqualificá-las ou negar o objetivo desses vídeos. Servem mais no sentido de desconstruir uma imagem equivocada e purista que se criou historicamente sobre esses instrumentos comunicativos.

Como coloca Oliveira (2007, p. 23), as mídias comunitárias atuais fogem “aos padrões idealizados pelas concepções que investigavam a comunicação popular nos anos 80. Esta visão idealizava uma comunicação que fosse crítica, participativa e emancipatória”.

Elementos da contemporaneidade têm possibilitado um maior fluxo entre essas duas culturas, seus enlaces, embates e apropriações. E nessa relação de disputa de poder, as classes subalternas acabam por aderir mais, embora os pequenos focos – espontâneos ou planejados – de resistência sejam inúmeros. Nessa análise, os extremos são perigosos. Não há total autonomia, nem mera reprodução de bens industriais por parte das classes subalternas.

Outro fator importante é que tanto as indústrias culturais, quanto as culturas populares apresentam aspectos emancipatórios e opressores. Os conflitos não são perceptíveis apenas entre as culturas e mídias (convencionais versus comunitárias), mas também de modo interno a elas.

A tendência histórica entre as análises acerca do que é contra-hegemônico volta-se para as questões da macropolítica, sobre a disputa entre sistemas amplos de poder: o socialismo contra o capitalismo, a democracia contra a ditadura e assim por diante.

Tanto acadêmica quanto politicamente, essa tendência foi forjada sob o pensamento do intelectual italiano Antonio Gramsci, que recorreu, nas décadas de 1920-1930, ao conceito de hegemonia para identificar as práticas e atores sociais ligados, de um lado, a uma ideologia dominante, reacionária; e, de um outro, a uma postura subversiva, transformadora, emancipatória.

A análise política de Gramsci circunscreve bem as práticas de comunicação alternativa da década de 1970, no contexto ditatorial brasileiro. No entanto, essa abordagem precisou ser aprofundada na medida em que a sociedade e as lutas políticas foram sendo ampliadas ou arrefecidas pelas constantes vitórias e perdas dos movimentos sociais.

Os vídeos populares da TV Janela propõem um novo olhar sobre a comunidade do Pantanal, mas, no interior dos seus discursos, algumas posturas individualistas, adequadas à lógica capitalista e opressora, são visíveis ou quase invisíveis. Principalmente as falas dos moradores fazem com que esses discursos – ora politizados pela coordenação da ONG que idealiza os vídeos, ora atrelados a posturas de adequação presentes no cotidiano da comunidade – tornem-se ambíguos.

As mídias comunitárias – sejam elas jornaizinhos de bairro, rádios ou televisões comunitárias – estão, hoje, inseridas num contexto de micropolíticas, bastante diverso dos contextos políticos em que as mídias alternativas foram criadas, ainda durante o regime militar brasileiro (1964 – 1984).

Dessa forma, precisamos conceber essas mídias atuais não como movimentos sociais, cujo conceito remete a um grupo político consciente de sua realidade e mobilizado para a reivindicação e transformação radical.

As transformações almejadas e alcançadas são limitadas, em termos de poder, de influência e de alcance de público. São lutas, muitas vezes, simbólicas e restritas à comunidade onde são desenvolvidas, como é o caso da TV Janela, que busca melhorar a imagem do bairro perante seus próprios moradores.

Se a premissa é melhorar a imagem perante a própria comunidade, podemos tirar, previamente, uma conclusão: não há, entre os sujeitos residentes ali, consenso de que a comunidade é unida e pacífica. Dessa forma, percebe-se um posicionamento político da TV Janela e uma quebra do ideal de comunidade, antes concebida como homogênea.

Além das ambivalências presentes nos discursos individuais, há os conflitos entre os sujeitos, ao estabelecerem relações dentro e fora da comunidade. A televisão comunitária projeta um pouco dessas tensões. Embora ligada a um posicionamento ideológico, os adolescentes produtores e os moradores entrevistados ecoam e reformulam constantemente ideias transmitidas pelos audiovisuais exibidos pelo projeto.

Imersos ao objetivo de caracterizar a comunidade como um espaço de união dos moradores, os vídeos da TV Janela simplesmente ignoram a nova nomenclatura do bairro, referindo-se sempre a um antigo Pantanal, além de omitir o plebiscito e os conflitos políticos e pessoais acentuados por esse “processo democrático”, através do qual se elegeu Planalto Ayrton Senna como nome oficial do local. Bem ou mal, concordando ou não, o plebiscito é um marco histórico daquela comunidade e, por isso, não deveria ser omitido de um projeto de vídeo que pretende contar a história daquele espaço. Esses e outros aspectos demonstram o caráter político da TV Janela.

O ideal de comunidade pregado pela TV Janela tem por base não só os discursos de líderes comunitários – como é o caso do próprio diretor-fundador do IDS – ou de políticos e moradores, mas está latente em concepções acadêmicas tanto tradicionais, como a do já citado Max Weber (1999), como em conceituações mais recentes.

CAPÍTULO V

Os receptores dos vídeos da TV Janela

Sair da rica mas hegemônica perspectiva da política e cidadania na qual se insere a maioria dos estudos sobre mídia comunitária no Brasil e dotar-se do olhar ainda tímido acerca da recepção e dos elementos culturais que envolvem esses meios populares de comunicação. Essa é a principal preocupação epistemológica desta pesquisa: tentar fomentar a discussão sobre os aspectos político-culturais que permeiam a produção e a recepção dos meios de comunicação, proposta que tem ganhado espaço na América Latina através dos Estudos Culturais.

Dentro dessa perspectiva, este trabalho analisa, enfim, os discursos de cinco receptores da TV Janela, mais especificamente suas identificações e diferenciações com relação às representações de “morador do Pantanal” (unido, de luta, trabalhador e, por isso, vitorioso e feliz) apresentadas por essas produções audiovisuais. Esses receptores se identificam com essas representações? Por quê? De que modo?

Para responder a essas perguntas, justificamos, a seguir, o motivo pelo qual centramos esforços, para entender uma etapa específica do processo comunicativo (a recepção); e por que utilizamos a entrevista em profundidade como procedimento metodológico, a Análise do Discurso como método de análise e os Estudos Culturais como perspectiva teórica.

Este capítulo nada mais é do que uma meta-história. Eu conto aqui o que captei através do gravador, posto diante das audiências por dois ou três dias, durante duas ou três horas diárias. O texto que, portanto, chega ao leitor desta pesquisa está revestido por duas camadas de reboco cultural: tudo aquilo que o receptor da TV Janela resolveu me contar, enfatizar em seu discurso, está, em primeiro lugar, imerso na própria subjetividade e, recontado aqui por mim, também imerso em minha subjetividade (GUEERTZ, 1989; MORLEY, 1992).

Sobre os discursos dos receptores imperam suas vivências comunitárias, suas histórias de vida e todos os demais elementos que compõem sua subjetividade. Sobre o meu discurso – este, sim, escrito nas folhas que antecederam esta, nesta e nas demais que ainda estão por vir –, recai minha própria formação pessoal como morador de

Fortaleza, nascido e criado na periferia da cidade, e profissional como pesquisador da área de Comunicação.

5.1. O enfoque dos Estudos Culturais na recepção

Somente podemos entender por que uma mudança de nome – de Pantanal para Planalto – é tão importante para um grupo comunitário se conseguirmos sentir a mão invisível da cultura sobre as nossas práticas mais mecanizadas, sobre as relações interpessoais que estabelecemos no cotidiano, sobre cada palavra que proferimos, sobre a entonação que utilizamos para significar uma coisa e não outra.

Além da mudança de perspectiva teórica – dos aspectos ligados à cidadania para os político-culturais –, este trabalho se volta para a recepção, de modo a tentar compreender o alcance das representações de moradores fortes, unidos e vitoriosos do Pantanal apresentadas pela TV Janela. Afinal, esse imaginário alcança os receptores e ecoa sobre suas práticas cotidianas ou se perde no desejo em si de construir esse morador ideal?

Em um determinado espaço e tempo, as aspirações de vários atores sociais confluem, para compor uma atmosfera propícia a transformações de caráter econômico, social ou cultural. Seja ela qual for, toda transformação no âmbito da sociedade não depende exclusivamente de um sujeito, de alguma instituição social ou de condições naturais, mas certamente dos diversos elementos simbólicos e estruturantes que, juntos, constituem a dinâmica cultural.

Foi a dinâmica cultural, composta por elementos amplos e complexos, que fez de uma “mudança de nome” um elemento fundamental para a “mudança de percepção” sobre a realidade socioeconômica do bairro Pantanal, atualmente denominado de Planalto Ayrton Senna. Essa dinâmica perpassa as relações urbanas, cada vez mais complexas e caóticas; pelo surgimento de milhares de organizações não governamentais em todo o mundo, que pretendem suprir ausências de políticas públicas de Estado; pelas disputas de poder presentes nos discursos e práticas dos vários sujeitos comunitários, em especial as lideranças comunitárias; pelo ideal global encarnado pelas mídias de grande difusão, que inserem os grupos comunitários em um âmbito socioeconômico cada vez mais amplo. Essas mídias contribuem para a formação de um olhar sobre

elementos externos à cultura, para uma outra sociabilidade e uma realidade local cada vez mais conectada e em conflitos com seus elementos sócio-culturais originários.

Esses são apenas alguns dos principais elementos de matriz cultural que me fizeram adotar a perspectiva dos Estudos Culturais nesta pesquisa. Os elementos técnicos e a discussão estética são, portanto, tratados como secundários e só serão abordados, quando interferirem, de alguma forma, nas relações de poder estabelecidas entre os sujeitos comunitários. Afinal, as relações de poder inseridas no contexto político-cultural são o objeto central dos Estudos Culturais.

Dentro da perspectiva de análise apresentada acima, torna-se fundamental definir essa perspectiva teórica, que tem influenciado grande parte dos estudos de Comunicação, principalmente no contexto da Inglaterra, em cuja cidade de Birmingham surgiu, na década de 1960, o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS, sigla em inglês); e na América Latina, através da Escola Latino-Americana.

Johnson (2006) mostra que os Estudos Culturais tiveram por base teórica o pensamento marxista, mas trazendo a discussão sobre as lutas de classes e as relações de poder para o âmbito do cotidiano. Através de críticas acerca das formas políticas presentes na cultura popular, em especial a urbana, os Estudos Culturais dão ênfase às relações sociais, às formações de classe, às divisões sexuais, à estruturação racial, às opressões de idade e todas as relações de poder que esses elementos trazem para as relações interpessoais da vida cotidiana.

A própria formação do CCCS, na década de 1960, em Birmingham, aponta para os embates teóricos e político-partidários daquele período da história política britânica. Nesse período, o governo daquela nação adota uma “política conservadora, nacionalista e racista” e acaba por fomentar o surgimento da Nova Esquerda britânica, que teve por base o movimento de mulheres e de luta contra o racismo no país.

O autor (2006, p. 25) ainda enfatiza a relação entre os estudos culturais e as “formas históricas da consciência ou da subjetividade”. “Os Estudos Culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais”. Nesse sentido, ênfase, neste trabalho, a importância dos fatores subjetivos para a composição dos discursos acerca do espaço comunitário.

O conceito de “subjetividade” é, aqui, especialmente importante, desafiando as ausências na consciência. Ele inclui a possibilidade, por exemplo, de que

alguns elementos estejam subjetivamente ativos – eles nos “mobilizam” – sem serem conscientemente conhecidos. Ele focaliza elementos atribuídos (na distinção convencional e enganadora) à vida estética ou emocional e aos códigos convencionalmente “femininos”. Ele destaca o “quem sou eu” ou, de forma igualmente importante, o “quem nós somos” da cultura, destacando também as identidades individuais e coletivas. Ele faz uma conexão com um dos *insights* estruturalistas mais importantes: que a subjetividade não é dada, mas produzida, constituindo, portanto, o objeto da análise e não sua premissa ou seu ponto de partida (JOHNSON, 2006, p. 25).

Vários teóricos ligados aos Estudos Culturais têm focado suas pesquisas na perspectiva dos estudos de recepção, etapa do processo comunicativo pouco priorizada até os dias de hoje. Nas palavras de ESCOSTEGUY e JACKS (2005, p. 42), “a análise da recepção compartilha com os estudos culturais a concepção sobre a mensagem dos meios, considerando-a como formas culturais abertas a distintas decodificações, e sobre a audiência, definindo-a como composta por agentes de produção de sentido”.

De acordo com Mattelart (2004, p. 110), é perceptível uma forte articulação entre os trabalhos sobre mídia e espaço público e identidades sociais. Para o autor, “o espaço público nunca é um puro espaço de racionalidade”. Seria, sim, o local onde há uma “mescla constante de racionalidade e de afetos, processos de construção de coletivos, de combinações de 'eu' e de 'nós'”.

Para Hall, uma das características desses novos tempos do pós-fordismo é a de provocar o enfraquecimento das ‘solidariedades tradicionais’ e dar nascimento a um novo tipo de ‘individualidade’, que se ‘afasta das linhas de continuidade que outrora estabilizavam nossas identidades sociais’ (MATTELART, 2004, p. 104).

Em seu modelo titulado de “codificação-decodificação”, Hall (2003) apresenta o processo comunicativo como um todo, da emissão à recepção, da recepção à emissão. O modelo traz pistas de como construir uma visão global e integrada do processo comunicativo, entendendo a comunicação como um fenômeno sustentado pela articulação entre momentos distintos – produção, circulação, distribuição, consumo. Cada momento teria suas próprias condições de existência. Embora articulados, nenhum antecipa o outro.

Os códigos de codificação e decodificação podem não ser perfeitamente simétricos. Os graus de simetria – ou seja, os graus de “compreensão” e “má-compreensão” na troca comunicativa – dependem dos graus de simetria/assimetria (relações de equivalência) estabelecidos entre as posições

das “personificações” – codificador-produtor e decodificador-receptor. Mas isso, por sua vez, depende dos graus de identidade/não-identidade entre os códigos que perfeitamente ou imperfeitamente transmitem, interrompem ou sistematicamente distorcem o que está sendo transmitido (HALL, 2003, p. 391).

Embora desafie a ideia de uma hierarquia entre produção e recepção, Hall (2003) admite que é na produção que se constrói a mensagem e que o processo de produção de sentido se inicia aí. Nas condições de produção, contam tanto a estrutura institucional, as rotinas de produção, a interferência de ideologias profissionais e hipóteses sobre as audiências. Embora não determinem os sentidos de forma onipotente, são os emissores que estruturam tal polissemia. Tanto o momento da produção quanto o da recepção são espaços de produção de sentido.

Hall (2003) ainda assinala que as práticas de recepção não podem ser simplesmente vistas em termos comportamentais, já que são ordenadas por estruturas de compreensão, bem como produzidas por relações econômicas e sociais. De acordo com o modelo proposto por Hall, as audiências se moveriam entre: 1) posição preferencial ou hegemonia-dominante; 2) posição negociada; 3) e posição de oposição.

Segundo Hall, a última posição (de oposição) é responsável por instaurar a instabilidade na hegemonia e conduzir à ruptura ou mudança. Perceberemos mais adiante que, no caso da recepção da TV Janela, as posições são, de modo geral, de negociação de sentidos. Os discursos dos receptores da TV Janela e dos vídeos dialogam harmoniosamente quando as audiências têm a mesma base sócio-histórica que os fundadores da TV Janela. Quando a base cultural dos produtores e receptores diverge, o olhar dos dois tende a focar aspectos distintos da identidade comunitária, sem que, entretanto, os receptores cheguem a discordar das representações enfatizadas pelos vídeos. É como se os vídeos da TV Janela dissessem: “Por favor, atencem para os traços de união e de luta que compõem a identidade do morador do Pantanal!”. Quando o receptor vivenciou aquela história de formação do bairro, ele tende a responder, mesmo que inconscientemente: “Sim, sim! Eu vivi isso e concordo, sim, que faz parte da identidade do morador do Pantanal”. Quando não, as audiências dizem, de modo inconsciente: “Não dou a mínima para esses fatos, afinal cheguei aqui muito tempo depois da formação da comunidade e, por isso, essa história de união e luta não fez parte da minha vivência comunitária. Prefiro focar meu olhar em outros aspectos trazidos pelos moradores entrevistados pelos vídeos, como a crítica à ausência de

política públicas voltadas à comunidade”. Trata-se, portanto, não de discordar das representações apontadas pelos vídeos, mas de uma questão de os receptores omitirem de seus discursos alguns aspectos que, por não fazerem parte da sua formação cultural e vivência comunitária, não privilegiam nos vídeos.

Ampliando o modelo de codificação/decodificação, proposto por Hall, Johnson (2006, p. 33) apresenta o modelo do circuito da cultura, no qual cada “etapa” do processo comunicativo (produção, circulação e consumo) “depende dos outros e é indispensável para o todo. Cada um deles, entretanto, é distinto e envolve mudanças características de forma”.

Segue-se que se estamos colocados em um ponto do circuito, não vemos, necessariamente, o que está acontecendo nos outros. As formas que têm mais importância para nós, em um determinado ponto, podem parecer bastante diferentes para outras pessoas, localizadas em outro plano. Além disso, os processos desaparecem nos produtos (JOHNSON, 2006, p. 33).

Um sujeito, em sua condição de receptor, por exemplo, não consegue acessar as condições de produção de um produto de comunicação (no caso, os vídeos da TV Janela), porque ele o examina apenas como texto (o vídeo em si), tendo uma percepção limitada dos contextos sociais. Eis a complexidade do circuito da cultura.

De modo mais prático, teríamos o fato de os vídeos da TV Janela terem por base a produção feita pelos adolescentes do projeto, que, por sua vez, passaram por uma capacitação que não se limitou aos aspectos técnicos, mas a uma formação de cunho social e político, ora através de aulas formais, ora através de conversas informais. Os fundadores do IDS, como Valdenor, ligados às histórias de luta e união do bairro, acabam por intervir, direta ou indiretamente, em cada enquadramento de câmera, na seleção dos temas dos documentários e na escolha das fontes de informação que, geralmente, são moradores ligados à origem do bairro. Até o fato de todos os moradores entrevistados denominarem a comunidade de Pantanal, e nunca de Planalto Ayrton Senna, está relacionado à postura político-ideológica do IDS. Esse aspecto me ajudara a compreender melhor o complexo processo de comunicação, que não se inicia na produção, muito menos se encerra na recepção, constituindo, sim, um circuito baseado na linguagem e na cultura.

Discutindo o modelo do circuito da cultura através das concepções teóricas de Paul du Gay, Escosteguy (2008) enfatiza as características evidenciadas pela própria nomenclatura.

Lembre-se que isso é um circuito. Não conta onde você inicia, dado que se tem de fazer a volta, antes do estudo estar completo. E mais: cada parte tomada do circuito reaparece na próxima. Então, tendo iniciado na representação, as representações tornam-se um elemento na parte seguinte, isto é, de como as identidades são construídas. E assim sucessivamente. Nós separamos essas partes do circuito em diferentes seções, mas no mundo real elas continuamente se sobrepõem e se entrelaçam de modo complexo e contingente. Contudo, elas são as partes que tomadas em conjunto compõem o que nós entendemos por um 'estudo cultural' de um objeto particular (du GAY apud ESCOSTEGUY, 2008, p. 8).

Nesse sentido, o circuito da cultura é composto por diversos momentos (produção, consumo, representação, identidade e regulação), onde os sentidos e as significações são produzidos. “Existe aí uma relação interna de um processo com o outro, contudo, não há forma de predeterminar como essas relações são constituídas, pois elas são variáveis e conjunturais, permanecendo o *insight* do modelo anterior”, define Escosteguy, comparando o modelo de codificação/decodificação proposto anteriormente por Hall (2003).

Escosteguy (2008, p. 2) ainda propõe a análise do processo de constituição de identidades “através de um protocolo analítico que destaque as relações entre cultura e poder, isto é, que contemple a dimensão reguladora da cultura exercida tanto na vida social quanto nos modos de ser”.

Outro ponto importante para a compreensão geral desta pesquisa é a ênfase dos vídeos da TV Janela nos formatos propiciados pelo desenvolvimento de técnicas de audiovisuais em detrimento dos gêneros narrativos, cada vez mais fragmentados. Martín-Barbero (2004) ressalta a subordinação cada vez maior dos gêneros comunicativos à lógica dos formatos industriais. A indústria da comunicação tem dado ênfase a uma imensa variedade de formatos, já que os aparatos tecnológicos cada vez mais sofisticados possibilitam formas mais dinâmicas e interativas de recepção, desprezando a gama de gêneros antes explorados pela comunicação humana. Subtraída do âmbito da oralidade e transportada aos meios massivos de comunicação, os relatos, as narrativas foram perdendo espaço ao perder seu sentido de existir, já que se afastara da vida cotidiana, do interesse do interlocutor pela subjetividade e história de vida do

outro. Em substituição às narrativas, ganha espaço nos meios de comunicação de massa um outro modelo de comunicar: a notícia e a crônica. Nelas, o jornalista e o cronista é quem experiencia a vida cotidiana, enquanto seu interlocutor assiste a essa vivência, imagina cada passo dado sentado na poltrona ou comendo pipoca deitado no sofá.

Além do *modus operandi* da indústria cultural, outro fator responsável pelo declínio da importância dos relatos na contemporaneidade é a “crise antropológica”, de que fala Martín-Barbero (2004, p. 110). Há, atualmente, uma proliferação de incontáveis pequenos relatos, que reduzem “os componentes propriamente narrativos”, como a ausência ou redução da trama e a esfericidade dos personagens, e dão maior importância a elementos estéticos, como o ritmo das narrativas.

Os efeitos tecnológicos vão se sobressaindo aos elementos próprios das narrativas, das histórias em si. E por perderem importância dentro das produções audiovisuais, essas narrativas vão perdendo, também, a complexidade, tornando-se enxutas e superficiais demais. Desse modo, vários relatos curtos, soltos, independentes e apresentados ao espectador de modo aleatório ajudam a compor uma nova subjetividade – menos complexa – tanto dos personagens, quanto das audiências, que entram em contato, de modo às vezes concomitante, com diversos elementos culturais, econômicos, psicológicos e constroem, a partir dessa miscelânea, o seu olhar sobre as coisas do mundo, constroem suas identificações e diferenciações.

É na telenovela que esses dois elementos – os formatos e os gêneros – aparecem de modo mais conflitante em termos de América Latina. A novela é, por excelência, o espaço da narrativa, já que a vida cotidiana dos personagens e seus aspectos psicológicos são os elementos centrais da trama. Entretanto, diferentemente das novelas pensadas inicialmente para rádio, que tinham na sonoplastia e na voz dos personagens e do narrador os únicos instrumentos comunicativos, as telenovelas dão prioridade às imagens, em detrimento das narrativas. Essas técnicas audiovisuais são tão sedutoras que são capazes de “revitalizar narrativas midiáticas gastas” (MARTÍN-BARBERO: 2004, p. 115).

A imagem televisiva precisa seduzir o telespectador. Quando isso não ocorre, o *zapping* se torna o elemento mais sintomático da impaciência do telespectador, ao se deparar com imagens monótonas, pouco atrativas. Quando transpomos o interlocutor para o espaço do cinema, por exemplo, não lhe é dado o direito de mudar o filme ao

toque de um botão, obrigando-o a sair da sala de exibição, a cochilar na poltrona ou a se obrigar a assistir o filme até o fim e fazer valer a pena o valor pago pelo bilhete.

Com relação à audiência comunitária proposta pela TV Janela, a dispersão tende a ser maior caso as imagens não ofereçam grandes atrativos, já que o espaço da rua oferece muitas outras atividades ao receptor. O espaço da rua oferece mais elementos dispersivos do que o ambiente da sala de estar ou do quarto, onde geralmente o aparelho de televisão é posto para assistir programas de entretenimentos, jornais, filmes ou novelas.

A partir do conhecimento sobre as audiências da televisão latino-americana, Martín-Barbero (2006, p. 295) propõe “três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural”. Neste momento, é importante ressaltarmos o primeiro lugar de mediação. Âmbito de conflitos e fortes tensões, a cotidianidade familiar é ao mesmo tempo “um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações”.

Rompendo com as ultrapassadas considerações moralistas – a televisão corruptora das tradições familiares – e com uma filosofia que atribui à televisão uma função puramente reflexa, começa a se estabelecer uma concepção que vê na família um dos espaços fundamentais de leitura e codificação da televisão (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 295).

Entretanto, diferentemente da audiência da televisão, que tem a família como unidade básica, os vídeos da TV Janela possuem sua unidade no convívio comunitário. É no espaço da rua que a recepção ocorre e é entre os vizinhos que as (re) produções de sentido se dão. Esse aspecto peculiar deve ser considerado nesta pesquisa. Em quais aspectos esse ambiente diferenciado de consumo implica outras formas de recepção e produção de sentido?

Na rua, muita gente transita; motoristas de automóveis arrancam motor, buzina, impõem uma música ensurdecidora para todos; as apresentações artísticas disputam com os vídeos o objetivo central de se estar ali. Além disso, por si só, o espaço da rua não foi culturalmente pensado como ambiente ideal para se assistir produções audiovisuais. O compartilhar das audiências, inclusive, tem se tornado cada vez mais individualizado, já que muitas residências possuem mais de um aparelho de

televisão, devido ao barateamento desse produto, o que leva muita gente a se recluser em seus quartos, trancados e solitários por opção.

Alguns vídeos possuem uma certa “trama”, uma narrativa que, de modo geral, enfoca a história de vida dos moradores, sua profissão e sua relação com o bairro. Há, entretanto, muitos vídeos descritivos e opinativos, como é o caso do quadro Observatório da Comunidade, em que os moradores criticam ou elogiam ruas, relações interpessoais e, principalmente, políticas públicas inacabadas ou inexistentes.

Além dos formatos e gêneros utilizados pelos produtos audiovisuais, o tom (por exemplo, de seriedade, formalidade, profundidade, gozação, espirituosidade, prosaicidade) proferido pelas imagens e sonoplastia dos vídeos também interferem na percepção das audiências sobre o conteúdo e as representações de morador apresentadas. Afinal, os vídeos da TV Janela envolvem seus interlocutores, de modo geral, em uma atmosfera de ludicidade, informalidade e leveza, reforçando o imaginário de harmonia entre os moradores. Duarte (2007, p. 7) define o tom “como a presença de determinados traços de conteúdo da situação comunicativa, estruturados estrategicamente, com vistas a captar a atenção do telespectador”.

Tal relação parte, é verdade, das convenções de gêneros e dos regimes de crença por eles propostos, mas comporta também os apelos e convocações que cada produto faz aos seus interlocutores, através de suas especificidades enquanto programa – subgênero, formato, estilo; configurações discursivas de seu público consumidor; estratégias persuasivas empregadas para convencer o telespectador a participar do jogo comunicativo proposto (DUARTE, 2007, p. 7).

Citando teóricos ligados ao estruturalismo francês e aos estudos dos signos verbais da Semiologia, Borelli (2002, p. 74) mostra de que modo elementos da subjetividade, como os imaginários e as ideologias, são construídos coletivamente através dos gêneros instaurados pela cultura audiovisual vigente. Os gêneros – compostos por arquétipos, padrões, modelos e mediações – “estão presentes no inconsciente coletivo, respondem por um sistema formalizado de signos e são assimilados consensualmente pela sociedade como um todo”. Quando, por exemplo, um quadro da TV Janela adota uma linguagem documental, aciona, imediatamente, no receptor aquilo que espera de um documentário: relatos fidedignos à realidade.

Apesar de aqui não delimitar bem o uso dos termos “audiências” e “recepção”, considero importante a distinção apresentada por Leal (2002, p. 120). Para a autora, “recepção refere-se à recepção de qualquer mensagem em um processo comunicativo, não indica a especificidade dos meios de comunicação de massa”. Já o termo audiências “remete melhor à ideia de coletivo”, própria do público dos *mass media*.

Nessa perspectiva, Leal propõe o que ela chama de etnografia da audiência, procedimento metodológico aplicado desde os anos 1980 pelas pesquisas voltadas ao campo da comunicação e recepção. Essa linha de investigação pretende “mostrar a importância do contexto da recepção, o cenário doméstico e cotidiano, na construção do sentido das mensagens” (ESCOSTEGUY, 2005, p. 41).

Outro aspecto enfatizado pela mesma autora (2005, p. 121) seria o processo de recontar as narrativas assistidas, procedimento discursivo denominado em inglês como *retelling*. Diferentemente do *recall*, que se preocupa com o modo como os receptores acionam a memória e enfatizando o fato de alguns elementos serem arquivados mentalmente e outros não, as questões levantadas quando a preocupação é com o *retelling* são: “quais são os elementos mais significativos? Por que esta narrativa se organiza em cima de tais e tais eixos temáticos e a outra com outros elementos?”, propõe Leal. Não se trata, portanto, de simplesmente lembrar ou esquecer informações e opiniões trazidas pelos vídeos da TV Janela, e, sim, de como a ênfase, o desprezo ou a omissão de certos elementos próprios das narrativas audiovisuais se relaciona com aspectos da subjetividade de cada receptor.

Uma outra compreensão acerca dos estudos de recepção considerada durante esta pesquisa é a de que tanto os elementos microculturais quanto os macroculturais são fundamentais para entender o processo comunicativo pelo viés da recepção.

As pesquisas de recepção mais recentes representam, gradativamente, uma entrada no cotidiano e no contexto sociocultural dos receptores, destacando os modos como estes usam e relacionam sua programação com os meios de comunicação. O problema encontrado é de que as pesquisas têm se limitado a observar relações restritas à capacidade interpretativa das audiências, privilegiando a análise do ato de assistir à televisão e os momentos de prazer e de lazer, ligados geralmente ao lar e à família (OLIVEIRA, 2007, p. 189).

Desse modo, torna-se fundamental compreender como os aspectos mais amplos, para além do âmbito familiar, interferem na apropriação dos produtos culturais,

principalmente, no caso dos vídeos da TV Janela, assistidos não no espaço do lar, mas no ambiente comunitário. Inserir esse produto e esse consumo dentro do contexto familiar, comunitário, da cidade e do mundo globalizado é fundamental para a compreensão da complexidade presente, inclusive, na recepção de produtos de pequeno alcance social.

Embora as teorias apresentem a sugestão de que a pesquisa em recepção deve abranger as questões micro e macro de modo integrado, ressaltando o valor de se compreender as diferentes influências culturais, de classe e contextualização histórica, as investigações empíricas ficam presas a observações micro que falam somente da relação receptor e meios, levantando valores morais, sociais e culturais investigados somente a partir do espaço do lar. De uma forma geral, as reflexões têm como contexto básico o universo familiar, deixando de lado o consumo por grupos e indivíduos fora de convivência doméstica que é a maneira privilegiada pelos jovens na atualidade (OLIVEIRA, 2007, p. 190).

Ainda com essa finalidade de enfatizar, em suas análises, os contextos em que os receptores estão inseridos, ao se apropriarem dos conteúdos de um “texto”, Morley (1996, p. 94) aponta para a necessidade de se reconhecer “a intervenção constante de outros textos e outros discursos que também situam o sujeito”. Para o autor, no momento do encontro entre “texto” e “leitor”, entram em jogo outros discursos “que dependem de outras formações discursivas, introduzidas pela participação do sujeito em outras práticas: culturais, educacionais, institucionais” (*idem, ibidem*).

5.2. Aspectos metodológicos

Já que os vídeos da TV Janela são fortemente marcados pelas representações de morador unido, de luta, trabalhador e, por isso, vitorioso e feliz, tivemos como objetivo central verificar se os moradores se identificam com essas representações e, dessa forma, se veem representados nessas produções audiovisuais. Para tanto, esta pesquisa adotou o procedimento de entrevista qualitativa em profundidade. Para Gaskell (2002, p. 65), o objetivo da entrevista qualitativa é de compreender as “crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”.

[...] o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram. Assume-se que essas construções constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial (GASKELL, 2002, p. 65).

Dentro desse panorama, selecionei cinco receptores (juntamente com seus respectivos grupos familiares, que interferiram, de modo estimulado ou não, durante as entrevistas), já que “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas, ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2002, p. 68).

Minayo (2000, p. 110) justifica o uso da entrevista em profundidade como “instrumento de expressão das contradições e lutas ideológicas vividas em contextos culturais e sociais históricos”. Desse modo, considero que os receptores selecionados, de fato, não podem representar as audiências da TV Janela de modo quantitativo, mas podem nos fornecer elementos culturais que embasem interpretações mais aprofundadas, leituras qualitativas não menos verdadeiras que as quantitativas.

O que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas (MINAYO, 2000, p. 109-110).

Os cinco receptores que serão descritos mais adiante foram selecionados durante exibições da TV Janela, de modo aleatório e sem qualquer interferência das pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o IDS. As entrevistas foram realizadas na casa do entrevistado, com a presença e intervenção discursiva de seus familiares, durante a semana que se seguiu à exibição, em vários dias e horários aleatórios, com encontros ora marcados previamente, ora não combinados.

Como o interesse aqui é de interpretar a fala dos moradores inseridos dentro de um contexto cultural, consideramos dois aspectos durante a escolha dos entrevistados: a relação histórica e cotidiana deles com a comunidade; e a relação cotidiana deles com a cidade. A cidade entra na pesquisa como forma de acessar informações sobre “o outro” (de outros bairros) e como forma de estabelecer comparações consigo.

Para tanto, foram realizadas entrevistas em profundidade com: 1) moradores ligados à formação da comunidade (às lutas pela permanência no espaço ocupado) e que optam pelo nome original, Pantanal; 2) moradores mais recentes, que não estiveram ligados à formação da comunidade e que preferem a nova nomenclatura, Planalto Ayrton Senna; 3) e moradores jovens, sem o contato direto com a formação do bairro, mas que vivem o presente e acessam o passado através das memórias dos mais antigos.

A divisão existente entre os dois primeiros grupos se deve às fortes divergências políticas – estimuladas por líderes comunitários – que interferiram no imaginário da comunidade sobre o nome do local. Dentre os receptores selecionados, houve pessoas que trabalham e/ou estudam dentro da comunidade e que, por isso, pouco possuem contato com outras mediações, pessoas e equipamentos da cidade; e pessoas que trabalham e/ou estudam fora do bairro e que, desse modo, recebem mais interferências externas e podem estabelecer outras comparações entre o “de dentro” e o “de fora”. É claro que não desconsideramos outras formas de acessar esse mundo “de fora” e, por isso, vamos considerar os meios de comunicação locais e nacionais, dentre outras formas de acesso a outras realidades e culturas que sejam colocadas pela fala dos próprios entrevistados.

Em muitos momentos, durante a descrição etnográfica e nas entrevistas em profundidade, optei pelo uso da primeira pessoa do singular, já que a minha presença como pesquisador por vezes interveio, nitidamente, no comportamento, no tom de voz e nos discursos em si proferidos. Além disso, ao descrever o momento das entrevistas e transcrever as falas dos entrevistados, optei por expor ao leitor a pergunta feita, como forma de compreender de que modo o entrevistado foi estimulado para que respondesse da forma como respondeu.

Aprofundei a história de vida de cada entrevistado como forma de lhes compreender as motivações e opiniões sobre si, sobre os vizinhos e sobre o bairro como um todo. Embora as perguntas tenham focado, de modo geral, na vida do receptor selecionado, o ambiente familiar escolhido para as entrevistas permitiu que seus discursos fossem intercalados e sofressem intervenções dos membros de suas famílias.

As intervenções tornaram as entrevistas mais descontraídas, menos formais, e permitiram que a dinâmica cotidiana de intervenções discursivas viessem à tona. Em vários momentos, os familiares interviam na fala dos entrevistados, discordando de

opiniões, complementando imprecisões e, inclusive, contrariando informações supostamente distorcidas. Os conflitos dialógicos que surgem dentro do âmbito familiar mantêm relação direta com o modo como a recepção ocorre. Apesar de o morador poder receber conteúdos midiáticos sozinho, isolado de outros sujeitos, o processo de usos e apropriações não permite esse isolamento, construindo os significados dialogicamente.

Para analisar a fala dos receptores entrevistados, tivemos por base os procedimentos epistemológicos da Análise do Discurso. Para Gill (2002, p. 245), analisar discursos seria rejeitar a “noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social”. A análise discursiva seria, segundo essa perspectiva, a consideração dos aspectos circunstanciais de produção de textos. É reconhecer aspectos exteriores à linguística, pois ela é apenas um suporte utilizado pelos seres humanos para transpor para o campo das mediações “o que”, “como”, “por que” e “com que finalidade” apreendemos o mundo que nos cerca.

Nessa mesma perspectiva, Charaudeau (2006, p. 40) considera que “o discurso está sempre voltado para outra coisa além das regras de uso da língua. Resulta da combinação de circunstâncias em que se fala ou escreve (a identidade daquele que fala e daquele a quem se dirige, a relação de intencionalidade que os liga e as condições físicas de troca) com a maneira pela qual se fala”.

Um aspecto teórico importante para se compreender as análises feitas aqui é a compreensão de que os receptores, ao falarem, colocam-se em um “lugar de fala” específico, e sua fala só faz sentido se compreendida a partir desse espaço e da função social que ocupa. Suas relações interpessoais perpassam pela sua (in)consciência acerca do lugar que ocupa na família, na comunidade, na cidade ou nos demais âmbitos sociais que integra. Almeida (1999) define lugar de fala como:

[...] o lugar que o locutor ocupa numa cena, a partir do qual estabelece um contrato implícito de troca simbólica de enunciados com os destinatários, conferindo-lhe a condição de falante autorizado a falar daquilo que fala e do modo que fala. É a posição conquistada – por direito juridicamente regulamentado ou espontaneamente aceito – de proferir determinado discurso. Como decorrência, uma estratégia discursiva satisfatória deve saber utilizar estas regras para evitar incompatibilidades entre o sujeito que fala e suas palavras.

Em 2008 e 2009, período de realização desta pesquisa, foram acompanhadas quatro das oito exposições realizadas pelo IDS, duas em cada ano. Em 2008, a TV Janela foi às ruas do bairro cinco vezes, enquanto que, em 2009, o número de exposições caiu para três, estando relacionado aos poucos recursos angariados pela entidade durante os dois últimos anos, advindos, geralmente, de seleção em editais municipais, estaduais e federais de cultura.

As quatro exposições da TV Janela acompanhadas durante esta pesquisa (duas em 2008 e duas em 2009) percorreram três ruas diferentes do bairro. A primeira exposição ocorreu na Rua Planaltina, em frente à sede do IDS. Quando realizada nesse espaço, a exposição propicia maior visibilidade à entidade e facilita o trabalho de montagem dos equipamentos, já que não é preciso fretar caminhonete para o transporte do material de exposição. Além disso, as exposições feitas ali facilitam a presença das audiências mais assíduas, por saber a localização da entidade e não perder tempo procurando ou se informando sobre o local da exposição.

A segunda exposição acompanhada durante a pesquisa foi realizada na Rua Quixadá (a rua da feira). Esse é um lugar estratégico para a exposição, já que muitos jovens transitam por ali na noite de sábado. Das quatro, essa exposição foi a de maior público.

A terceira, já em 2009, ocorreu na Rua Chico Mendes, em frente à União dos Moradores do Pantanal (UMP), associação já presidida pelo diretor-fundador do IDS, que possui afinidades políticas com a atual gestão. Essa foi a exposição mais esvaziada das quatro, talvez pelo fato de a rua em si não possuir um fluxo grande de pessoas e de carros. O trecho dessa rua onde está situada a UMP é próxima a uma de suas pontas, o que limita seu trânsito às pessoas que residem ali, não recebendo moradores que utilizam aquele trecho da rua como ponte entre uma rua ou outra, entre o ponto de partida e o ponto de chegada. Os dois receptores selecionados durante essa exposição, inclusive, possuem algum tipo de vínculo com aquela rua: uma reside em uma casa situada ali, a um quarteirão da UMP, enquanto o outro é casado com a tesoureira da associação, motivo pelo qual assistia à exposição, enquanto a esposa contribuía na arrumação do espaço interno da UMP, usado naquele dia como camarim pelas crianças e adolescentes dos grupos de dança.

A quarta exibição acompanhada ocorreu em frente à sede do IDS, a fim de dar visibilidade à aniversariante do dia: a TV Janela. Nesse espaço, a maioria dos receptores tendem a ser vizinhos da entidade e, como sempre, pais e amigos das crianças e dos adolescentes que compõem os grupos de dança.

Por ser um material único em termos de audiovisual e com relação ao modo de abordar questões relacionadas ao bairro, os vídeos da TV Janela ganharam grande visibilidade dentro da cidade, mas, principalmente, no interior do bairro. O colégio Liceu do Pantanal, por exemplo, localizado a uma quadra do IDS, apropriou-se dos vídeos da entidade e de suas abordagens sociais, para realizar debates com seus alunos.

A auto estima é perceptível nas exposições, onde os moradores se sentem chamados para ver algo que eleva a imagem da comunidade que mostra coisas feitas pela própria comunidade. Com os temas abordados pela TV Janela, escolas da comunidade se sentem motivadas a abrir debates com os seus alunos e utilizam os nossos vídeos como forma de ampliarem os conhecimentos sobre a comunidade. A gente percebe nas famílias a felicidade de terem seus filhos inseridos no mundo do trabalho a partir da TV Janela (Entrevista com Valdenor Moura, diretor-fundador do IDS, em novembro de 2009).

Através das apropriações dos vídeos e temáticas, é possível perceber a visibilidade e credibilidade da TV Janela no bairro, capaz de fomentar discussões tanto em espaços formais, como é o caso da escola, como em espaços informais, da vida cotidiana dos moradores.

Ainda que tímida, outra recepção dos vídeos da TV Janela já se faz possível: nos últimos dois anos, as produções audiovisuais têm sido postadas no site de vídeos YouTube⁵⁰. Dentro do endereço, é possível criar uma espécie de conta de usuário, chamado de “canal”. Com 22 vídeos já postados, o canal da TV Janela⁵¹ já contava com 1.075 visualizações em 7 de janeiro de 2010. O espaço virtual da Internet e a disposição física dos computadores, em lan houses ou em casa, já cria uma outra atmosfera de audiência, que interfere sobremaneira no modo como os receptores apreendem os conteúdos.

⁵⁰Criado em 2005, o YouTube (www.youtube.com) permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital, disponibilizados em formato Adobe Flash. O acesso de vídeos diariamente é de cerca de 100 milhões.

⁵¹Endereço eletrônico do canal de vídeos da TV Janela no YouTube: <http://www.youtube.com/tvjanela>. Os vídeos são postados pelo filho do diretor-fundador do IDS, de dez anos de idade.

Diferentemente da recepção no espaço da rua, na Internet, as atenções se voltam, com mais afinco, para o conteúdo dos vídeos em si. Claro que não desconsideramos o fato de a interface dos computadores disponibilizar muitas ferramentas ao mesmo tempo para o usuário, possibilitando a realização de muitas atividades concomitantes.

Através do acompanhamento que fiz dos receptores selecionados, percebi que, de um modo geral, as audiências da TV Janela são bastante efêmeras, indo às exposições ou não de acordo com a distância de sua casa ao local escolhido naquela noite de sábado específica para a montagem dos equipamentos audiovisuais. Outro fator que estimula ou não a presença do receptor na exposição é o fato de ele conhecer algum integrante de um dos grupos artísticos que se apresentarão naquele determinado dia. Apesar dessa constatação, todos os receptores selecionados afirmaram já ter assistido às exposições “várias vezes”.

5.3. Análise dos discursos dos receptores

Analisaremos, por fim, os discursos coletados através de entrevistas em profundidade com cinco moradores e suas respectivas famílias, de diferentes perfis, como já explicamos anteriormente. Este tópico será composto por outros cinco subtópicos, cada um descrevendo o cotidiano, os consumos midiáticos e analisando os discursos de cada um dos receptores apresentados.

Pretendo, com esta investigação, verificar se os moradores do Pantanal se reconhecem nas representações sociais apresentadas pelos vídeos da TV Janela. De modo mais específico, tentarei definir as principais representações sociais presentes no discurso dos moradores acerca da própria comunidade; identificar quais, como e por que as mediações culturais implicam nessas representações sobre a comunidade e nas consequentes construções identitárias sobre si; e verificar a possibilidade de construção de um novo imaginário popular sobre a comunidade, mesmo diante da força ideológica das mídias convencionais / hegemônicas.

Todos os receptores selecionados foram solícitos ao meu pedido de entrevista. Alguns disseram ter estranhado a demora do segundo contato, que, em alguns casos, ocorreu uma semana após a exposição. O tempo decorrido entre um momento e outro, entretanto, proporcionou alguns aspectos positivos, como a percepção de que, em médio

prazo, as informações e opiniões são apropriadas de modo a estabelecer um todo coeso de juízos sobre o bairro. De modo geral, apenas alguns quadros específicos são Outro aspecto importante que identificamos d“arquivados” em sua singularidade pelos receptores, como aqueles em que aparecem cenários ou moradores conhecidos por eles.

Apenas um dos receptores selecionados para entrevista se demonstrou reticente e, em seguida, desistiu de ser entrevistado. Trata-se de um adolescente, de 18 anos, que chegou ao bairro aos 15 e morou ali por apenas dois anos. No dia em que o abordei, era a segunda vez que retornava à comunidade, na qual não mais morava, para prestigiar os amigos que ali fez e que se apresentavam em um grupo de dança. Para recusar o pedido de entrevista – que seria realizada em sua casa, em um bairro distante dali – o adolescente alegou a distância que eu teria que percorrer, para chegar até sua residência.

Outra dificuldade que encontrei foi com relação a encontrar moradores mais recentes assistindo às exibições. Esse forneceu uma pista de pesquisa: a maioria dos moradores que se sentem estimulados a assistir aos vídeos e às apresentações artísticas são os mais antigos ali e aqueles que já possuem uma afinidade prévia com a proposta do IDS e com as consequentes representações de morador do Pantanal apresentadas pela TV Janela. Infelizmente, essa afirmação se manteve, mesmo ao fim desta pesquisa, apenas como uma pista de pesquisa, impossível de ser respondida devido aos procedimentos não quantitativos e limitados utilizados aqui.

Outro aspecto importante que percebi durante as entrevistas em profundidade, mas que também ficará como uma pista de pesquisa – por não ter sido o foco das perguntas feitas aos receptores – é o fato de as audiências não lembrarem, com precisão, do conteúdo dos quadros da TV Janela. Eles não lembram que perfil de pessoas participaram do quadro, do que elas falavam exatamente, que história específica contavam.

De modo geral, os receptores não conseguiram lembrar, sequer, de que rua havia sido falada no quadro “História da Rua [tal]”, quadro presente em todas as exibições, em que alguns moradores contam a história e o surgimento do nome de uma rua específica. Os receptores lembraram, sim, da ideia geral do quadro: “[O documentário] falou como foi botado o nome da rua”. Já sobre elementos narrativos específicos, não falam de quase nada e, em alguns momentos, limitam os sujeitos e espaços comunitários a adjetivos. “Você lembra do nome da rua?”. “Não”. “Lembra de quem falou?”. “Não”.

“Lembra o que exatamente ele falou?”. “Ele falava... Falou dos problemas da rua, dos buracos...”.

5.3.1. A porta-voz do bairro

A primeira entrevistada, Regina⁵², de 41 anos de idade, comporta-se, durante as conversas, como porta-voz do bairro, falando sobre aspectos negativos da comunidade apenas quando questionada sobre eles e, mesmo assim, minimizando-os. “Pelos contatos que eu tenho com os moradores daqui, eu acho que eles pensariam do mesmo jeito que eu tô pensando: não iriam falar [mal] do bairro, porque muitas coisas mudaram, eles estão vendo que muitas coisas boas aconteceram e tão acontecendo”, avalia.

Ela faz alusões, a todo instante, à ascensão do “Planalto” – como denomina intimamente o local – de modo a falar da sua própria emergência socioeconômica. Nascida no interior da Paraíba, em condições econômicas adversas, mudou-se para Fortaleza com a família e cresceu financeiramente através de seu trabalho. Desse modo, a ascensão do bairro é sempre decorrência, em sua fala, do trabalho árduo individual, estando omitido de seu discurso o trabalho coletivo de fixação da comunidade no espaço, no início da ocupação, momento histórico que não viveu. Apesar de ter tido acesso a essas informações sobre a formação do bairro, através de seus amigos mais próximos (que vivenciaram a ocupação), o fato de não ter vivido esse período faz com que ela não o enfatize.

A história de Regina no “Planalto” se inicia em 1995, cinco anos depois da ocupação que deu origem ao espaço comunitário. Apesar de, àquela época, a comunidade ainda ter Pantanal como único nome, Regina não fez parte das primeiras mobilizações e dos momentos mais difíceis vividos pelo grupo original. Em seu discurso, percebe-se um grande apego ao bairro, mas não ao nome Pantanal e às suas representações mais positivas associadas a ele – luta e união –, trazidas pela fala dos mais antigos moradores e da maioria das lideranças.

A fala de Regina, na verdade, aproxima-se da fala de Tukano, por exemplo, que chegou à comunidade um ano antes dela. Ele carrega no discurso as ideias de luta e

⁵²O nome de todos os entrevistados é fictício, como forma de lhes preservar a identidade.

união de um período que não vivenciou. E por não vivenciar se tornou mais fácil para ele se desfazer de uma nomenclatura impregnada por essas duas representações, tão presentes no imaginário dos mais antigos.

Regina nasceu no interior do Estado da Paraíba e veio para Fortaleza com oito anos de idade, junto com toda a família: mãe, pai, nove irmãos e uma irmã. “No Interior você não tem como sobreviver de maneira digna, não tem meios de emprego, é muito fraco pra essas coisas”. Em Fortaleza, sua família foi morar no Presidente Kennedy, bairro na periferia de Fortaleza, região ao norte da cidade, onde sua mãe até hoje reside.

Quando a gente faz reunião na casa da minha mãe, meus irmãos até riem da vida que a gente tinha no interior e hoje. No interior, a gente nunca tinha conhecido televisão, não tinha... Nunca tinha andado de carro, andava a cavalo... Hoje em dia, pelo que eu possuo hoje, pelo que a gente possuía no interior, tem nem comparação, né? (Regina, entrevistada em novembro de 2009).

Ela tem pele morena, olhos verdes e cabelos castanhos à altura dos ombros. Mede 1,55m, é magra, bonita e, no primeiro contato em sua casa, não combinado previamente, vestia uma blusa verde de cotton, colada ao corpo e sem mangas, uma saia róseo, pregueada, justa e acima do joelho, e uma sandália rasteira. Regina é mãe solteira, “graças a Deus”, e mora com a única filha, Talita, de 14 anos.

Chegou ao bairro há mais de 14 anos, com um mês de gravidez. Foi a irmã, que já mora no local há 16 anos, quem a estimulou a se mudar para ali. Já assistiu à TV Janela umas “quatro ou cinco vezes”, “depois que o projeto se desenvolveu mais”.

Há três anos, Talita, que faz o nono ano do Ensino Fundamental, participa do grupo Stylus, porque gosta de dançar “na esportiva” (não profissionalmente, de modo pouco comprometido). O grupo de dança, “o primeiro do bairro”, é organizado por Vitória, de 35 anos. Os ensaios ocorrem na área de entrada de sua casa e, às vezes, na sede da UMP, às segundas, quartas e sextas-feiras, das 18h às 19h30.

“O tempo em que elas tão no grupo elas não estão por aí, se envolvendo com gente que não presta, aprendendo coisas erradas”, diz Regina. “Eu acho muito bom pro desenvolvimento deles [adolescentes], porque eles procuram apresentar... A associação [a UMP], que tava fechada, agora vai abrir, mais pro desenvolvimento do bairro, porque tem associação que não ajuda nada”.

A mãe Regina e a filha Talita se parecem física e comportamentalmente: falantes, sorridentes e vaidosas. Há, entretanto, diferenças visíveis no tom de voz e na postura, próprios do grau de maturidade que as separa. Embora muito falante, Regina responde acompanhando o tom compassado e baixo que uso para fazer as perguntas.

Já Talita é espevitada, fala alto, com muitas expressões faciais, e se intervém na conversa entre mim e sua mãe. Nada muito inconveniente, já que o contexto é de quase nenhuma formalidade. “Ela é elétrica, não tem vergonha de falar nada”, define a mãe à filha.

Regina é costureira, faz suas “própria confecção” e vende em sua barraca, na Feira do Pantanal, aos domingos. Também revende produtos, através de pedidos de revista, e tira dois dias da semana para trabalhar como costureira “na facção de uma amiga”.

Regina cursou até a oitava série do Ensino Fundamental⁵³, por incompatibilidade de horário entre estudos formais e trabalho, iniciado aos 17 anos de idade. Com o dinheiro que juntou do salário, comprou a primeira casa, “uma casa pequenininha”, perto da residência da mãe dela, no bairro Presidente Kennedy (periferia oeste da cidade). Depois vendeu a casa e se mudou para o bairro Paz de Andrade (periferia sul), onde passou outros dois anos. “Aí minha irmã morava aqui [no Planalto Ayrton Senna], e isso foi no começo da invasão”. As primeiras ocupações ocorreram em 1990, e Regina chegou ao bairro em 1995, quando o local já tinha uma estrutura física mínima, de água, energia e habitação.

Regina passou a trabalhar por conta própria após ser demitida do emprego e receber 1.500 reais de indenização, com os quais comprou as três máquinas de costura que hoje utiliza para trabalhar. Hoje possui uma casa duplex. Ela mora em cima com a filha e aluga a parte de baixo.

Conheceu o ex-marido há 14 anos, em uma festa no Palácio do Forró⁵⁴. “Gostava de curtir, vivia nas baladas, quando eu não tinha ela”. O casal morou junto por três meses, na casa dela. “Mas não deu certo, porque ele gostava de sair, queria me deixar em casa, e eu não aceitava assim”.

⁵³Atualmente nono ano do Ensino Fundamental, segundo a nova denominação do Ministério da Educação (MEC).

⁵⁴Extinta casa de forró eletrônico, localizada na periferia sul de Fortaleza, no bairro Vila Manoel Sátiro, vizinho ao bairro Mondubim, que, por sua vez, é vizinho ao Planalto Ayrton Senna.

Pergunto como, no início, eram as “relações no bairro”, e ela devolve, indagando se eu falava do “contato das pessoas”. “Sim”, confirmo.

Sempre quando tem uma coisa, assim, que é um benefício pro bairro, sempre o pessoal procura se organizar. Por exemplo, no caso da água. No caso da água, todo mundo disse assim: vamo [sic] lá na Prefeitura, tentar falar com o vereador pra botar água aqui. Aí tu sabe: vereador quando tão doido por voto fazem tudo, né? Eu não me lembro bem qual foi o vereador que botou a água aqui, na época [...] Mas foi um vereador daqui que conseguiu essa verba aqui, pro bairro. Aí todo mundo se interessou em se inscrever, porque você se inscreve pra botar na sua casa. Quem tinha condições de botar na sua casa, se inscrevia. Quem não tinha, não se inscrevia, porque é uma conta a mais, né? Mas eu, por exemplo, trabalhava nessa época. Como é que eu não ia colocar na minha casa, que é uma coisa que você necessita, né? (Regina, entrevistada em novembro de 2009).

Regina diz não ter muito contato com os demais moradores. “Eu conheço muita gente aqui, mas não sou muito de contato. Eu sou muito isolada. Aliás, eu conheço mais gente de outros bairros do que gente daqui”. O motivo, “você sabe, quem trabalha não tem tempo de conhecer ninguém”. Cita dois “moradores antigos”⁵⁵ que conheceu quando ainda morava na rua próxima à Feira do Pantanal. “Dessa rua aqui, não tem mais ninguém do tempo das invasões, todos são novatos”.

Ela é sempre muito cautelosa ao falar de alguém. Dá ênfase na expressão “assim” como forma de explicar amenizando o que fala. Quando não tem muitas certezas ou receia que minha opinião seja divergente – opinião essa que tive cuidado de nunca demonstrar –, responde finalizando em tom de pergunta, com um “né?”.

O bairro aqui é um bairro de pessoas muito humildes, né? Todos aqui têm contato, não tem aquela coisa de dizer 'Tem gente que quer ser melhor do que ninguém', não existe isso. Aqui, pelo contato que eu já tive aqui, eu nunca achei ninguém de humilhar alguém, quando pode ajudar, ajuda... Eu sou assim: se eu puder lhe ajudar, se você chegar na porta da minha casa, o que eu puder fazer por você eu faço. Eu sou um pouco invocada, né, mas eu não gosto de humilhar ninguém, eu me dou muito bem com as pessoas (Regina, entrevistada em novembro de 2009).

Quando perguntada sobre as qualidades do bairro, ela cita as melhorias, o quanto o local se desenvolveu desde sua chegada. Mesmo quando algo ainda apresenta deficiências, como os equipamentos públicos, eles são melhores do que os de muitos outros bairros que ela já conheceu. Ela cita a estrutura das casas, os comércios, os

⁵⁵Uma deles é Vitória, nome fictício.

serviços públicos, que, se ainda deficientes, são, ao menos, bem melhores do que outrora.

Aqui no Planalto, hoje, depois que eu cheguei, né, tem muitas qualidades. Tudo aqui é fácil, assim, tem mercantil, ônibus, farmácia, o posto... Não é aqui muita coisa, não, mas é muito melhor do que o de outros bairros. Tem a feira, que trouxe muito emprego pra muita gente, né? Um desenvolvimento muito bom... Se um dia essa feira chegar a sair daí, ave Maria! Quebra comigo e com muitos outros que vivem de feira. Tem também esse calçamento, que foi colocado depois. Quando eu cheguei aqui, não existia pista em canto nenhum do Planalto (Regina, entrevistada em novembro de 2009).

Regina só falou de “pontos negativos” quando questionada sobre eles. “Quando eu cheguei aqui, tinha muita briga de gangue. Briga de gangue tinha muita mesmo, morria gente direto”. Mesmo quando citava os problemas, entretanto, apontava-os como solucionados ou já amenizados pelo desenvolvimento econômico do local. “A gente conversa com você, no caso. Você me pergunta, eu ia falar mal do bairro? Não vou. Por quê? Porque eu vejo que ele não tá merecendo ser falado mal. As coisas tão sendo muito boas aqui”, defende.

Os pontos positivos, portanto, sempre predominavam e apareciam em seu discurso como algo do presente. Já os negativos ficaram no passado. E quando batem à porta é porque estão em todo lugar, não só no Planalto. “Antes tinha muito tiroteio, só que mudou muito... Agora tu sabe: todo bairro é violento, mas aqui nessa parte central do Planalto, aqui, graças a Deus, eu moro aqui há 14 anos e aqui mesmo, no bairro, nunca fui assaltada”.

Em uma mesma fala, Regina cita a TV Janela, o colégio e os grupos de dança espalhados pelo bairro, três equipamentos que, de alguma forma, articulam-se e constroem um lugar de segurança para a filha e, conseqüentemente, para ela mesma. São três atividades que se combinam com o objetivo de fornecer aos adolescentes uma alternativa às ruas.

A TV Janela tá dando muito apoio aos grupos de dança, que não existiam... Quando eu cheguei, existiam pouquíssimos. Hoje já tem o quê? Cinco ou seis grupos de dança, tem peça de folclore... Nesse colégio que a minha filha estuda, é um colégio do Estado, mas é um colégio muito bom. Tem o segundo tempo, pros alunos, tem a Escola Aberta, a aulas de dança, que a menina frequenta... Tudo isso faz com que afaste as crianças do... (Regina, entrevistada em novembro de 2009).

Regina cita outros bairros da periferia de Fortaleza para comparar ao Planalto Ayrton Senna. Todos eles inferiores ao seu, excetuando o bairro vizinho José Walter, que dizem ser muito desenvolvido. “Mas se o Planalto já não tiver ultrapassado o José Walter, tá perto”, pondera. Para ela, o bairro é responsável pelo desenvolvimento econômico das famílias que chegam ali. “Aqui chega gente pobríssima, com nada, e hoje tem o que tem”. Considera inferior o bairro onde morou e no qual sua mãe ainda hoje reside, o Presidente Kennedy.

A rua onde mora não é asfaltada. Em parte dela, o calçamento é danificado. Na esquina próxima da residência, há um pequeno mercantil, cujo proprietário Regina chama de “amigo”. Ela anda pela rua e cumprimenta os vizinhos. O duplex onde mora é modesto, pequeno, de pintura gasta, portão de ferro pintado de cinza.

A casa de baixo é alugada. Próximo ao portão de entrada, num pequeno jardim de entrada, uma escada de cimento e em forma de “L” nos leva ao andar superior, onde Regina mora com a filha, Talita. Ao final da escada, um pequeno e escuro corredor conduz ao primeiro compartimento da casa: a sala de jantar.

Ali, uma mesa quadrada de madeira dá sustentação a um vaso de flores de plástico. Três cadeira de madeira, de um conjunto de quatro, circundam a mesa. Encostada em uma das paredes da sala onde há uma tomada, a quarta cadeira do conjunto sustenta um Microsystem que, às 9h30, propaga a voz do padre Reginaldo Manzotti⁵⁶.

No rádio, eu só escuto mais mesmo é o programa do padre Reginaldo, não escuto muito rádio, não. Eu gosto mais é de ouvir CD [...] Eu sou brega mesmo. Eu gosto do Amado Batista, sou fanática por ele. Sempre gostei do Amado Batista, gosto de Bruno e Marroni, gosto de forró, né? Eu sou uma pessoa que gosta de tudo um pouco, de pagode... Agora televisão mesmo, eu assisto mais assim: novela... Porque à noite eu fico em casa, né? Não gosto de tá em calçada, fico assistindo, de vez em quando eu assisto jornal. Mas também não sou daquelas pessoas fanáticas por televisão (Regina, entrevistada em novembro de 2009).

O móvel que sustenta o aparelho de som está sob o portal que liga a sala de jantar e a cozinha, e o som pode ecoar nos dois compartimentos. A sala de jantar é o

⁵⁶O programa “É tempo de evangelizar!”, comandado pelo padre Reginaldo Manzotti, é transmitido nacionalmente das 10h às 11h e, em Fortaleza, sua difusora é a Rádio FM Dom Bosco (96,1 Mhz). No período da entrevista, o horário de Fortaleza era de uma hora a menos que Brasília, em virtude do horário de verão.

ponto da casa que dá acesso aos demais cômodos: banheiro, cozinha seguida de pequena varanda e sala seguida de quarto. Nesse último, vê-se um pequeno guarda-roupa, uma cama de casal, uma rede enrolada e presa ao armador, fotos e gravuras pregadas em um quadro e um móvel que sustenta uma televisão de 14 polegadas.

Nela, Regina gosta de assistir às novelas; “o” jornal, “as notícias que vem de longe, pra tá mais por dentro das coisas”; filmes de desenho, de terror, “de lutas”, de “histórias de vida”. Diz que gostou muito do “filme do Zezé Di Camargo e Luciano”⁵⁷, porque “é um filme que se baseia na vida real, né, parecida com a vida da gente, que veio do interior, lutar por uma sobrevivência melhor na cidade. Porque no interior a gente não tem uma vida, assim, muuito booa [ênfatisa]. Nossa vida é uma vida de humildade, né?”.

Quando pergunto se lembra de algo que passou na televisão sobre seu bairro, mantém a política de porta-voz da comunidade e ressalta o quadro Meu Bairro na TV⁵⁸ especial sobre o Pantanal. A proposta do quadro é contar, a cada dia, a história de um bairro, mostrar suas ruas e moradores, a opinião deles sobre o local e, no fim, ouvir deles reclamações sobre a carência de políticas públicas.

A TV Janela, sempre ela procura, né, mostrar o começo do Planalto e como tá hoje. Teve o Jornal do 10 [antigo nome do noticiário CETV 2ª Edição], que veio pro Planalto Ayrton tá com, mais ou menos, um mês. E foi mostrado o que tem no bairro, o que tá precisando fazer no bairro, né?... Essa [rua] Central aí, próximo aos mercantil, né, tá precisando de uma boa recuperação, né, a pista tá muito esburacada, e o Jornal do 10 veio aqui e mostrou o bairro, mostrou, por exemplo, a TV Janela, o que ela filma, né, porque ela sempre fica filmando. Domingo mesmo filmou a feira todinha. Aliás, filmou minha barraca, que eu não gostei [dá risada], porque eu sou muito assim, não gosto dessas coisas, não. Essas coisas de passar na televisão, não gosto, não (Regina, entrevistada em novembro de 2009).

Regina se restringe a citar os problemas, sem se aprofundar neles. Além disso, os problemas fazem alusão à falta de políticas públicas e, portanto, são ocasionados por um ente externo à comunidade: a Prefeitura de Fortaleza. Sorrindo, conclui sua própria fala sobre os “problemas do bairro” de modo positivo: “É o desenvolvimento do Planalto, que vai melhorando”.

⁵⁷O filme Dois Filhos de Francisco, de Breno Silveira (2005, Drama), conta a história dos cantores sertanejos Zezé Di Camargo e Luciano.

⁵⁸O quadro Meu Bairro na TV foi ao ar durante o ano de 2009, no CETV 1ª Edição (jornal matinal) e no CETV 2ª Edição (ao meio-dia), noticiários transmitido para todo o Ceará pela TV Verdes Mares, afiliada estadual da Rede Globo.

Insisto e pergunto se lembra de mais alguma notícia sobre o bairro. “Não, não... As notícias que sai, mas também...”. “Foi mataram um 'lá embaixo””, completa sua filha, gritando da cozinha. “Deram 34 facadas em outro lá”. Talita é interrompida por um “psiu” de sua mãe, que finaliza: “É mais de assassinato mesmo”.

Não entendo se o pedido de silêncio proferido pela mãe é um pedido para que a filha não fale sobre os assassinatos, ou para que ela não interrompa a gravação que faço. “Daqui não passa nenhuma coisa boa, só mais coisa de morte”, insiste Talita em gritar.

As notícias que saem é mais sobre isso mesmo, sobre coisa triste. Tava acontecendo muito, né? Tu sabe que é mais é coisa de vingança, morte, né, essas pessoas que vivem “do outro lado da vida”, como dizem, né, no mundo do crime, que nunca leva a nada. E aqui acontece muito essas coisas. Tem tempo aqui que todo fim de semana morre um. É por tempo. Tem tempo que esse Planalto fica violento demais, que você fica até com medo de sair no meio da rua. Mas dá um basta, porque aí vai melhorando, baixando a poeira e passa um bocado de tempo sem ter. Mas tu sabe que todo bairro tá assim, né? (Regina, entrevistada em novembro de 2009).

Ela faz, entretanto, ressalvas que ampliam o problema da violência para toda a cidade: “A violência, em todo canto, tá muito grande. Hoje em dia a gente não tem segurança em lugar nenhum”. Essa ponderação apareceu no discurso de todos os moradores entrevistados.

Ela conta que o Barra Pesada e o Cidade 190⁵⁹ já foram, algumas vezes, ao bairro, “mas nunca vem pra representar o bairro com coisas boas, só vem mais pra coisas tristes”, considera ela, sem ser, em nenhum momento, estimulada a falar sobre “representação”.

Em seguida, ela faz uma nova ressalva: a proposta dos programas policiais é mesmo aquela, não tem como fugir disso. “A parte do trabalho deles é sobre o crime, não é pra representar bairro, né? Mas já veio... Já veio a Jangadeiro aqui, filmar o que precisava, né? Quando eu falo de representar, eu falo de coisas boas, né?”.

Para “falar bem do bairro”, resume Regina, já estiveram ali a TV Verdes Mares (em referência ao Meu Bairro na TV, do CETV), a Jangadeiro (Barra Móvel, do Barra Pesada) e a TV Cidade (em alusão a uma notícia do Cidade 190 sobre o aniversário do bairro). “O Edson Silva [apresentador do Cidade 190] teve no aniversário do Planalto

⁵⁹O jornal policial Barra Pesada é transmitido às 12h (ao vivo) e às 7h (reprise) pela TV Jangadeiro (Canal 12 na TV aberta em Fortaleza), afiliada estadual do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Já o Cidade 190 é transmitido às 12h (ao vivo) e às 6h (reprise) pela TV Cidade (Canal 8), afiliada estadual da TV Record.

Ayrton Senna, ele veio pra conhecer o bairro. Aliás, ele gostou muito do Planalto”, ressalta.

A função social dos programas policiais seria denunciar a falta de segurança e exigir o papel do poder público para a solução do problema. “No programa, ele diz que o bairro precisa de segurança. Ele diz que o bairro tem muitas coisas boas, mas algumas coisas acontecem aqui e o pessoal fica de mãos atadas”.

Apesar de demonstrar forte vínculos com os moradores mais antigos e com as lutas travadas em favor do bairro, Regina não demonstra concordar com a ideia de que a nomenclatura “Pantanal” representa a história do bairro e que mudar o nome seria “perder a identidade da comunidade”, como afirmavam as lideranças comunitárias ligadas ao Movimento Viva Pantanal.

Quando eu cheguei aqui, eu não tinha nada contra o nome do bairro, não. O que faz o bairro são as pessoas que moram nele, né isso? Mas devido o Pantanal... Tava muito suja aquela imagem do Pantanal, e por isso foi botado “Planalto Ayrton Senna”, eu fui uma das que votou pra ser Planalto Ayrton Senna. Por quê? Porque achei um nome mais bonito, um nome mais... [Mais de classe!, intromete-se Talita] Mais de classe. Também eles botaram esse nome mais por causa do nosso ídolo, o Ayrton Senna. Então, ele era uma pessoa muito valorizada.

Pantanal não existe mais, Pantanal é coisa do passado [...] Pantanal vem mais de... Às vezes, as pessoas brincavam assim: “Tu mora onde, no Pantanal, é?”. “É”. “Viche, lá é cheio de cobra, de jacaré...” Porque o [nome] Pantanal vem mais de floresta, né, e o bairro é um bairro desenvolvido, com comércio, essas coisas... Não combina mais com o nome Pantanal [Já combinou?, pergunto]. Já combinou, porque todo bairro quando é invadido, ele é começado [com aparência de] Pantanal, aí depois é que muda o bairro. Presidente Kennedy [bairro onde sua mãe mora] era um alagadiço (Regina, entrevistada em novembro de 2009).

Regina e Talita conheceram a TV Janela através das apresentações artísticas, nas quais a adolescente sempre se apresenta dançando variados ritmos musicais. “Eu só vivo fazendo apresentação lá, meu filho, eu sou chique, tá?”, exhibe-se. A TV Janela representa, pra as duas, o “local” onde a adolescente dança há dois anos. “A gente tem muito contato com os meninos da TV Janela”, afirma Regina.

Regina fala da rotatividade de pessoal na instituição e explica que os veteranos colocam os jovens para “estagiar” ali. “Aí [os jovens] vão arrumando emprego, vão saindo e [os veteranos] vão arrumando outros [jovens]”. Para ela, trata-se de “um

projeto muito bom, que traz desenvolvimento. Tem muito rapazinho que sai profissional, né, na parte de jornalismo, de filmar...”.

Eu gosto dos vídeos, porque eles apresentam os vídeos contando a história do bairro, que o bairro era pobre e hoje está muito desenvolvido; mostrando que o bairro tá crescendo, né, como você vê. Se você andar aqui, você vai ver que o bairro cresceu muito. Então, os vídeos que eles fazem, eu gosto muito. Porque quanto mais eles mostram o bairro, mais o bairro cresce. No tempo que eu cheguei aqui, esse Planalto Ayrton Senna era muito criticado, né? Era o antigo Pantanal. A gente ia prum canto e dizia: “Vamo pegar um táxi pro Pantanal”, aí [o taxista] dizia: “Vou não, pro Pantanal não vou”. Era muito criticado, do pessoal dizer assim: “Deus me livre de morar no Pantanal”. Hoje em dia você comprava casa aqui, nesse pedaço, por cinco mil, três mil. Hoje as casas véia são caríssimas! Por quê? Porque o pessoal perdeu o medo, né? (Regina, entrevistada em novembro de 2009).

Talita, que, nesse período, era muito nova, complementa: “Diziam que aqui parecia bang-bang, que entrava vestido e saía pelado”. Para Regina, essa imagem que faziam anteriormente “era real”, “era verdade mesmo!”; “todo fim de semana, o Pantanal tava no Barra [Pesada]”. Hoje em dia, não. “Hoje dizem que o Planalto Ayrton Senna é um bairro ótimo pra se morar. Quem chega aqui pobre, trabalhando, sai rico”. Muita gente julga as coisas sem ver, critica.

Enfatiza a “reportagem de um senhor bem velhinho que o homem disse lá que fazia dois dias que ele tinha falecido”⁶⁰.

Teve uma reportagem de um senhor bem velhinho, que o rapaz [apresentador da TV Janela] disse assim: “Esse senhor aqui, faz dois dias que é falecido”. Ele tinha sido um dos fundadores do Pantanal, um dos primeiros que chegou e foi conhecendo... Chegava gente, invadiam o terreno, cercava, ficava aquele terreno marcado. Então ele [o vídeo] falava daquele senhor, e eu já tinha visto aquele senhor também, depois que eu vim me lembrar. [...] Ele tava falando que era um bairro, que não tinha... Aliás, tinha uma parte aqui que era uma lagoa, né, e o pessoal foi ajeitando e hoje se tornou um bairro. Tava falando que o bairro não tinha calçamento, era cheio de lama e tudo. Então essas coisas aí é no que eu mais me ligo quando eu tô lá [nas exibições], eu gosto de ver falando do bairro, porque eu não sou uma das fundadoras, mas a gente conhece gente que sabe mais do que a gente, e é sempre bom a gente saber a história do bairro (Regina, em novembro de 2009).

Regina se interessa por adquirir conhecimento sobre a formação do bairro, utilizando-se dessas informações em conversas que estabelece diariamente com os

⁶⁰Trata-se do “seu” Vicente, um sapateiro de cerca de 75 anos, que mora no local desde a ocupação (1990). Segundo contam os moradores e ele próprio, em entrevistas que concedeu à TV Janela, participou ativamente das lutas em prol da comunidade. Era um dos principais defensores da nomenclatura “Pantanal”. Uma de suas entrevistas à TV Janela foi transcrita no capítulo anterior.

vários moradores mais antigos que conhece por ali. É perceptível o uso que Regina faz das informações que recebe da TV Janela: compartilhamento daquilo que, embora não tenha vivido diretamente, agora vive através do resultado das mobilizações realizadas para que a comunidade sobrevivesse às adversidades iniciais. Apesar de não ter integrado esse grupo inicial, imaginado como mais coeso, Regina reconhece a importância que ele teve para que o bairro tenha obtido tantas conquistas.

Outro aspecto que tange o foco desta pesquisa, mas que é importante ressaltar por ter relação com o modo de apropriação dos vídeos, é o fato de Regina mesclar elementos visuais e da fala dos entrevistados como se compusessem um único quadro. Ela diz que Vicente falou de “lama, calçamento, lagoa”, quando, na verdade, o entrevistado contou a história do transporte coletivo do bairro. Desse modo, considero que a fragmentação dos discursos exibidos pela TV Janela, que tenta mostrar uma grande pluralidade de relatos e opiniões, contribui para que os receptores mesquem essas várias falas como se pertencessem todas a um ente chamado “morador do Pantanal”.

Os vídeos que eles apresentam é mais, assim, falando do que tinha no bairro, né, que o bairro era isso, era aquilo, e eles não botam coisas, assim, pra gente criticar [o bairro], coisas erradas que acontecem. Eles só botam coisas que levarem o bairro, e não que baixe, derrube o bairro. Os vídeos que eu assisti até hoje são mais sobre o desenvolvimento do bairro mesmo [...] Eles procuram botar coisas que têm importância. No caso, eles vão filmar um vídeo de uma pessoa assassinada? Não. Por quê? Porque isso aí é coisas tristes, coisas que ninguém quer fazer recordações daquilo que aconteceu. Então é coisas [*sic*] que eles veem que não é coisas boas (Entrevista com Regina, em novembro de 2009).

Em resumo, podemos perceber que a percepção de Regina acerca dos vídeos está diretamente ligada à sua história de ascensão socioeconômica, de empregada de uma fábrica de costura a costureira e microempresária, já que vende as roupas que produz na sua própria barraca, na Feira do Pantanal. A ascensão do bairro, de Pantanal a Planalto Ayrton Senna, é associada por ela a um desenvolvimento das próprias pessoas. “Tem muita gente hoje por aqui com suas lojinhas, seu comércio. O bairro cresceu muito”. Desse modo, a história de formação do bairro, embora muito respeitada por ela, é algo bom de ser lembrado, debatido com os amigos mais antigos ali, mas não associada ao nome original da comunidade. O elemento histórico que se associa à nomenclatura antiga não são as lutas e a união dos moradores, e sim, os aspectos geográficos, a “coisa pantanosa”, as casas de taipa, a falta de perspectivas financeiras.

5.3.2. Consciência acerca do lugar de fala

O casal que apresento a seguir traz, em seus discursos, uma jornada árdua de trabalho em fábrica e em casa, o que contribui para que, mesmo eles estando ligados ao “passado de lutas”, eles omitam ou pouco enfatizem as histórias de solidariedade e de mobilização popular, sempre associadas à formação da comunidade pelos moradores mais antigos.

Eles têm consciência de que não integram o grupo de moradores originários da comunidade, apesar de terem chegado em 1994, apenas quatro anos após a ocupação. A esse primeiro momento, eles associam a expressão “luta”. Ao mesmo tempo, questionam o seu potencial como entrevistada da TV Janela. Cita o nome de referências, como Valdenor e “Dona Bárbara”, que já presidiram a UMP, da qual a mulher, do casal, é tesoureira. Até a função que ela ocupa é a função que lhe é possível. A função política ficaria a cargo dos mais antigos, portanto.

“Pode vir”, autoriza Altemar, ao telefone, minha presença em sua casa. Ele tem 51 anos de idade, estatura baixa, cabelos pretos e curtos, olhar cabisbaixo e sorriso constante no rosto. Sorri de qualquer pergunta que faço, sendo ela séria ou não. É uma risada desconsertada, por vergonha e sem saber ao certo o que responder. Quem sempre completa e até desmente sua fala é a esposa dele, Alzira, de 48 anos de idade, dona não só de um porte físico que impõe respeito, mas de uma voz ríspida e imperativa, de olhar e gestos seguros de si.

Inicialmente, o convidado para ser entrevistado como receptor da TV Janela fora Altemar, cortador de tecido que deixa transparecer o trabalho árduo do dia-a-dia através das mãos já encardidas e grossas. Mas, durante as duas entrevistas na casa do casal, a voz que sempre se sobressaía era a da esposa. O tom de voz e a segurança em si própria exigiam o silêncio do marido, sem que o “pedido” fosse expresso verbalmente. Ela impunha a ele uma audição silenciosa, com discretos acenos positivos com a cabeça, confirmando a fala da mulher.

“A minha vida é ela”, define-se Altemar. “Isso foi uma declaração?”, pergunto para ele, e ela disfarça, sorrindo: “É não, é porque a gente vive aqui, dentro de casa, né?”. “Vocês são muito unidos, né?”, instigo. “Às vezes, né, porque todo casal tem suas

desavenças. Todo casal briga, e a gente já tem 26 anos de casados, então não é aquela coisa medooonha. Tem desgaste”, define a mulher.

No dia em que Altemar fora selecionado como receptor, ele assistia aos vídeos e às apresentações artísticas, que ocorriam em frente à sede da UMP, como modo de se ocupar, a fim de esperar sua esposa, que auxiliava os grupos de dança a se vestirem, dentro da entidade da qual ela é tesoureira.

Quando chego à casa dos dois pela primeira vez, o casal não me faz muita sala. Ponho-me de frente ao portão de entrada, próximo do qual os dois estavam agachados, apanhando retalhos de tecido e jogando-os em sacolas plásticas, e sou recebido sem muita cordialidade. O homem diz um “chegou”, ergue-se e vai pegar uma cadeira de ferro e um banco de plástico antes mesmo de abrir o portão para eu entrar. Sobre um banco de plástico, um *micro system* ligado à tomada ecoa alto a voz de Roberto Carlos. A música é romântica, diferentemente do clima entre o casal.

A mulher mantém-se agachada, não me cumprimenta, sequer me olha e segue seu trabalho como se ali eu não estivesse. Grita com o marido, que jogou “tecido bom” na sacola de retalho. “Eu achei que era retalho”, justifica o homem, gaguejando. Durante a semana, eles trabalham fora de casa, ele como cortador de roupa, ela como costureira, cada um em uma fábrica diferente, as duas não muito distantes dali. Cada um trabalha oito horas por dia, das 7h30 às 17h30. No fim de semana, ocupam-se com as quatro máquinas de costura que mantêm na área de entrada. Se não fosse o amontoado de retalhos pelo chão, a casa estaria “um brinco”.

Além de muito limpa e organizada, a residência ainda mantém pequenos “toques femininos”, como jarros de flores presos à parede verde da área e quadros pendurados na parede da sala e do corredor principal da casa. Cada um dos dois filhos do casal, um de 15 e o outro de 24 anos de idade, tem seu próprio quarto. Os dois são mecânicos e integram o quinteto de pop-rock chamado “Cinco por um”, formado por jovens do bairro e por um amigo que mora no José Walter, bairro vizinho. A mãe conta orgulhosa que o filho mais novo trabalha em uma oficina próxima “mais pra ganhar experiência profissional” e que o filho mais velho, que trabalha em uma grande oficina em um bairro vizinho, levará o irmão para trabalhar com ele.

Alzira é morena, de baixa estatura, porta um óculos de grau na cabeça e, no dia-a-dia, usa blusas estampadas de malha e shorts colados ao corpo. Altemar tem a pele

mais clara, é bem magro, um pouco mais baixo que a esposa e mantém um bigode que não esconde o constante sorriso largo. Já durante a primeira entrevista, Alzira fora se envolvendo mais com o teor das perguntas, sentindo-se à vontade para responder com um pouco mais de descontração, até o sorriso tornar-se fácil em seu rosto. Bastava uma pergunta qualquer, para que eu recebesse como resposta inicial um sorriso minimamente empático.

O comportamento inicial de Alzira comigo me fez recordar a postura de desconfiança com que me recebeu pela primeira vez a presidente da UMP, Bárbara. A líder comunitária mora no mesmo quarteirão que Alzira e desenvolve com ela trabalhos políticos no âmbito da comunidade, uma como presidente da entidade e a outra como tesoureira. Em conversas posteriores à primeira entrevista que me concedeu, Bárbara afirmou pensar, inicialmente, que eu morava na Aldeota, bairro nobre de Fortaleza. Quando soubera que moro no Pirambu, bairro periférico com alto índice de criminalidade, solidarizara-se comigo: “Você deve sofrer tanto preconceito quanto a gente”.

Há no lar do casal Alzira e Altemar três aparelhos de televisão, um em cada quarto. Ela assiste à novela, mas não demonstra muito interesse pelo gênero. Ele gosta de assistir aos desenhos animados. Na verdade, o casal tem no rádio o principal meio de comunicação diário, já que a audição de emissoras comerciais é feita durante quase todo o dia pelos dois, no trabalho, como forma de passar o tempo. Na fábrica, os empregados ora sintonizam em alguma emissora na rádio do trabalho (e as caixas de som ecoam por toda a empresa), ora colocam algum CD para tocar. Quando estão “cansados” da música que se ouve coletivamente, plugam o fone de ouvido no celular e ouvem solitários a música pela qual optarem individualmente naquele momento. Alzira, católica, dificilmente vai à Igreja do bairro, mas sempre escuta os programas da Rádio Dom Bosco, emissora com programação religiosa. Já o marido ouve mais rock e pop rock, tanto no rádio pessoal, no celular, quanto na rádio coletiva. “A Rádio 100⁶¹ é mais pras costureiras lá em cima, a gente ouve mais é rock”, delimita o cortador de roupas.

O casal morava no bairro da Maraponga quando os pais de Alzira, que já moravam aqui, convenceram-no a se mudar para o local, três anos após a ocupação do

⁶¹A Rádio 100 FM tem em sua programação um repertório mais romântico.

espaço. É por esse motivo que eles não se colocam como integrantes do grupo originário da comunidade.

Os dois não possuem muitos vínculos diários com o bairro, restringindo-se ao espaço do lar e do trabalho. Apesar de fazer parte da UMP, o trabalho de Alzira é mais interno, diferentemente de Bárbara, que dialoga mais com os moradores. Ela justifica a quase nula atuação social dentro do bairro argumentando individualista de que “todo mundo precisa trabalhar pra se manter”. “Pra tomar de conta de uma associação, um líder tem que ter cem por cento do seu tempo livre pra tomar de conta daquela associação ali em benefício da comunidade. Mesmo quem trabalha e chega em casa morto de cansado”, justifica Alzira citando a si mesma indiretamente.

O casal mantém uma rotina de muito trabalho e de quase nenhum lazer. Eles transitam entre a fábrica, onde passam um terço do dia, e o espaço do lar, onde mais trabalho lhes espera, nas máquinas de costura alojadas na área de entrada. No início da noite de sábado, eles colocam duas cadeiras de ferro na calçada de casa para observar o movimento da rua. Sem muitas opções de lazer, os dois ficam ali, ora acenando a algum vizinho, ora olhando para o nada, sem muita conversa.

“Eu conheço quase todo mundo aqui dentro, mas eu não sei nem o nome das pessoas. Às vezes eu conheço, sei o nome, mas não sei onde mora direito”, ri Alzira de si mesma. Quando peço para eles descreverem o “morador do Pantanal”, Alzira toma a frente e cita o nome de Bárbara, a presidente da UMP. “Pra mim, quem representa bem o bairro é a dona Bárbara. Ela é uma guerreira, porque ela luta muito pelo bairro, porque ela é uma líder, né, comunitária”. Altamar faz pequenas inserções: “O pai dela [de Bárbara] foi o fundador, né?”. “O pai dela foi o fundador da Igreja Católica”, delimita a esposa, “e ela dá a vida dela pelo Pantanal”, conclui. Fico na dúvida se Alzira cita Bárbara por achar que ela representa o morador de luta do bairro ou porque a líder se destaca dos demais moradores por sua luta.

Alzira é uma das minhas poucas entrevistadas que falam sobre a violência sem ser estimulada. Entretanto, ela apenas cita, sem fazer nenhum juízo de valor sobre o tema. Pergunto o que a TV Janela fala sobre o bairro. “Fala das mudanças, né?...”, define Alzira. Pensa um pouco e continua: “Acho que não fala de violência, não... Fala incentivando os jovens, a cultura, mostrando a cultura brasileira, cearense”. “Você acha

que deveria falar da violência?”. “Não, acho que não, porque... Isso já tem nos programas policiais”.

Os dois demonstram dar muita importância para as notícias de violência e morte no bairro, divulgadas pelos programas policiais televisivos. Eles citam várias matérias às quais assistiram na televisão e dão detalhes de como os fatos foram abordados, bem diferente quando o assunto são os temas abordados pela TV Janela, cujos conteúdos não são lembrados, não são enfatizados ou, simplesmente, considerados menos importantes e, por isso, omitidos de seus discursos. “O pessoal fala o que precisa melhorar nas ruas, é mais isso mesmo”. Estimulo algum tipo de informação histórica sobre o bairro, mas as respostas são sempre muito curtas e vagas. “É, fala de como surgiu o bairro”.

A TV Janela, pra mim, é ótima, eu acho legal. Eu queria que toda sexta-feira tivesse aqui [risos], que era pra tá mostrando as coisas do bairro. As coisas do início da história do Pantanal aí, vem, vem, vem... Aí mostrando como eram as casinhas... Em uma dessas filmagens, tem até o meu pai, cavando uma cacimba, e o Valdenor fazendo entrevista com ele. Eu acho bom a TV Janela. Isso aí é uma coisa muita boa que o Valdenor fez (Alzira, entrevistada em novembro de 2009).

O marido concorda com a mulher, fazendo pequenas intervenções durante a fala dela e, finalmente, concluindo: “O que passa na TV Janela é quase sempre as mesmas coisas”. E agora é a mulher quem concorda. Dentro dessa perspectiva de análise dos dois, os vídeos da TV Janela são tidos como produções que sempre se utilizam de formatos muito semelhantes, de temas que, apesar de variados, possuem uma mesma lógica e entonação: de mostrar as melhorias alcançadas pelo trabalho, individual ou coletivo, da comunidade, essa encarada como um “grupo harmônico de pessoas”.

Os dois dizem não se enquadrar no perfil de morador entrevistado pela TV Janela. “A gente não sabe falar muita coisa do bairro, como os mais velhos têm histórias pra contar de lutas aqui. Eu já cheguei e já peguei parte do caminho já feito. Eles, não. Esses moradores mais antigos sabem contar bem direitinho como foi. Quando a gente chegou, já tinha água, já tinha luz, muita coisa”. Quem tem, portanto, credibilidade e competência para falar sobre o bairro é quem vive ali desde a origem. Outra leitura ainda é possível: as fontes mais credíveis de informação são os mais velhos ou, mesmo, os líderes comunitários, já que seriam eles os “moradores de luta”.

No entanto, se Alzira fosse chamada pela produção da TV Janela, para falar qualquer coisa que quisessem sobre o bairro, “pediria um banco pra cá”. “Eu pediria um banco aqui, pro Pantanal, que não tem”, opina ela. “Aqui também não tem um campo, pra esporte”, interfere Altemar. “É, não tem lazer, pras crianças, uma praça”, complementa a mulher. Dessa forma, eles vão traçando uma das funções da TV Janela: clamar por políticas públicas para o bairro, apesar de os vídeos não terem a Prefeitura como público-alvo.

5.3.3. A memória dos mais velhos interferindo na percepção dos mais novos

A nossa primeira entrevistada adolescente é Fabiana, de 14 anos de idade. Magra, morena, bonita, de cabelos pretos e lisos, ela me recebeu em casa por duas vezes, sempre na presença discreta da mãe. Ainda por telefone, tive que explicar o propósito da entrevista, que, na verdade, seria feita com a irmã de Fabiana, de 18 anos de idade, que não pôde me atender por conta do trabalho. Muito tranquila, sem afetações, Fabiana me recebeu com uma simpatia polida. Ela cursa o oitavo ano do Ensino Fundamental, no CIES, a um quarteirão de casa, e mora com a mãe mais seis irmãs, sendo o irmão mais velho, que mora próximo, o único casado. Uma casa apenas de mulheres, é importante enfatizar.

Fabiana tem na fala sobre a história do bairro um constante “a minha mãe me disse que...”, estando sua mãe o tempo todo presente tanto física, quanto simbolicamente. “O que a minha mãe me disse é que aqui não tinha casa, era só mato. Aí umas pessoas vieram, construíram casas pra morar. O que me lembro é só isso”. Seu discurso está fortemente marcado pelas vivências da mãe no local e pelas opiniões da matriarca sobre o espaço.

Na área da casa, sentada em cadeira branca de ferro acolchoada com almofadas desbotadas, de costas para nós dois, a mãe atentava ao que eu perguntava e ao que a filha respondia. Olhava fixo para o lado de fora da casa, através da grade preta que resguardava a casa no mundo externo, fazendo tricô mecanicamente, sem atentar para as mãos. A atenção à conversa fazia-lhe interferir quando se sentia à vontade para falar, quando a filha não sabia responder ou se sentia tímida para opinar.

Além da mãe, Fabiana diz também ter ouvido falar da história que não viveu através do “vizinho do lado”, um senhor de cerca de 60 anos de idade. “Ele falou que, quando ele chegou aqui, o bairro não tinha casas, assim, era mato, falou que era um bocado de gente pra construir as casas, limpar as matas pra poder construir”, repete mais do mesmo. Quem dá um pouco mais de informação detalhada é a mãe, que viveu tudo aquilo com certa dose de sofrimento.

A gente tava cansado de aluguel [na Maraponga]. Aí quando invadiu aqui, era só mato, eu sempre tive vontade de morar aqui. Eu morava debaixo da casa da minha sogra, eu tinha fé em Deus que eu ia morar aqui. Quando começou as invasões, meu filho falou “Mãe, não dá, não”. Aí eu disse “dá” [com ênfase]. Aí eu peguei um terreno ali, naquela Rua Oscar Romero. Aí eu disse: “Minha nossa senhora, o que é que eu vou fazer com esse menino, nesse sol quente? Mas é o jeito ficar”. Aí a mulher [Liege, líder comunitária] me deu umas palha de coco, fiz uma barraquinha, ele ficou de baixo [...] Foi um sofrimento medonho, sem ter luz, sem ter nada (Mãe de Fabiana, entrevistada em novembro de 2009).

A mãe de Fabiana diz que o bairro “cresceu demais: muita gente, muito comércio”. Aquele “sofrimento medonho” de outrora se transformou nas realizações pessoais de hoje. Quando questionada sobre as tais realizações, ela restringe-se a falar da casa: modesta, mas funcional; sem muitos confortos, mas bem localizada, a um quarteirão da rua central, onde há cerca de cem comércios. “Hoje em dia, nós tamo vivendo é no céu. O pessoal chama aqui de favela, mas aqui mesmo num é favela, não!”, garante. Silenciosa, a filha concorda, balançando a cabeça.

A mulher mais velha chama a comunidade de “Pantanal”, apesar de não rejeitar a nomenclatura Planalto Ayrton Senna. A filha diz que chama de Planalto Ayrton Senna “só porque é o novo nome mesmo”, mas que prefere Pantanal. A mãe interfere, ainda com olhar perdido e voltado para a rua: “Eu prefiro Pantanal!”. “Já era o nome dele, não sei por que mudou”, continua a filha, que confessa que, “de vez em quando”, chama de Planalto Ayrton Senna. “Eu é que é difícil. Onde eu estiver, eu chamo de Pantanal [...] porque eu não gosto desse [novo] nome, não sei dizer por quê”, repudia a mulher.

Sandra, a mãe de Fabiana, cita lideranças como Liege, Valdenor, “dona Bárbara” e o finado Gavião, que “fizeram muita coisa pela comunidade”. O personalismo dos líderes comunitários está presente em toda a fala dela, quando fala que Liege “foi quem trouxe o pessoal pra morar aqui dentro” ou quando garante que “se o Gavião fosse vivo,

não teria essa violência aqui dentro, não”⁶². Ela fala das benfeitorias trazidas pelo finado Gavião, ainda com olhar perdido em direção à rua, e enche os olhos de lágrimas.

O discurso de Sandra sobre o bairro é conflituoso. Quando o olhar se volta para o mundo externo, para as pessoas de outros bairros com quem convive, ela considera que o Planalto é um bairro cheio de realizações, de desenvolvimento. Quando se volta para os conflitos internos, como foi a mudança de nome do bairro, ataca o Planalto Ayrton Senna: “na época do finado Gavião”, que participou do Movimento Viva Pantanal junto com as demais lideranças contrárias à nova nomenclatura, “não tinha essa violência que tem hoje”.

Já a filha tem um pouco mais de cautela quando a assunto é violência. “No mundo, a violência tá aumentando, né, porque passa muito caso na televisão sobre violência, que nos bairros os vagabundos matam, né, isso não é justo pra ninguém, ninguém gosta. Policiamento não tem no bairro, quando liga custa, dá tempo de morrer uma pessoa”. A cautela de Fabiana parece estar relacionada ao fato de o discurso sobre a violência do bairro atingi-la em sua juventude, já que a criminalidade é, de modo geral, associada à ociosidade e falta de perspectiva profissional dos jovens. A culpa é dos “bandidos”, mas o poder público também é culpado, por não cumprir com sua função de garantir a segurança dos cidadãos.

Fabiana fala como se tivesse seguindo um script de como se expressar em público ou reproduzindo algo que lhe ensinaram. Utiliza expressões já gastas pelo usos, como “mundo das drogas”, e, ao final de todas as suas falas, ela diz um “o que eu aprendi foi isso”.

Fabiana escuta rádio “todo dia de manhã” e não gosta muito de televisão. Restringe-se, basicamente, a ouvir música em uma rádio comercial: Desejo de Menina (banda de forró eletrônico que toca músicas românticas), Sorriso Maroto (grupo carioca de pagode, também com repertório), Forró do Muído (forró eletrônico, com músicas mais dançantes). Além das músicas, Fabiana escuta o “Caso das nove horas”: a locutora da rádio expõe um drama vivido por alguém que quer ajuda dos ouvintes para resolver um dilema pessoal: se permanece com o marido, mesmo tendo sido traída ou se o pai de dois filhos diz para a esposa que é gay e se separa. Então, os ouvintes ligam e dão sua opinião ao vivo. Fabiana diz que teria vergonha de participar ao vivo, do programa, mas

⁶²Liege e Gavião foram citados no primeiro capítulo desta pesquisa.

que sempre ouve as histórias na casa da “tia Silvana”⁶³, professora da escola, a qual ajuda nos afazeres domésticos das 11h às 12h e com quem fica comentando os casos.

Os meios de comunicação, de um modo geral, tem apostado nessas formas de aproximação com o público: o jornal impresso abre uma coluna, ao lado da matéria principal, para ouvir a opinião do leitor sobre a notícia; o rádio pede a opinião do ouvinte sobre um caso da “vida real”; a televisão produz *reality shows* cujos participantes são eliminados pelo público através da Internet ou do telefone; e a TV Janela conta a história dos moradores para os próprios moradores, confundindo fonte de informação e público receptor.

De manhã, Fabiana leva os primos mais novos para a escola, volta, faz “as coisas dentro de casa”, porque a mãe trabalha “em casa de família” há cerca de quatro anos, no bairro José Walter. Quando termina os afazeres domésticos – varrer, lavar roupa e pratos e cozinhar –, ela segue para a casa da professora, onde escuta música em uma rádio comercial e ouve o “Caso das nove”. A forma como denomina o quadro está associado, de algum modo, à forma como popularmente as novelas da Rede Globo são conhecidas, através do horário em que eram transmitidas originalmente (“novela das seis”, “das sete” e “das oito”)⁶⁴.

Da televisão, Fabiana só assiste ao Poder Paralelo⁶⁵, novela da Rede Record que “fala de bandidagem”. Ao citar a novela, a mãe, a tia e os dois primos presentes na área da casa se exaltam, cada um dando uma definição para a trama: “traição”, “tiro”, “briga”. “Tem o Tony, que tá do lado do bem; aí tem o outro, que tá do lado do mal. Aí tem o Bruno, que tá matando as pessoas”. “Quem é vilão é o Bruno, ele é que é do mal”, define Fabiana, deixando explícito o maniqueísmo presente não só nas tramas televisivas, mas na “vida real”.

Sem se incluir diretamente na sua própria afirmação, Fabiana enfatiza o gosto que o público tem por assistir à violência na televisão. Para ela, a novela Poder Paralelo “tá legal”, “porque esse negócio de briga na televisão, o povo acha legal”.

⁶³Reforçando: todos os nomes foram alterados.

⁶⁴As emissoras brasileiras de televisão foram obrigadas a transmitir as novelas em horários mais tarde, graças à lei de classificação indicativa. Apesar disso, as novelas continuaram sendo associadas ao horário original no qual passavam.

⁶⁵Poder Paralelo, do roteirista Lauro César Muniz, aborda uma tentativa de assassinato, cuja ordem parte do Brasil, mas a vítima está na Itália. “Máfia, fidelidade, traições e disputas”, explicita o próprio slogan da novela. A trama estreou em abril de 2009 e se mantém no ar até hoje (janeiro de 2010), devido ao sucesso de audiência.

Todas as atividades diárias de Fabiana estão restritas ao espaço da comunidade. Quando sai do bairro, é para visitar uma tia, que mora no bairro Maraponga, a poucos quilômetros dali; para ir à casa da mãe da “tia Silvana”, no Jardim Iracema, periferia norte da cidade; e para ir com uma amiga ao Maracanaú, cidade vizinha. Apesar de gostar dos três locais citados, a adolescente afirma que não gostaria de deixar o bairro, “porque sou acostumada aqui”.

No bairro, “têm pessoas [de] que eu gosto, têm pessoas [de] que não gosto, porque repara na vida dos outros”, opina Fabiana. Ela insere os vizinhos novatos, da casa vizinha, nesse grupo de pessoas das quais não gosta e acaba por associar fofoca às “pessoas novas” no bairro. “A menina que antes morava nessa casa vizinha era minha amiga, a gente conversava era muito, mas a vó dela morreu e a mãe dela teve que ir morar no interior”, lamenta.

Proponho uma dinâmica para Fabiana: descrever o bairro para alguém que não mora ali. Faço de conta que não conheço o local, que nunca fui até lá, e pergunto: “Fabiana, onde você mora?”. “Eu moro no Planalto Ayrton Senna”. “Onde fica?”. “Fica perto do José Walter. Você vai pro terminal da Parangaba e pega o ônibus Planalto Ayrton Senna. Aí vai passar pelo José Walter e chegar no Pan.. No Planalto Ayrton Senna”. “Você ia falar Pan...”. “É, ia falar Pantanal”. “E o que é Pantanal?”. “É o bairro que era antes, que agora é Planalto Ayrton Senna”. “Por que mudou?” “Não sei”. “E como é lá?” “Lá é legal. Como era antes, não tinha muita gente, porque era começo do Pantanal, era mato, aí o povo tava construindo casa pra poder morar. Agora tem um bocado de gente nova nas ruas, voltando, se mudando, tá sendo legal”. “E você gosta de morar lá?”. “Gosto”. “Por quê?”. “Porque eu nasci lá, fui criada lá desde pequena, tenho amizades boas”.

Fabiana não fora a única receptora entrevistada que citou a reportagem especial sobre o Planalto Ayrton Senna, no quadro “Meu bairro na TV”, do CETV. A matéria é sempre lembrada, provavelmente, por ser a única matéria positiva sobre o local exibida mais recentemente pela mídia convencional. Destaca-se em meio a inúmeras notícias diárias, divulgadas pelos programas policiais, sobre a violência no bairro. Isso me faz lembrar da célebre frase que explica que “notícia é quando o homem morde o cachorro”, e não o contrário. Quando os entrevistados citam a reportagem especial do CETV, ora pretendem omitir as matérias que relacionam o bairro à violência,

ênfatizando as notícias positivas, ora deixam transparecer que as reportagens sobre violência já são tão banais que nem são lembradas, diferentemente das inusitadas matérias positivas.

Fabiana também fala da “função de informar” dos programas policiais televisivos. “Acho importante [os programas policiais] informar [sobre os locais violentos], porque, por exemplo, se você tá doente e sai no horário da noite, ela vai saber por onde andar pra não correr perigo. Aí eles dizem que rua é mais perigosa”.

Ela conhece dois adolescentes que fazem parte da TV Janela, um homem e uma mulher. Ninguém mais. A adolescente foi quem a pediu para pular elástico com outras três vizinhas suas, para que as imagens fossem exibidas pela TV Janela. Tudo que Fabiana sabia era que o quadro “Pulando elástico” seria transmitido “na próxima exibição”. Apesar de eu saber a data exata da transmissão, optei por não informá-la, para ver se ela apareceria na próxima exibição, interessada em se ver. E não apareceu. Depois ela justificou que não tinha ficado sabendo do dia em que a exibição ocorreria.

Fabiana diz gostar tanto dos vídeos quanto das apresentações artísticas. Entretanto, para ela, o momento mais atrativo da exibição é a “parte da dança”. “Eu gosto de ver porque eles [os grupos] batalham pra dançar. Ensaíam pra poder, no dia, dançar bem, pra não errar os passos”. Fabiana já se apresentou para a TV Janela, mas “já faz muito tempo”, sequer lembra do nome do grupo com o qual dançou a Dança do Bambolê, do grupo baiano de Axé “É o Tchan”.

“Eu gosto dos vídeos porque eu não sabia como meu bairro era. Às vezes, eu vou pra ver, porque passa muito como era meu bairro, como era antes”. Fabiana se utiliza das informações dos vídeos para explicar a história do bairro. “Aonde eu vou, eu explico como era a história do meu bairro”. Dessa forma, a TV Janela exerce uma função semelhante a dos mais velhos, de fornecer informações históricas aos mais novos. Outra leitura também é possível: para a adolescente, a TV Janela é um instrumento de comunicação responsável por repassar informações privilegiadas dos mais velhos (fontes de informação, os entrevistados) para os mais novos (receptores jovens que não vivenciaram a formação da comunidade). Considerando a TV Janela como mero veículo, o que isenta as produções audiovisuais de suas ideologias, a adolescente se utiliza das informações “transmitidas” pelos vídeos para contar a história do bairro por onde circula.

“Ela coloca [o telão] em qualquer rua pras pessoas se apresentarem, aí ela dá informação sobre como o bairro era antes. Tem gente falando mesmo como o bairro era”. Também cita Vicente, um dos poucos entrevistados que sempre é lembrado pelos moradores, de algum modo, ligados à história do bairro. “Ele era sapateiro, passou cantando, foram lá pedir entrevista e aí tava falando como era o trabalho dele”. Outro entrevistado do qual lembra é do “vendedor de cheiro verde da feira”. “Ele cantando, falando o preço do cheiro verde dele”, lembra.

Na verdade, Vicente fala de modo quase poético, muito explicado, mas não chega a cantar: “Era exatamente meados de 1992, quando não tínhamos acesso a transporte coletivo e a outros benefícios na comunidade”. Além disso, Fabiana confunde o que as imagens falam (Vicente à frente das máquinas de costura de sapatos, colando o solado de um calçado) com o que o áudio de Vicente fala (sobre a história do transporte coletivo do bairro). Isso me faz crer que as imagens falam bem mais do que a própria comunicação verbal, principalmente em um ambiente de muita dispersão, como o é a rua.

5.3.4. Quando a função social do receptor é semelhante à do emissor

Jovem atendido há seis anos por projetos do Integrassol e integrante da Comunidade Rainha da Paz, desenvolvendo, voluntariamente, trabalhos sociais e religiosos com crianças e adolescentes, dentro e fora da comunidade. O lugar de fala de nosso segundo entrevistado jovem, Daniel, de 19 anos de idade, permite-lhe uma compreensão mais clara dos propósitos dos vídeos da TV Janela. Muitas vezes, ele utiliza um “a gente quer mostrar as coisas boas do bairro”, considerando que possui tão “boas intenções” quanto a TV Janela com relação ao “Pantanal”.

“Bem, a TV Janela ajuda a tirar muitas crianças da rua, dando cursos e profissionalizando elas”. Sua fala foi curta, apenas sete segundos, mas suficientemente relevante para levar o jovem Daniel, de 19 anos, à exibição da TV Janela, a fim de se ver no vídeo. À paisana, no pátio do Liceu do Pantanal, onde cursa o terceiro ano, Daniel fala de modo sério e desenvolto sobre a importância da TV Janela para os jovens, com olhar firme, ora em direção à câmera, ora em direção ao repórter. Já diante da telona montada no meio da rua, rodeado por “amigos de comunidade”, como definiu

para mim uma de suas colegas, acha graça dos colegas de colégio que também concederam entrevista, mas, na sua hora, abaixa a cabeça, demonstrando constrangimento, enquanto seus amigos gargalham e cutucam-no.

Antes, durante e depois de aparecer no vídeo, Daniel e cinco amigos seus, dentre homens e mulheres, “mangavam”⁶⁶ de uma ou outra apresentação artística e até de si mesmo, que concedeu entrevista um pouco formal. Durante uma apresentação de dança, ele rodopia com uma de suas amigas, muito divertido, sempre estimulado e acolhido pelas risadas de seu grupo de amigos, que chamava a atenção dos demais receptores.

Quem vê Daniel tão animado em uma exibição da TV Janela talvez não imagine que aquele adolescente de baixa estatura, moreno, cabelo preto e curto e com feições ainda muito adolescentes estuda à noite porque já exerce a função de agente administrativo, apesar de ainda ser estagiário, durante quatro horas diárias, no Serviço Social do Comércio (SESC), no Centro de Fortaleza. “Eu não quero ser efetivado lá, porque eu não me interessou pelo ramo do comércio. Eu quero fazer um curso de gestão de pessoas e trabalhar em ONG”.

A mãe de Daniel – a costureira Zélia, de 40 anos de idade – nasceu em Quixadá, mudou-se com a família para o Maracanaú, onde engravidou e teve Daniel, seu primeiro filho. O pai não reconheceu a paternidade e, após um ano do nascimento do filho, ela decidiu participar da ocupação do espaço que, mais tarde, seria chamado de Pantanal.

Daniel fala, de modo muito vago, o que ouviu falar sobre aquele período, já que tinha apenas um ano de idade durante a ocupação. “Eram só umas barracas, não tinham casas”. Já no bairro, a mãe se casou com outro homem e, com ele, teve duas filhas. Daniel lembra das andanças pela comunidade com o avô, parente já falecido ao qual era muito apegado. “Eu tinha seis, sete anos, gordinho, quando eu saía com meu avô. A gente andava muito e eu encontrava os menininhos pra brincar de bola”.

Na sala de estar da casa, há dois objetos disputando a centralidade do espaço: a televisão, quase sempre ligada sobre o rack, e o computador, logo ao lado, com acesso ilimitado à Internet, através de *fax modem*. Ao invés de sofá, várias cadeiras de plástico estão espalhadas pela sala. Duas delas, à frente do computador, onde as duas irmãs de Daniel acessam o site de relacionamento Orkut⁶⁷ e conversam com alguns amigos, de

⁶⁶Expressão muito utilizada no âmbito do Estado do Ceará que significa “caçoar”, “zombar”, segundo definição do dicionário Aurélio.

⁶⁷O Orkut é uma rede social de relacionamentos, através da qual seus membros podem adicionar amigos, trocar mensagens com eles e participar de comunidades e fóruns. Segundo o Google, responsável pelo

modo instantâneo, através do MSN⁶⁸. A mãe e o padrasto de Daniel assistem à televisão, comentando, entre si e de modo muito contido, o que veem. Os dois apoiam os braços sobre a parte lateral da cadeira e entrecruzam as mãos, um brincando discretamente com os dedos do outro. O modo muito carinhoso e cheio de calma com que se tratam, ao menos, na minha frente está marcada pela fala de Daniel, que, na ausência do pai biológico, com o qual não fala mais, sente-se acolhido pelo padrasto.

A casa da família possui três quartos, um para Daniel, outro para as duas irmãs e outro para a mãe e o padrasto. Todos os quartos possuem televisão, menos o de Daniel, porque ele não costuma assistir à programação televisiva. Odeia novela, “porque é muito exagerada. Eu vejo as pessoas que assistem muita novela, elas se prendem muito ao assunto da novela, confundem o personagem com o ator”. O que assiste na televisão, basicamente, são os desenhos animados japoneses, “uma coisa que me fascina muito”. Diz-se Otaku⁶⁹ por conviver com esse grupo, apesar de não se vestir como tal.

O jovem se define como “católico praticante”, vai à Igreja pelo menos duas vezes por semana e desenvolve atividades sociais no âmbito religioso. Gosta de trabalhar com grupos católicos de crianças e diz se identificar e se relacionar bem “com todo mundo do bairro” e, de modo mais específico, com os jovens que integram a comunidade católica da qual faz parte: a comunidade Rainha da Paz, a poucos quarteirões de sua casa.

Desde os 13 anos, participa de projetos do Integrassol, “por vontade própria”. “A minha mãe me estimula, mas é mais dizendo pra eu tá sempre em movimento, não ficar parado”. Foi através dele que conseguiu o estágio no Sesc. Ainda hoje participa de curso de Administração na entidade.

Comunica-se com os amigos da comunidade todos os dias, às vezes pessoalmente, às vezes através de MSN, Orkut e Twitter⁷⁰. “Eu preciso passar pelo menos uma hora por dia na Internet pra falar com todo mundo”. No MSN, tem “uns 78 amigos”, “só os mais próximos”. Já “no Orkut, é todo mundo mesmo”.

site, 51,18% dos membros do Orkut em 2008 eram brasileiros.

⁶⁸O Messenger é um programa de mensagens instantâneas que permite conversas instantâneas entre duas ou mais pessoas pela Internet.

⁶⁹No contexto do mundo ocidental, Otaku é a denominação dada aos fãs de animes e mangás de modo geral.

⁷⁰O Twitter é uma rede social e servidor para microblogging que permite que seus usuários enviem atualizações pessoais de, no máximo, 140 caracteres para seus contatos.

Durante a semana, Daniel, que se diz “gordinho”, frequenta a academia de musculação bem cedo. Em seguida vai para o trabalho, onde estagia por quatro horas, volta para casa, acessa a Internet por, “pelo menos”, uma hora e vai para a escola. Durante o fim de semana, fica com a família ou circula pelo bairro. Vez ou outra, vai a shows em outros espaços da cidade ou participa de trabalhos da Igreja Católica, principalmente voltados para crianças, na própria comunidade ou em outros bairros.

Participa de muitos eventos religiosos pela cidade, como o Queremos Deus⁷¹, realizado todos os anos, mas também vai a shows de outros gêneros musicais, como *heavy metal*, mas com menos frequência. Sua convicção como católico não o impede de manter boas relações com os fiéis de outras religiões. “Todo mundo se dá bem aqui, católicos, evangélicos, o pessoal do candomblé”. A sua formação religiosa não o impede de demonstrar interesse pelos vários estilos musicais dançados durante as apresentações da TV Janela. “Hip hop, forró, axé, swingueira. Eu não tenho preconceito, eu sou bem eclético, mas eu prefiro rock”.

Gosta do Iron Maden⁷², que conheceu através de um amigo do colégio, mas é “muito eclético”: curte forró eletrônico, swingueira e pop rock. No rádio, ouve a Jovem Pan, Cidade, Rádio Mix, emissoras especializadas no público jovem e em gêneros musicais como por rock e techno. O exacerbado ecletismo parece ser uma forma de agradar a todos. Ele sorri com todos os músculos faciais, fechando bem os olhos, já naturalmente cerrados por conta dos traços indígenas. O semblante de felicidade é constante, independentemente da pergunta que eu faça. Daniel garante: “Ninguém nunca me verá triste”, porque ele sempre está feliz e sorridente. “Mesmo quando eu estou triste, eu não demonstro pra ninguém”.

Ele acessa notícias através da Internet, principalmente a partir do site de notícias do MSN, aberto automaticamente, logo após o usuário do messenger se conectar ao programa de conversas instantâneas. No caso, as notícias são quase sempre nacionais e internacionais. “As notícias mais locais eu fico sabendo através dos meus amigos”, algumas relacionadas ao bairro e outras poucas, à cidade, como shows que vão ocorrer em Fortaleza.

⁷¹O Queremos Deus é um evento de louvor com apresentações de grupos musicais católicos, organizado todos os anos pela Igreja Católica, próximo ao feriado de Carnaval, e chega a reunir cerca de 30 mil fiéis no estádio Castelão, em Fortaleza.

⁷²Banda inglesa de *heavy metal*, formada em 1975.

“Faz tempo” que Daniel conhece a TV Janela. “Foi através do meu padrinho”, que à época era adolescente e, hoje, tem 24 anos de idade. Cita o nome de vários amigos que fizeram ou faz parte de projetos da TV Janela e do Valdenor, descrevendo-o como “um dos que ajudaram no povoamento aqui dentro”. A compreensão de que o Valdenor é um líder comunitário e da ideia do que é exatamente uma entidade não governamental interfere na compreensão que Daniel tem sobre os vídeos. Eles tem consciência da proposta de “profissionalizar os jovens” e da função de “mostrar as coisas boas que o bairro tem”, porque está envolvido com a realidade das ONGs desde os 13 anos de idade, quando ingressou no Integrassol. Claro que Daniel não precisa ter grandes vínculos com a TV Janela ou com outras entidades afins, para compreender a proposta dos vídeos, já que o próprio IDS, através dos apresentadores das exposições, deixam isso claro para seu público.

Daniel diz que os vídeos da TV Janela mostram “as dificuldades do bairro, alguma história diferente, uma história engraçada do bairro, os talentos que as pessoas têm do bairro”. A definição acerca dos vídeos é bastante vaga, imprecisa. Daniel não se lembra de nenhum quadro especificamente apresentado pela TV Janela, nem mesmo quando estimulado. O único morador do qual recorda é lembrado por quase todos os receptores: Vicente, senhor já falecido que é sempre lembrado como “um dos primeiros moradores do bairro”. “Tem um senhor de idade, que foi o primeiro morador daqui, que mora nessa rua aqui [aponta para a rua perpendicular à sua]. Eu conheci o neto dele, só que ele teve que ir embora e não mora mais aqui”. “Você lembra da entrevista que o Seu Vicente concedeu?”. “Viche, cara, faz tempo, ó... O que ele contou mesmo foi a dificuldade que ele passou aqui, no bairro. Foi mais a vida dele dentro do bairro, não foi sobre o bairro, foi mais a dificuldade dele dentro do bairro”.

“Lembra de alguma outra entrevista que foi dada?” “Só mesmo dos jovens lá de dentro, contando como conheceram, contaram como era a vida [na TV Janela], a nova rotina de vida”. “E como era, você lembra?”. Pensa um pouco e responde: “Não, porque são vários [relatos], então não dá pra lembrar de um especificamente”. Aqui percebemos o quanto a fragmentação dos relatos, que prezam mais pela quantidade de pequenos depoimentos do que pelo aprofundamento das narrativas, interferem para que os receptores tragam em seus discursos ideias gerais e bastante vagas sobre os vídeos.

Após dizer não se lembrar de nenhuma fala especificamente, Daniel dá o exemplo da história de vida de um dos adolescentes da TV Janela, entrevistas pela própria entidade, mas se utilizando de informações às quais teve acesso não através dos vídeos, mas por conhecer o adolescente em questão: “Por exemplo, o Felipe: ele é estudioso, praticamente passava o dia todinho no colégio. Agora ele só passa a manhã e a noite, porque à tarde ele tá na TV Janela”.

Quando pergunto se lembra de alguma matéria televisiva sobre o bairro, ele cita três reportagens de telejornais em que o bairro foi retratado positivamente: a reportagem especial “Meu bairro na TV” e duas matérias da TV Diário, uma sobre as entidades sociais do bairro (Integrassol e TV Janela) e outra sobre a encenação da Paixão de Cristo, dentro da comunidade, pelos jovens da Comunidade Rainha da Paz, da qual participa.

Eu preciso estimulá-lo para que Daniel opine acerca das representações do bairro por parte dos programas policiais. “É assim: quando é alguma notícia ruim, eles dizem que é a 'favela do Pantanal'; quando é coisa boa, 'é o bairro do Planalto Ayrton Senna'. Coisa ruim é porque, no início, teve a Chacina [do Pantanal, em 1993], que mataram uns adolescentes aqui. Mas não foi o pessoal daqui, foi um pessoal de fora”, esclarece, livrando o morador do local do estigma de criminoso. Dessa forma, o bairro seria associado ao crime de modo distorcido, equivocado. Afinal, os “criminosos” não moravam ali.

Para Daniel, os programas policiais apenas “tão cumprindo sua função” ao noticiarem os crimes ocorridos no bairro. “Nem digo que eles tão errados. Só acho que eles tão errados por mostrarem só aquilo”, considera. Outra afirmação do jovem é a de que esses programas televisivos associam a nova nomenclatura a “mudanças do governo”. “Eu acho isso uma hipocrisia: mudar o nome só para exaltar algumas pessoas”. É bem verdade que a mudança de nome exaltou alguém ligado à política: Tukano. Entretanto, a pessoa exaltada não esteve diretamente ligada ao campo político formal, como sugeriu Daniel em sua fala.

Proponho para Daniel a mesma simulação que sugeri à Fabiana: “Suponhamos que eu não moro aqui e nunca vim até aqui. Eu te encontro em outro bairro e te pergunto: Daniel, onde você mora?”. “E eu respondo: no Pantanal”. “E como é lá?”

Eu diria que tem muitas pessoas aqui dentro, não é o que dizem lá fora, que é um bairro violento. Todo local é violento, não existe um local que seja “paz eterna”. Tem, sim, assalto aqui, tem morte, mas pra quem busca. Sempre tem, mas é um lugar tranquilo. Tem muitos talentos aqui dentro, muitas pessoas boas, muitas pessoas que vão lhe acolher com certeza (Daniel, entrevistado em dezembro de 2009).

“Se, ao invés de te procurar para saber informações sobre bairro, eu procurasse os vídeos da TV Janela, eu teria a mesma ideia sobre o bairro?”. “Seria a mesma coisa”. “É isso que a TV Janela fala sobre o bairro?”. “Com certeza. Quem mora aqui sabe como é que é. Assim como eu, acho que eles veem praticamente a mesma coisa, que é o que eles passam”. “E o que seria 'essa mesma coisa?'”. “O lado bom daqui. Os jornais policiais, eles já mostram o lado ruim e já difamam. Agora a gente quer mostrar que não é só aquilo, que é o lado bom”.

“Você mora no Pantanal?”, enfatizo o nome, ainda simulando meu desconhecimento total sobre o bairro. “É, no Pantanal, porque aqui, antes, era o nome de Pantanal, depois o governo quis mudar o nome pra Planalto Ayrton Senna, mas, desde o início, é Pantanal”. Após dar várias informações incorretas sobre a mudança de nome do bairro – como afirmar que a mudança de nomenclatura foi feita pelo governo, durante as eleições e com “fins eleitoreiros” –, Daniel é categórico: “Todo mundo aqui chama de Pantanal. Se você for perguntar o nome verdadeiro daqui, vão dizer que é Pantanal”. “Em nenhum lugar você chama de Planalto Ayrton Senna”. “Só em cantos mais formais, como no trabalho, que precisa de um pouco mais de formalidade”.

Quando pergunto se lembra de “alguma movimentação no bairro para essa mudança”, Daniel simplesmente ignora ou desconhece o plebiscito, mas enfatiza que “teve abaixo-assinado pra não mudar, só que aí não foi aceito lá, no Plenário [da Câmara de Vereadores de Fortaleza], e ficou por isso mesmo”.

Daniel prefere a nomenclatura Pantanal, “porque é a origem”, mas não tem “nenhum problema” com o novo nome do bairro. Essa é a origem não só do bairro, mas da nova vida que mãe dele ganhou, ao se permitir tentar a vida em um lugar que tinha tudo para ser inóspito e não o foi. Rejeitada pelo ex-companheiro, pai de Daniel, a mãe obteve não só uma nova moradia, mas um novo companheiro, que conheceu ali. Lar e relação afetiva, ambos iniciados do zero a partir de 1990. Essa é a “origem” não-dita nos discursos de Daniel, contadas de mãe para filho.

5.3.5. O silêncio que indicia a cultura

Nossa última entrevistada tinha tudo para não constar em uma pesquisa que teve como procedimento metodológico central a entrevista qualitativa em profundidade. O motivo: o silêncio. Olhando sempre para baixo, nunca para mim e, muito menos, nos meus olhos, Beatriz, de 40 anos de idade, manteve um sorriso contido no rosto e reticências na fala durante as duas tentativas de conversa que tivemos na sala da casa dela, sempre com a televisão ligada, em volume alto. Seu filho de seis anos de idade não tem nada da inibição de sua mãe: sempre sorridente, olha-me nos olhos, interfere na fala dela e rodopia pela sala, inquieto. Diferentemente da irmã de 15 anos de idade, que, sentada em uma cadeira na sala, atenta imóvel para o aparelho de televisão. Tento puxar alguma opinião dela sobre o projeto da TV Janela do qual participa, mas as respostas são sempre muito curtas, encerrando o assunto. A adolescente, que foi incitada a participar do projeto de vídeo por uma amiga, apresentou-se uma vez na TV Janela, com um grupo de dança. Aos 15 anos, ela ainda cursa o 5º ano (antiga 4ª série) do Ensino Fundamental, no CIES.

O outro filho de Beatriz tem doze anos de idade e é o motivo pelo qual ela está sempre presente nas exposições da TV Janela. Ele dança em um grupo de swingueira que sempre se apresenta nas exposições da TV Janela, enquanto a mãe mantém um sorriso discreto no rosto, sentada – imóvel e muda – em uma das cadeiras de plástico dispostas em círculo no meio da rua, durante a exposição.

Por várias vezes, pensei que a inibição da mãe e da filha poderia estar relacionada à figura do homem da casa: um operador de máquina de cerca de 50 anos de idade, ausente nas duas visitas, mas sempre presente na fala da esposa. Fora ela quem teve a iniciativa de se mudar para aquele bairro, do qual fala com um tímido ar de deboche. Para além da espontaneidade infantil, talvez o menino de seis anos de idade tenha nas atitudes desinibidas a segurança por ocupar o espaço social restrito aos homens: o espaço da fala, da opinião.

Esse seria o principal motivo de as entrevistas com Beatriz terem sido mantidas aqui. Apesar de esta análise se basear, principalmente, no silêncio, em “não elementos”, em ausências discursivas, algumas poucas referências à figura do marido dão indícios das relações de poder entre homens e mulheres no espaço do lar, relações estas que

interferem no modo como essas figuras masculinas e femininas lidam com vizinhos e vivenciam o espaço comunitário. Beatriz, por exemplo, segue em passos largos para casa logo após as apresentações da TV Janela, nas quais sempre está presente não por prazer pessoal, mas para atender ao desejo do filho de se apresentar.

Beatriz nasceu na cidade de Pacatuba e se mudou para Fortaleza “tá com uns vinte anos, desde que eu me juntei com o... Tá com uns vinte anos”. “Nós viemos morar num mutirão, bem ali, na frente”, aponta para um lado qualquer com o lábios, fazendo bico, sem demonstrar muito interesse em se aprofundar na própria vida. “Tem bem uns sete anos que a gente tá aqui”, fala sempre sem muita precisão, desinteressada.

Ela passa o dia em casa, cuidando do lar e dos três filhos que ainda moram ali, dois meninos, de seis e de doze anos, e uma menina, de 15 anos de idade. As duas filhas mais velhas já casaram e moram com os respectivos maridos. O marido de Beatriz é operador de máquinas em uma fábrica têxtil. Na fala dela, é o marido quem sempre tem o poder de ação: foi ele quem decidiu sair do bairro Pajuçara, onde morava próximo da sogra dela, mudar-se para um mutirão ali próximo e, em seguida, mudar-se para o Planalto Ayrton Senna. “Um homem se interessou pela casa da gente lá [na Pajuçara], aí meu marido era doido pra sair de lá, porque não tinha energia, aí ele trocou a casa da gente lá por essa [do mutirão], que era do homem”, explica a coadjuvante.

No mutirão, “uns vagabundos brigaram com meu marido”. Nesse momento, o marido deixa de ser o sujeito da ação, entrando em cena como personagem principal “os vagabundos”, já que a ação é negativa, de brigar. “Aí meu marido não queria sair de lá, eu que quis, porque eu tinha medo de pegarem ele e fazerem alguma coisa com ele”. E, dessa vez, Beatriz se coloca aparentemente como agente responsável pela mudança, ao utilizar o “eu que quis”. Entretanto, o motivo real da mudança foi a segurança do marido.

Beatriz é a única entrevistada que associa a história inicial que viveu no bairro a aspectos negativos, basicamente ao crime e à violência. “Quando cheguei aqui, tinha muito era gangue no Pantanal. Quando eu vim morar aqui, as gangues de lá de onde eu morava vinha [*sic*] brigar aqui, com o pessoal daqui. [...] Era muito ruim aqui dentro, agora melhorou cem por cento”.

“Agora o pessoal diz que tem muito vagabundo, mas eu não acho que tem tanto vagabundo quanto tinha quando a gente veio morar aqui, não. Pelo

menos ali, onde a gente morava, tinha tanto [vagabundo] que a gente não podia deixar a casa só, se deixasse a casa só, voltasse a casa já tava arrombada. Nunca aconteceu lá em casa [na casa antiga] porque quando a gente saía meu marido pagava uma pessoa pra olhar a casa” (Beatriz, entrevistada em novembro de 2009).

Ela não gosta de falar “por aí” que mora no Pantanal. “Quando a gente fala, o povo já diz logo: 'Viche, Pantanal?!' O pessoal falava muito do Pantanal, é por isso que a gente quase não fala esse nome no meio do povo. O pessoal dizia assim: 'Tu vai morar num lugar feito o Pantanal, tá doida?! Deus me livre!'. Minha sogra mesmo foi uma que disse: 'Tu teve coragem de vender tua casa pra comprar uma no Pantanal?'. Aí ele disse: 'Foi o jeito que teve’”. Pergunto se, antes de morar ali, ela concordava com o que se falava do bairro e recebo um “com certeza” como resposta, seguido de uma risada. “O pessoal dizia que tinha arrastão, que levavam tudo do povo. Quando cheguei aqui, achei que não era o bicho que o pessoal pintava”. “Mas a senhora disse que, quando chegou aqui, não era tão tranquilo”. “Ainda não é. Depois que a gente chegou aqui, já mataram bem uns três nessa rua aí”, aponta novamente indiscriminadamente. “Uns três não, bem uns quatro”, conserta.

Beatriz diz “conhecer” algumas pessoas do bairro, mas o discurso reticente mostra o contrário. “Nessa rua aqui tem um bocado de gente que eu conheço. Tem... Eu tenho uma cumade [*sic*], que mora aí, na frente”. Depois ela volta atrás e diz: “Tem pouca gente que eu conheço, eu não saio muito na rua, eu fico mais dentro de casa”.

Assiste a muita programação da televisão e do rádio. Escuta o programa da Samanta Marques, na FM 93, em que “passa tudo: sorteio, prêmio, música”. Assiste à novela Poder Paralelo, da Rede Record. “Mataram a mãe do Bruno [personagem principal]”, informa o filho mais novo de Beatriz. “Eu acho melhor do que as novelas do 10⁷³”, opina a mulher muito discretamente, com a voz baixa. Ela descreve a novela: “Tem mais é negócio de crime”. “O Bruno quer matar o Tony, né, mãe?”. E a mãe apenas afirma com a cabeça, discretamente, olhando para o chão.

Pergunto à Beatriz do que ela se lembra sobre os vídeos que já assistiu. “Só do pessoal pedindo segurança no Pantanal... Não me lembro muito... E as ruas aqui, que era tudo esburacada, e agora tá melhor”. Os quadros dos quais Beatriz se lembra estão

⁷³A Rede Globo é transmitida, em Fortaleza, pela TV Verdes Mares, no canal 10 da TV aberta.

associados ao que mais vivenciou nos bairros de Fortaleza nos quais já morou: a violência. Na verdade, nenhum quadro exibido pela TV Janela, até hoje, teve como tema central a questão da violência no bairro, embora alguns entrevistados já tenham citado problemas relacionados à violência / insegurança. Desse modo, abordar um falso tema seria uma forma de tornar coletivo, de abrangência comunitária, o medo que ela mesma sentiu de ser vítima da violência, do temor pela morte do marido, ameaçado pelos “bandidos” do mutirão onde morou anteriormente. Inventar um tema para os vídeos da TV Janela é, de certo modo, uma forma de dar vazão coletiva às suas próprias vivências, de forçar a comunidade a se dizer solidária a ela: “A violência também faz parte da vida de vocês”.

Ela diz, sem citar nomes, que conhece muita gente que passa nos vídeos. “Quando as meninas andam por aqui filmando, elas andam por essas ruas tudinha, fala com o povo por acolá, passa muita gente conhecida”.

Beatriz não consegue se lembrar de nenhuma história específica contada pelos moradores e, em nenhum momento, fala do que mais os vídeos fazem e o que mais é citado pelos demais receptores como proposta central dos vídeos da TV Janela: contar a história do bairro através da fala dos moradores mais antigos. De certo modo, a omissão desse papel central da TV Janela pode se relacionar com vários aspectos da história de vida de Beatriz, de sua vivência em família e na relação que (não) estabelece com o bairro. Um ponto importante de se ressaltar é que a mudança da família de Beatriz para o bairro se deveu não a uma necessidade financeira ou de moradia, mas a uma fuga da violência, à insegurança que sentia no bairro anterior, temendo pela vida do marido. Esse fatores vem sempre à tona quando ela pensa nas motivações para se morar ali.

Sua percepção sobre os vídeos ainda está associada ao fato de ela ter chegado ao bairro após os anos 2000, quando o local já tinha uma dinâmica muito diferente da que se via por ali no início da década de 1990. Nesse sentido, a fala de Vicente apresentada no primeiro capítulo (“O Pantanal tem uma história curiosa. Muitos sabem, mas quem chegou depois do ano 2000 tem muito o que saber ainda”) é muito reveladora. Moradores antigos e mais recentes possuem, de fato, modos diferentes de se relacionar com o espaço comunitário, possuem imaginários bem distintos com relação ao bairro e, conseqüentemente, apropriam-se dos conteúdos dos vídeos da TV Janela, de formas

bastante diversas, atentando para os temas que mais lhes interessam em sua vivência diária no bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não comporem perfis tão destoantes, os receptores selecionados por esta pesquisa apresentaram particularidades quanto à história de vida, à relação cotidiana com o bairro e, principalmente, acerca do período em que se mudaram para ali. Esses fatores, responsáveis por compor a subjetividade desses sujeitos, tornaram-se os pontos centrais para se entender as identificações que essas audiências estabelecem com as representações de morador do Pantanal apresentadas pelos vídeos da TV Janela.

Dentre os entrevistados, percebi ao menos, dois perfis diferentes de morador que, de algum modo, interferem na percepção deles sobre os vídeos: o morador ligado às origens da comunidade, ao seu processo de estruturação do local; o morador chegado ao bairro depois da Chacina do Pantanal, quando o bairro ocupou o imaginário da cidade como “bairro miserável e violento” e quando as primeiras dificuldades e a consequente união estratégica já havia findado. Dentro deste segundo grupo, ainda seria possível distinguir dois sub-perfis: o morador que não viveu essas dificuldades iniciais da comunidade, mas que ouviram falar delas por terem amizade e conviverem com os moradores mais antigos; e o morador mais recente que não tem, entre seus vínculos de vizinhança e amizade, pessoas ligadas a esse período histórico.

A análise que faço é que, dentre as várias representações de “morador do Pantanal” apresentadas pela TV Janela – unido, de luta, trabalhador e, por isso, vitorioso e feliz –, algumas foram omitidas ou enfatizadas nos discursos dos receptores tendo por base, principalmente, o período em que eles chegaram ao bairro. Ao invés de discordarem ou concordarem com as representações propostas pelos vídeos, os moradores mais antigos enfatizam o fato de as fontes de informação da TV Janela contarem a história do bairro, possível devido à união, à mobilização social. Os moradores mais recentes também não discordam ou concordam com as representações de morador apresentadas pelos vídeos, restringindo-se a omitir as ideias de união e luta, já que elas não chegam a compor a sua própria construção identitária. Entretanto, os moradores mais bem-sucedidos enfatizam o aspecto do trabalho árduo.

Obviamente, por si só, o fato de o receptor haver chegado ao bairro no início da ocupação, logo depois dela ou muito tempo depois não define a percepção que eles têm acerca da comunidade e, conseqüentemente, da apropriação que farão das ideias

contidas nos vídeos da TV Janela. Outros aspectos como a história de vida, a relação com outros espaços da cidade e a vivência cotidiana dentro da própria comunidade contribuem para a formação do olhar acerca dos espaços e dos sujeitos que compõem o Pantanal ou o Planalto Ayrton Senna.

Também é perceptível, através da fala dos receptores, que a compreensão sobre a proposta da TV Janela (tirar os jovens da ociosidade ou criminalidade; melhorar a imagem do bairro) varia, principalmente, a partir de elementos como o lugar de fala deles (se tem perfil de liderança, se são pais ou adolescentes, se trabalham ou não na comunidade) e o olhar que lançam sobre as mídias convencionais.

Quando o olhar sobre a TV Janela parte de uma percepção acerca das mídias convencionais, temos: Regina, que avalia o papel dos programas policiais como “educativo”, não traz em seu discurso a ideia de que a TV Janela objetiva melhorar a imagem do bairro; embora omita a todo custo a violência presente no Planalto Ayrton Senna, ela considera que esses “programas jornalísticos” mostram apenas a realidade da violência, ajudando o cidadão a se proteger dela.

Embora não sejam resultados relacionados à pergunta inicial desta pesquisa, algumas considerações acerca das audiências merecem ser pontuadas. Uma delas é a de que as audiências dos vídeos comunitários demonstraram-se efêmeras, variando de acordo com a distância geográfica entre o local escolhido para a exibição e a casa dos receptores; e com os afazeres do receptor naquela noite específica de sábado escolhida pelo IDS para a exibição dos vídeos.

A TV Janela foi citada como instituição, e não como um projeto da instituição IDS. Todos os entrevistados deram opiniões positivas sobre a TV Janela. No máximo, não deram opinião nenhuma. Esse fato, obviamente, pode estar relacionado à fácil associação entre mim e o IDS, já que os entrevistados não demonstraram ter consciência de como funciona uma pesquisa científica no âmbito das Ciências Sociais.

Além disso, sua função social é equiparada ao papel da escola, que tira os adolescentes das ruas, promovendo a cultura, a arte; da associação de moradores, que desenvolve atividades em prol da comunidade; e do “ausente” poder público, que deveria desenvolver políticas públicas para o bairro, mas, segundo os entrevistados, não os faz. Há, portanto, uma compreensão mais ou menos clara da força da TV Janela no bairro, da sua forte e influente inserção, principalmente, na vida dos adolescentes.

Os adultos e, principalmente, os adolescentes entrevistados são estimulados a comparecer ao momento da exibição muito mais pelas apresentações artísticas do que pelos vídeos apresentados. Chegando lá, porém, assistem aos vídeos e captam ideias centrais e, em alguns casos, lembram de alguma fala específica, quando ela é proferida por algum morador mais popular, mais “ilustre”, por algum vizinho mais próximo, membro da família ou por ele próprio.

Dentre os entrevistados, escolhidos aleatoriamente, todos possuíam algum vínculo com a TV Janela: ou um parente integrando algum projeto anterior ou atual da TV Janela; ou um filho ou conhecido participando de grupo de dança que ali se apresenta; ou algum vínculo com a UMP, associação, de modo geral, associada ao IDS, já que as duas instituições e suas respectivas diretorias possuem uma ligação histórica.

Há, de modo geral, um orgulho dos pais pelos filhos atingirem o centro das atenções naquele momento da apresentação artística. Nesse sentido, a TV Janela é vista como uma instituição que reconhece, prestigia e dá visibilidade a esses talentos juvenis.

De modo geral, quando os moradores falam do desenvolvimento do bairro, falam, em essência, do quanto eles próprios cresceram em termos econômicos e habitacionais. São comuns os discursos sobre êxodo-rural – do Sertão Central para Fortaleza – que obtiveram êxito. Foi a necessidade financeira que os tiraram do interior, e é a compreensão de sucesso que os mantêm no Planalto Ayrton Senna.

Outro dado bastante expressivo é o de que os receptores trazem para a leitura que fazem dos vídeos a lógica fragmentária dos relatos apresentados pela TV Janela, mas que tem por base a cultura audiovisual instaurada pela televisão, ao menos, no Brasil. A apropriação fragmentária desses relatos contribui para o fato de os receptores da TV Janela não conseguirem manter na memória elementos narrativos suficientes para que consigam recontar aquilo que assistiu a menos de duas semanas.

Podemos constatar a fragilidade dessa memória audiovisual através do fato de todos os moradores não lembrarem especificamente de nenhum relato, de nenhuma história de vida apresentada pela TV Janela. Eles lembram, sim, da ideia geral das entrevistas, do tema de um documentário, mas não do passo a passo de um fato histórico, contado por algum entrevistado da TV Janela. Quando lembram, é porque conhecem o entrevistado e, portanto, a memória sobre o histórico de vida tem por base

não somente a narrativa trazida pelo vídeo, mas a comunicação oral estabelecida no cotidiano da comunidade, as informações que colheu ao longo de sua vivência ali.

Os vários fragmentos aparentemente desconexos e imprecisos descritos pelas audiências ganham sentido a partir da experiência de vida deles no âmbito da comunidade. Trata-se, portanto, de uma teia de elementos simbólicos e estruturais que se relacionam a partir das vivências do receptor dentro do espaço comunitário, a partir daquilo que ele conhece do local e dos juízos de valor que já esquematizou mentalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jorge. **Lugar de fala, polissemia e paráfrase nos discursos de FHC e Lula sobre o Plano Real**. In: Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, São Paulo, 1999.

BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BARTHES, Roland. **Como viver junto**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade – a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BORGES, Francisco César de Mattos. A importância da liderança comunitária no processo de desenvolvimento local. In: LUZÓN, José Luis; STADEL, Christoph; BORGES, César. **Transformaciones regionales y urbanas en Europa y América Latina**. Barcelona: Spanish Edition, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, Elza Maria Franco. **Os labirintos da habitação popular (conjunturas, programas e atores)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.

BRAGA, Robson da Silva. **De pântano a planalto – a (re) elaboração da imagem do bairro Pantanal ou Planalto Ayrton Senna pela perspectiva dos moradores e do vídeo popular da TV Janela**. Fortaleza: Monografia de graduação, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. **Mandonismo, coronelismo, clientelismo: Uma discussão conceitual**. Dados vol. 40 no. 2: Rio de Janeiro, 1997.

CASTELS, Manuel. **Sociedade em Rede (A era da Informação: economia, sociedade e cultura) – vol. 1: O Poder da identidade**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Volume 1: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical. Rebelia nas comunicações e movimentos sociais**. Tradução Silvana Vieira, São Paulo, Editora Senac, 2002.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: entre gêneros, formatos e tons**. Santos: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L.. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos estudos culturais – Uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERREIRA, Giovandro Marcus; MARTINO, Luiz Cláudio (orgs.). **Teorias da comunicação – Epistemologia, ensino, discurso e recepção**. Salvador: EDUFBA, 2007.

FERRETTI, Sergio (org.). **Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados**. São Luís: Editora UFMA, 2000.

FIORIN, J. Luís. (org.). **Introdução à Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2002.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANÇA, Vera (org.). **Narrativas televisivas: programas populares na TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 1998.

- _____. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- _____. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1975.
- GÓMEZ, Guillermo Orozco (coord.). **Recepción y mediaciones – Casos de investigación en América Latina.** Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.
- GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando máscaras sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1990.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado: A sociedade da novela.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- JACKS, Nilda (coord.). **Meios e audiências – A emergência dos estudos de recepção no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2008.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública – a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- KAPLAN, David; MANNERS, Robert A. **Teoria da cultura.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- LIMA, Rafaela (org.). **Mídias comunitárias, juventude e cidadania.** Belo Horizonte: Autêntica/Associação Imagem Comunitária, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social.** In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulina / Edipucrs, 2000.
- _____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A festa no pedaço – Cultura popular e lazer na cidade.** São Paulo: Hucitec / UNESP, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- _____. **Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MANGUEL, Alberto. “O espectador comum: a imagem como narrativa” In: **Lendo imagens.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. “A mudança na percepção da juventude” In: **Culturas juvenis no século XXI**. Silvia Borelli e João Freire Filho (orgs.). São Paulo: EDUC, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; MUÑOZ, Sônia (coord.). **Televisión y melodrama: géneros y lecturas de la telenovela em Colombia**. Colombia: Tercero Mundo, 1992.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver – Hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola Editora, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. “O Olho e o Espírito” In: **O Olho e o Espírito**, São Paulo: Nova Cultura, 1989. pp. 13-47.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento – Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORIN, Edgar. **Da necessidade de um pensamento complexo**. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulina / Edipucrs, 2000.

MORLEY, David. **Televisión: audiencias y estudios culturales**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais – investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de Oliveira. **Escuta Sonora: recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias**. Rio de Janeiro, editora E-papers, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso – Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum - Comunidade, Mídia e Globalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

PERIFERIA, Cearah (org.). **Vivências, lutas e memórias: histórias de vida de lideranças comunitárias em Fortaleza**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

PERUZZO, Cicília. **Comunicação nos Movimentos Populares – A Participação na Construção da Cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998a.

_____. **Mídia comunitária**. Revista Comunicação e Sociedade, nº 32. São Bernardo do Campo: Umesp, 1998b.

_____. **Televisão comunitária – Dimensão política e participação cidadã na mídia local.** Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

POUPART, Jean. **A pesquisa qualitativa – Enforques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

SANTORO, Luiz Fernando. **A Imagem nas Mãos – O Vídeo Popular no Brasil.** São Paulo: Summus, 1989.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado – Cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico.** São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. (org.). **Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

SILVERSTONE, Roger. **Televisión y vida cotidiana.** Buenos Aires: Amorrortu editores, 1994.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com, a luta contra a desigualdade na sociedade da informação.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

SOUSA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 2002.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira.** São Paulo: Editora Summus, 2004.

SPINK, Mary Jane P. **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 1995.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente.** Lisboa: Relógio D'água, 1992.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia.** São Paulo: Centauro, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura – Usos da cultura na era global.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ANEXOS

ANEXO B – Imagem aérea do Planalto Ayrton Senna



ANEXO C – Imagem aérea do Pantanal

